

A vertical rainbow watercolor background with colors from red on the left to purple on the right. The colors are blended and have a soft, painterly texture.

10 ANOS

Aurora.

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.10, n.30, out.-dez.17

DOSSIÊ CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Conselho Editorial

Ana Amélia da Silva (PUC-SP)
Celso Fernando Favaretto (USP)
Fernando Antonio de Azevedo (UFSCAR)
Gabriel Cohn (USP)
José Luis Dader García (Universidad Complutense de Madrid)
Laurindo Lalo Leal (USP)
Maria do Socorro Braga (UFSCAR)
Maria Izilda Santos de Matos (PUC-SP)
Miguel Wady Chaia (PUC-SP)
Raquel Meneguelo (UNICAMP)
Regina Silveira
Silvana Maria Correa Tótoro (PUC-SP)
Yvone Dias Avelino (PUC-SP)
Venício Artur de Lima (UnB)
Vera Lucia Michalany Chaia (PUC-SP)
Victor Sampedro Blanco (Universidad Rey Juan Carlos)

Editores

Rosemary Segurado, PUC-SP, Brasil
Rodrigo Estramanho de Almeida, FESPSP, Brasil

Editora Assistente

Tathiana Senne Chicarino, PUC-SP, Brasil

Comitê Editorial

Silvana Gobbi Martinho, PUC-SP, Brasil
Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, UFPB, Brasil
Bruno Carriço Reis, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
Eduardo Luiz Viveiros de Freitas, Estácio-Uniradial - SP, Brasil
Claudio Luis de Camargo Penteado, UFABC, Brasil
Miguel Wady Chaia, PUC-SP, Brasil
Rose Rosemary Segurado, PUC-SP, Brasil
Vera Lucia Michalany Chaia, PUC-SP, Brasil
Cristina Maranhão, PUC-SP, Brasil
Syntia Alves, PUC-SP, Brasil
Rafael de Paula Aguiar Araújo, PUC-SP, Brasil

Revisão de texto

Deysi Cioccarì

Arte e Diagramação

Yasmin Mancini

Aurora: revista de arte, mídia e política é uma publicação do NEAMP - Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0.

Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.10, n.30

Sumário

Nota dos Editores 4-5

Apresentação 6-8

Dossiê - 100 anos da Revolução Russa

O poeta como crítico: “O poeta sobre a crítica”, de Marina Tsvetáieva, no contexto da literatura russa de emigração e sua imprensa 9-22

Paula Costa Vaz de Almeida

Companheiras de revolução, dissidentes da história: a questão da mulher artista soviética 23-38

Thiane Nunes

Jogos de espelhos: a Revolução Russa no socialismo francês (1917-1920) 39-54

Sabrina Areco

Arte e revolução em Trotsky e Breton 55-64

Michel Silva

Operário e mulher kolkosiana: a obra prima de Vera Mukhina 65-88

Lucas Gervilla, Rosangella Leote e Jorge Ribail Reyes

Artigos

O binômio produção/consumo e a origem dos quadrinhos 89-106

Rodrigo Otávio dos Santos

Heidegger e Žižek: notas a respeito do conceito de revolução como crítica ao liberalismo 107-128

Victor Hugo de Oliveira Marques

Abordagens e métodos para o estudo das mídias sociais na comunicação política 129-146

Jean Burgess e Axel Bruns

Approaches and methods for the study of social media in political communication 147-159

Jean Burgess and Axel Bruns

Uma eleição de 'piados' autocentrados: análise do uso do Twitter nas cibercampanhas paulistanas em 2016 160-179

Claudio Luis de Camargo Penteado, Natasha Bachini, Tathiana Senne Chicarino, Pedro Malina e Denis Carneiro Lobo

An election of self-centered tweets: analysis of Twitter usage in the 2016 São Paulo mayoral election 180-199

Claudio Luis de Camargo Penteado, Natasha Bachini, Tathiana Senne Chicarino, Pedro Malina and Denis Carneiro Lobo

Impeachment de Dilma Roussef e o debate no Twitter 200-224

Rosemary Segurado, Luis Eduardo Tavares, Rafael de Paula Aguiar Araújo, Tathiana Senne Chicarino, Pedro Malina e Denis Carneiro Lobo

The Impeachment of Dilma Rousseff and the debate on Twitter 225-249

Rosemary Segurado, Luis Eduardo Tavares, Rafael de Paula Aguiar Araújo, Tathiana Senne Chicarino, Pedro Malina e Denis Carneiro Lobo

Resenha

SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. Trad. Pedro Sússekind Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 250-252

SILVEIRA, José Renato Ferraz

Fotos

Havana, Cuba, 2017 253-255

Paulo Rodrigo Iannone

Errata à edição 27

***Quid vitae?* Uma política dos movimentos aberrantes**

Na Revista Aurora vol. 9, n. 27 (2016) na resenha do livro de LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. (Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015. 319 pp) cometi um equívoco ao afirmar ter sido esse filósofo genro de Gilles Deleuze. Na verdade, Lapoujade nunca fora genro de Deleuze, mas, sim, seu aluno e, posteriormente, seu amigo. Agradeço a Revista Aurora por conceder-me esse espaço para o registro dessa errata. Silvana Tótor.

Nota dos editores

A revista Aurora completa 10 anos de atividades e atinge a marca de 30 números dedicados à reflexão e crítica sobre a arte e a mídia na relação com a política e a sociedade.

Além, em 2017 o Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) do Departamento de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - grupo criador da Aurora - completou 20 anos de existência.

Assim, o texto de abertura dessa edição, escrito por Vera e Miguel Chaia, é uma nota comemorativa - do Núcleo e seu principal veículo -, registrando o percurso que agrupou e agrupa quatro dezenas de pesquisadoras e pesquisadores, entre estudantes e professores das ciências humanas e sociais.

O número também organiza um dossiê pautado no centenário da Revolução Russa de 1917. A seção especial é composta por cinco artigos que relacionam a história desse importante acontecimento histórico e político com a literatura e as artes visuais. Vale ressaltar que em três desses textos é o papel da mulher no processo revolucionário que move as reflexões. Vale, pois, a leitura de um tema longínquo e deveras atual pelo enfoque aqui obtido.

A seção destinada à artigos abre com uma reflexão sobre produção e consumo de quadrinhos na contemporaneidade seguida de um texto voltado ao conceito de revolução como crítica ao liberalismo.

A seguir, no conjunto de 3 artigos publicados em inglês e português, são apresentados os resultados do projeto de cooperação internacional intitulado *Development of shared methodologies for the analyses of networked political practices*, financiado pela FAPESP e desenvolvido ao longo de 2 anos por pesquisadores da

QUT (Queensland University of Technology) da Austrália e pelos pesquisadores do NEAMP da PUC/SP.

Os textos apresentam métodos do campo da comunicação política, bem como analisam a utilização de dispositivos digitais e virtuais na articulação de redes sociais com o objetivo de dinamizar e descentralizar o debate político, de ampliar as possibilidades de organização das ações coletivas e de processos de resistência, incorporando os sujeitos aos debates sobre as questões sociais e políticas.

Os artigos dessa seção propiciam uma reflexão sobre como as redes sociais potencializam determinadas questões do campo social e podem catalisar sentimento de protesto ou de indignação em algumas convocatórias, demonstrando uma capacidade que há muito os partidos políticos e movimentos sociais tradicionais vêm perdendo.

A edição traz ainda uma resenha sobre o *Ensaio sobre o trágico* de Peter Szondi, bem como uma seção com fotos realizadas em Havana por Paulo Iannone.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura!

Os editores

20 anos de NEAMP, 10 anos de AURORA!

O Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da PUC-SP foi criado em 1997 visando atender os interesses acadêmicos por estudos e pesquisas, sob uma perspectiva política, nas áreas da arte e da mídia. Na década em questão, dois grandes fenômenos já se encontravam definidos e interferindo fortemente não apenas na vida cotidiana, mas de forma estrutural afetando a esfera da prática política e do pensamento teórico da Ciência Política.

Assim, a origem do NEAMP está relacionada a um primeiro fenômeno, qual seja a crescente estetização da política e da economia. Com a experiência dos regimes totalitários na Europa a partir da década de vinte do século passado descobriu-se o potencial da estética para fazer avançar o processo político em direção às transformações sociais e econômicas, perseguidas por regimes como o fascismo, o nazismo e o comunismo. Neste sentido, a arte e seus desdobramentos recuperam na sociedade de massa o seu potencial transformador já indicado pelos gregos clássicos. Por sua vez, nos anos 60 verifica-se o deslocamento do poder estético do Estado para as mobilizações da sociedade, como, por exemplo, o movimento situacionista que influencia as mobilizações de maio de 1968. Desta forma, a arte passa a ser requisitada ou instrumentalizada tanto pelos poderes institucionais e regimes políticos quanto pelas mobilizações e levantes que desejam a radical transformação social. Assim, a política deixa explícito que está permanentemente em busca de uma estética.

O NEAMP traz em seu fundamento este primeiro aspecto da continuidade da importância das diferentes relações entre arte e política, mas que a partir das experiências do nazismo e da formação da União Soviética tornam-se potentes, a ponto da questão arte-política ser apropriada também pelos movimentos sociais de recusa do sistema, a partir dos anos 60. O Núcleo passa a pesquisar literatura,

teatro, artes plásticas, tanto enquanto realidade em si mesma quanto no conjunto das relações sociais. Também entra na área de interesse de pesquisa o poder da estética e o funcionamento das campanhas políticas, do marketing e, inclusive, do comportamento político.

O segundo fenômeno que influenciou a criação do NEAMP diz respeito aos impactos dos saltos tecnológicos sobre a prática política. De várias maneiras estes dois acontecimentos se aproximam e juntos imprimem novas feições e novas dinâmicas ao fazer político. Em comum, a discussão a viabilidade da democracia numa sociedade de massa remete ao debate das possibilidades e dos limites da política numa situação da indústria cultural e das revoluções tecnológicas. Colocam-se novos desafios na contemporaneidade para o estudo das relações e das dependências da política e dos políticos frente às tecnologias. Neste sentido, o NEAMP foi criado também para refletir e pesquisar sobre o significado e o papel da imprensa escrita, do audiovisual, do rádio, do cinema e da Internet na esfera da política. Cabe destacar que a alta potência das revoluções tecnológicas afetando a política leva o Núcleo a realizar inúmeros estudos e pesquisas sobre as redes sociais e as novas mobilizações de rua no Brasil e no exterior.

7

Estes dois movimentos históricos, que vinculam arte, mídia e política, são fundamentais para a definição das linhas de pesquisa do NEAMP que podem ser resumidas em: Estado e sistemas sociopolíticos, comportamento político, lideranças políticas, potencial explicativo e expressivo das linguagens e suportes artísticos e o impacto das novas revoluções tecnológicas na política.

É indiscutível que as Novas Tecnologias de Informação (NTI), a partir do final do século XX, imprimem novas movimentações e afetam estruturalmente a política, colocando a velocidade, o acirramento das disputas e o crescente inesperado nos caminhos da política.

Os pesquisadores do Núcleo buscam ampliar assim o potencial da análise política, esgarçando as fronteiras entre as diferentes áreas de conhecimento, porém sempre se norteando pelo eixo do saber político. Uma perspectiva multidisciplinar é assumida para a formação de pesquisadores e para conquistar novas abordagens que contribuam para o avanço da área da Ciência Política.

Nesta situação ampla da origem do NEAMP coloca-se a criação da revista Aurora, canal que sintetiza as preocupações e os objetivos do Núcleo. A revista é expressão da importância do entrecruzamento entre arte, mídia e política, numa época de

difusão de conhecimento nas condições de múltiplos focos de produção do saber, dos confrontos de opiniões e na situação em que a pesquisa acadêmica disputa espaço com outras formas de conhecimento.

A heterogeneidade da realidade circundante manifesta-se na composição dos pesquisadores do NEAMP. Somos cerca de 40 pesquisadores, de diferentes instituições brasileiras e do exterior, realizando pesquisas acadêmicas dos mais variados portes – exercendo atividade da pesquisa com seriedade e liberdade.

Vera Chaia e Miguel Chaia

O poeta como crítico: *O poeta sobre a crítica*, de Marina Tsvetáieva, no contexto da literatura russa de emigração e sua imprensa

Paula Costa Vaz de Almeida¹

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar de maneira breve a chamada literatura russa de emigração, retomando os principais debates em torno da tradição literária russa e de sua relação com a arte pós-Revolução Russa. Para tanto parte-se do ensaio “O poeta sobre a crítica” (“Поэт о критике”), de Marina Tsvetáieva, publicado em 1926 na revista *Blagoniemiérenye*. Será abordado, ainda, o círculo político e literário que se formou em torno da revista *Verstas*, nos anos de 1920, em Paris. Assim, pretende-se ampliar a visão que se tem da literatura russa do século XX. Geralmente dividida em moderna (até 1917), soviética e pós-soviética, esta literatura, no entanto, não se restringe àquela desenvolvida em solo nacional, mas também àquela praticada em terras estrangeiras, como se pretende mostrar neste artigo.

Palavras-chave: Literatura russa de emigração. Literatura russo-soviética. Prosa russa. Poesia russa. Marina Tsvetáieva.

¹ Doutora em literatura e cultura russa pela Universidade de São Paulo – USP.

Abstract: The article's aim is to briefly present the so called Russian literature of emigration, or *émigrée*, resuming the main debates about the literary tradition and its relation with the art of post-Russian Revolution. To do so, it parts from the essay "The poet on critics" ("Поэт о критике"), by Marina Tsvetayeva, published in 1926 on the journal *Blagonomyeriyeye*. It also will be discussed the political and literary circle formed around magazine *Verstas*, in the 1920s in Paris. Thus, the aim is to offer a broader view of Russian literature of the twentieth century. Often divided into modern (up to 1917), Soviet and post-Soviet, this literature, however, it doesn't restrict itself to that literature that was developed in national soil, but also that one practiced in foreign lands.

Keywords: Russian literature on emigration. Russian-Soviet literature. Russian Prose. Russian poetry. Marina Tsvetáieva.

Introdução

Ao se falar da literatura russa do século XX é fundamental ter em vista que a arte que se produziu, sobretudo a partir do final da segunda década, foi profundamente marcada pela Revolução Russa de 1917, e especialmente, pela Revolução de Outubro, um acontecimento sem precedentes na história da humanidade e que, pela sua dimensão e alcance, alterou definitivamente o que se faria em arte de um modo geral, e em literatura, por ser esta justamente a arte cuja matéria-prima é a palavra, de modo particular. Em 1932, em ensaio intitulado “O poeta e o tempo”, a poeta russa Marina Tsvetáieva (1892-1941) escreve: “*Não há* um único grande poeta russo contemporâneo, cuja voz depois da Revolução não tenha tremido e não tenha crescido” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 338 – tradução nossa).

Para entender melhor essa frase é preciso pensar não apenas na poesia, mas no que estava em jogo no âmbito da literatura russa naquele período tão particular. O que salta aos olhos, à primeira vista, é que a cisão entre os chamados Brancos e Vermelhos que se observava na arena política, social e econômica, também se expressava, de modo bastante agudo, na literatura. Por isso mesmo, ao olhar para o que se produzia então, é preciso examinar, assim como se faz atualmente com relação ao contexto político e social, o quadro completo. E esse quadro não compreende apenas 1917, ou o período imediatamente posterior, mas, no mínimo os anos de 1920 inteiros, com ecos que vão reverberar até o final dos anos de 1930 quando as vozes começam a se calar. O silêncio avança enquanto os Processos de Moscou e Segunda Guerra Mundial vão tomando conta de todas as vidas. No campo das artes, a principal disputa está, sem dúvida, em torno da literatura, mais especificamente, da tradição literária russa.

Pode-se dizer que ninguém estava disposto a perder esse legado, ou seja, o valioso arcabouço da grande literatura russa do século XX. Ora, uma tradição que tem Púchkin, Dostoiévski, Turguéniev, Tchékhov, Tolstói, Gógol, que era ucraniano, e, por que não dizer, que tem Tchernychiévski, um publicista retratando o ideal de amor livre na Rússia em 1863, não vai abrir mão tão facilmente de sua herança. Numa disputa ideológica tão intensa como a que se segue ao fim da Guerra Civil, o que está em jogo não é apenas um conjunto de obras, mas uma literatura capaz de oferecer respostas muito eficazes, sem falar de

toda a experiência estética, incluindo os debates que se travavam na arena política, num primeiro momento, e os problemas que o seu tempo histórico colocava, em um sentido mais geral, além do sentido mais profundo das eternas questões humanas que as grandes obras naturalmente nos colocam. No posfácio ao *Bobok*, o professor Paulo Bezerra mostra muito bem como esse conto do Dostoiévski é uma resposta fenomenal às críticas que o autor recebia na imprensa (BEZERRA, 2005). Podemos pensar também no *Pais e filhos*, de Turguêniev, e no próprio *O que fazer?*, de Tchernychevski, um romance que incendiou a Rússia oitocentista. Vale destacar a este respeito como o poder da criação artística como representação do real era poderoso nesse período, a tal ponto que uma obra de publicística sobrevive ao longo do tempo não exatamente pelo seu valor estético, mas pela sua radicalidade política. Não é à toa que Lênin elegeu esse romance como seu preferido e deu a um de seus escritos mais fundamentais o mesmo título (KRAUSZ, 2017). Assim, pela sua própria grandeza, é bastante natural que a grande prosa russa do século XIX fosse a preferência dos dirigentes da Revolução. Além de Lênin, Trótski também preferia a literatura do século que o precedeu.

Uma tradição, ainda mais uma tão rica como esta, não pertence, nem poderia pertencer, a um único grupo. Naquele momento de divergências extremas, os artistas, e em especial os escritores, divididos nos diversos espectros políticos que Outubro havia imposto, reclamavam essa tradição. Como consequência os grupos de emigrados buscavam se colocar no debate como herdeiros naturais desse legado. Ivan Búnin (1870-1943), por exemplo, escreve em 1924 um texto intitulado “A missão da emigração russa”, que pretende ser um manifesto de defesa de sua pátria. Além disso, passa a escrever de um modo que remonta aos clássicos oitocentistas, na tentativa de resgatar uma Rússia que, ao seu ver, não existia mais. E deve-se dizer, mesmo correndo o risco de parecer redundante, que ele não o faz sem propriedade, concorde-se ou não com seu posicionamento político. O que Búnin estava fazendo era, antes de mais nada, posicionar-se diante de um assunto fundamental de seu tempo.

Há que se dizer, todavia, que a arte se relaciona com a sua tradição não apenas como continuidade, mas, principalmente, como ruptura. É bastante básica a ideia de que se deve, em arte, evitar a repetição. É muito importante também não se perder de vista, de um modo geral, mas sobretudo no debate aqui proposto, a noção de que a humanidade, por meio da arte, aprendeu ao longo dos séculos,

ver a realidade de modo diferente. Para permanecer no exemplo russo, pensemos na tão falada polifonia de Fiódor Dostoiévski e a própria proposta do escritor de criar um realismo no mais alto grau, no mais alto nível. Trata-se de uma atitude de rompimento com a escola naturalista, a qual, no intento de representar a realidade, acaba, muitas vezes, por fazer inventário descritivo da realidade prática imediata. A proposta de Dostoiévski é representar a *vida viva*. Para tanto, do ponto de vista da forma, ele vai precisar romper em diversos níveis não exatamente com a escola que o precedeu no interior de sua tradição, mas ainda com aquela que se desenvolvia nos países do centro, especialmente na França. Algo semelhante ao que operou Machado de Assis no Brasil com suas *ideias fora do lugar*. Com isso, em um movimento de rompimento e também de continuidade, esses dois mestres de tão distantes periferias do capitalismo ofereciam à humanidade, naquele momento histórico preciso, uma maneira nova de apreensão da realidade.

Nesse sentido é bastante exemplar que, em 1923, no manifesto “Em quem finca seus dentes a LEF?”, Maiakóvski e seus camaradas, uma vez reunidos em torno da revista *LEF* (sigla para Frente Esquerdo das Artes, em russo: ЛЕВЫЙ ФРОНТ ИСКУССТВ – ЛЕФ) revisem, em termos táticos, a famosa assertiva de “Bofetada no gosto público”, de 1912: “Jogar Púchkin, Dostoiévski e Tolstói, etc., etc. de bordo do navio da modernidade” (MAIAKÓVSKI, 1971, p. 70). Em 1912, como vanguarda, a relação que o artista deveria estabelecer com seu tempo só podia ser de rompimento. Já a partir de outubro de 1917, a nova realidade coloca novos problemas para o artista russo, e a resposta que ele devia dar à sua tradição não era, de fato, nada simples. A questão central do que significa uma arte revolucionária naquele momento era muito mais complexa do que a discussão, bastante simples aliás, da forma revolucionária, de um conteúdo revolucionário ou mesmo da utilidade da obra artística. Isso porque não se tratava mais de apenas romper com a tradição para renová-la. Era preciso, antes de mais nada e acima de tudo, reivindicá-la, reapropriar-se dela.

Nesse sentido vale recuperar a importante reflexão que o revolucionário e dirigente bolchevique Leon Trótski faz também no ano de 1923, quando escreve os textos que mais tarde comporiam o seu *Literatura e Revolução* (Литература и Революция) (1991, p. 33):

A literatura depois de Outubro quis fingir que nada de especial tinha acontecido e que isso, em geral, não lhes dizia respeito.

Mas ocorre que Outubro passou a acolher a literatura, selecioná-la e embaralhá-la – de modo algum apenas administrativamente, mas, ainda, em um sentido mais profundo. Parcela significativa da antiga literatura encontra-se, não por acaso, no estrangeiro – e o que aconteceu foi que, assim, justamente em uma certa relação literária, essa parcela também ficou fora de circulação. Búnin existiria? Em que Merejkóvski se transformou não se pode dizer, porque ele, na realidade, nunca de fato existiu. Ou Kuprin? Ou Balmont? E o próprio Tchirikov? Ou, talvez, a *Jar Ptitsa* ou a *Spolokhi*, entre outras publicações cujo traço literário distintivo é o sinal duro e o iát²? (tradução nossa).

Todos esses escritores, bem como as duas publicações que Trótski cita, encontravam-se emigrados e usavam a imprensa, muitas vezes criando suas próprias revistas e jornais, para colocar sua voz no debate maior que se tratava em torno da literatura russa pós-Outubro de 1917. Mais adiante, no mesmo texto, vai dizer:

Outubro entrou nos destinos do povo russo como um acontecimento decisivo, conferindo a tudo um sentido e um valor próprios. O passado logo recuou, murcho e enfraquecido, e só pôde ser artisticamente animado em retrospectiva àquilo que foi Outubro. Quem está fora das perspectivas de Outubro é aquele que está completa e desesperançadamente devastado. É por isso que tais fístulas partem dos sábios e dos poetas, que com isso “não concordam” ou que dizem que isso “não me toca”. Eles pura e simplesmente não têm nada a dizer. Por essa, e não por outra razão, a literatura de emigração não existe. E se não existe, não existe julgamento. (TRÓTSKI, 1991, p. 34 – tradução nossa).

Sem entrar no mérito de se a declaração de Trótski é ou não acertada, uma vez que a própria noção de uma literatura nacional praticada no estrangeiro deve ser examinada com cautela, o fato é que, ao questionar, seja a existência de Búnin ou seja de toda literatura de emigração, Trótski, além de confirmar a existência desta pela negação – se ela não existe, por que abordá-la? –, é identificar o vácuo que Outubro acabou criando na literatura russa. É um vácuo que permite, por exemplo, que uma literatura produzida no estrangeiro reivindique-se a verdadeira depositária de sua tradição literária. E todas essas discussões, dentro e fora da

² Referência ao fato de a maioria dos escritores emigrados conservarem em suas publicações o alfabeto anterior à reforma ortográfica de 1918. Vale notar, todavia, que, diferentemente do afirmado por Leon Trótski, o uso do sinal duro (-ъ) não foi suprimido da língua russa.

Rússia, travavam-se via imprensa, e o ensaio que passamos agora a abordar insere-se precisamente neste contexto.

Marina Tsvetáieva deixa a Rússia em 1922, depois de uma breve estada em Berlim e de cerca de dois anos vivendo na antiga Tchecoslováquia. A poeta muda-se, em fins do ano de 1925, para a França. Diante do estado de coisas que encontra nos círculos dos escritores emigrados escreve como resposta o ensaio “O poeta sobre a crítica”. Publicado em 1926, no número 2 da *Blogonomiérienye*, uma revista que saiu em Bruxelas e contou apenas com dois números, sendo que Tsvetáieva publicou em ambos, o ensaio é uma crítica bastante contundente à emigração branca. Nele, a poeta diz:

É lamentável o artigo do acadêmico Búnin “A Rússia e a Inonia³”, em que rebaixa Blok e Iessiênin, e com uma manipulação clara das citações (melhor nenhuma do que essas!) orientada a revelar o ateísmo e o rufianismo de toda a poesia contemporânea. (Búnin esqueceu-se de seu “A aldeia”⁴, agradável, porém cheio tanto de obscenidades quanto de linguagem chula). A água de rosas que murmura ao longo de todos os artigos de Aikhenváld. A falsa perplexidade de Z. Guíppius, grande poeta, diante da sintaxe do não menos poeta B. Pasternak (não é ausência de boa vontade, mas a presença da má vontade). (TSVETÁIEVA, 1994, p. 291-292 – tradução nossa).

Um dado importante é que 1926 é também o ano de lançamento da revista *Verstas*, publicada em russo e de acordo com a nova ortografia, era dirigida por Serguei Efron, marido de Marina Tsvetáieva, e seus colegas ligados ao movimento eurasiático, Piotr Suvchinski e D. S. Mirsky⁵. Para Mirsky, assim como para Tsvetáieva, que participa de modo bastante ativo da edição da revista, cujo nome, inclusive, é inspirado no título de um livro de poemas dela, nem o local de residência nem a afiliação política deveriam ser considerados critérios para se divulgar uma obra artística. Dessa maneira, o veículo destoa dos demais órgãos da Paris russa ao trazer em suas páginas escritores soviéticos lado a lado dos emigrados. O que, naturalmente, é visto como uma afronta. Sobre o *Verstas*, Búnin

³ “Inoniia” (“Инония”) é o título de uma poesia de Serguei Iessiênin (1895-1925).

⁴ Referência ao romance “A aldeia”, de Ivan Búnin.

⁵ O príncipe Dmítri Sviatopolk-Mirski, ex-oficial da guarda tsarista e poeta menor, tronou-se um dos mais importantes teóricos da literatura russa no exterior. Publicou na imprensa europeia em russo, inglês e francês, lecionou na Universidade de Londres e é autor de um dos mais prestigiosos livros sobre a história da literatura russa. Mirsky retorna à Rússia em 1933 e logo é preso. Em 1938, foi executado.

vai escrever no *Vozrojdíeni*, jornal da emigração russa de caráter conservador e pró-monarquia:

Nada interessante e muito aborrecido tanto Pasternak, sobre o qual mais de cem vezes logrou escrever Sviatopolk-Mirsky: “Toda a literatura do passado é um caixão caído, e toda a esperança da literatura russa agora recai sobre Pasternak e Tsvetáieva”, quanto Bábel, cujo valor e a novidade nem Deus sabe onde está. (BÚNIN, 1926 – tradução nossa).

Em seu texto-resposta, Tsvetáieva não apenas emite opiniões sobre aqueles que considerava críticos ruins, mas também se dirige diretamente àqueles que se referiam de modo negativo aos seus trabalhos. E foram assertivas como essas as responsáveis, em larga medida, pela hostilidade com que foi tratada durante seus anos parisienses pelos grupos antissoviéticos mais ativos. Depois da publicação de “O poeta sobre a crítica”, Guíppius, por exemplo, iniciou uma campanha na imprensa contra Tsvetáieva, Mirsky e os demais membros do *Verstas*, alegando que através deles agiam forças sobrenaturais e que Tsvetáieva era a própria encarnação do diabo (KARLINSKY, 1996).

“O poeta sobre a crítica” é um texto de polêmica, que se insere na grande tradição dos polemistas russos, e é até hoje visto por alguns críticos como um ensaio agressivo. Mas é também um belíssimo ensaio de crítica literária que traz definições brilhantes do que seria esse trabalho. Galin Tihanov (2011), em seu artigo sobre a crítica de emigração no entre-guerras, mostra que uma das características fundamentais dessa crítica de emigração é que era feita, sobretudo, por escritores, e especialmente por poetas, não por críticos profissionais. E Tsvetáieva nota isso muito bem. Seu ensaio é dividido em oito partes ao longo das quais a autora procura mostrar como trabalha o poeta e como deveria trabalhar o crítico, inserindo essas noções num debate mais abrangente, que compreende a tradição literária que a precede, consciente do lugar que nesta ocupava, ou pretendia ocupar, em oposição aos debates que se travavam não apenas no interior da comunidade emigrada de Paris, mas, ainda, dos rumos que as recém-nascidas letras soviéticas tomavam, com todas as suas disputas, tensões e contradições.

Em “O poeta e o tempo”, encontram-se reflexões não apenas sobre como deveria ser a crítica que ela acreditava estar à altura de seus poemas, mas, ainda, considerações acerca da criação e do problema de se atribuir tarefas à poesia. Nesse sentido, os títulos são bastante explícitos.

A primeira seção recebe o título de “Não pode ser um crítico...” (“Не может быть критиком...”). Sobre isso ela diz: “O primeiro dever do crítico de poesia é não escrever ele mesmo versos ruins. Ao menos — não publicá-los.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 274 – tradução nossa). Para ela, se o crítico é um mau poeta e mesmo assim ele se sente seguro de publicar seus maus poemas, então, por que alguém deveria acreditar em suas opiniões? E o texto prossegue nesse tom. Na segunda parte, intitulada “Não se atreva a ser um crítico” (“Не смеет быть критиком”), Tsvetáieva parte de uma série de negativas daqueles que, segundo ela, não deveriam ocupar-se do trabalho de avaliar as obras de arte alheias, ou seja, aqueles que, sem ter antes vivido com a obra de arte (o poema), sem tê-la tornado sua, apenas a julgam de acordo com seu gosto, como se esse fosse a medida de todas as coisas, para estabelecer o que é o crítico e o leitor:

Quem, em crítica, não é um profeta, é um artesão. Com direito ao ofício, mas não ao juízo.

Crítica: ver através de trezentos anos e em uma terra distante.

Tudo o que foi dito acima refere-se também ao leitor. Crítico: um leitor absoluto que pegou na pena. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 280 – tradução nossa).

A terceira parte, “Quem eu ouço” (“Кого я слушаю”), começa com uma provocação: “Ouço, dentre os não profissionais (e isso não quer dizer que eu ouça os profissionais), todo grande poeta e toda grande pessoa, ainda melhor — os dois em um”. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 281). Para, em seguida, estabelecer o que é, afinal, segundo sua concepção de poeta:

Igualdade de dom entre o espírito e o verbo — isso é ser poeta. Portanto, não há poetas que não escrevam nem poetas que não sintam. Sente, mas não escreve — não é poeta (onde estão as palavras?), escreve, mas não sente — não é poeta (onde está o espírito?) Onde está a essência? Onde está a forma? É uma identidade. Indivisibilidade de essência e forma — isso é ser poeta. Evidentemente, prefiro quem não escreve mas sente a quem não sente mas escreve. O primeiro pode ser um poeta — amanhã. Ou o santo de amanhã. Ou um herói. O segundo (um poetaastro) não é absolutamente nada. E seu nome é legião. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 282 – tradução nossa).

O ofício do poeta é o espírito, o único conhecimento que lhe é dado desde o nascimento é o espírito de seus heróis. Para todos os outros conhecimentos, será necessário um especialista. É por isso que um poema sobre o mar é melhor avaliado por um marinheiro que por um “amante da poesia”. Depois de declarar

que ouve apenas os especialistas das coisas do mundo e os especialistas das coisas do espírito, Tsvetáieva inicia a quarta parte, “A quem dou ouvidos” (“Кого я слушаюсь”), da seguinte maneira: “Dou ouvidos a qualquer coisa que continua mas não uniformemente soe em mim, que ora induz, ora conduz. Quando induz — discuto, quando conduz — submeto-me.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 285 – tradução nossa).

A seguir, na quinta parte, talvez a mais interessante do conjunto, nomeada “Para quem escrevo” (“Для кого я пишу”), a autora apresenta uma extensa reflexão sobre o poeta e o seu ofício. Nesse momento, o tom de polêmica vai dar lugar a um tom mais reflexivo. Examinando as relações entre trabalho poético e fama, trabalho poético e rendimentos, Tsvetáieva pretende demonstrar que a escrita deve ser um fim em si mesmo. Ela afirma que dinheiro é importante para que o trabalho seja feito e a fama será admitida apenas para fins publicitários, como Maiakóvski, que quando “não tem dinheiro, arranja a próxima sensação”, ele “veste uma blusa amarela, e atrás dele levanta-se uma paliçada” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 287-288 – tradução nossa). Mas nem um nem outro devem ser o objetivo de quem escreve; são, antes, consequência. Tsvetáieva diferencia dois momentos importantes no que diz respeito à produção da obra: o criativo, em que a pergunta que se faz é “como?” e pertence a um domínio espiritual, e o pós-criativo, de caráter prático, aplicado, em que, uma vez feito o trabalho, pergunta-se: “e agora?”, “para quem?”, “para quê?”. Por isso, à pergunta “para quem escrevo”, responde: “Não é para milhões, não é para uma só pessoa, não é para mim mesma. Escrevo para a obra em si. A obra, através de mim, escreve-se.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 285 – tradução nossa).

A seção que ocupa a maior porção de “O poeta sobre a crítica” é a sexta, intitulada “A variedade de críticos” (“Разновидности критиков”). O ensaio aqui adquire um tom mais bélico, uma vez que encontra-se aí a grande parte dos ataques que Tsvetáieva desfere àqueles que contavam com maior prestígio entre a comunidade dos emigrados, como Guíppius e Búnin. A autora distingue três tipos de críticos: o crítico-*constateur*, que nada faz além de atestar a qualidade de um trabalho apenas quando este já se encontra estabelecido, o crítico diletante, os escritores da emigração que agora se dedicam à atividade de crítico; e os críticos de prontuário, aqueles que se limitam a classificar e catalogar as obras. Ela compara o primeiro grupo ao tipo de leitor que nomeia de “a plebe”, “a canalha”, em

analogia ao poema de Púchkin “O poeta e a turba”⁶, e acrescenta:

Na categoria de leitor-canalha, incluo todos que ouviram sobre Gumilióv pela primeira vez no dia de seu fuzilamento e agora descaradamente o proclamam como o maior poeta contemporâneo. Ao lado deles, coloco todos os que odeiam Maiakóvski por sua filiação ao partido comunista [...], que acrescentam ao nome Pasternak: o filho do pintor?, que sabem sobre Balmont que ele bebe, e sobre Blok que “ele se converteu ao bolchevismo”. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 290 – tradução nossa).

Sobre o segundo grupo afirma que não se deve questionar quem na emigração escreve crítica, mas, em vez disso, seria apropriado perguntar quem *não* escreve, visto que todos escrevem, e não só os escritores, mas o próprio público agora também escreve. Como consequência, são numerosos os críticos. Em suas análises alegam não compreender as obras contemporâneas e, justamente por isso, declaram que estas carecem de qualidade artística. Para Tsvetáieva, o problema é que, ao escrever seus textos, o crítico do momento simplesmente descreve a relação que ele próprio mantém com a obra.

“Não entendi”, isso lá é julgamento? É uma confissão. Do quê? De sua própria inconsistência. “Incompreensível” é uma coisa, “eu não entendi” é outra. Ler e não aprovar é uma coisa. Ler e não entender é outra. A resposta à primeira: por quê? A resposta à segunda: jura? O primeiro é um crítico. O segundo — a voz do público. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 292 – tradução nossa).

Por isso, o “crítico-diletante é uma escumadeira na superfície de um caldeirão duvidoso (o público)” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 291). Já ao falar da crítica soviética, a natural opositora da crítica da emigração, Tsvetáieva se volta contra a escola formalista. Para a poeta, verificações como as que dizem quantas vogais ou consoantes possuem um poema a fim de identificar aliterações e assonâncias equivalem a dissecar não um cadáver, mas um corpo vivo, o que, segundo ela, configura um assassinato. O problema do formalismo, sustenta a autora, é que, ao trazer de volta à superfície os elementos do poema, ele destrói aquilo que o poeta criou.

A crítica-prontuário, que analisa a obra apenas do ponto de vista formal, que evita o quê e vê apenas o como, uma crítica que não vê

⁶ Alusão ao poema de Púchkin “O poeta e a turba” (“Поэта и толпа”), de 1928, em que o poeta é contraposto à plebe. Na verdade, Tsvetáieva equivocou-se: ela diz que o título do poema é “O poeta e a plebe” (em russo: “Поэта и чернь”).

nem o herói nem o autor do poema (em vez de criado, diz “feito”) e que se afasta do assunto com a palavra “técnica” — um fenômeno senão nocivo ao menos inútil. Pois: os grandes poetas não precisam de fórmulas poéticas prontas, e dos que não são grandes — *nós* não precisamos. E digo mais: produzir poetas menores é pecado e nocivo. Produzir simples artesões da poesia é produzir música para surdos. Ao proclamar que a poesia é artesanato, você a reduz a um círculo que para ela não foi criado, de todos aqueles para os quais nada foi dado. “Se é um artesanato — por que não eu?” O leitor se torna um escritor, e o leitor verdadeiro, vencido por inúmeros nomes e correntes (quanto menor o valor, maior o brilho), desanimado, para de ler de vez. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 294-295 – tradução nossa).

E o que há de positivo “nas escolas de versificação e no método de análise formal” é sua aplicação ao “mercado jornalístico”, seja em sua contribuição para o trabalho de especialistas para especialistas, “a teoria do verso”, seja na divulgação de “uma palavra viva – sobre algo vivo – a alguém que vive (a crítica)” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 295 – tradução nossa). Já as escolas de poesia são inúteis, pois: “O único professor: seu próprio trabalho. E o único juiz: o futuro.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 295 – tradução nossa).

20

Na sétima parte, “O autor e a obra” (“Автор и вещи”), Tsvetáieva aborda a questão da intencionalidade do autor. No parágrafo que abre a seção, ela diz:

Sempre que leio uma resenha de alguém sobre mim e descubro por meio dela que “o problema formal foi resolvido de modo brilhante” começo a pensar: eu tinha um “problema formal”. “A Sra. Tsvetáieva quis compor um conto maravilhoso popular introduzindo nele tais e tais elementos, etc.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 295 – tradução nossa).

A autora afirma que seu único propósito ao escrever uma obra é fazê-lo da maneira mais perfeita possível, o que significa que seu compromisso não é com o leitor nem consigo mesma, mas apenas com o trabalho criativo. A obra constrói-se sozinha. Seu trabalho como poeta é revelar a essência das coisas, “desencantar a obra”, e não criar uma forma nova ou recriar a forma do conto maravilhoso.

O trabalho é iniciado sem um plano e se constrói por meio de um processo, o qual, uma vez terminado, resulta numa obra que, por seu turno, não está acabada, pois o papel do leitor é também criativo, “cocriativo”, e o sucesso será de ambos. Por isso,

Em vez de falar para mim o *que eu* quis criar em uma obra já criada, é melhor mostrar-me o *que* você conseguiu *tirar* dela.

O povo, nos contos maravilhosos, interpretou o sonho elementar, o poeta, no poema, interpretou o sonho do povo, o crítico (*num novo poema!*) interpretou o sonho do poeta.

Crítica: a última instância na explicação dos sonhos. A penúltima. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 296 – tradução nossa).

É interessante notar, contudo, que em 1932, em “O poeta e o tempo”, Tsvetáieva revisou sua posição. Ela diz:

Foi assim que, na Moscou dos anos 20, quando ouvi pela primeira vez que era uma “inovadora”, eu não apenas não fiquei contente como, ainda, fiquei indignada – até o próprio som da palavra me causou repulsa. E só agora, passados dez anos, depois de uma década de emigração, olhando com quem e com o que eu me alinhava no passado e, sobretudo, quem e o que me acusavam de ser novidade – eu, finalmente, decidi o seu “inovadora” reconhecer – e adotar. (TSVETÁIEVA, 1994, p. 343 – tradução nossa).

Finalmente, na oitava e última seção, a autora sentencia “O que deve ser o crítico” (“Чем должен быть критик”): “Um deus dos caminhos e dos cruzamentos, um deus de duas faces, que olha para atrás e para frente.” (TSVETÁIEVA, 1994, p. 297 – tradução nossa).

No caso russo, naquele momento histórico preciso, esse “deus” tinha que olhar, certamente, para um lugar que não podia ser comportado dentro dos limites de nenhuma fronteira.

Por isso, como afirma Ekaterina Volkova Américo (2015), é um equívoco muito grave que, ainda hoje, considere-se a literatura que se produziu no estrangeiro como menor em relação àquela que se produzia na União Soviética. Trata-se de uma área ainda muito pouco explorada, que coloca importantes desafios não apenas para quem pretende se dedicar ao estudo da intensa e diversa produção literária russa do período, mas também para qualquer estudioso que se interesse pelos importantes debates que animaram o século XX, no central do qual, sem dúvida, está a Revolução Russa e suas consequências não apenas para o povo russo, mas para o mundo todo.

Referências

AMÉRICO, Ekaterina Volkova. Resenha sobre livro *Narrativas do exílio: cosmopolitismo além da imaginação liberal*. *Bakhtiniana*, São Paulo, n. 9, v.2, p. 217-222, Ago./Dez. 2014.

BEZERRA, Paulo. “Prefácio”. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Bobók*. São Paulo: Editora 34, 2005.

BÚNIN, Ivan. “Версты” [№ 1] // Возрождение. 1926. 5 августа. № 429.

KARLINSKY, Simon. *Marina Tsvetaeva – The woman, her world, and her poetry*. New York: Cambridge University Press, 1996.

KRAUSZ, Tomás. *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. Bofetada no gosto público. In: SCHAINDERMAN, Boris. *A Poética de Maiakóvski através de sua prosa*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

ТИХАНОВ, Гáлин. *Towards a History of Russian Émigré Literary Criticism and Theory between the World Wars – The Soviet Age and Beyond*. University of Pittsburgh Press, 2011.

ТРÓТСКИ, Leon. *Литература и Революция*. Москва: Издательство политической литературы, 1991.

TSVETÁIEVA, MARINA. *Собрание сочинений: В 7 т. Т. 5: Автобиографическая проза. Статьи. Эссе. Переводы. Сост., подгот. текста и коммент. А. А. Саакянц и Л. А. Мнухина*. Москва: Эллис Лак, 1994.

Companheiras de revolução, dissidentes da história: a questão da mulher artista soviética

Thiane Nunes¹

Resumo: Esse artigo pretende abordar uma nova base de estudos críticos em relação às práticas artísticas do período que compete à vanguarda russa pré e imediatamente pós Revolução de 1917, sob a perspectiva das artistas mulheres, em contraste com uma história da arte organizada unicamente em torno de uma perspectiva masculina. Dessa forma, o artigo propõe uma compreensão de modos de interpretação e linguagens diferenciadas, uma anamnese de sujeitos pertinentes, bem como possíveis posicionamentos éticos e políticos. Tem como objetivo responder à natureza heterodoxa da produção em arte e sugerir um novo exame, a fim de documentar e ilustrar uma história da arte dentro de diferentes regimes de visibilidade e condições de produção cultural.

23

Palavras-Chaves: Mulheres e Revolução. Arte Soviética. Revisionismo.

¹ Doutoranda em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract: This article intends to approach a new base of critical studies in relation to the artistic practices of the period that competes the Russian vanguard before and immediately after the Revolution of 1917, from the perspective of the female artists, in contrast to a history of the art organized only around a male perspective. In this way, it proposes an understanding of different modes of interpretation and languages, an anamnesis of pertinent subjects, as well as possible ethical and political positions. Its purpose is to respond to the heterodox nature of art production and suggest a new examination in order to document and illustrate a history of art within different regimes of visibility and conditions of cultural production.

24

Keywords: Women and Revolution. Soviet art. Revisionism.

Introdução

No ano do centenário da Revolução Russa, a maior obra da classe operária internacional, se faz necessário examinar as lições deste acontecimento histórico para refletir a atualidade da luta feminista em uma perspectiva social e também cultural. Da mesma forma como foram elas os soldados invisíveis dos processos revolucionários na Rússia, a história não foi gentil com a memoração de seus nomes e feitos no que se refere às produções e colaborações no campo das artes, em um momento em que desafiaram o panorama misógino da modernidade, período em que era frequente a reivindicação por emancipação e direitos iguais entre os sexos.

Quais são as bases das condições necessárias para se realizar ideais revolucionários? Para efetivamente ser partícipe em processos de resistência? Onde estão as mulheres nos relatos dos processos historiográficos? As construções discursivas a que nos submetemos tendem a nos passar despercebidas: vivendo nelas submersas, encaramos como natural ou universal a história construída de um ponto de vista único, por vezes numa relação de dominação. É fato que quase ninguém cita as mulheres como protagonistas da Revolução de fevereiro de 1917, que derrubou o regime czarista existente há séculos na Rússia. Mas sabemos que foi inaugurado pela base um feito das operárias da indústria têxtil que organizaram um ato público no Dia Internacional da Mulher. Sobre isso, Trotski confere a elas a reputação de vanguardistas:

O dia 23 de fevereiro (no calendário Juliano, correspondente a oito de março no calendário gregoriano) era o Dia Internacional da Mulher. Os círculos da social democracia tencionavam festejá-lo segundo as normas tradicionais: reuniões, discursos, manifestos, etc. Na véspera ainda ninguém poderia supor que o Dia da Mulher poderia inaugurar a Revolução. Nenhuma organização preconizava greves para aquele dia. (...) No dia seguinte, pela manhã, apesar de todas as determinações, as operárias têxteis de diversas fábricas abandonaram o trabalho e enviaram delegadas aos metalúrgicos, solicitando-lhes que apoiassem a greve. (...) É evidente, pois que a Revolução de Fevereiro foi iniciada pelos elementos de base, que ultrapassaram a resistência de suas próprias organizações revolucionárias, e que esta iniciativa foi espontaneamente tomada pela camada proletária mais explorada e oprimida que as demais – as operárias da indústria têxtil, entre as quais, deve-se supor, estavam

incluídas numerosas mulheres casadas com soldados. (...) O Dia da Mulher foi bem-sucedido, cheio de entusiasmo e sem vítimas. Anoitecera e nada revelava ainda o que esse dia trazia em suas entranhas. No dia seguinte, o movimento, longe de se apaziguar, dobrou em intensidade (...). (TRÓTSKY, 1977, p. XX).

Pensar essas questões nos obrigam a considerar que as limitações impostas à condição feminina pela sociedade lhes negou o direito de participar da história como ainda a conhecemos, escrita e perpetuada pela visão androcêntrica. Impugnada a elas uma gama gigantesca de direitos, dentre eles o acesso à educação formal por vários séculos, não só a sua participação social e posição além da esfera doméstica foram negadas, como suas vozes foram sistematicamente silenciadas. No que se refere às narrativas históricas ou mesmo ficcionais das guerras e revoluções, os textos são usualmente contados a partir do ponto de vista masculino. Trata-se, porém, de um equívoco historiográfico que merece revisão. De fato, em muitos conflitos a retaguarda foi largamente sustentada pelo apoio incondicional feminino, seja nas questões sociais, econômicas ou de reconstrução comunitária, seja nos processos de pacificação e resistência, como nas vanguardas. Em outras frentes, elas efetivamente foram à luta.

Pesquisas atuais têm tomado como objeto de discussão a questão das origens da opressão feminina e a necessidade de detectar os mecanismos históricos que fizeram da mulher um ser subordinado ao homem, em épocas e sociedades diversas, bem como indicar a dominação masculina através da exploração econômica, social, política e psicológica, inseridas dentro da literatura. Tais estudos visam também alcançar as razões pelas quais somente nos séculos XIX e XX este estado de coisas começou a ser questionado e transformado, como forma de resistência ao sexismo, reconhecendo a percepção implícita da misoginia na estrutura da história em si. Mais especificamente, a crítica feminista lida com questões relacionadas à percepção intencional e não intencional patriarcal, em aspectos chave da sociedade como a cultura, através da análise de registros históricos, textos literários e produção cultural e artística, bem como o redescobrimto de obras que receberam pouca ou nenhuma atenção, dada às restrições em torno da autoria feminina em variadas instituições.

Recentemente, através do esforço de mulheres pesquisadoras, tradutoras e acadêmicas, podemos acessar textos essenciais de autoria de mulheres que tentaram construir um debate a respeito de problemas que, embora fossem próprios de sua época, persistem até hoje. A elas compete a árdua tarefa de criar

espaços e condições de autorrepresentação, bem como questionar seu próprio lugar de enunciação e cumplicidade que reorientaram os eixos da revolução, iniciando um profundo e complexo processo de emancipação feminina.

A expressão das mulheres russas sobre história, cultura, arte, política, feminismo e temas relacionados à sua condição chegam a nós com mais de 100 anos de atraso, ao considerarmos os anos a partir de 1850, marco significativo e manifesto da primeira onda do feminismo russo. Aleksandra Kollontai, Maria Pokróvskaia, Inessa Armand, Anna Kalmánovitch, Ariadna Tirkóva-Williams, Konkórdia Samóilova e Nadiéjda Krúpskaia – mais conhecida apenas por ter sido companheira de Lênin – nos brindam com suas reflexões traduzidas diretamente do russo, numa recente publicação organizada por Graziela Schneider, *A Revolução das Mulheres* (SCHNEIDER, 2017).

Embora as mulheres tenham obtido melhorias tangíveis em muitas áreas ao longo dos séculos, e especialmente nesse recorte histórico da revolução de 1917 florescesse um ideal de superação da opressão feminina - ponto fundamental dos bolcheviques para construir uma sociedade igualitária -, quanto mais nos aprofundamos em temas que acompanham a trajetória do(s) feminismo(s), suas resistências e fundamentação da ideia de identidade como sujeito, percebemos que se em algum momento havia progresso, em seguida haveria um retrocesso ou silenciamento histórico e, nesse caso específico, as experiências de involução em direção ao stalinismo². No final, a revolução se voltou contra elas.

27

A vanguarda artística

O fervor revolucionário de 1917 também traria calor ao mundo das artes. Uma geração de artistas, escritores e músicos vivenciariam uma percepção de desconcertante e milagrosa liberdade concedida pela revolução, com a alegria de um romance amoroso. De 1917 a 1932 eles e elas experimentariam com entusiasmo a licença para criar.

Os poetas Alexander Blok, Andrei Bely e Sergei Yesenin produziram seus trabalhos mais importantes. Autores como Mikhail Zoshchenko e Mikhail Bulgakov amplificaram os limites da sátira e da fantasia. Os poetas futuristas,

² A partir dos anos de 1930, com o advento do stalinismo, as políticas de igualdade tomam rumos retrógrados. A seção feminina do partido é dissolvida; voltam a ser penalizados o aborto e a homossexualidade, a educação é novamente restrita e dividida entre sexos, as condições para o divórcio se complicam e há um retorno de valores morais idealizados sobre o conceito da família tradicional.

como Vladimir Mayakovsky, abraçaram a revolução ao proclamar uma renovação da arte. O experimentalismo musical atravessou as barreiras da harmonia, transbordou para o jazz e criou orquestras sem condutores. As palavras de ordem eram novidade e invenção.

Artistas como Mikhail Larionov, Alexander Rodchenko, David Burliuk, Wassily Kandinsky, Kazimir Malevich e Marc Chagall produziram impressionantes obras de vanguarda mesmo antes de 1917. Pavel Filonov e Mikhail Matyushin iriam se unir aos grupos vanguardistas. Distraído por ter que lutar contra uma guerra mundial e pela agitação política em seu próprio território, o regime czarista deixou a arte escapar dos grilhões. A guerra havia reduzido os contatos da Rússia com o Ocidente e as trocas de experiências foram imensas.

As origens da vanguarda russa são geralmente datadas de 1908, ano em que Moscou e São Petersburgo organizaram exposições que apresentaram jovens artistas rebeldes como os irmãos Burliuk, Mikhail Larionov e Aristarkh Lentulov. Nos nove anos seguintes, até o revolucionário ano de 1917, o movimento de vanguarda se desenvolveu em um ritmo vertiginoso. Várias obras significativas de Malevich datam dos anos anteriores à revolução, como *Quadrado Vermelho* (Fig. 1), de 1915, também intitulado *Realismo Pictórico de uma Camponesa em Duas Dimensões*, e levariam a pintura a novos terrenos na busca da pureza geométrica abstrata. Os princípios do Suprematismo Dinâmico, proclamados em seu manifesto *O Suprematismo ou o mundo da não representação*, publicado pela Bauhaus, demonstram a provocativa confiança da cultura naqueles anos.

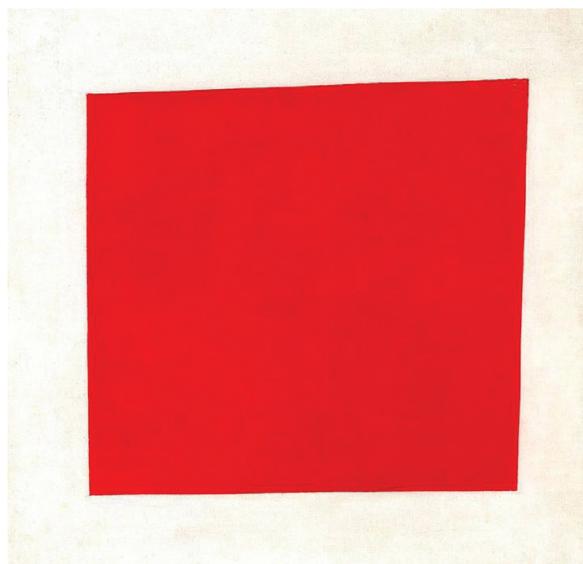


Fig. 1 - Kazimir Malevich. *Quadrado Vermelho*. *Realismo Pictórico de uma Camponesa em Duas Dimensões*. Pintura a óleo, 53 x 53cm, 1915.



Fig. 2 - El Lissitzky. *Vencendo os brancos com a cunha vermelha*.

Litografia/cartazes. Tamanhos diversos. 1919.

Os bolcheviques foram rápidos em identificar o potencial cinematográfico como meio de influenciar as massas, e diretores como Sergei Eisenstein e Dziga Vertov tornaram-se expoentes no período. As séries *Kinodelia* e *Kinopravda*, dirigidas por Vertov, utilizavam intertítulos projetados por Rodchenko, que também produziria os cartazes publicitários dos filmes, inspirados no Construtivismo. A propaganda também se disseminou em impressos: pôsteres, revistas e livros. O cubo-futurismo, o construtivismo e o suprematismo com suas formas simples e estrutura de imobilização ajustaram os novos requisitos de forma ideal. O desejo utópico de transformar tudo ao alcance de todos, democratizando a propriedade, deu à luz ao design industrial soviético, que se estendeu de tecidos e móveis a apartamentos inteiros.

Então há essa teoria romântica de que a revolução das artes russas contribuiu para a revolução política no país. A vanguarda, o raciocínio, a busca de novos formatos e a derrubada dos dogmas antigos, tudo isso ressoou intimamente ligado com os acontecimentos políticos da época, e serviriam como publicidade e voz do movimento revolucionário, por vários anos. O novo estado precisava de imagens originais e revigorantes, que ofertassem uma visão positiva do futuro. A vanguarda deu conta disso. Em troca, o governo tornou-se o principal consumidor das obras artísticas, mas também a principal autoridade de censura - embora tenha levado algum tempo para que os artistas entendessem completamente esta última função.

E as camaradas artistas?

Quando procuramos conhecer mais da Revolução Russa através do prisma da arte, o que encontramos na historiografia e materiais publicados e o que deixamos de saber? Sob um rápido olhar em relação a algumas recentes exposições inspiradas pelo centenário - como a *Revolution: Russian Art 1917–1932*, que ocorreu de fevereiro a abril deste ano, na Royal Academy of Arts, em Londres, ou *A Revolutionary Impulse: The Rise of the Russian Avant-Garde*, ocorrida de dezembro de 2016 até março deste ano, no MoMA em Nova York, ou ainda *The Advent of Abstraction: Russia 1914-1923*, da National Gallery of Canada, temos a sensação de uma mostra em arte recapitulada e comercializada para o público ocidental, artisticamente já alfabetizado pelas mesmas informações.

A Academia Real mais uma vez exalta a tríade Kandinsky, Malevich e Chagall; a Galeria Nacional do Canadá destaca Vladimir Tatlin, enquanto o MoMA salienta o grafismo de El Lissitzky e, por meio de algo semelhante a um sistema de cota social irá apresentar a pintora cubo-futurista Natalia Goncharova, um dos poucos nomes femininos eventualmente lembrados nessas ocasiões. Sua pintura *Colbendo maçãs*, de 1909 (Fig. 3) foi leiloada pela Christie's, em Londres, por 4,9 milhões de libras, ou US \$ 9,8 milhões, superando os recordes para artistas mulheres mais famosas como Georgia O'Keeffe e Mary Cassatt. Ainda assim, quem a conhece?

Não há nada inerentemente errado com a celebração desses artistas habituais, icônicos e reconhecíveis pelas exportações artísticas mais conhecidas no comércio cultural. São obras essenciais, muitas delas diretamente responsáveis pelo apreço pessoal da autora desse trabalho pela arte soviética. Mas, sob a égide do conceito de “Revolução”, o que na verdade vemos é um estranho ato de supressão.

Cronologicamente falando, a maioria dos artistas de vanguarda associados à revolução, estudados em cursos de graduação em arte ou cultura e celebrados em inúmeras exposições como pilares de seu tempo, são sempre os mesmos. A atenção é focada quase inteiramente na arte das décadas de 1910 e 1920, reproduzindo uma narrativa mestra que estabelece a arte russa pós-revolucionária legítima como sendo desses poucos nomes, surgida nos poucos anos antes da repressão stalinista da década de 1930, quando a criatividade começa a ser alvo de repressão sistemática. O que a história e a crítica da arte

recente pretendem é justamente interromper e superar o narcisismo universalista modernista, extremamente misógino, que consegue ecoar um sistema de exclusão e objetificação até hoje. Tomamos como exemplo atual o trabalho do artista russo Andrei Tarusov, que lançou um celebrado calendário de pin-ups vermelhas para homenagear o centenário da Revolução, reforçando o negativo estereótipo do esquerdo-macho³.



Fig. 3 - Natalia Goncharova. *Colhendo maçãs*.

Pintura à óleo. 87.9 x 123.4 cm. 1909.

Felizmente, a *Tate Modern* exibe até janeiro de 2018 uma gama mais completa de arte moderna russa, abrangendo os períodos de 1905 a 1953, quando da morte de Stalin, e termina o ano com uma retrospectiva de Ilya e Emilia Kabacov, conceitualistas do período pós-Stalin. Nomes praticamente desconhecidos para o grande público são resgatados, como a da artista Nina Vatolina (1915-2002), pintora, ilustradora e escritora soviética. Nascida em Kolomna, de uma família de engenheiros militares, ela estudou no *Art College* de 1932 a 1936, e depois no departamento de pintura do Moscow State Institute, de 1937 a 1942. Como estudante, estava interessada em pintura, luz e sombras, mas a guerra fez com que se dedicasse aos cartazes políticos, inspirados no mesmo contrexto gráfico da arte de vanguarda da pós-revolução. Em 1941 ela cria talvez o cartaz mais famoso da história da arte soviética: *Não fale!* (Fig. 4).

³ Tipo de homem que usa seus valores progressistas para realizar conquistas sexuais, enquanto mantém secretamente valores não tão igualitários; querem libertar os oprimidos do mundo, enquanto continuam confortáveis nas estruturas dominantes do patriarcado.



Fig. 4 – Nina Vatolina. *Não fale!*

Litografia/cartazes. Tamanhos diversos. 1941.

Fato é que desde meados de 1917, e mesmo um pouco antes, as mulheres não eram somente artistas profissionais – e nesse caso citamos novamente Natalia Goncharova e as colegas Olga Rozanova e Liubov Popova de exemplo - como também constituíam uma potência criadora dentro do meio da vanguarda russa, desempenhando um papel vital na inovação formal que se movia em direção à abstração, pela qual as vanguardas são mais conhecidas. Os historiadores de arte não fizeram um esforço veloz, como preconizaria o desejo dos vanguardistas futuristas, no que toca ao engajamento crítico da produção artística feminina nos séculos XVIII e XIX e início do século XX na Rússia, tampouco se importaram em traçar a transição dessas mulheres artistas de figuras marginais para produtoras de renome mundial no campo das artes. Se as mulheres artistas sofreram uma relativa negligência acadêmica e de registros, isso levanta questões significativas sobre os regimes de poder e visibilidade que normatizamos habitualmente.

Um tema recorrente para a crítica em arte hoje é a relação entre pintura e a artes aplicadas - uma oposição que tem sido fundamental para a história da arte feminista em geral, já que as mulheres eram largamente excluídas das

instituições que ensinavam e apoiavam as artes plásticas, mas se destacavam nas artes aplicadas e artesanato. Como Alison Hilton observou em seu ensaio seminal de 1996, esta questão adquire uma ressonância especial na Rússia, onde a mudança de status das mulheres artistas de uma minoria externa para uma força central estava intimamente ligada à sua atividade nas artes aplicadas e decorativas, já que estas prefiguravam o movimento no período revolucionário para integrar a arte na vida cotidiana. (HILTON, 1996, p. 347). Levando em conta essas pesquisas, percebemos as mudanças e tensões entre as categorias de belas artes e artes aplicadas, a fim de desenvolver um melhor entendimento dos fatos que influenciaram a produção, o consumo e a interpretação da arte feminina russa. Mas elas foram além de suas habilidades manuais domésticas.

Uma pintura de Ekaterina Khilkova, datada de 1855, fornece um importante registro visual das atividades no departamento feminino da Escola de Desenho de São Petersburgo, pouco mais de uma década depois do início das aulas (Fig. 5). Com a exceção de um homem na extrema esquerda, cujo papel não fica claro, todas as figuras da pintura de Khilkova são mulheres, e de fato também forneceram instrução, foram professoras e mestras, além de estudantes (a própria Khilkova trabalhou como professora de desenho para um enquanto, assim como em outros institutos educacionais femininos). Há também indícios de uma metodologia pedagógica que girava em torno de dois modelos de ensino distintos: estudar litografias (até então uma forma popular de instrução), que aparecem fixadas nas paredes e exibidas acima das mesas; e os modelos clássicos dispostos ao longo do cenário, como a célebre escultura Laocoonte e seus filhos, numa possível reprodução que vislumbramos por uma porta aberta. Percebemos que essas alunas foram incentivadas a se familiarizarem com essas propriedades formais e linguagens expressivas – vemos uma aluna sentada junto à escultura fazendo um esboço. Outra mulher em primeiro plano, rodeada por outras duas, parece desenhar um motivo decorativo, mas as artes aplicadas não são o cerne da pintura de Khilkova. Não há sentido, então, acreditarmos que elas fossem somente direcionadas para o tipo de artesanato considerado apropriado para as mulheres. Pelo contrário, o foco no estudo dos modelos clássicos nos sugere uma ambição clara de dominar algumas das habilidades mais exigidas para um desenhista ou pintor bem-sucedido.

Parceiras no passado, eclipsadas no presente

Ainda que as diferenças de gênero não aparentem ser ponto essencial nos estudos de arte, devemos compreender que o arcabouço social que posiciona as pessoas do sexo masculino e feminino de forma assimétrica em relação à linguagem, aos significados e ao poder social e econômico, é extremamente relevante. Ao estudarmos as vanguardas artísticas russas, numa perspectiva de revisão do cânone e em comparativo aos discursos e práticas de seus colegas artistas ocidentais, vislumbramos um excelente lembrete de alguns valores, que infelizmente não foram apontados nos registros históricos.



Fig. 5 – Ekaterina Khilkova. *O Interior do Departamento de Mulheres da Escola de desenho de São Petersburgo para auditores*. Pintura à Óleo. 73 x 89 cm. 1855.

Ocorre que não podemos usar o tropo linguístico de repressão e submissão comum aos discursos sobre a arte feminina de outros lugares, já que as artistas russas gozavam de liberdades em suas vidas pessoais, criativas e sociais que eram anormais no Ocidente, numa dinâmica de camaradagem que operava dentro dos círculos artísticos. Segundo o historiador John E. Bowlt, as mulheres na vanguarda revolucionária da Rússia foram agraciadas por uma relativa ausência de ciúme profissional relacionada ao seu gênero; gozavam de parcerias criativas de apoio que não subordinavam o trabalho da mulher ao do homem; e podiam dispor dos espaços de experimentação sob a forma de estúdios, teatros, exposições,

performances, instalações e eventos de rua. Sua extraordinária energia criativa foi, portanto, reforçada por lugares e sistemas de apoio, tanto práticos como emocionais, que haviam sido largamente negados seu sexo em outros lugares no mesmo período. (BOWLT, 2000, p. 24-26).

Através de uma pesquisa crítica de arte, seu ensaio *Women of Genius*, reflete sobre a ambivalência e o entusiasmo das artistas mulheres na Rússia da virada do século XIX até o início da década de 1930. Bowlit também demonstra que, na década de 1910, as mulheres faziam parte do mundo da arte russa e sem elas as futuras trajetórias de vanguarda teriam sido impossíveis. As artistas participariam regularmente das mais relevantes exposições e escreveram para as principais publicações, que, em muitos casos, desenvolveram contribuições que constituíram as bases para o pioneirismo do período.

Ekaterina Dyogot também desenvolve pesquisas que corroboram a dinâmica de gênero entre a vanguarda artística russa, reconhecimento e exclusão no modernismo, numa sensível discussão pontual sobre as parcerias pessoais e profissionais que as artistas compartilhavam com seus contemporâneos masculinos. Na época, Hans Hildebrandt, por exemplo, enfatizou o papel das mulheres artistas nas pinturas de estúdio e no design em sua *Die Frau als Künstlerin*⁴. Diferente de tantas frases ginecófabas conhecidas, declaradas por ícones da vanguarda artística ocidental, Malevich certa vez reconheceu sua dívida com a tradição da arte local, ao descrever as roupas e tecidos produzidos pelas meninas camponesas ucranianas, afirmando que “a arte pertencia às mulheres mais do que aos homens”. (RAKITIN e SARABIANOV, 1997, p. 114).

Em 1916, Mikhail Tsetlin, amigo de Goncharova, afirmaria que “as mulheres legaram ao Tesouro da Arte da Humanidade incomparavelmente mais do que poderia ser suposto. São elas as invisíveis, colaboradoras desconhecidas da arte. São elas que fizeram o laço, bordaram o companheiro, teceram o tapete”. Este apelo ao reconhecimento público e profissional do trabalho artístico anônimo realizado por inúmeras mulheres à medida que costuraram, cerziram e tricotaram é ecoado na atenção que as mulheres deram às artes aplicadas, especialmente em artigos de retrosaria. Impossível não recordarmos um episódio recente da história do Brasil, quando louvada foi uma primeira dama presidencial como a produtora manual da primeira bandeira de seu partido.

⁴ Hans Hildebrandt, em *Die Frau als Künstler* (Berlin: Mosse, 1928).

Se o triunfo da vanguarda russa é impensável sem a participação das mulheres artistas, que contribuíram diretamente para o seu desenvolvimento, quando iremos apreciar as obras, ler ou ouvir falar do resgate da arte folclórica de Natalia Davidova, das composições suprematistas de Nina Genke-Meller, das iluminuras de Alexandra Exter, dos livros de artista, trajés e cenários para ballet de Natalia Goncharova, das *arquiteturas pintáveis* de Liubov Popova, do neoprimitivismo de Olga Rozanova, das gravuras de Kseniya Boguslavskaya, da poesia visual de Varvara Stepanova, dos ornamentos de Nadezhda Udaltsova, dentre outras?

Considerações Finais

Segundo Bowlt, Benedikt Livshits, poeta cubo-futurista, foi o primeiro a descrever as artistas vanguardistas russas como *Amazonas*, em 1933. Em 2002, o Museu Estadual Russo de São Petersburgo realizou uma grandiosa retrospectiva da obra de Goncharova, e no mesmo ano a Galeria Tretiakov do Estado em Moscou realizou a primeira exposição na Rússia dedicada ao trabalho das mulheres artistas do século XV ao século XX, fazendo incursões significativas na busca de recuperar o trabalho das mulheres pintoras negligenciadas do século XIX.

Em 2009, de particular importância foi a curadoria de Tupitsyn e Kiaer na exposição Rodchenko & Popova: *Defining Constructivism*, na Tate Modern em Londres. Se, a partir de do ano 2000 o sexo dos artistas determinou a conceitualização das *Amazonas da Avant-Garde Russa*, uma década mais tarde a diferença de gênero entre Popova e Rodchenko foi propositalmente não priorizada. Em vez disso, Popova foi apresentada juntamente com Rodchenko como uma das mais importantes artistas da vanguarda russa, recebendo o mesmo tipo de tratamento, discussão crítica e exposição de trabalhos. Ao mesmo tempo em que tais mudanças de foco podem significar uma preocupação cada vez maior em dar às mulheres artistas e ao seu trabalho o mesmo nível de exposição e investigação crítica que o oferecido aos homens, essa suposta libertação de Popova como artista, independente da relação com Rodchenko, anuncia uma via na qual as especificidades aparentes do sexo feminino, se não desconsideradas, são aparentemente minimizadas.

Analisar as atividades de mulheres artistas não pode envolver apenas o mapeamento de nomes para esquemas existentes, ou listagens *per se* de artistas pouco lembradas, eclipsadas ou propositalmente excluídas dos principais livros da história da arte⁵. Faz-se necessário estudar o trabalho dessas artistas para que possamos descobrir e explicar a especificidade do que produziram como indivíduos, ao mesmo tempo em que reconhecemos que, como mulheres, elas trabalharam de diferentes posições e experiências em relação aos seus colegas que eram homens. Perceber a especificidade das obras e condições das mulheres artistas até hoje, bem como a visão das mulheres como consumidoras e expectadoras de produção visual, é analisar historicamente uma configuração particular de diferença e promover um novo capital cultural.

Mais recentemente, houve outras exposições e publicações relacionadas às mulheres russas, todas as quais colocaram em questão a notável complexidade social na qual essas mulheres conseguiram viver, produzir e dialogar, dentro de uma sociedade aparentemente restrita como essa, oriunda da Rússia imperial. Seja qual for o caso, o gênero e particularidades das mulheres artistas russas e suas características supostamente únicas continuarão a moldar as avaliações e as respostas a seus trabalhos, e são particularmente outras mulheres que estão à frente dessa ampliação historiográfica. Christina Kiaer e Margarita Tupitsyn, por exemplo, seguem elaborando e apresentando novos importantes estudos na pesquisa das mulheres pré e pós-revolucionárias. Para Miuda Yablonskaya, em seu livro *Women Artists of Russia's New Age*,

A peculiar predisposição das mulheres à análise visual da realidade tem seus próprios traços característicos que não são menos valiosos do que os mostrados pelos homens. A sensibilidade penetrante das mulheres, a nitidez de suas reações intuitivas, a estrutura poderosa e diversa de suas sensações, particularmente das táteis, são qualidades especialmente valiosas para a atividade criativa. (YABLONSKAYA, 1990, p. 117-40).

Na arte dessas mulheres não existiu uma exclusiva tradição cultural ou uma única ideologia política que costurasse uma linguagem estritamente homogênea. Ao contrário, assim como a vanguarda russa era um coletivo de

⁵ Tomo como exemplo de pesquisa recente o projeto brasileiro *A HISTÓRIA DA ARTE*, que apresenta dados quantitativos e qualitativos sobre 2.443 artistas de 11 livros utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, deixando explícito o cenário excludente da História da Arte oficial estudada no país a partir do levantamento e do cruzamento de informações básicas das/dos artistas encontradas/encontrados. Mais informações podem ser encontrados no site do projeto: historiada-rte.org

vanguardas díspares, essas artistas também vinham de diferentes escolas filosóficas, tinham diferentes aspirações sociais e convicções estéticas, ainda que operassem no mesmo ambiente. Mas sua produção, diferente de seus colegas homens, iria sofrer consequências mais graves com o advento do stalinismo, quando o matriarcado das amazonas seria finalmente substituído por um novo patriarcado hierárquico, no qual o artista masculino – seja Iosif Brodsky como pintor da corte de Stalin ou Alexander Gerasimov, como presidente da Academia - voltou novamente a configurar como sinônimo de privilégio e poder.

Esse artigo, afinal, pretendeu fazer uma leitura crítica de um período na cultura russa, a fim ser parte de mais um esforço em dialogar sobre as ações fundamentais de mulheres em diversos processos revolucionários e das lutas femininas ao longo dos tempos, revelando a dimensão histórica frente a pressupostos que silenciam ou estigmatizam negativamente a figura feminina. Aprender com o passado, resistir pelo futuro.

Referências

BOWLT, John E.; DRUTT, Matthew (ed). *Amazons of the Avant-Garde*. Alexandra Exter, Natalia Goncharova, Liubov Popova, Olga Rozanova, Varvara Stepanova, and Nadezhda Udaltsova. New York: Guggenheim Museum Publications, 2000.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*. São Paulo: Boitempo, 2014.

GRAY, Camilla. *The Russian Experiment in Art 1863-1922*. London: Thames and Hudson, 1970.

HILTON, Alison. *Domestic Crafts and Creative Freedom: Russian Women's Art*, em *Russia, Women, Culture*, ed. by Helena Goscilo and Beth Holmgren. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1996.

RAKITIN, Vasilii; SARABIANOV, Andrei (Eds). *Stati ob avangarde*. Moscow: RA, 1997, vol. 1.

SCHNEIDER, Graziela. *A Revolução das Mulheres: Emancipação feminina na Rússia Soviética*. Artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017.

TROTSKY, León. *A História da revolução Russa*. RJ: Editora Paz e Terra, 2ª Edição, 1977.

YABLONSKAYA, Miuda. *Women Artists of Russia's New Age 1900-1935*. London: Thames and Hudson, 1990.

Jogos de espelhos: a Revolução Russa no socialismo francês (1917-1920)

Sabrina Areco¹

Resumo: Este artigo aborda a analogia elaborada pelo historiador Albert Mathiez entre a Revolução Russa e a Revolução Francesa, expressa através da afirmação de afinidades e identidades profundas entre os revolucionários do século XVIII e os bolcheviques. Publicada nas páginas do jornal *L'Humanité*, que foi convertido em órgão de imprensa do recém criado Partido Comunista Francês, a elaboração de Mathiez manifesta uma atenção particular ao passado sem deixar de demonstrar uma certa instrumentalização da história. A recorrência à Revolução Francesa após 1917 no *L'Humanité*, elaborada por diferentes intelectuais e políticos que contribuíam com o jornal, demonstra como tais aproximações e usos estavam presentes no ambiente intelectual e político, no qual o passado revolucionário assumia uma função heurística.

Palavras-chave: Revolução Russa. Revolução Francesa. *L'Humanité*. História do pensamento político (séc. XX). Socialismo.

¹ Doutora em Ciência Política (UNICAMP). Professora de Ciência Política no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), *campus* Amambai-MS.

Abstract: This article explores the analogy elaborated by the historian Albert Mathiez between the Russian Revolution and the French Revolution, expressed through the affirmation of deep affinities and identities between the eighteenth-century revolutionaries and the Bolsheviks. Published in the pages of the newspaper *L'Humanité*, which had been converted into a press organ of the newly created French Communist Party, Mathiez's elaboration shows a particular attention to the past while showing a certain instrumentalization of history. The recurrence of the French Revolution after 1917 in *L'Humanité*, elaborated by different intellectuals and politicians who contributed to the newspaper, shows how such approximations and uses were present in the intellectual and political context in which the revolutionary past assumed a heuristic function.

40

Keywords: Russian Revolution. French Revolution. *L'Humanité*. History of political thought (20th century). Socialism.

Introdução

Diante dos acontecimentos na Rússia nos anos de 1917, os espectadores oscilaram entre o apoio mais enfático e a recusa veemente. Tais posições se alteravam de acordo com a posição ocupada no espectro político e também conforme os eventos se desenrolavam no enclave autocrático entre o Pacífico e o Ártico. Para aqueles que estavam fora da Rússia, as informações chegavam com certa imprecisão, o que impediu por vezes a compreensão exata dos eventos, mesmo pelos observadores mais atentos. O tempo decorrido entre os fatos e circulação das notícias era estendido também em razão das dificuldades impostas à imprensa pela I Guerra (1914-1918).

Portanto, se pensarmos na elaboração de uma história da recepção da Revolução Russa é preciso considerar tanto aspectos geográficos (como ela foi lida em diferentes contextos sócio-culturais), como temporais (isto é, em contextos históricos posteriores e distintos)². Esses contextos sociais, culturais e históricos - que são sobretudo políticos - indicam um certo itinerário percorrido pelo tema entre seus intérpretes. Sinalizam também o conjunto de assuntos ou objetos ao qual a Revolução Russa foi associada.

No caso da França, de forma reiterada e quase que imediata, a Revolução de fevereiro foi entendida como uma filha de 1789. A chegada dos bolcheviques ao poder e a criação do Estado proletário, por sua vez, gerou controvérsias que colocaram em questão essa filiação. O século XVIII no país latino serviu ainda assim de contraponto, seja se afirmando a república democrática erigida pelos seus revolucionários contra a ditadura do proletariado, ou se reforçando os liames entre passado e presente.

O historiador Albert Mathiez contribuiu com a formulação e a difusão de uma interpretação na qual os bolcheviques e os jacobinos são unidos por fortes

² A ideia de “história da recepção russa” é apoiada na profícua e consolidada história da historiografia da Revolução Francesa, que discute como os objetos e as interpretações acerca do tema foram se delineando no decorrer da produção de mais de dois séculos. Uma síntese dos resultados desses estudos pode ser encontrada na obra de Hobsbawm (1996). De forma complementar, sob inspiração de R. Koselleck (1985; 2002) e sua “história conceitual do político”, procuro pensar como a Revolução russa e seu conteúdo são objeto de disputa política, dando ao tema um conjunto de sentidos que se acumulam e vão se somando de forma diacrônica e sincrônica. Uma abordagem próxima foi feita nos artigos que compõem o *dossier La Révolution comme modèle et miroir (URSS, Chine, Japon)* [A Revolução francesa como modelo e espelho (URSS, China, Japão)], que serviu de inspiração também para o título deste artigo. Ver, em especial, o artigo que apresenta a revista: DUCANGE; TCHOUDINOV, 2017, p. 3-8.

semelhanças no que diz respeito tanto aos seus métodos quanto aos conteúdos da luta política. A valorização dos partidos da revolução era fundamentada em um vasto e erudito estudo da Revolução Francesa e no apoio militante que Mathiez dispensava à Revolução de Outubro. Sua formulação é um capítulo importante de um movimento intelectual e político, que tinha espaço de elaboração e difusão no *L'Humanité*, e que ajudou a desenhar uma leitura na qual o passado tinha uma função central. Em um contexto de disputas pelos sentidos da Revolução Russa, quando seu desfecho ainda não tinha sido encontrado, o passado servia também como instrumento para a disputa do futuro.

L'Humanité e a Revolução francesa

Fundado em 1904 pelo líder socialista Jean Jaurès, o periódico *L'Humanité* teve um papel central na formação de uma cultura socialista mobilizada e difundida pela imprensa. Era o periódico de maior relevância entre os socialistas, em especial no contexto da I Guerra (1914-1918). Ainda que com a tiragem limitada em função do grande número de aderentes mobilizados pela guerra - que diminuiu também o quadro de pessoas encarregadas da publicação - não suspendeu suas atividades durante o conflito. Isso, mesmo tendo que lidar com questões de ordem prática, como o aumento do preço e os riscos de esgotamento da matéria-prima necessária para a produção do papel, o que levou a uma redução do formato. Entre os problemas enfrentados, estava também a censura exercida pelo governo francês e que visava especialmente limitar a divulgação de greves e de dirigir as informações sobre o conflito bélico e a atuação do exército francês (COURBAN, 2017, p. 10-23).

No contexto do conflito, o jornal ainda enfrentou o que pode ser chamado de uma crise de direção. J. Jaurès havia sido assassinado em julho de 1914, às vésperas do começo do conflito, e depois de proferir um apaixonado discurso na Câmara dos Deputados no qual se opunha à participação da França na guerra e após ter perguntado, de forma retórica mas também profética, se não se estava caminhando para uma guerra mundial. Ele foi assassinado em razão de sua posição pacifista, em um ambiente no qual o apoio ao conflito se ampliava e assumia um discurso patriótico que permitiria uma revanche da derrota sofrida na Guerra Franco-Prussiana (ver GOUSSOT, 1994).

Diante da ausência de Jaurès, a fragmentação dos socialistas franceses ficaria mais evidente. Ele era o líder incontestado do Partido Socialista Francês desde 1902, que a partir de 1905 passou a fazer parte da SFIO (*Section française de l'Internationale ouvrière*) [Seção francesa da Internacional Operária]. Ele se opunha a Jules Guesdes e sua organização, que também compunha a mesma associação. Tal ausência foi convertida na falta de unidade e clareza nas formulações e posições expostas no periódico, como no caso do apoio dado, em 1918, ao Presidente dos EUA, W. Wilson, que apareceu como um aliado dos socialistas por suas propostas diplomáticas de dissolução dos conflitos³.

Um elemento fundamental e que era reiterado no jornal, perpassando todo o conteúdo e a contribuição das mais diferentes contribuições que ali apareceram, foi o pacifismo. A herança remetia a Jaurès. Mas tal posição irá se alterar adiante, em especial depois da Revolução Russa, da criação da III Internacional e a da concepção de “guerra revolucionária”, contraposta à “guerra imperialista”, como discutiremos posteriormente.

Além do pacifismo, o peso da história do século XVIII nas análises também poder ser entendido como uma herança de Jaurès. Ele foi autor de *Histoire Socialiste de la Révolution Française*, uma obra central de interpretação do tema e que se caracterizava pelo esforço de tratar da Revolução Francesa como produto da luta de classe, na qual a burguesia triunfou ao superar o feudalismo. Buscava inspiração em Marx, mas também em Michelet e Plutarco, aliado a uma atenção às fontes primárias. Conciliou a abordagem dos aspectos econômicos e sociais, no registro de Marx, com o relevo dado às ideias ou ao que chamou de “fatores espirituais”. Para ele: “[a] Revolução Francesa preparou indiretamente o advento do proletariado. Ela realizou duas condições essenciais do socialismo: a democracia e o capitalismo. Mas ao fim, ela foi no fundo o advento político da classe burguesa” (JAURÈS, 2010, p. 145).

Sob influência de Jaurès, pode-se falar em uma aproximação entre o marxismo (que em Jaurès tem uma leitura bastante particular) e a historiografia

³ Ele foi apresentado como o “defensor da justiça internacional” em uma edição que celebrava sua visita ao país para participar da Conferência de Paz de Paris (1918), quando apresenta a carta de criação da Sociedade das Nações e o Tratado de Versalhes para ratificação pelo Congresso (AU DÉFENSEUR, 1917, p. 2). Essa posição foi depois abandonada e as esperanças de paz então depositadas na III Internacional. Sobre essa discussão, ver Laurent (2011). Todas as fontes primárias utilizadas neste artigo foram consultadas no portal *Gallica*, da BnF - *Bibliothèque nationale de France* e estão disponíveis para consulta em: <http://gallica.bnf.fr>.

sobre a Revolução francesa, que nos anos subsequentes foi desenvolvida na produção acadêmica sobre o tema e que reiterava sua interpretação sob a chave analítica da luta de classes e que dará atenção aos aspectos sociais e econômicos, assim como aos grupos populares daquele período.

“A Revolução Russa é filha da Revolução Francesa”

Em 2 de abril de 1917, o jornal noticiava um encontro promovido pela *Ligue des droits de l’homme* [Liga dos direitos do homem] em homenagem à Revolução Russa. Segundo a narrativa, cerca de 5 mil pessoas compareceram e o discurso do líder socialista belga Émile Vandervelde quase não pode ser ouvido em função de manifestações ruidosas (com gritos e apitos), que visavam boicotar sua fala.

O historiador Alphonse Aulard, por sua vez, proferiu uma análise na qual o paralelismo foi estabelecido entre os “revolucionários russos, patriotas, e os revolucionários franceses”, sendo que o que “foi feito pelos franceses em três anos, os russos levaram três dias para concluir” (LA MANIFESTATION, 1917, p. 1-2). A revolução do passado serviu como uma herança capaz de instrumentalizar os agentes políticos do presente. Mais do que isso, foi capaz de oferecer um prognóstico do futuro. Como os franceses, os russos:

não serão impedidos nem pelos ingênuos e nem pelos traidores: eles não farão uma revolução moderada. Como os franceses em 1792, eles enfrentarão [as forças] estrangeiras. Nosso exemplo lhes inspirará as resoluções necessárias. Nós constituímos, em circunstâncias idênticas, um governo de defesa nacional forte e oferecemos todas as garantias ao povo. Os russos imitarão esse exemplo (LA MANIFESTATION, 1917, p. 1-2).

Aulard foi vice-presidente da *Ligue* e politicamente defendia a aliança de radicais com socialistas reformistas. Entendia a república como o caminho inevitável para a democracia (VOVELLE, 2004, p. 18). Historiador da Revolução Francesa, foi um nome fundamental para o início de uma nova época de estudos acadêmicos sobre o tema. Ocupou a primeira cadeira da cátedra sobre o tema criada na Universidade de Sorbonne. Fortemente amparado em documentos, a perspectiva de história política que desenvolveu seguia a trilha aberta por Jaurès e foi continuada, em certo sentido, por seu antigo aluno Albert Mathiez. Destacamos “em certo sentido” porque a ruptura entre os dois acadêmicos, exposta em artigos e debates por Mathiez, gerou uma oposição teórica e historiográfica na análise,

sobretudo de Robespierre (sobre essa disputa, ver FRIGUGLIETTI, 2008). Ambos pertenceram à perspectiva que se convencionou chamar de historiografia jacobina⁴, mas Mathiez assumia dentro desta tendência uma defesa - cada vez mais enfática - de Robespierre, contra a leitura crítica de Aulard. A oposição entre os historiadores era também política, já que Mathiez se ressentia de certo conservadorismo de Aulard e via em Robespierre a exasperação patriótica sem a qual a revolução não poderia ter prosseguido.

Olhando a França que lhes era contemporânea (a III República), marcada sobretudo pelo militarismo (Mathiez denominava de “despótica”), ambos afirmaram que as ambições populares e democráticas presentes no século XVIII não teriam sido alcançadas. Para Mathiez, a Revolução terminou com a queda de Robespierre no 9 *Thermidor*, e com ele “mataram, por um século, a República democrática” (MATHIEZ, s./d., p. 248). Para Aulard, “todo o século XIX-XX se originou na Revolução Francesa”. Esse elemento não realizado aparece portanto como um horizonte de expectativa⁵, um elemento a ser ainda alcançado e que agora se apresentava a eles na antiga Rússia czarista. Quais são as circunstâncias idênticas nos dois contextos que Aulard cita no artigo do *L'Humanité*? Os revolucionários expressam o interesse popular contra os inimigos internos e externos.

O enfrentamento à Rússia dispensado pelo governo francês é objeto de crítica de Aulard. Opor-se ao fim da autocracia seria desprezar o passado do país e suas lutas. A concepção do país como farol da democracia, tal como em Aulard, emerge em diferentes momentos do jornal. No registro de outra atividade política, que homenageia a Revolução Russa e a atuação de W. Wilson, o jornal reproduz o discurso de Joseph Caillaux:

⁴ Historiografia jacobina designa o conjunto de estudos que tem como objeto os jacobinos, grupo político que obteve hegemonia na Revolução Francesa na fase da Convenção. A Convenção foi um regime político existente no país entre 1792-1795, quando esse órgão exerceu o poder legislativo e fundou a I República (1792-1804). Essa historiografia assumia também um certo perfil de defesa dos valores daquele grupo republicano. Quanto à forma de abordagem, aproximou-se de uma interpretação na qual os elementos sociais e econômicos são reputados centrais para a explicação da história. Acabou assumindo em seu decurso certos elementos marxistas, ainda que esses elementos tenham se apresentado de maneira diversa entre os historiadores da corrente. Mathiez, em particular, nunca se definiu como marxista e o citou apenas uma vez, em sua síntese do tema da Revolução publicada em três tomos - *História da Revolução francesa* (MATHIEZ, s./d.).

⁵ Essa concepção de “horizonte de expectativa” aberta pela Revolução Francesa foi delineada por Rosanvallon (1992), tratando especialmente da instauração do sufrágio universal na I República em 1793. Ele argumenta que essa instauração instituiu uma forma de pensar a representatividade que agitou os sujeitos políticos durante o longo período no qual o sufrágio foi suprimido. A leitura de Rosanvallon é interessante para pensar a questão da representatividade naquele contexto, mas divergimos de abordagem que ele construiu dos jacobinos.

No momento do crepúsculo das autocracias e das feudalidades encravadas na Europa central, a França tem o direito e o dever de tomar e preservar a consciência de sua força moral. É a França das ideias do século XVIII e da Revolução que serve de guia aos espíritos que dirigem os povos [...] (LE SALUT, 1917, p. 2)

A França ensinou ao mundo suas lições, que se molda agora à Rússia levando adiante a tarefa de “banir o inimigo do território, devolver ao país nossas fronteiras e libertar os povos oprimidos pelo despotismo real ou feudal” (LE SALUT, 1917, p. 2)

A revolução de fevereiro na Rússia foi lida por uma parte dos intelectuais como um evento que concretizaria os caminhos abertos pela França em 1789. O acontecimento colocaria o antigo Império czarista ao lado das democracias republicanas (como o EUA e a França), assinalando o caminho inabalável *vis-a-vis* o fim dos regimes autocráticos.

Mathiez e as Revoluções

A presente grande guerra não mudou apenas a face do mundo no qual nós vivemos. Ela também modificou nosso conhecimento sobre o passado e particularmente o passado que é mais se assemelha à terrível tragédia que se desenrola diante dos nossos olhos, a era de imensa convulsão da Revolução (MATHIEZ *apud* FRIGUGLIETTI, 1972, p. 57)⁶.

46

Durante a guerra, Mathiez contribuiu ativamente com a imprensa escrevendo por vezes artigos sob pseudônimo para se proteger da censura. Analisava a situação interna da França e os conflitos internacionais de maneira bastante cuidadosa (FRIGUGLIETTI, 1972; GAUTHIER, 2008). Entendia que aqueles eventos ajudariam a compreender também o passado, na medida em que fosse possível realizar o confronto entre duas situações bastante similares, mas que encontraram respostas bastante distintas. Emerge aqui sua oposição à França governada por Raymond Poincaré (1913-1920): enquanto o *Comité de Salut Public* [Comitê de Saúde Pública] do ano II recuava enfaticamente e de forma explícita à guerra de conquista de territórios (aceitava apenas a guerra defensiva) e defendendo os direitos dos povos à sua soberania, a França contemporânea em

⁶ Artigo intitulado *Le renouvellement de l'histoire de la Révolution*, publicado em *L'école et la vie* em 15 de setembro de 1917.

guerra “desprezava o princípio da soberania popular, tanto no interior quanto no exterior” (GAUTHIER, 2008, p. 6).

A defesa enfática da Revolução do século XX tem, portanto, como ponto de partida, a defesa da soberania do povo russo. Foi celebrado o fim do czarismo na Rússia (março/1917) argumentando que no Oriente se encenava uma outra vez a Revolução Francesa, agora mais rápida e decisiva, já que os russos haviam aprendido com a história francesa. Mathiez e a *Société des Études Robespierristes* (fundada por ele em 1908) enviaram um telegrama com congratulações ao Duma, expressando o desejo que a Revolução encontrasse seus Robespierres e Saint-Justs para guiá-los, evitando o duplo erro de fraqueza ou excesso.

Sobre o tipo de revolução em curso, ele identificou a Revolução de fevereiro como uma revolução agrária. Daí emergiria, para ele, a força dos bolcheviques. Enquanto Kerenski não foi capaz de atender às demandas deste estrato social, os bolcheviques o fizeram através da realização da reforma agrária (GAUTHIER, 2008, p. 6).

A elaboração das identidades entre os bolcheviques e os jacobinos, e de Lênin com Robespierre começa a ser desenhada. Naqueles anos ele aprofundava a oposição entre Danton e Robespierre. Para ele, durante o período do Terror (1793-1794)⁷, a corrupção parlamentar do grupo de Danton visava (de forma deliberada), enfraquecer a república submetendo-a aos interesses estrangeiros. “Robespierre, O Incorruptível”, defensor da Revolução e da república democrática, poderia ser visto como um socialista. Em *Études robspierristes* ele tratou do tema. A obra foi resenhada por Gustave Rouanet e a resenha publicada no *L'Humanité* em março de 1918 (LE LIVRE, 1918, p. 2). Em outubro de 1919, Robespierre foi tratado como “grande patriota e grande socialista”, colocado ao lado de Jaurès, ambos solidários também à democracia (LE LIBÉRALISME, 1919, p. 02).

Seu olhar sobre a “convulsão” era atento: no verão de 1917 ele manifestava otimismo com a Revolução Russa, mas as derrotas militares e divisões internas minaram parcialmente sua confiança. A esperança foi reavivada com os bolcheviques, vistos como os novos jacobinos a derrubar o governo dos girondinos (mencheviques). Ele alertava então aos riscos internos da revolução e ao mesmo

⁷ Período no qual o poder estava concentrado no Comitê de saúde pública, dirigido pelos *Montagnards* em oposição aos girondinos. Nessa fase se promulgou a Constituição do ano I, que não foi jamais aplicada. Com os acirramentos das disputas entre os grupos políticos, foi iniciada uma sequência de punições e os adversários foram guilhotinados, condenados como traidores da Revolução. Em geral, se define o fim do Terror com a morte de Robespierre.

tempo aconselhava os aliados a não intervir em uma guerra civil (FRIGUGLIETTI, 1972, p. 584-585).

Quando Lênin assinou o tratado com a Alemanha (Tratado de Bret-Litovsky), Mathiez deixou de tratar da Revolução Russa até 1920, quando se tornou um admirador de Lênin (encarnação de Robespierre), defendendo-o em artigos escritos naquele ano, e se juntando ao recém fundado Partido Comunista Francês, onde ficou até 1922 (FRIGUGLIETTI, 1972, p. 584-585).

Por sua vez, a posição de Mathiez emitida em 1920 sobre a guerra da Rússia contra os alemães e sua crítica ao Tratado de Bret-Litovsky tinha como substrato as analogias com os conflitos de 1793-1794. Ele recorreu assim à ideia de guerra defensiva, situação limite (catastrófica) que justificaria a ditadura do partido. Em certa medida, a posição de Mathiez acompanhou assim a reavaliação acerca da guerra entre os socialistas franceses e os recém criados partidos comunistas. Naquele contexto, ao mesmo tempo que rejeitava a guerra imperialista, ampliando o pacifismo herdeiro da II Internacional, valorizou a guerra revolucionária de emancipação e de defesa da revolução socialista. A presença do pacifismo em parte dos socialistas franceses, como entre os sindicalistas que aderiram à SFIO, impediu uma aproximação imediata destes com o bolchevismo. Tal pacifismo era fortemente orientado por uma leitura da *Belle Époque* que contrapunha civilização e barbárie, inserindo assim a guerra como contraponto à civilização. A posição destes socialistas foi se alterando gradualmente, segundo Vigreux não em 1914, mas depois de 1917, quando o pacifismo não oferecia nenhuma alternativa diante de um momento de brutalização e nascimento da cultura de guerra (VIGREUX, 2003, p. 16; ARECO, 2015, p. 50).

Bolcheviques e jacobinos

Em 1920, Mathiez publicou pela *Librairie du Parti socialiste et de l'Humanité* [Biblioteca do Partido socialista e do L'Humanité] uma brochura que teve importante circulação intitulada *Bolchévisme et jacobinisme* [Bolchevismo e jacobinismo]⁸. O historiador francês não deixava dúvida acerca dos objetivos de seu *pamphlet*:

⁸ No mesmo ano Mathiez publicou *Lénine et Robespierre*, em 12 de junho de 1920, no *Floréal: l'hebdomadaire illustré du monde du travail* [Floréal: cotidiano ilustrado do mundo do trabalho]. O próprio título do periódico é sugestivo: Floreal era o oitavo mês do calendário criado pelos revolucionários franceses do século XVIII.

Eu gostaria de mostrar, através de uma breve análise, que entre os métodos dos Bolcheviques e aqueles dos Montanhesees franceses, as analogias não são apenas aparentes mas que existem entre um e outro relações estreitas assim como um parentesco lógico (MATHIEZ, 1920, p. 3)

Entre a França e a Rússia revolucionárias Mathiez identificava uma série de semelhanças, enfatizando que ambas enfrentaram problemáticas bastante semelhantes utilizando os mesmos recursos. Em seus termos:

Jacobinismo e bolchevismo são igualmente duas ditaduras, nascidas da guerra civil e da guerra estrangeira, duas ditaduras de classe, operam pelos mesmos meios, o terror, a requisição ou as taxas, e se propõem, em uma última análise um propósito semelhante, a transformação da sociedade, e não somente da sociedade russa ou da sociedade francesa, mas da sociedade universal. (MATHIEZ, 1920, p. 3-4)

Ele segue então apontando as similitudes. Tanto em uma como em outra se manifestava o tema da construção de uma base estatal de nova ordem. E, mais particularmente, como conseguir a adesão do campesinato? Lenin, assim como Robespierre, não podia ser confundido com Hebert. Ambos evitaram a “moderação, mas também a exasperação”. Foram hábeis em conjugar e ceder, quando necessário, aos interesses da classe antagônica, com a adequação da tática e método à fase de desenvolvimento dada em cada situação. Ao fazer isso, lograram dirigir os grupos aliados, mas em um processo de consolidação mais longo e, concomitantemente, mais sólido. Essa teria sido exatamente a tática do jacobino diante dos pequenos proprietários e comerciantes. E, nas duas situações, a população rural aderiu em razão dos ganhos materiais que os grupos revolucionários lhes concederam (MATHIEZ, 1920, p. 11).

Então Mathiez indica que os bolcheviques e os jacobinos são ambos realistas, que ele define como a capacidade de adequação à realidade dos fatos, à circunstância dada, e seria esse realismo que permitiu que eles pudessem dirigir a classe que pretendiam assimilar. Isto é, o realismo levou-os a aplicar uma política moderada e de concessões e a utilizar o mecanismo da ditadura: nas duas situações eram os objetivos que justificam os instrumentos utilizados, esses adequados à lógica das circunstâncias.

Ambos representam interesses que não são deles, mas dos estratos populares. São elites (intelectuais e sociais) e se apoiam nos estratos inferiores. A

política jacobina era contraditória ao interesse do antigo regime, mas também da grande burguesia financeira e industrial. E a revolução do século XX aprofundaria a anterior e “os bolcheviques simplesmente aperfeiçoaram os métodos jacobinos”. (MATHIEZ, 1920, p. 11)

Ao se ampararem nos estratos sociais subordinados teriam também uma identidade no que diz respeito aos objetivos. Apesar dos jacobinos serem apontados como defensores dos direitos individuais, em diferentes ocasiões esses direitos foram subordinados ao interesse coletivo. E lá, assim como entre os russos, o grupo minoritário portador desses interesses eram como que conduzidos pelos eventos e pelas forças sociais que representavam. Foram os clubes jacobinos que ditaram, por exemplo, a lei do máximo e depois contribuíram no enfrentamento da resistência a ela no primeiro ano. Da mesma forma, não foram os revolucionários russos que criaram os *soviets*. O argumento utilizado aqui por Mathiez é recorrente em seus textos como resposta àqueles que criticavam o terror identificando nesse período da história uma ausência de sentido histórico, um despropósito abstrato criado por indivíduos que se julgavam iluminados. O argumento é então expandido para se tratar da Revolução Russa: ela era historicamente coerente com o desenvolvimento da sociedade russa e os líderes orientados e animados por objetivos que eram os mesmo da massa que guiavam (ARECO, 2016, p. 124).

Ambas se apoiaram na cidade e o meio urbano: “sua origem e sua força” (MATHIEZ, 1920, p. 5) e tiveram que lidar com os riscos internos ao partido - parlamentarismo no presente e o domínio dos funcionários na França. Apesar dos riscos intrínsecos, ele argumentará que os grandes adversários teriam origem no exterior do grupo revolucionário e aponta a possibilidade de um outro 9 *Termidor* ou novo 18 *Brumário* (MATHIEZ, 1920, p. 21-22).

Outra similitude: à primeira vista, o nacionalismo francês seria a antítese do internacionalismo bolchevique. Nada mais equivocado, argumenta Mathiez. A ideia de direitos dos homens e a luta pelas ideias da revolução fora da França não poderia ser aproximada do internacionalismo dos russos?

As aproximações entre as duas revoluções são feitas tanto em nome da forma (estratégias de luta) como do conteúdo. Essa forte aproximação, que indica certo descuido com as diferenças dos dois grupos políticos, manifesta um evidente uso da história em um contexto em que o passado era fortemente mobilizado nas batalhas políticas do presente. Foi um tipo de discurso fortemente utilizado nos

debates políticos da época, seja fora da Rússia e mesmo entre os bolcheviques (como fez Lenin) (KONDRATIEVA, 1989, p. 112).

Mais do que uma justificativa, as referências ao passado também contribuíram para se compreender os eventos em curso. A construção de analogias ajudava a iluminar o desencadeamento dos eventos, as reações que podiam ocorrer, os caminhos a trilhar, etc. A Revolução Francesa parecia dotada de uma função heurística, explicativa. Entre os historiadores, Kondratieva mostrou a retomada de estudos sobre a França do século XVIII naquele contexto em que uma nova revolução se afirmava, agora no Oriente.

Considerações finais

Mathiez assumiu uma posição um pouco particular no que se pode chamar de socialismo francês no período da I Guerra, já que para alguns - como Vovelle, 2004 - ele pode antes ser situado como um republicano radical, herdeiro daquele espírito dos jacobinos de 1793. Mas, em certa medida, ele expressa um contexto no qual as posições políticas eram ainda bastante orientadas pela trajetória passada, na qual 1789, 1848 e 1871 exerciam ainda a função de orientar os projetos e as ações dos sujeitos políticos. Não por acaso, a história emerge fortemente nos debates daquele contexto e assumia uma função heurística. Com a Revolução de 1917 (de fevereiro e de outubro), o terreno das posições políticas começa a ser aplainado, criando novas opções de posições políticas - como o comunismo vinculado à III Internacional - e, por consequência, um novo arranjo entre essas posições.

Todo esse movimento intelectual e político se manifestou no periódico *L'Humanité*, que apresentava em suas páginas, de forma recorrente, um uso do passado. Isso era feito com a oposição à política militar de Poincaré e à própria participação do país na guerra, colocando de forma justaposta uma recusa à guerra imperialista com a celebração do passado não-intervencionista da I República. Toda a ideia do país como nação guia da democracia republicana emergia, em especial nos textos de 1917. Mathiez seguia também essa forma de abordar o tema e os problemas do presente.

Mais tarde, o pacifismo deixava de ser um guia orientador. No contexto no qual a cultura bélica se afirmava, o discurso nacionalista ganhava corpo e a Rússia

era atacada (o acordo com a Alemanha foi celebrado em 1920), aquela posição passava a ser problematizada. Não que a guerra de intervenção fosse objeto de apoio, mas começava a se elaborar a noção de guerra revolucionária. Como aparece nos textos de Mathiez essa formulação estava vinculada às concepções muito particulares, de forma que eram as circunstâncias que exigiam tais soluções.

Dessa maneira, pode-se dizer que o socialismo francês ganhou configurações diversas depois de 1917, ao mesmo tempo que uma leitura sobre a Revolução Russa era elaborada entre os intelectuais e políticos do país que era, até então, considerado a vanguarda das lutas emancipatórias na Europa.

Fontes

AU défenseur de la justice internationale. *L'Humanité*, Paris, 14 de dezembro de 1918, p. 2.

LA manifestation de la Ligue des droits de l'homme en honneur de la Révolution russe. *L'Humanité*, Paris, 02 de abril de 1917, p. 1-2.

LE salut à la Révolution russe et l'hommage aux États-Unis. *L'Humanité*, Paris, 17 de abril de 1917, p. 2.

LE libéralisme du haut enseignement. *L'Humanité*, Paris, 08 de agosto de 1919, p. 2.

LES livres: "Études robespierristes". *L'Humanité*, Paris, 27 de março de 1917, p. 2.

MATHIEZ, Albert. *Bolchévisme et jacobinisme*. Paris: Librairie du Parti socialiste et de l'Humanité, 1920.

MATHIEZ, Albert. *História da revolução francesa*. São Paulo: Atena, [19-]. 3v.

Referências

ARECO, Sabrina. Antonio Gramsci e Albert Mathiez: jacobinos e jacobinismo nos anos de guerra. *Outubro*, 24, p. 37-60, 2015.

ARECO, Sabrina. *Passado e presente: a Revolução Francesa no pensamento de A. Gramsci*. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

COURBAN, Alexandre. *L'Humanité* dans la mêlée (1914-1918), *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, 92, 2003. Disponível em: <<http://chrhc.revues.org/1401>>. Consultado em: 05 de novembro de 2017.

DI BIAGIO, Anna. Hegemonia leninista, hegemonia gramsciana. In: AGGIO, Alberto. HENRIQUES, Luiz Sérgio. VACCA, Giuseppe (Orgs.). *Gramsci no seu tempo*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

DUCANGE Jean-Numa. TCHOUDINOV, Alexandre. La Révolution comme modèle et miroir (URSS, Chine, Japon), *Annales historiques de la Révolution française*, 2017/1 (n° 387), p. 3-8. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-Annales-historiques-de-la-revolution-francaise-2017-1-page-3.htm>>. Acesso em: 07 de setembro de 2017.

FRIGUGLIETTI, James. La querelle Mathiez-Aulard et les origines de la Société des études robespierristes. *Annales historiques de la Révolution française*, 353. Armand Colin, Société des études robespierristes, 2008.

FRIGUGLIETTI, James. Albert Mathiez, an Historian at War. *French Historical Studies*. v. 7, n. 4, pp. 570-586, 1972.

FRIGUGLIETTI, James. *Albert Mathiez, historien révolutionnaire (1874-1932)*. Paris: Société des études robespierristes, 1974.

GOUSSOT, Alain. Jaurès et les intellectuels italiens. In: REBÉRIOUX, Madeleine. *Jaurès et les intellectuels*. Paris: Editions de l'Atelier, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos reveem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JAURÈS, Jean. DUCANGE, Jean-Numa (org.). *Le socialisme et la Révolution française*. Paris: Demopolis, 2010.

KONDRATIEVA, Tamara. *Bolcheviks et Jacobins*. Paris: Payot, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *Futures past: on the semantics of historical time*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

LAURENT, Dominique A.t. Woodrow Wilson, *L'Humanité* et la SFIO, décembre 1918-juin 1919, *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, 114, 2011. Disponível em: < <http://chrhc.revues.org/2266>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

ROSANVALLON, Pierre. *Le sacre du citoyen: histoire du suffrage universel en France*. Paris: Gallimard, 1992.

VIGREUX, Jean. Les paysans communistes. In: *Le siècle des communistes*. DREYFUS, Michel. GROppo, Bruno. INGERFLOM, Claudio Sergio *et al* (Orgs). Paris: Editions de l'Atelier, 2000.

VOVELLE, Michel. *Combates pela Revolução Francesa*. Bauru: EDUSC, 2004.

Arte e revolução em Trotsky e Breton

Michel Goulart da Silva¹

Resumo: Neste artigo discute-se o manifesto “Por uma arte revolucionária independente”, redigido por André Breton e Leon Trotsky. Para tanto, se problematiza o contexto de sua escrita, marcado pelas experiências stalinistas e nazistas no campo da criação artística e da organização dos escritores. Por outro, aponta-se os principais elementos defendidos pelos autores do manifesto.

55

Palavras-chave: Arte. Revolução. Socialismo.

Abstract: This article discusses the manifesto “For an independent revolutionary art” written by André Breton and Leon Trotsky. For that, the context of his writing, marked by Stalinist and Nazi experiences in the field of artistic creation and the organization of writers, is problematized. On the other hand, the main elements defended by the authors of the manifesto are pointed out.

Keywords: Art. Revolution. Socialism.

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

Introdução

Nos últimos meses, vimos a ampliação da coerção ou mesmo da censura a um conjunto de manifestações artísticas, se materializando principalmente na proibição da exibição ou exposição de obras. Para isso, são apresentando discursos bastante moralistas, confundindo coisas bastante diferentes, como nudez, sexualidade e sexo. Esse cenário de aumento da coerção à criação artística lembra, em certa medida, o contexto de fortalecimento das experiências estéticas autoritárias da década de 1930.

Em julho de 1938, foi publicado o manifesto de fundação da Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI), intitulado *Por uma arte revolucionária independente*, redigido pelo poeta surrealista francês André Breton e pelo revolucionário russo Leon Trotsky. Organização internacional de vida curta, a FIARI deve sua efêmera existência tanto a uma conjuntura marcada pela proximidade de uma guerra mundial, colocando em cena tanto a máquina de guerra nazista como a política do aparato stalinista que dominava as principais organizações artísticas do mundo e que fazia a defesa da burocracia que governava a União Soviética.

Embora algumas partes do manifesto da FIARI tenham sido superadas pela dinâmica história, como suas críticas conjunturais ao fascismo e ao stalinismo, que não possuem contemporaneamente a mesma força política e ideológica observáveis na década de 1930, ou a não iminência de uma guerra mundial, muitos dos elementos discutidos no documento se mostram ainda atuais. Pode-se afirmar que o manifesto permanece “um terreno fértil em várias de suas passagens, trazendo à tona uma redefinição revolucionária sobre a simbiose entre arte e política (MACHADO, 2016, p. 176). Neste ensaio buscar-se-á analisar alguns desses elementos do manifesto da FIARI.

Arte e revolução

O encontro entre o poeta francês e o revolucionário russo exilado não se deu por acaso. Breton e Trotsky tinham mostrado uma profunda convergência teórica, em textos publicados nos anos anteriores. No ano de 1935, em um desses textos, Breton (1985, p. 184) afirmava que “a atividade de interpretação do mundo deve continuar a estar ligada à atividade de transformação do mundo”, sendo

função do poeta ou do artista “aprofundar o problema humano sob todas as suas formas”. Segundo Breton, essa “conduta *ilimitada* de seu espírito” carrega “um valor potencial de mudança do mundo”, reforçando “a necessidade da mudança econômica deste mundo” (BRETON, 1985, p. 184). Poucos anos depois, esse entendimento da atividade do artista como ação de transformação social também foi defendido por Trotsky. Segundo o revolucionário russo, escrevendo poucos meses antes da redação do manifesto da FIARI,

o homem expressa na arte a sua exigência da harmonia e da plenitude de existência – quer dizer, do bem supremo do qual é justamente a sociedade de classe que o priva. Por isso, a criação artística é sempre um ato de protesto contra a realidade, consciente ou inconsciente, ativo ou passivo, otimista ou pessimista (TROTSKY, 1985, p. 91).

Outro ponto de convergência entre Trotsky e Breton parece ser em relação à crítica ao stalinismo, inclusive seu modelo estético. Segundo Trotsky (1985, p. 95), “a arte da época stalinista permanecerá como a expressão mais crua da profunda decadência da revolução proletária”, onde “os artistas dotados de caráter e talento são, em geral, marginalizados”. O poeta francês, por sua vez, afirma:

Nós nos levantamos, em arte, contra toda concepção regressiva que tenda a opor o conteúdo à forma, para sacrificar esta àquela. A passagem dos poetas autênticos de hoje para a poesia de propaganda inteiramente exterior, como é definida, significa para eles a negação das determinações históricas da própria poesia (BRETON, 1985, p. 184).

No período de redação do manifesto, Trotsky, exilado no México, era um dos articuladores de uma nova internacional, que tinha como objetivos organizar os militantes revolucionários que rompiam com os partidos comunistas em todo o mundo. Breton, por sua vez, bem como os escritores que permaneciam fiéis aos princípios do surrealismo, tinham sido desligados do Partido Comunista. Em 1935, o Congresso Internacional dos Escritores, ocorrido na cidade de Paris, foi palco de duras polêmicas, em torno das posições defendidas pelos surrealistas. Nesse embate, os organismos culturais dirigidos pelo stalinismo “levaram a um processo de difamação e marginalização do movimento surrealista dentro da esquerda” (MACHADO, 2016, p. 52).

O manifesto da FIARI fez o chamado à construção de uma organização internacional que reunisse artistas, intelectuais, cientistas e outros amigos da arte, independentes do fascismo, da democracia imperialista e do stalinismo.

No texto, Trotsky e Breton propunham uma plataforma internacionalista com independência de classe na arte e na política, ao mesmo tempo que alertavam para o perigo do nazismo e da burocracia stalinista para as artes. Trotsky e Breton entendiam que o nazismo e o stalinismo tinham como objetivo eliminar os artistas que ousavam expressar em alguma medida a defesa da liberdade, transformando-os em seguidores das diretrizes defendidas pelo Estado. Na Alemanha e na União Soviética se procurava eliminar ou cooptar movimentos e artistas independentes, principalmente aqueles que estivessem associados às vanguardas.

Para Adolf Hitler, as vanguardas eram o exemplo de um processo de involução da produção artística. Segundo o líder nazista, como sintoma de uma sociedade em decadência, observa-se que “quanto mais baixas e desprezíveis forem as produções intelectuais de um determinado tempo e os seus autores, tanto mais odeiam esses os representantes de uma grandeza passada” (HITLER, 2016, p. 195). Hitler, ao mesmo tempo em que exaltava o passado da cultura e da arte da Alemanha, fazia a descrição de um cenário catastrófico, afirmando:

Quase em todos os domínios da arte, sobretudo no teatro e na literatura, desde o fim do século, os autores se preocupavam menos em produzir alguma coisa de valor real do que denegrir o que havia de melhor no passado, apontando essas obras-primas como medíocres e passadistas, como se, nos tempos atuais, que se caracterizam pela mais vergonhosa mediocridade, pudesse alguém lançar essa pecha sobre as grandes produções do passado” (HITLER, 2016, p. 197).

No governo, os nazistas viriam a impor uma arte voltada para à exaltação e à propaganda dos feitos da Alemanha. A proposta estética nazista corresponde a uma tentativa de resgate anacrônico da arte clássica, visando

uma apropriação na qual o conceito de Belo é parte integrante de uma ideologia biológica moderna. Uma dissociação entre ética e estética pauta a prática política nazista, que enraizado num modelo de Estado totalitário, ramifica uma estética ancorada no mito das raças superiores (MACHADO, 2016, p. 48).

Na União Soviética, ganhavam força propostas estéticas que visavam orientar a produção artística do país, centradas no chamado *realismo socialista*, a partir da década de 1930. Parte dessas formulações estéticas, embora tenham sido defendidas anteriormente por diferentes grupos, foram oficializadas no I Congresso dos Escritores Soviéticos, de 1934. Nesse contexto, em que a burocracia

stalinista visava afirmar-se no poder, o partido governante “exigia a necessidade de unificação entre artistas revolucionários dentro de um único modelo estético (MACHADO, 2016, p. 50). Essas formulações estéticas se baseavam na ideia de que os artistas deveriam descrever e generalizar o “heroísmo com que o povo trabalha na construção do país” (ZHDANOV, 1971, p. 75). Seria esperado dos artistas

um autêntico armamento ideológico, o alimento espiritual que o ajude ao cumprimento dos planos para a restauração e maior desenvolvimento da economia nacional no nosso país. O povo soviético coloca exigências elevadas aos escritores; pretende que sejam satisfeitos os seus anseios ideológicos e culturais (ZHDANOV, 1971, p. 85).

Esses objetivos seriam alcançados pelos artistas se incorporassem uma espécie de método científico na criação de suas obras. Nesse sentido,

guiado pelo método do realismo socialista, estudando conscientemente e atentamente nossa realidade, esforçando-se por penetrar mais profundamente na essência do processo do nosso desenvolvimento, o escritor deve educar o povo e prepará-lo ideologicamente (ZHDANOV, 1971, p. 93).

Como ocorria na Alemanha, na Rússia não havia espaço para que as correntes artísticas independentes pudessem se consolidar, na medida em que os artistas eram coagidos a aceitar as formulações estéticas que cumprissem o papel das ideologias de Estado. Como afirma-se no manifesto da FIARI,

o fascismo hitlerista, depois de ter eliminado da Alemanha todos os artistas que expressaram em alguma medida o amor pela liberdade, fosse ela apenas formal, obrigou aqueles que ainda podiam consentir em manejar uma pena ou um pincel a se tornarem os lacaios do regime e a celebrá-lo de encomenda, nos limites exteriores do pior convencionalismo. Exceto quanto à propaganda, a mesma coisa aconteceu na URSS durante o período de furiosa reação que agora atingiu seu apogeu (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 37).

Muitos elementos do manifesto da FIARI permanecem bastante atuais. Apesar das mudanças na conjuntura social e política, a forma capitalista de produção da vida ainda persiste e é dominante em todo o mundo. Considerando que o fascismo é a face autoritária do regime de classes, não seria exagero considerar a possibilidade, caso haja necessidade, de que a burguesia possa fazer uso de regimes de força com características fascistas como resposta a uma crise econômica ou à radicalização da luta dos trabalhadores. O manifesto da FIARI

não se limitava a prever que a guerra se aproximava, mas também apontava que a burguesia ameaçava o mundo com suas armas e modernas técnicas de morte, que ainda permanecem sendo utilizadas nos campos de batalha. Portanto, mesmo que o manifesto tenha sido escrito em uma conjuntura diferente, contemporaneamente persiste uma sociedade dominada pelo capital e, ainda que mudem os governos ou mesmo os regimes políticos, persiste a dominação de classe que a cada conjuntura pode assumir as mais variadas faces.

Por outro lado, a questão do stalinismo, embora seus aparatos estatais tenham ruído, não perdeu sua atualidade, pois persiste ainda uma de suas políticas mais poderosas: as frentes populares. No que diz respeito à arte, os governos de frente popular, baseados na unidade política de partidos operários com setores da burguesia, assumem uma postura de eleger uma cultura “popular” para transformá-la em mercadoria. Sob o discurso de preservar a “tradição” – mesmo que esta seja machista, sexista, racista etc. – esses governos traçam uma política que privilegia manifestações culturais que, não sendo produtos criados pela indústria cultural, supostamente expressam o “povo” e as formas locais de “cultura”. Contudo, essa cultura escolhida como tradicional expressa muito mais uma dominação política e econômica de classe do que manifestações culturais do conjunto desses grupos sociais. Como consequência, valoriza-se somente uma cultura escolhida como “popular”, criando-se artificialmente identidades comuns ao “povo” e ideologias de justificação e transformando patrimônios culturais em chamariz turístico, portanto, em mercadoria.

Outro elemento relacionado à FIARI que permanece atual é a defesa da liberdade da arte, opondo-se a qualquer coerção externa. No manifesto, afirma-se que “a arte não pode consentir sem degradação em curvar-se a qualquer diretiva estrangeira e a vir docilmente preencher as funções que alguns julgam poder atribuir-lhe, para fins pragmáticos, extremamente estreitos” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 40). Reivindica-se para o artista a livre escolha de temas, sem restringir o campo de exploração de sua criatividade, ou seja, “em matéria de criação artística, importa essencialmente que a imaginação escape a qualquer coação, não se deixe sob nenhum pretexto impor qualquer figurino” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 41). Ademais, diante das pressões para que o artista consinta que a arte seja “submetida a uma disciplina que consideramos radicalmente incompatível com seus meios”, no manifesto opõe-se “uma recusa

inapelável e nossa vontade deliberada de nos apegarmos à fórmula: *toda licença em arte*” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 42).

Segundo o manifesto, esse é o único caminho para se chegar a uma arte que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade. Para os criadores da FIARI, essa arte precisa ser revolucionária, “tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade”, mesmo que seu objetivo seja apenas “libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 37-8).

Para os autores do manifesto da FIARI, o capitalismo não pode permitir essa liberdade para a arte. Sua lógica interna, de intensa valorização de mercadorias e reprodução da mais valia, permite às dissidências apenas que se adaptem e se tornem produto vendável. No manifesto afirma-se que,

na época atual, caracterizada pela agonia do capitalismo, tanto democrático quanto fascista, o artista, sem ter sequer necessidade de dar a sua dissidência social uma forma manifesta, vê-se ameaçado da privação do direito de viver e de continuar sua obra pelo bloqueio de todos os seus meios de difusão (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 44).

O declínio da sociedade capitalista provoca uma exacerbação insuportável das condições sociais, traduzindo-se em contradições individuais, dando origem a uma exigência ainda mais exaltada de uma arte libertadora. O capitalismo decadente é incapaz de oferecer condições mínimas para o desenvolvimento de correntes artísticas. Nesse sentido, segundo o manifesto, na sociedade capitalista o que a arte conserva de individualidade, “naquilo que aciona qualidades subjetivas para extrair um certo fato que leva a um enriquecimento objetivo”, tudo isso “aparece como o fruto de um *acaso* precioso, quer dizer, como uma manifestação mais ou menos espontânea da *necessidade*” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 36). Como resposta a essa situação da arte na sociedade capitalista, os autores afirmam:

a arte verdadeira, a que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje, tem que ser revolucionária, tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que fosse apenas para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a

humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 37-8).

Essa arte define-se em sua relação com a revolução. Nesse sentido a “oposição artística”, segundo o manifesto, é “uma das forças que podem com eficácia contribuir para o descrédito e ruína dos regimes que destroem, ao mesmo tempo, o direito da classe explorada de aspirar a um mundo melhor e todo sentimento da grandeza e mesmo da dignidade humana” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 39). Nesse sentido, os autores do manifesto são claros em definir como “tarefa suprema da arte”, na sociedade capitalista, a participação consciente e ativa na “preparação da revolução” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 43). No entanto, alertam os autores:

o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado subjetivamente de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 43).

Essas formulações expressam algumas das teses de Trotsky acerca da literatura, apresentadas em 1924. Na obra *Literatura e revolução*, Trotsky afirma que a arte não pode permanecer

indiferente às convulsões da época atual. Os homens preparam os acontecimentos, realizam-nos, sofrem seus efeitos e se modificam sob o impacto de suas reações. A arte, direta ou indiretamente, reflete a vida dos homens que fazem ou vivem os acontecimentos (TROTSKI, 2007, p. 35).

Contudo, para Trotsky, essa compreensão não significa a defesa de uma arte aos moldes do realismo socialista ou mesmo de uma cultura proletária, defendidos pelo stalinismo. Para Trotsky, seria “falso opor a cultura e a arte burguesas à cultura e à arte proletárias”, na medida em que o regime proletário é transitório. Para o revolucionário russo, “a significação histórica e a grandeza moral da revolução proletária residem no fato de que ela planta os alicerces de uma cultura que não será de classe, mas pela primeira vez verdadeiramente humana” (TROTSKI, 2007, p. 37). Essas afirmações desdobram-se no entendimento de que

a arte da revolução, que reflete abertamente todas as contradições de um período de transição, não deve se confundir com a arte socialista, para a qual as bases ainda não existem. Não se pode esquecer, entretanto, que a arte socialista surgirá do que se fizer nesse período (TROTSKI, 2007, p. 180).

Essa compreensão do desenvolvimento da arte no socialismo também é expressa por André Breton, especialmente no *Segundo manifesto do surrealismo*, publicado em 1930. Breton (1985, p. 130) afirma não acreditar “na possibilidade de existência atual de uma literatura ou de uma arte exprimindo as aspirações da classe operária”. Segundo Breton (1985, p. 130), “em período pré-revolucionário o escritor ou o artista, de formação necessariamente burguesa, é por definição incapaz de traduzi-la”. O poeta surrealista afirma que seria falsa

toda iniciativa de defesa e ilustração de uma literatura e arte ditas ‘proletárias’ numa época em que ninguém pode reivindicar a cultura proletária, pela excelente razão de não se ter ainda podido realizar esta cultura, mesmo em regime proletário (BRETON, 1985, p. 130-1).

Retornando ao manifesto da FIARI, pode-se apontar como outro aspecto de relevante atualidade a questão da organização dos artistas. Os autores do manifesto partiam do diagnóstico de que “milhares e milhares de pensadores e de artistas isolados, cuja voz é coberta pelo tumulto odioso dos falsificadores arregimentados, estão atualmente dispersos no mundo” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 45). Naquele contexto, o fascismo difamava como “degeneração” toda a tendência progressista que reivindicasse a independência da arte, por outro o stalinismo declarava como fascistas essas mesmas tendências. Diante dessa situação, os autores do manifesto afirmam ter como objetivo

encontrar um terreno para reunir todos os defensores revolucionários da arte, para servir à revolução pelos métodos da arte e defender a própria liberdade da arte contra os usurpadores da revolução. Estamos profundamente convencidos de que o encontro nesse terreno é possível para os representantes de tendências estéticas, filosóficas e políticas razoavelmente divergentes (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 45).

O manifesto faz um chamado à arte revolucionária independente a unir-se contra as perseguições, em defesa do seu direito de existir, sendo tal união a proposta central de organização da FIARI. Realista ou abstrata, surrealista ou concreta, subjetiva ou descritiva, para os autores do manifesto da FIARI não havia qualquer limite estético para a arte que se colocasse ao lado da revolução. Para Breton e Trotsky, não caberia à revolução selecionar e censurar as escolhas estéticas feitas pelos artistas, numa postura autoritária e burocrática, como a do stalinismo e sua imposição da estética do realismo socialismo. Como afirma-se no manifesto

da FIARI, “a revolução comunista não teme a arte” (BRETON & TROTSKY, 1985, p. 39).

Considerações finais

Neste momento em que setores conservadores parecem se levantar em uma batalha contra a arte independente, talvez seja preciso retomar algumas lições deixadas pelo manifesto de Breton e Trotsky. Primeiro, a necessidade de compreender que a arte não pode sofrer qualquer tipo de coação, cabendo ao Estado o papel de apoiá-la. Segundo, que o engajamento político em arte não significa fazer obras que sejam uma mera cópia da realidade, mas manifestar por meio da expressão estética as contradições sociais, sem a imposição de regras externas ao artista. Terceiro, que diante da tentativa de tolher a arte, por meio a repressão ou da coerção, os artistas precisam se organizar em nome da defesa da sua liberdade. O artista que dá livre vazão às sensações é um inimigo declarado do realismo moralista, do conservadorismo e da censura.

Referências

- BRETON, André. **Manifestos do surrealismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRETON, Andre; TROTSKY, Leon. Por uma arte revolucionaria independente. In: FACIOLI, Vicente (org.). **Breton & Trotsky**. São Paulo: Paz e Terra/Cemap, 1985.
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Centauro, 2016.
- MACHADO, Afonso. **Modernidade e a estética do credo vermelho: sobre o conceito de arte revolucionária no Brasil (1930 - 1949)**. São Paulo: Edições Iskra, 2016.
- TROTSKY, Leon. A arte e a revolução. In: FACIOLI, Vicente (org.). **Breton & Trotsky**. São Paulo: Paz e Terra/Cemap, 1985.
- TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Operário e mulher kolkosiana: a principal obra de Vera Mukhina

Lucas Rossi Gervilla¹

Rosangella Leote²

Jorge Ribail Reyes³

Resumo: O presente artigo faz uma revisão histórica do monumento Operário e Mulher Kolkosiana, criado em 1937 pela escultora soviética Vera Mukhina. A obra não só representa o padrão do Realismo Socialista na escultura, mas também teve grande importância política, sendo até hoje um dos símbolos do socialismo. Para tanto, é discutida a origem do Realismo Socialista e sua importância política além de seu papel divergente do Construtivismo.

65

Palavras-chave: Arte Russa, Construtivismo, Escultura, Operário e Mulher Kolkosiana, Realismo Socialista, Vera Mukhina.

Abstract: This paper brings a historical review about the monument “Worker and Kolkhoz Woman”, created by the soviet sculptor Vera Mukhina in 1937. This piece not only represents the Socialist Realism standards in sculpture, but also had great political relevance and stands as one of the main symbols of Socialism to date. Therefore is discussed the origin of Socialist Realism and its political value besides its divergent role from Constructivism.

Key words: Constructivism, Russian Art, Sculpture, Socialist Realism, Vera Mukhina, Worker and Kolkhoz Woman.

¹ Lucas Rossi Gervilla - Mestrando em Artes no Instituto de Artes da UNESP – lucas.gervilla@gmail.com.

² Rosangella Leote - Pós-Doutora em Arte Media (UAb - PT), Doutora em Ciências da Comunicação (ECA - USP), docente em PPG em Artes UNESP – rosangellaleote@gmail.com.

³ Jorge Ribail Reyes - Doutorando em Artes no Instituto de Artes da UNESP. Bolsista PEC-PG CAPES – makandal71@gmail.com.

Introdução

Operário e Mulher Kolkosiana⁴ é a obra mais importante da escultora soviética Vera Ignatyevna Mukhina (1889 - 1953). Criado em 1937, o trabalho definiu um novo padrão na arte monumental soviética e no que viria a ser chamado de Realismo Socialista, sendo até hoje uma referência mundial no estilo e um símbolo da Revolução Russa. Para se entender a magnitude dessa obra, e compreender como surgiram os movimentos artísticos desse período é necessário, antes, abordar o papel das artes na Rússia pré e pós-revolução.

Quando os Bolcheviques, liderados por Vladimir Lênin (1870 – 1924), fundador do Partido Comunista da União Soviética - PCUS, poder da Rússia, através da Revolução de 1917, eles rapidamente começaram a implantar o seu novo plano de governo, com o objetivo “de utilizar o poder do proletariado para a organização do socialismo, a supressão de classes e a transição à sociedade sem classes, à sociedade sem Estado⁵. Nesse momento, a arte teve um papel importante, ajudando a propagar pelo país os ideais revolucionários e, portanto, “informar e educar” (VON LAUE, 1996:11) a população. A escultura teve uma presença importante para a Revolução, pois os líderes soviéticos acreditavam que os monumentos deveriam refletir a força da nova nação que estava surgindo.

Arte e Revolução

No ambiente artístico da Rússia no período anterior à revolução socialista, era comum dividir as tendências entre a *direita*, os partidários da tradição e do realismo, e a *esquerda*, os “inovadores”. Essa última, foi a linha de pensamento que veio a se tornar o Construtivismo. Nessa época, era evidente um clima tenso dentro

⁴ Kolkosiana e Kolkosiano foi o neologismo usado para nomear os trabalhadores dos Kolkhoz que eram o tipo de propriedade coletiva criada na URSS abolida a propriedade privada dos camponeses. Em uma tradução interpretativa se poderia dizer “camponesa”, como se encontra em algumas publicações em nossa língua. Porém, o peso da palavra “Kolkhoz” seria amenizado. Assim, uma mulher que trabalha num Kolkhoz representa seu perfil político e estado social, coletivo e de acordo com os princípios que Stálin projetava em seu governo. Os Kolkhoz, criados pelo governo soviético com base no Código Agrário de 1922, se distinguem, politicamente, dos Kulaks que eram propriedades privadas mais vastas e ricas para os padrões da Rússia da época. Seus proprietários eram vistos como avessos ao poder do povo, tendo sido seus bens confiscados. Mas, há o terceiro tipo de propriedade, que era coletiva, porém estatal, nomeada como Sovkhoz.

⁵ Referência atribuída a Lênin segundo o Dicionário de filosofia e sociologia marxista, assinado pelo P. Iudin e M. Rosental (1939) traduzido e publicado em Espanhol pela Editorial Séneca de Buenos Aires em 1959.

da classe artística, afinal, existiam muitas tendências, polêmicas, desacordos e antagonismos a maior parte tingida pela política e pela séria transformação social que emergia. Não é possível estabelecer limites cronológicos certos; os artistas trocavam de tendência, formavam novos grupos e assinavam novos manifestos com aparente arbitrariedade; muitas vezes motivados por interesse não artísticos, mas ideológicos. Para Andris Teikmanis, nesse período, era “impossível se evitar questões de engajamento político entre os artistas e nas artes (2013: 97)”.

Nestes anos, os artistas dos diferentes grupos foram chamados para trabalharem como professores dos recém fundados institutos artísticos de Moscou e de Petrogrado⁶. Poderíamos dizer que o núcleo principal de debates acerca da arte e seus usos estava no Instituto de Cultura Artística de Moscou (INKHUK). Fundado por Anatoli Vasilevitch Lunatcharski (1875 - 1933) e dirigido por Wassily Kandinsky⁷ (1866 - 1944), incluiu, no começo do seu programa acadêmico, as principais correntes das artes daquele momento. As discussões aconteciam em qualquer parte e qualquer hora. Destes debates surgiu, de um lado o grupo de Kazimir Malevitch⁸ (1878 - 1935), figura central do Suprematismo, que acreditava que a arte deveria libertar-se de toda tendência material ou social. Do outro lado, se enfileiravam Vladimir Tatlin⁹ (1885 - 1953), Alexander Rodtchenko¹⁰ (1891 - 1956) e Vladimir Maiakovski (1893

⁶ Atual São Petersburgo. Foi capital russa até 1918 quando os soviéticos restituíram Moscou como capital que era nos origens russos.

⁷ Na década de 1910, Kandinsky desenvolveu seus primeiros estudos não figurativos sendo, por isso, considerado o pioneiro da arte abstrata. Antes de 1917 estava exilado em Alemanha, Suécia e Suíça. Depois da Revolução, voltou à Rússia, porém, por discordar da política oficial retornou ao exílio primeiro na Alemanha e logo na França.

⁸ Estudou pintura, escultura e arquitetura em Moscou. Considerado o mentor do Suprematismo, levou o abstracionismo geométrico à sua forma mais simples, sendo o primeiro artista a usar elementos geométricos abstratos. Foi trabalhar como professor, pesquisador e fundador de vários grupos e ateliers. Durante a Primeira Guerra Mundial a maioria dos seus quadros desapareceram. Hoje, uma parte de sua obra está no Museu de Amsterdam e no MoMA (Nova York). Em 1929, foi acusado pelo governo soviético de “formalista” (linha de pensamento que diz que a arte pode ser isolada de outros aspectos, como sociais e políticos) e chegou a ser preso e torturado. Morreu esquecido e na pobreza.

⁹ Desde muito antes de 1917, ele se tornou o líder de um grupo de artistas russos que tentaram aplicar técnicas de engenharia e construção na arte usando ferro, vidro, madeira e arame em obras não-representacionais. A despeito da proibição para continuar a fazer obras desta natureza, foi um dos poucos artistas a não abandonar a URSS até morrer.

¹⁰ Foi um artista plástico, escultor e designer gráfico mas, predominantemente, fotógrafo dedicado à montagens fotográficas. Foi membro do Grupo Produtivista, que advogava a incorporação da arte na vida diária. Fez muita produção gráfica de cartazes, livros e filmes. Foi influenciado profundamente pelas idéias do cineasta Dziga Vertov e Wladimir Maiakovski.

- 1930), autores das primeiras obras chamadas “construções”. Eram verdadeiras “engenhocas” constituídas por materiais como ferro e vidro, e com formas não-representativas. O exemplar mais referenciado deste último grupo foi a obra proposta por Vladimir Tatlin para o Monumento a “Terceira Internacional”¹¹, em 1919. (figura 01) O projeto combinava uma estética de máquina com componentes dinâmicos que celebravam a tecnologia mecânica e os componentes industriais como o aço. A proposta foi imediatamente elogiada por artistas na Alemanha, que o consideraram como uma revolução na arte. Para os russos que socialistas o monumento sintetizaria todas as artes plásticas e anunciaria ao planeta que uma nova era mundial estava começando. Em 8 de Novembro de 1920, no aniversário da revolução, Tatlin exibiu a primeira maquete de cinco metros de altura realizada na torre da Academia de Artes de Petrogrado.

“O projeto consistia em uma imensa torre helicoidal ascendente, como se fosse a Torre de Babel, que na sua realização devia superar em altura a Torre Eiffel. A torre veio a ser um símbolo tanto do construtivismo, como dos ideais da revolução soviética.” (Preckler, 2013: 472)

Figura 01: Vladimir Tatlin (à esquerda) em frente ao Monumento a Terceira



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

A torre jamais chegou a levantar-se, pois os líderes do governo já começavam a ter precauções acerca dos projetos construtivistas.

Curiosamente, no ano 2000, o governo russo criou um selo comemorativo (figura

¹¹ Terceira Internacional ou Internacional Comunista ou Komintern é o termo com que se designou a organização internacional fundada por Lênin para reunir os partidos comunistas de diferentes países com o objetivo de derrubar a burguesia internacional e impulsionar a revolução comunista mundial. Foi dissolvida em 1943.

02) onde aparecia a torre de Tatlin junto ao monumento Operário e Mulher Kolkosiana de Vera Mukhina. Desta forma, as representações máximas do Construtivismo e do Realismo Socialista foram colocadas lado a lado, proclamando a transposição de um momento de crise e transformação, para um momento de valorização da cultura e da sociedade e dos processos que a conduziram.

Figura 02: Selo postal comemorativo.



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Entre os grupos de artistas dos anos 20, que aparecem para se opor ao Construtivismo, devemos destacar: a Associação de Pintores da Rússia Revolucionária (AKhRR), e a Associação de Escritores Proletários da Rússia (RAPP). Esses foram defensores da arte figurativa e da representação heroica que resumia os ideais revolucionários. Rapidamente, eles ganharam o status de portadores legítimos das ideias comunistas no mundo da arte, virando o paradigma do que depois seria conhecido como Realismo Socialista. Em uma década, o número de membros do AKhRR cresceu de 80 para mais de 300, o que ajudou a estabelecer a ideia de que o grupo era uma instituição confiável, longe do que era a retórica vanguardista. Sem dúvidas, eles formaram o grupo mais alinhado às demandas governamentais soviéticas, afirmando e justificando o retorno da pintura e escultura figurativista pois, segundo eles, essa era de fácil assimilação pela massas de analfabetos.

O primeiro ato público do AKhRR como uma nova entidade foi em uma exposição de 1922 em Moscou; Todos os lucros foram doados para o alívio da fome russa de 1921. Em 1928, patrocinaram exposições nacionais com alta publicidade por toda a URSS. Na visão dos historiadores e teóricos, partidários do soviétismo, os acontecimentos mais importantes do meio artístico destes anos

se produziram dentro ou em torno destas duas associações. Quanto aos grupos da vanguarda construtivista estes não conseguiram ganhar a aceitação e apoio do governo soviético e, jamais, tornaram-se artistas populares, o que não os faz menos importantes para as transformações que a arte sofreu no mundo ocidental.

A crise entre a vanguarda artística e o poder bolchevique começou junto com o aniversário de um ano da Revolução (1918), quando alguns artistas decoraram as ruas de Petrogrado com formas cubistas.

O último prego no caixão foi martelado pelo próprio Lênin, que os atacava por terem “usado as instituições educacionais dos camponeses e trabalhadores” para “passatempos privados” e por apresentar “os rabiscos mais absurdos” como algo novo e proletário. (Bengt Jangfeldt, 2007: 141)

O resultado foi imediato. Os vanguardistas foram excluídos dos trabalhos oficiais da comemoração do Primeiro de Maio de 1919¹² e, também, banidos dos conselhos editoriais das diversas revistas, perdendo quase toda a sua influência no governo revolucionário.

Nessa época, uma das problemáticas mais discutidas pelos intelectuais marxistas na URSS dizia respeito a atitude da Revolução em relação à arte e à cultura. Essa questão foi dura e amplamente debatida entre bolcheviques (figura 03) como Lênin, Leon Trótski (1879 - 1940), Anatoli Vasilevitch Lunatcharski e Alexander Aleksandrovich Bogdánov (1873 - 1928)¹³. Esse último, por volta de 1914, se tornou um dos líderes e organizadores do Movimento Cultura Proletária - Prokult (abreviação de “*proletarskaya kultura*”), um dos grupos que marcaram influência na arte desse período.

¹² No ano 1889, a Internacional Socialista, reunida em Paris, decidiu convocar, anualmente, uma manifestação com o objetivo de lutar pela jornada de 8 horas de trabalho. A data escolhida foi o primeiro dia de maio, como homenagem às lutas sindicais de Chicago. Até hoje, nesta data, é comemorada a reivindicação da adequação das condições laborais, na maioria dos países do mundo. A França e a URSS foram os primeiros países onde este dia foi considerado feriado.

¹³ Médico, intelectual e cientista muito destacado. Bolchevique, militante desde 1903. Em 1909, foi expulso do grupo dos bolcheviques, após divergências teóricas. Era o principal rival filosófico de Lênin quem se concentrou em arruinar a reputação do Bogdánov e em 1909 publicou um livro com intitulado ‘Materialismo e Empiriocriticismo’, acusando-o de ‘idealismo filosófico’.

Figura 03: Bogdánov (esquerda) e Lênin (direita) jogam xadrez, 1908.

Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

O Proletkult propôs incubar e produzir uma cultura de raiz proletária, que nascesse dos próprios operários e criasse uma nova superestrutura autônoma. No seio do Partido Comunista da União Soviética - PCUS, sempre houve ressalvas contra essa organização artística. O Proletkult questionava os métodos dos bolcheviques, por os considerarem autoritários e rígidos demais, e propunha uma releitura da teoria marxista.

Os membros do Proletkult criaram estúdios de pintura, de teatro, de cinema e poesia em fábricas e em bairros.

Desde sua criação, ele (Proletkult) encontrou forte resistência por parte dos dirigentes soviéticos. Lênin considerava o Proletkult uma aventura pequeno burguesa; para ele, as tarefas culturais importantes naquele momento eram a alfabetização das massas e a formação de uma cultura de base, uma vez que achava impossível a classe operária prescindir da tradição cultural forjada pela burguesia. Trótski achava que a ditadura do proletariado era uma fase transitória, e nela os operários deveriam dedicar-se a construção da base econômica da nação. Não havendo, portanto, tempo histórico para criar uma cultura. Mas acima de tudo o Partido temia a força política do Proletkult: Em 1920 este já contava com meio milhão de membros, enquanto o PCUS tinha 620 mil, além do mais, o Proletkult insistia em manter-se independente, o que significava um risco de um poder paralelo dentro do Estado. Com base nesses argumentos, o Partido aperta o cerco ao redor do organismo cultural, de forma que as pressões acabam levando a um esvaziamento progressivo. (Machado, 1982: 10-11)

Porém, mesmo com todas essas divergências, o Prolekult com suas ideias de uma *nova cultura operária* e a morte da arte, teve grande influência sobre os artistas soviéticos. Muitos artistas abandonaram por completo a produção artística para trabalhar literalmente na produção industrial. Havia o desejo de criar uma ponte entre arte e indústria. Vladimir Tatlin foi trabalhar numa metalúrgica para se tornar um artista-engenheiro. Rodtchenko e Maiakovski passaram a desenhar cartazes de propaganda e tipografia. Meyerhold fazia teatro usando como cenário os locais das fábricas. Artistas passaram a ser contratados para desenhar emblemas, selos, slogans, e cartazes. Houve também aqueles que projetaram fogões, mesas, cadeiras, pratos, canecas e objetos de uso social. Ainda que o Prolekult e os produtivistas foram banidos por um decreto de Lênin em 1920, essas ideias influenciaram aos artistas até depois de 1940, em pleno auge do Realismo Socialista. Vera Mukhina, por exemplo, se dedicou ao design, criando os populares copos de vodka facetados (que no Brasil viriam a ser chamados de copo americano, décadas depois) e coleções de roupas (figura 04), que receberam prêmios máximos em concursos internacionais.

Figura 04: *Design de roupas. Vera Mukhina (Década de 40)*



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Assim, desde início dos anos 20, foram consolidando-se como duas tendências artísticas rivais: de um lado, o Construtivismo e, do outro, o Realismo Socialista.

Construtivismo x Realismo Socialista

O Construtivismo propunha uma arte submetida aos imperativos do material e do objeto, em certo sentido assentada nas tecnologias industriais, na engenharia e na arquitetura. Era formado por um grupo heterogêneo, com convicções partilhadas por artistas e teóricos pertencentes a subgrupos diferentes. Se qualificava por ser um fenômeno artístico multifacetado, que tinha como denominador comum fazer parte das vanguardas artísticas da época. Mas esta heterogeneidade, tanto marcou a característica do movimento, como também, contribuiu para sua supressão pelo regime comunista. A tensão política pôs cortinas que confundem o olhar sobre a base e o desenvolvimento do Construtivismo.

“Várias posições deram corpo a essa ideia de tendências construtivistas, salientando a diluição do conceito e a indefinição quanto a sua origem. Ao que tudo indica, trata-se, desde a origem, de um “ismo” plural: além de proceder, evidentemente, da valorização da construção da obra de arte (por oposição a composição)”. (Albera, 2002:167)

Em essência, mesmo na sua diversidade, o Construtivismo, objetivava propagar uma cultura de origem proletária, que viesse dos próprios operários, considerando a arte como um dos mais poderosos instrumentos das forças de classe e que deveria ser fundada no coletivismo trabalhista; pensavam que o proletariado devia se manifestar o máximo possível, no processo artístico. Paradoxalmente, tal postura encontrou pesadas reservas por parte do Partido Comunista:

“Somos bons revolucionários, mas não sei se porque, sentirmo-nos obrigados a demonstrar que também estamos “à altura da cultura moderna”. Atrevo-me a declarar-me “bárbaro”. Não posso considerar manifestações supremas do gênio artístico as obras do expressionismo, do futurismo, do cubismo e demais “ismos”. Não as compreendo. E não me proporcionam o menor prazer.”¹⁴

Tal posicionamento exemplifica as contradições entre as vanguardas artísticas e os políticos no contexto pós-revolucionário. O que condicionava esta posição era a temática menos direta e “instrutiva” da arte construtivista se comparada ao Realismo Socialista.

Muito do que aconteceu posteriormente com a arte e os artistas apenas refletia a postura de Lênin frente a muitas das questões importantes das artes. Era

¹⁴ Entrevista de Clara ZETKIN a Lênin em 1955 publicada em Lênin, 1968, p. 176-177)

visível que Lênin desaprovava as vanguardas em geral (e os construtivistas em particular) e mantinha para com a arte do passado, especialmente do Realismo Russo - inclusive com os Peredvjniki (Ambulantes) - uma atitude de estima e compreensão. Para Lênin, o mais importante não era desenvolver uma arte de vanguarda, mas uma arte regida e regulada, de fácil acesso e diretamente ligada à classe operária. Para complementar, Lênin vai ainda mais longe, ao desqualificar a vanguarda russa, ansiosa por participar do desenvolvimento do novo poder soviético. Ele ignorava o fato de que “a modernização da União Soviética era dirigida pela mesma força de entusiasmo tecnológico que inspirava os artistas de vanguarda” (TEIKMANIS, 2013:102). Lênin não aceitava nenhum tipo de dialética na arte, que foi instantaneamente simplificada: já não havia mais necessidade de separar as convicções e atitudes sociais de um autor de sua representação artística da realidade. Ele estava, de fato, reduzindo a arte a nada mais do que uma fonte de informação ideológica, a ponto de decretar quais diretrizes ela deveria seguir. A tríade organização–controle–propaganda são os instrumentos essenciais para o Leninismo na arte. A leitura dessas ideias, já dentro de uma sociedade que se transformava e se fechava cada vez mais (muito mais após a morte de Lênin e a subida de Stálin ao poder), levava a uma unificação das práticas artísticas em torno de demandas do Partido. Ainda na mesma linha de pensamento, ele declarou: “os literatos devem, indefectivelmente, estar enquadrados nas organizações do Partido” e o proletariado “deve vigiar e controlar todo esse labor” (Lênin, 1973:99). Lênin coloca que a liberdade de criação e opinião deve ser respeitada, mas que deve haver limites para essa liberdade controlando tudo dentro da organização do Partido Comunista.

Portanto, quando se visita a obra de Mukhina, é necessário analisá-la dentro do desenvolvimento deste contexto, entendendo que o próprio Stálin, em pessoa, acompanhou a realização da obra. Há inclusive uma anedota que dá conta de uma denúncia da existência da imagem de León Trotsky numa das placas do vestido da mulher, o que teria surtido uma “visita oficial” para inspeção da obra, o que confirmou a burla da denúncia. Entretanto, não há evidências que confirmem este fato.

Em 1921, com a radicalização da Nova Política Econômica - NEP (1921-1928) que lançou a URSS à industrialização e à coletivização controlada pelo poder político imutável da ditadura do proletariado, começou a se exigir da classe

artística um alinhamento ideológico com o PCUS, segundo a qual as artes e os artistas deveriam ter um compromisso primordial com a educação e formação das massas, para o socialismo em construção no país. Uma arte cujo estilo deve ser “realista na forma” e “socialista no conteúdo”, acessível ao povo - figurativa e descritiva - e sua mensagem, um instrumento de propaganda.

Assim, começa a surgir a vertente artística que, nos anos 1930, foi chamada de Realismo Socialista. Peteris Zeile define o termo Realismo Socialista como “um novo estágio no desenvolvimento da arte no mundo, uma tendência específica da arte” (1981:49). Os comunistas precisavam explicar as razões históricas dos produtos artísticos e acreditavam que a função da arte era ideológica e educativa. Mas, hoje, é sabido que a NEP foi um giro radical na política econômica russa, estabelecendo uma série de elementos capitalistas, como a remuneração salarial e capital privado na indústria e no comércio. A NEP possibilitou o retorno de uma espécie de burguesia e, com ela, o *byt nepista*, um “consumo de objetos supérfluos e luxuosos, prostituição, exploração de trabalhador etc...”. (FIGUEREIDO, 2017: 101)

Mesmo nos anos em que Lênin e Trótski ainda eram a liderança da URSS, as ideias do Construtivismo seriam declaradas antimarxistas, incompatíveis com o socialismo. Nesse período, vários artistas, realinharam seus trabalhos dentro das diretrizes do PUCS. Tatlin foi um deles, chegando a ocupar posições de prestígio na Rússia e Ucrânia, como o cargo de primeiro chefe do Departamento de Artes Visuais do Commissariado para Instrução do Povo (IZO Narkompros)¹⁵, no início da década de 1920. Dentre os artistas que continuaram trabalhando segundo os ideais do Construtivismo, alguns foram perseguidos, outros deportados e outros silenciados, como se fossem um câncer social.

Após a morte de Lênin, em 1924, e com a chegada do Stálin ao poder o Realismo Socialista vai tomando força até se converter em política oficial, em 1932, ao se fundar a União de Escritores Soviéticos (UES). Esta nova política foi decretada pelo I Congresso de Escritores Soviéticos de 1934, para ser estritamente aplicada em todas as esferas artísticas. A definição mais exata do Realismo Socialista

¹⁵ O IZO Narkompros foi um órgão estatal e dentre as suas ações destacou-se a criação do Plano Leninista de Propaganda Monumental, uma medida de fomento à produção de monumentos em celebração à Revolução por toda a URSS. Em 1946, o órgão foi transformado no Ministério da Educação.

formulada por Andrei Alexandrovitch Jdanov, (1896 - 1948)¹⁶ se adaptou aos estatutos da UES:

“O Realismo Socialista, por ser o método de base da literatura e da crítica soviética, exige do artista uma representação verídica, historicamente concreta, da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Além disso, o caráter verdadeiro e historicamente correto de dita representação artística da realidade deve se combinar com o dever de transformação ideológica e de educação das massas dentro do espírito do socialismo”. (Apud Manuel Aznarz Soler, 2010: 228)

No Primeiro Congresso da União esteve presente o escritor Maksim Gorki (1868 – 1936), que apresentou o seu romance “A Mãe”, que é, geralmente, considerada como a primeira obra do Realismo Socialista. Gorki foi um importante elemento no rápido crescimento desta corrente, e sua apostila *O Realismo Socialista* (1935), traçou seus fundamentos. Também alguns historiadores asseguram que foi Alexander Alexandrovich Fadeiev (1901-1956)¹⁷ quem conformou os princípios do Realismo Socialista mas não é uma tese muito consistente.

O fato é o que Realismo Socialista foi detalhadamente definido e, a partir de então, por decreto oficial, o objetivo e a função da arte foi exaltar a classe trabalhadora, apresentar sua vida, mostrar seu trabalho como algo admirável, educar ao povo na visão e significado do socialismo. O termo Realismo Socialista se refere à intenção de descrever ao trabalhador como se supõe que as coisas são em *realidade*. Andris Teikmanis (2013:98-99) faz uma análise crítica acerca do pensamento de Viktor Vanslov sobre o Realismo Socialista (1988:07). Segundo Vanslov, nesse primeiro momento, o Realismo Socialista é “um tipo de Realismo historicamente novo”, uma espécie de “Realismo realçado pela ideologia socialista”. Os artistas deviam representar operários e camponeses felizes e musculosos. Teikmanis aponta que os trabalhadores de fábricas e fazendas coletivas também era protagonistas das obras de arte, em meio a numerosos retratos heroicos e paisagens industriais e agrícolas que exibiam os lucros da economia soviética.

¹⁶ Ideólogo Soviético, Comissário Cultural do Stalinismo, o grande censor, criador do rígido código ideológico de Zhdanov, conhecido como Zhdanovismo, que definia os limites da produção cultural aceitável na URSS. Pretendia criar uma nova filosofia da arte.

¹⁷ Foi um romancista soviético, militante do PCUS desde 1918; participou na Guerra Civil Russa e, entre 1932 e 1953, teve uma grande influência na UES. Por sua obra literária “A Joven Guardia” (1946) recebeu o Prêmio Stalin, em 1948. Morreu em maio de 1956, aparentemente, por suicídio.

Ficou estabelecido que apenas o Realismo Socialista era concordante com a doutrina marxista do materialismo histórico dialético, que refletisse temas como a vida, lutas e sucessos do proletariado:

“a ideia de que o artista tem a função de servir conscientemente à causa da transformação do mundo. Tratava-se da submissão da arte à política partidária (...) um aparato ideológico em que o arrocho das liberdades e o controle da produção artística eram essenciais. (...)a arte deveria mostrar a vida do proletário operário ou camponês, ou seja, a arte deveria ser didática e alcançar o entendimento das massas mostrando sua realidade sofrida e sua superação, idéia fulcral da Revolução”. (PINHEIRO, 2011:1)

Os artistas alinhados aos ditados oficiais foram chamados para a ornamentação das grandes cidades e espaços sociais, suas obras constituíram os acervos dos museus enquanto os construtivistas foram degradados sendo suas obras retiradas dos acervos e exposições, demolidas e até seus nomes apagados de catálogos e livros. Eles ficaram sem trabalho, reconhecimento e espaço. O ambiente artístico dos primeiros anos da Revolução fez com que Osip Brik¹⁸ (1888–1945) dissesse: “Com a vitória do proletariado virá a do construtivismo”¹⁹, ele estava certo: os construtivistas viram a imposição do Realismo Socialista e aniquilação do seu legado ao menos durante suas vidas, pois depois foi resgatado e valorizado pela história. Vsevolod Emilevich Meyerhold²⁰ (1874 - 1940) foi preso em 1939 e assassinado a tiros na prisão. Sergei Mikhailovich Tretyakov²¹ (1892 - 1937) também foi preso, acusado de espionagem e executado. Maiakovski, sendo pressionado pelos programas oficiais, suicidou-se com um tiro em 1930. Outros, como o próprio Brik, foram cerceados de sua liberdade e levados para campos de trabalho forçado - conhecidos como *Gulags* - morrendo em meio a mais hostil fustigação.

Alguns deles como Naum Gabo (1890 - 1977)²², Antoine Pevsner (1886 – 1962)²³, Kandinsky e mais foram expulsos do país ou fugiram para a Alemanha

¹⁸ Crítico literário, poeta e editor da revista LEF da Frente de Esquerda das Artes.

¹⁹ Osip Brik, “A la production”, Lef, n.1, mar. 1923. Trad. inglesa: Alexander Rodtchenko, ed. D. Elliot. Oxford: Museum of Modern Art, 197, P.131. apud ALBERA, 2002: 183.

²⁰ Mestre do Teatro da vanguarda russa.

²¹ Dramaturgo e poeta.

²² Escultor russo que se destacou na arte cinética.

²³ Escultor russo, irmão de Naum Gabo.

Ocidental ou para a França, assim assegurando a expansão dos princípios do Construtivismo na Europa e mais tarde nos Estados Unidos resultado visivelmente mais importante do que de estes artistas tivessem sido respeitados dentro da própria Rússia. Os poucos que permaneceram na URSS tais como Dziga Vertov (1896 — 1954)²⁴, Esfir Shub (1894 - 1959)²⁵, Viktor Borisovich Shklovsky (1893 - 1984)²⁶, Lev Vladimirovitch Kulechov (1899 - 1970)²⁷, Serguei Mikhailovitch Eisenstein (1898 – 1948)²⁸ entre outros, se viram em meio a uma política oficial avessa pela arte vanguardista. Foram forçados, censura após censura, a se adaptar e assumir a arte de propaganda totalitária e ao positivismo heroico, que caracterizou o Realismo Socialista.

O Realismo Socialista se tornou um estilo artístico oficial, uma política de Estado para a estética aplicada em todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas: pintura, arquitetura, design, escultura, música, cinema, teatro, literatura e até o design. É importante assinalar que o Realismo Socialista não fazia parte do ideário da Revolução em 1917 e nos anos prévios. Ao contrário, se estimulava a inovação, e a Revolução deveria se estender à arte. Essa estética rígida foi surgindo depois, durante as radicalizações *sovietizantes*, até chegar ao topo na época stalinista. Mesmo que muitas das obras do Realismo Socialista tenham valores artísticos inegáveis - se utilizando de uma rigorosa e refinada técnica figurativista de vários de seus artistas - não é possível examiná-lo sem levar em consideração o que ele significou politicamente: sem a marca da censura, a doutrinação política e a segregação de artistas. Evgeny Dobrenko nos lembra que “o Realismo Socialista não pode ser separado da política e ideologia, assim como a política também não pode ser separada do Realismo Socialista”(2007:06 apud TEIKMANIS, 2013:102).

²⁴ Cineasta, documentarista, líder de grupo Kinoks dentro do cinema soviético construtivista.

²⁵ Também conhecida como Esther Shub, foi uma cineasta soviética, editora, pioneira do chamado documentário de compilação.

²⁶ Crítico literário, escritor e cenógrafo russo e soviético, idealizador da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (Obscestvo izucenija Poeticeskogo Jazyka - OPOJAZ) um dos principais expoentes do Formalismo Russo.

²⁷ Cineasta russo e um grande estudioso de teorias cinematográficas quem ficaria ressentido com o governo stalinista, que acusava-o de falta de fervor socialista.

²⁸ O mais importante dos cineastas soviéticos. Foi também um teórico. Museu acossado pela censura stalinista.

Enquanto, no mundo ocidental, as vanguardas faziam tremer os prédios da arte tradicionalista, o Realismo Socialista significava a volta ao naturalismo mais mimético. O Realismo Socialista chegou a ser desprezado e atacado, inclusive por artistas de ideais comunistas como Pablo Picasso. Também o francês André Breton juntamente com Trotsky (já no exílio), lançou o Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente, criticando a rigidez e o caráter extra-artístico daquele estilo. Muito se discute até hoje sobre a atualidade do Realismo Socialista. É bem verdade que, após a morte de Stálin em 1953, as regras impostas aos artistas pelo governo se tornaram mais brandas, “mas não menos ideológicas” (TEIKMANIS, 2013:101). É importante ressaltar que, no período que antecedeu o fim da URSS, em 1991, muitos artistas procuraram implantar uma modernização nas artes (Idem, 2013:99). O fato é que o Realismo Socialista influenciou artistas durante décadas.

Vera Mukhina e sua obra principal

Em 1937, o *Bureau International des Expositions* (BID), promoveu em Paris a *Exposition Internationale des Arts et Techniques dans la Vie Moderne* (Exposição Internacional de Artes e Tecnologia na Vida Moderna), popularmente conhecida como Exposição Internacional de 1937. A primeira edição dessa exposição aconteceu também em Paris, em 1889, para se comemorar os cem anos da Revolução Francesa; nessa ocasião, foi inaugurada a Torre Eiffel. No total, 35 países participaram da Exposição, incluindo a União Soviética - o único país socialista a participar do evento. As exposições do BID acontecem até hoje, de 5 em 5 anos, cada edição em um país diferente; um espaço para as nações participantes mostrarem suas inovações em diversos segmentos.

Sabendo da importância de um evento dessa magnitude - onde também estariam presentes Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália entre outros países - e para celebrar os 20 anos da Revolução Russa, além de se mostrar ao mundo como uma sociedade poderosa e bem sucedida, o governo soviético criou uma competição de arquitetura para selecionar o projeto do Pavilhão Soviético a ser construído em Paris. A competição aconteceu em 1936 e o projeto vencedor (figura 05) foi o do arquiteto ucraniano Boris Iofan que, em 1931, já havia projetado o Palácio dos Soviets²⁹.

²⁹ Jamais foi construído.

Figura 05: Réplica da maquete do projeto do Pavilhão Soviético, criado por Boris Iofan.



Fonte: Fotografia elaborada por Lucas Gervilla. Moscou/2017.

Fazia parte do projeto a inserção de um monumento no topo do pavilhão, que representasse os verdadeiros mestres da União Soviética: os trabalhadores do campo e da cidade. Sua inspiração foram duas clássicas obras gregas, a Vitória de Samotrácia e os Tiranocidas Harmódio e Aristógiton.

Para a criação e construção da estátua foi chamada a escultora Vera Mukhina. Nascida em 1889, na cidade de Riga, capital da Letônia, Mukhina mudou-se, aos 15 anos de idade, para Moscou; onde estudou em diversas escolas de arte e foi aluna do pintor Konstantin Youn (1875 - 1958) co-fundador da Associação de Artistas da Rússia Revolucionária. Entre os anos 1912 e 1914, Vera estudou na França com o pintor e escultor Emile Antoine Bourdelle (1861—1929), e na Itália, onde conheceu de perto a arte renascentista. Duas semanas após voltar a Moscou, em 1914, teve início a Primeira Guerra Mundial. Vera fez então um curso de enfermagem para trabalhar como voluntária em um hospital militar, deixando a arte temporariamente de lado. Vera também estudou design cênico entre 1915 e 1917, como assistente da pintora vanguardista Aleksandra Aleksandrovna Ekster (1882 - 1949)³⁰. Se conservam vários desenhos, esculturas, esboços, trajes (figura 06) e trabalhos de decoração para balé e teatro feitos por ela com estilo cubo-futurista.

³⁰ Pintora e designer franco-russa dos movimentos cubo-futurista, suprematista e construtivista.

Figura 06: *Design cênico do espetáculo “A Rosa e a Cruz” de Alexander Blok. Vera*



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Em 1918, após o fim da Primeira Guerra Mundial e da implantação do Plano Leninista de Propaganda Monumental, Vera voltou à prática artística. Nesse período, ela ganhou destaque criando os modelos dos monumentos “O Trabalho Liberta” e “Revolução”, ambos de 1919, e monumentos em homenagem aos revolucionários V.M. Zagorski e Y.M. Sverdlov, mortos durante a Revolução.

Esses projetos, embora nunca tenham se concretizado, transformaram Vera em um dos nomes mais proeminentes da arte russa desse período. Principalmente pelo monumento em homenagem a Sverdlov, nomeado “Chamas da Revolução”, criado em 1922 (figura 07). Nesse modelo é possível notar o dinamismo dos movimentos humanos, o que se tornou uma referência na escultura e arquitetura soviética.

Figura 07: Modelo do monumento “Chamas da Revolução”, de Vera Mukhina.



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

A escultura criada por Mukhina para o Pavilhão Soviético foi batizada de “Operário e Mulher Kolkosiana”, em russo Рабо́чий и колхо́зница (*Rabochiy i Kolkhoz'nitsa*). O operário, representando os trabalhadores da cidade, segura um martelo, enquanto a mulher, ostentando uma foice, representa os trabalhadores do campo. A união dos dois elementos formam o símbolo do socialismo (figura 10).

Construída em aço inoxidável, a obra foi a primeira estátua no mundo a ser feita em metal soldado. Com um total de 24,5m de altura, a escultura pesa aproximadamente 80 toneladas e foi colocada a 34,5 metros de altura, o que deu ao pavilhão uma imponência indiscutível em seus 59 metros de altura, cumprindo a intenção ostentadora do governo. Após ser concluída, a obra foi dividida em 65 partes e transportada até Paris em um trem com 28 vagões, junto com uma enorme equipe de serralheiros e montadores (figuras 08 e 09).

Figura 08: Montagem de Operário e Mulher Kolkosiana.



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Figura 09: Montagem de Operário e Mulher Kolkosiana.



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Figura 10: Pavilhão Soviético em Paris, 1937

Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

Depois da construção do Pavilhão Soviético em Paris, com o monumento de Mukhina devidamente instalado, um fato marcou a abertura da Exposição Internacional, no dia 25 de maio de 1937: os pavilhões soviético e alemão estavam construídos frente a frente. No topo do Pavilhão Alemão - projetado pelo renomado arquiteto Albert Speer – havia uma escultura da águia nazista segurando uma suástica enquanto, a poucos metros de distância, estavam os trabalhadores soviéticos (figura 11). Embora a Operação Barborossa³¹ só tenha começado em 1941, os visitantes da Exposição tiveram uma prévia do conflito, aos pés da Torre Eiffel.

83

Figura 11: Pavilhões Soviético e Alemão em Paris, 1937.

Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

³¹ Operação militar realizada pelo exército alemão, iniciada em 22 de junho de 1941, cujo objetivo era invadir e conquistar a União Soviética.

Quando a Exposição terminou, em novembro do mesmo ano, o monumento “Operário e Mulher Kolkosiana” foi novamente desmontado e levado de volta a Moscou. Porém, a escultura foi danificada durante o trajeto e sua restauração só foi concluída em agosto de 1939. O monumento converteu-se assim numa das obras paradigmáticas do Realismo Socialista, que até hoje simboliza aquela época que alguns comemoram com nostalgia enquanto outros reforçam sua escuridão.

Para Ekaterina Degot (2000:140 apud TEIKMANIS, 2013:101) o “Realismo Socialista superou a alienação social do Modernismo, a alienação entre o artista e o público, a alienação das massas e a alienação entre o artista e o Estado”. Já W.T. Mitchel (1994:325 apud TEIKMANIS, 2013:105) acredita que as obras desse período representavam “o poder do espetáculo e o poder da vigilância”.

Para expor a obra na capital soviética, ainda em 1939, o governo construiu um pedestal de 10 metros de altura na entrada norte do parque VDNKh; o que contrariava a opinião de Mukhina. Para ela, a escultura “Operário e Mulher Kolkosiana” foi feita para “continuar a ideia inerente ao Pavilhão e não deveria se separar dele” (MUKHINA, 1938).

Em 1941, Mukhina integrou a lista do primeiro Prêmio Stálin, uma premiação àqueles que contribuíram para o desenvolvimento da URSS. No mesmo ano, teve início o combate entre a Alemanha e a União Soviética e, durante os bombardeios a Moscou, a estátua se tornou um alvo; uma clara tentativa de destruição de um símbolo nacional (figura 12). Mas os ataques da Luftwaffe fracassaram e a obra de Mukhina não foi atingida.

Figura 12: Defesa antiaérea soviética em Moscou, próxima a Operário e Mulher Kolkosiana, 1941.



Fonte: www.soviet-art.ru - domínio popular.

A medida em que o tempo foi passando, a importância de “Operário e Mulher Kolkosiana” aumentou. Em 1948, a estátua se transformou no símbolo da Mosfilm, empresa cinematográfica estatal da URSS. Para a criação da vinheta inicial dos filmes, Mukhina fez uma réplica em gesso em tamanho reduzido do trabalho.

Em 1979, o monumento precisava ser restaurado. Numa tentativa de cortar gastos, alguns membros da Administração de Proteção de Monumentos Arquitetônicos de Moscou chegaram a cogitar que a estátua deveria ser vendida ou doada. Essa ideia foi rapidamente descartada devido a insatisfação popular ao saber da notícia, já que o caso feria o orgulho nacional.

Mas, somente em 2003 a escultura foi totalmente desmontada para passar por uma restauração que fazia jus à sua importância. O governo russo também decidiu reconstruir o Pavilhão do projeto original de Boris Iofan (figura 13). Foi um processo longo, que só veio a ser concluído em dezembro de 2009, com a inauguração do museu que funciona dentro do Pavilhão. Atualmente, apenas um pavimento do museu é aberto ao público, onde é possível ver a história do monumento e esboços de outros trabalhos de Vera Mukhina e Boris Iofan.

Figura 13: Operário e Mulher Kolkosiana nos dias de hoje.



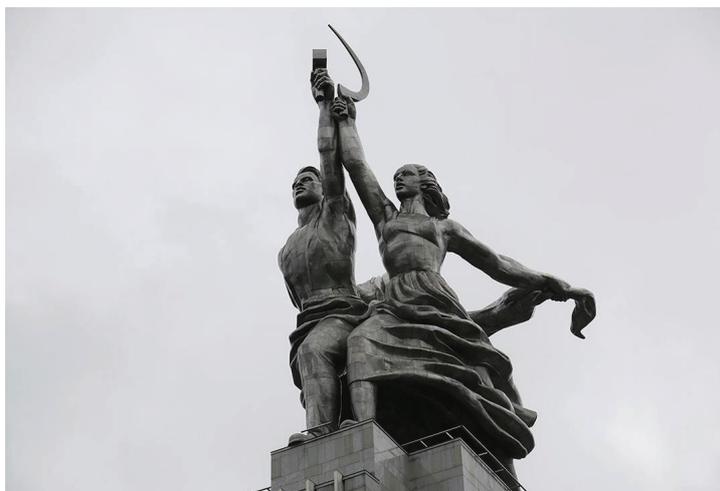
Fonte: Fotografia elaborada por Lucas Gervilla. Moscou/2017.

No total, a obra de Vera e o Pavilhão tem os mesmos 59 metros de altura que tinham em Paris, em 1937. A foice e o martelo nas mãos dos trabalhadores podem ser vistos de longe, em um gesto imponente. Na base do Pavilhão existem

quatro grandes murais de bronze com representações das 15 repúblicas socialistas que fizeram parte da União Soviética.

“Operário e Mulher Kolkosiana” é, até hoje, um dos maiores marcos do Realismo Socialista, com os dois trabalhadores em atitude de força, confiança e orgulho. O aço inoxidável funciona como um espelho, dando uma ideia de movimento, como se os trabalhadores estivessem caminhando, o que o deixa ainda mais robusto (figura 14). Pessoas e carros se tornam diminutos diante da obra.

Figura 14: Operário e Mulher Kolkosiana nos dias de hoje.



Fonte: Fotografia elaborada por Lucas Gervilla. Moscou/2017.

O peso da propaganda política pode recair sobre a produção artística do Realismo Socialista, mas é o artista que, no cerne da sua ânsia criativa, determina o que lhe convém como projeto poético. Entendendo-se o contexto e a produção da artista que carregou, tanto o brilho, quanto o fardo de inscrever um símbolo na cultura soviética se consegue ver que o monumento traz, para além de uma conduta política, uma gênese na profunda certeza de um papel que havia que ser cumprido enquanto artista, e que qualificava esta mulher incomum aos nossos olhos contemporâneos.

Vera Mukhina escreveu em 1939: “O estilo nasce quando o artista não aprende apenas com sua mente os ideais de seu tempo, mas quando ele não pode sentir o contrário, quando a ideologia de sua geração e seu povo se tornam sua ideologia pessoal” (MUKHINA, 1939: 32). Foi isso que ela fez durante sua carreira, colocando todo o seu sentimento e sua ideologia de cuidado e respeito com o outro em seus trabalhos. Vera Mukhina foi uma artista que estava sempre olhando adiante, assim como o Operário e Mulher Kolkosina.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus Editora, 2012.
- ALBERA, François. *Eisenstein e o Construtivismo Russo*. São Paulo: Cosac Naify. Brasil, 2002.
- BENGT, Jangfeldt. *Maiakovsky: a biography*. Chigado: The University of Chicago Press, 2007.
- DEGOT, Ekatarina. *Russkoe iskusstvo XX veka*. Moscou: Trilistnik, 2000.
- DOBRENKO, Evgeniy. *Political Economy of Socialist Realism*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- FIGUEREIDO, Clara. In JINKINGS, Ivana e DORIA, Kim. “1917, o ano que abalou o mundo”. São Paulo: Editorial SESC, 2017.
- LENIN, V. I. *La Literatura y el arte*, EDITORIAL PROGRESO, Moscú, 1968.
- MACHADO, Arlindo. *Serguei M. Eisenstein*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MITCHELL, W.T. *Picture Theory: Essays on Verbal and Visual Language*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- MUKHINA, Vera. Entrevista em *Arkhitekturnaya Gazeta*. Moscou, 28 de fevereiro, 1938.
- MUKHINA, Vera. *A Sculptor's Thoughts*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2004.
- PRECKLER, Ana María. *Historia Del Arte Universal De Los Siglos XIX y XX (Vol. 1: Arquitectura, Pintura Y Escultura Del Siglo XIX, Arquitectura Del Siglo XX)*. Madrid: Editorial Complutense. 2003.
- PINHEIRO FERNANDES, Karina. O Povo é a Arte: ilustrações em periódicos do PCB e o Realismo Socialista no Brasil. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.
- PROMISLOV, Vladimir. *Moscou, uma cidade para o homem*. São Paulo: Editora Revan, 1985.
- SOLER, Manuel Aznar. *República literaria y revolución (1920-1939)*. Valência: Editorial Renacimiento, 2014.

TEIKMANIS, Andris. Toward Models of Socialist Realism. In MAISTE, Juhan. **Baltic Journal of Art History** 6. Tartu: University of Tartu Press, 2013. P. 97-121.

VANSLOV, Viktor. **Chto takoe socialisticheskij realizm**. Moscou: Izobrazitelkoye Isskustvo, 1988.

VON LAUE, Theodore e VON LAUE Angela. **Faces of a Nation**. Golden, Colorado: Fulcrum Publishing, 1996.

ZEILE, Peteris. **Socialistikais Realisms**. Riga: Liesma, 1981.

O binômio produção/consumo e a origem dos quadrinhos

Rodrigo Otávio dos Santos ¹

Resumo: Apresentaremos aqui a questão da produção e do consumo nas histórias em quadrinhos desde sua gênese até a criação dos *syndicates* norte-americanos. Para tanto, recorreremos a uma criteriosa análise bibliográfica refazendo os caminhos deste meio e sua proliferação enquanto mídia de massa. As características das histórias em quadrinhos são contempladas neste artigo, que pretende alinhar a história deste tipo de produção midiática, bem como procura contemplar as relações de produção e consumo intrínsecas a ela. Portanto, passamos por autores como Töppfer, Wilhelm Busch, Christophe, Rudolph Dirks, Ângelo Agostini, Richard Felton Outcault, Winsor McCay, George Herriman, Hergé, Mort Walker, Charlie Schulz, Quino e Maurício de Sousa. Cada um desses autores modificou a linguagem dos quadrinhos ao mesmo tempo em que suas obras foram modificadas pela cultura e pela sociedade em que estavam inseridas. Por fim, chegamos a conclusão que as histórias em quadrinhos são fruto intrínseco do binômio produção/consumo.

Palavras-chave: Mídia de massa. História em quadrinhos. Arte.

¹ Doutor em História pela UFPR. Mestre em Tecnologia pela UTFPR Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias - UNINTER.

Abstract: This paper wants to present que issue about production and consumption in the comic books and comic strips since it genesis until the creation of syndicates in the United States. To do that, we did a solid bibliographical analysis to understand the beginnings of the art until its mass proliferation. These characteristics of comics and some others are discussed in this paper who wants to study the relationship about the production and consumption on the early days of comics. We work with some artists like Töppfer, Wilhelm Busch, Christophe, Rudolph Dirks, Ângelo Agostini, Richard Felton Outcault, Winsor McCay, George Herriman, Hergé, Mort Walker, Charlie Schulz, Quino and Maurício de Sousa. All of these changes his work and his characters to achieve more consumption by the public. In these comics culture and society changes the way the authors produced. By the end of paper, we conclude that comics are intrinsically made by production/consumption.

90

Keywords: Mass Media. Comics. Arts.

Introdução

O presente artigo procura mostrar como se deu a origem das histórias em quadrinhos, desde o século XIX, com Töpffer, até a criação norte-americana dos *syndicates*, que ampliou ainda mais a relação entre produção e consumo nesta que é uma das principais formas de expressão da indústria cultural.

Aquilo que convencionou-se chamar história em quadrinhos inicia-se com a imprensa e com a comunicação de massa, e com a reprodutibilidade técnica. A partir da metade do século XIX, a reprodução das obras tornou-se mecânica. Como salienta Benjamin (1994), as obras de arte sempre foram reprodutíveis. A diferença estava na capacidade e velocidade deste tipo de reprodução, cujas características indicavam a presença da máquina como auxiliar do homem no processo de cópia. Neste momento, a cópia deixa de ser falsificação ou plágio para converter-se em artigo “original”, ainda que não fosse único. O que define os quadrinhos, então, é a reprodução, mais do que simplesmente um conjunto de características comuns entre eles. *Príncipe Valente*, de Hal Foster e *Tintim*, de Hergé, por exemplo, guardam poucas semelhanças entre si, porém ambos são frutos da capacidade de reprodutibilidade da sociedade moderna.

Para Gordon (2002), a partir das últimas décadas do século XIX houve o desenvolvimento da sociedade de consumo. Segundo o autor, vários fatores influenciaram, entre eles o desenvolvimento de novas tecnologias e meios de transporte e comunicação, resultando em uma produção industrial de larga escala, além da emergência de mercados nacionais e o crescimento da publicidade. Os centros urbanos incharam, com seus moradores produzindo suficiente capacidade de consumo para participar da nova cultura: a cultura de consumo.

Essa sociedade de consumo é muito bem explorada no trabalho de Hall (2006), quando aponta que a própria identidade do indivíduo está intimamente ligada aos seus hábitos de consumo. Não apenas os hábitos de leitura, como iremos abordar aqui, mas o próprio olhar do indivíduo sobre o mundo que o cerca está envolto pelo consumo feito por ele e por outrem. Não por acaso, como lembra Bauman (2008), há um estilo de vida e uma estratégia existencial permeando e construindo essa sociedade de consumo, já que o indivíduo, para o autor, precisa se adaptar para se encaixar em alguma (ou mais de uma) esfera do consumo.

Assim, esta cultura que incentiva o consumo acaba promovendo aquilo que Adorno e Horkheimer (1997) chamam de indústria cultural, fenômeno no qual as histórias em quadrinhos plenamente se inserem, como veremos adiante. O consumo se alimenta da produção e vice-versa, como outro dos pensadores de Frankfurt, Benjamin (1994) também deixa claro: a obra de arte deixa de ser única e irrepetível para ter uma cópia vendida a cada esquina. Assim, as formas de se comunicar com a arte se modificam, e a cultura entra no rol das mercadorias, como também informam Mattelart e Mattelart (2007). As pessoas passam, como afirma Morin (1987) a compor um quadro maior dentro da esfera de consumo, e, como aponta Baudrillard (2008), passam a utilizar bens e serviços para ajudar a definir sua cultura. Homens e mulheres que se entendiam à luz de suas profissões, tendências políticas ou religião começam a definir sua personalidade por meio de sua escolha de bens e serviços. E pela sua maneira de se divertir.

Há, então, uma nova abordagem na maneira de se fazer e de se pensar alguns aspectos da comunicação, principalmente aquela indicada às massas. Para Robinson (1974), o primeiro quadrinho moderno foi produzido por Rudolph Töpffer, suíço nascido no último ano do século XVIII. Töpffer ficou maravilhado com as estampas de Hogarth, principalmente a já citada *The Harlot's Progress*, uma série de seis pinturas datadas de 1731/1732, que mostravam a história de uma jovem mulher chamada Mary (ou Moll) Hackabout, que veio para Londres e tornou-se prostituta. Estes seis quadros contavam uma história progressiva, com começo, meio e fim, contando com ricos detalhes e motivada por fortes preocupações sociais.

A partir daí, segundo Moya (1986), Töpffer percebe que a fisionomia e os gestos parecem importar mais do que o que é falado. O artista tinha problemas de visão, e portanto não lhe foi possível ser pintor. Assim, dedicou-se à literatura e à pedagogia. Fez algumas histórias em imagens e explicava, já naquele momento, que seu trabalho é composto de uma série de desenhos com textos. Para Töpffer, os desenhos sem texto teriam pouco significado e o texto, sem desenho, também nada significaria. A combinação dos dois faz uma espécie de romance, já estabelecendo em sua gênese a mais importante das características dos quadrinhos, que é seu hibridismo entre texto e imagem, como podemos perceber nas palavras de Garcia Canclini (1997), onde o híbrido, ou encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação do qual nasce a forma nova. Os quadrinhos

são mais do que desenho com imagens. São uma linguagem própria. O todo, o conjunto, forma uma espécie de romance, uma história que fala aos olhos, e se exprime tanto pela representação, quanto pela narrativa, como podemos perceber nas histórias de Töpffer.

Já em seu nascimento, os quadrinhos diferenciaram-se da literatura e do cinema (que também estavam em processo de formação) estabelecendo características e soluções narrativas próprias. Ainda que se valha naturalmente de elementos das duas supra citadas artes, além da fotografia e das artes plásticas, os quadrinhos constituem forma de arte única e poderosa, independente das demais, ao mesmo tempo que influencia e é influenciada por estas.

Moya (1986) comenta também sobre Wilhelm Busch, que, por sua vez, nasceu em 15 de abril de 1832, na Alemanha, e suas primeiras histórias ilustradas não são muito diferentes dos quadrinhos tipo pantomima atuais, ou seja, quadrinhos cuja narrativa era quase que exclusivamente movida pelo desenho. Sua maior criação foi *Max und Moritz*, de 1865, que Olavo Bilac traduziu como *Juca e Chico*. A história é baseada nesses quadrinhos nos quais surgiram *Katzenjammer Kids* (*Os Sobrinhos do Capitão*), tira americana feita por Rudolph Dirks a partir de 1897. O trabalho de Busch é criado com base nas imagens em continuidade, que o cinema, também em estágio incipiente naquele momento, tornaria popular. O leitor conseguia ler através dos quadros, constituindo uma narrativa. A legenda cinematográfica para Benjamin (1994), ou seja, o passar dos fotogramas pelos olhos do espectador, é vista também nos quadrinhos. Ambas as artes foram mutuamente influenciadas, como informa Eco (2006). Por outro lado, como diz Cirne (1975 p.15):

não se pode ler uma história quadrinizada como se lê um romance, uma obra plástica, uma gravação musical, uma peça de teatro, ou até mesmo uma fotonovela ou um filme. São expressões estéticas diferentes, ocupam espaços criativos diferentes, manipulam materiais orgânicos diferentes. Embora haja um denominador comum para a leitura que se preocupa com manifestações e discursos artísticos, existem leituras particulares para cada prática estética.

Outro autor que se destacava no período era o francês Colomb, que usava o pseudônimo Christophe. Este, além do texto de intensa qualidade literária, também usava ângulos inusitados, movimentos acelerados e técnica de silhuetas, provavelmente influenciado pela popularização da fotografia e pelo início do cine-

ma. Segundo Moya (1986), o autor contribuiu muito para a criação e formatação dos quadrinhos, já que percebeu a falta de algumas fronteiras estéticas, e ajudou a rompê-las. Christophe, já em 1881 mostrava elementos coloridos, além de crítica social e metalinguagem. Por exemplo, em um quadrinho que fora desenvolvido no início do conflito dos Boxers, entre França e China, onde vemos um chinês levando um chute de um soldado francês, enquanto outro modifica a narração escrita pelo oriental.

No Brasil é necessário destacar Ângelo Agostini, que nasceu na Itália, em 1843 e chegou ao nosso país em 1859. Em 1867, realizando trabalhos para revistas como *Diabo Coxo*, *Cabrião* e *Arlequim*, fez suas primeiras histórias ilustradas, intituladas *As cobranças*. No ano seguinte começou a ilustrar as revistas locais *Vida Fluminense* e *O mosquito*, onde fazia severas críticas ao governo escravista. Suas posições abolicionistas e contrárias à censura na imprensa eram inseridas nas revistas sob a forma de cartuns e histórias ilustradas.

Suas posições continuaram em sua primeira história com personagem fixo, surgida no semanário *Vida Fluminense*, em 30 de janeiro de 1869, com o título *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, indicada como a primeira história em quadrinhos do Brasil.

Em 1876, Agostini fundou a *Revista Ilustrada*, que dirigiu até 1888, e colaborou com a introdução da personagem Zé Caipora. Esta personagem, bem como a revista em que ela se inseria, fazia diversas e agudas críticas à sociedade, principalmente aos costumes da corte no final do século XIX. Uma característica apontada por Cavalcanti (2006) é que suas tendências abolicionistas e liberais eram destinadas a dois públicos: ao leitor, que lia as legendas, e ao analfabeto, que lia apenas os desenhos.

Depois de uma passagem pela França, e após o governo republicano ser instalado, Agostini volta ao Brasil em 1895, onde trabalhou em *Dom Quixote* até 1898, criando cabeçalhos criativos para a revista, antecipando uma tendência utilizada por outros quadrinistas como Winsor McCay e Will Eisner. Depois da atuação na *Dom Quixote*, colaborou com a editora *O Malho*, que editou a revista *O Tico-tico*. Foi Agostini quem criou o cabeçalho com o nome ilustrado da revista, que começou a ser lançada em 11 de outubro de 1905.

Para Srbek (2009), fosse com caricaturas de governantes, fosse com personagens anônimas da vida brasileira, Agostini produziu importante documento

histórico sobre os tempos do Segundo Império e os primeiros anos da República. Cagnin (1996, p.10) diz que:

Ainda que pioneiro nas histórias em quadrinhos, Agostini foi mais conhecido como caricaturista e como tal se destacou no panorama da vida nacional por sua atuação na imprensa ilustrada. Empunhando as armas do riso e da sátira, exerceu uma influência efetiva na formação da opinião pública, sobretudo em momentos decisivos da vida nacional: a abolição da escravatura e a proclamação da república. Esse mesmo poder persuasivo através da imagem, Agostini havia exercido antes, em São Paulo, por ocasião da guerra do Paraguai.

Nos Estados Unidos, cerca de trinta anos depois do Brasil e mais de meio século depois da Europa, é lançado *O Menino Amarelo (Yellow Kid)*, criação de Richard Felton Outcault, que teve sua primeira publicação em 5 de maio de 1895, no jornal *New York World*. Este personagem é tido como inicial das histórias em quadrinhos como produção de massa e forma de consumo. Robinson (1974) informa que a origem da personagem e a conseqüente gênese dos quadrinhos de massa norte-americanos vem com a compra, por parte do magnata das comunicações Joseph Pulitzer, de uma impressora com quatro cores, para dar tratamento colorido às páginas de seu jornal sensacionalista. A idéia era colocar no *New York World* um suplemento colorido de arte, porém a impressão não era suficientemente boa para este tipo de trabalho, e foi sugerido a utilização de desenhos coloridos em vez de pinturas para expor no jornal. A razão da inserção do suplemento colorido era trazer mais leitores ao jornal, incrementando sua receita. Outra estratégia de Pulitzer, segundo Gordon (2002), foi a de introduzir editoriais em forma de cartuns, coisa que até 1880 era confinado às revistas de humor, criando um vínculo interessante entre quadrinhos e jornalismo, onde quadrinhos expressam a opinião do jornal ou periódico, como explora Nicolau (2007).

Os quadrinhos de Outcault, tal qual os de Agostini, vendiam jornais e o faziam criticando hábitos e comportamentos da sociedade vigente, ao mesmo tempo que mostravam humoristicamente as mazelas de parte da sociedade. As primeiras tiras do *Menino Amarelo* representavam a vida na cidade, em um momento onde os indivíduos começam a povoar as cidades, inchando-as de uma forma nunca antes vista, como salienta Sevcenko (2001). Ainda segundo este autor, a própria estrutura da sociedade começou a ser alterada, com o surgimento dos novos complexos industriais e sua grande escala, com a necessidade de número

enorme de mão de obra. Somado a esta população de operários, encontravam-se os imigrantes, que também identificavam-se com os quadrinhos do jornal.

O lazer, como indica Gordon (2002), assumiu uma crescente importância na criação e desenvolvimento das identidades da classe média e da classe trabalhadora nos Estados Unidos, assumindo também o papel de estruturar e mediar as identidades e as tensões de classe, que se definiam estabelecendo fronteiras culturais em relação umas às outras. As opções de lazer definiam quem era presente na classe média e quem pertencia à classe trabalhadora. Diferentemente do que acontecia anteriormente, não era mais apenas o binômio produção/ consumo que definia as classes sociais.

Yellow Kid consegue penetrar em ambas as camadas da população, tornando-se fenômeno de vendagem de jornais. Ainda segundo Gordon (2002), a principal contribuição para o desenvolvimento dos quadrinhos por parte de Outcault foi a cristalização de um grupo de personagens fixos. Para Robinson (1974) os motivos para creditar *O Menino Amarelo* como primeiro quadrinho era a existência de uma série de características formais dos quadrinhos, tais como série regular, título específico, personagens fixos e palavras integradas ao desenho. Além da distribuição em massa e da força mercadológica existente na criação e divulgação de uma história em quadrinhos.

Outcault não deu o nome à sua criação. O nome original da tira era *Hogan's Alley*. O nome da personagem foi incorporado à tira quando Outcault transferiu-se para o concorrente de Pulitzer, o *New York Journal*, de William Randolph Hearst. Os dois empresários dividiam quase a totalidade da leitura de jornais na maior cidade norte-americana, e os quadrinhos de Outcault ajudavam a vender. Com isso, uma transação tida como milionária na época levou o artista para o jornal concorrente. Pulitzer, porém, não parou a produção de seu *Hogan's Alley*, contratando diversos desenhistas para o trabalho. Com o dobro de páginas diárias da personagem, esta perdeu um pouco da sua força e, segundo Gordon (2002), mostrou ao artista que era necessário fazer o *copyright* de suas personagens para obter maior lucro graças ao licenciamento destas para diversos artigos mercadológicos, prática comum até hoje no meio não só dos quadrinhos, mas de qualquer produto da indústria cultural.

Importante frisar, como faz Gordon (2002), que graças ao barateamento dos meios de produção, somados ao aumento da população alfabetizada e um me-

lhorado processo logístico de entrega, no início de 1903 já existiam pelo menos 48 jornais, e destes, 33 contavam com quadrinhos em seu interior. Apenas cinco anos depois, em 1908, já havia pelo menos 83 jornais, com no mínimo 50 destes alocando quadrinhos em suas páginas. Com este acréscimo, Outcault tomou cuidado de licenciar qualquer produto associado à sua personagem. Os quadrinhos, a partir de *Buster Brown*, começam a ser entendidos como ferramentas de *marketing* de empresas e produtos.

A publicidade, para Burke (2004), atingiu seu segundo estágio no final do século XIX, com o surgimento do pôster, uma litografia colorida de tamanho superior ao que já havia sido utilizado anteriormente. Estes pôsteres eram expostos nas ruas e avenidas, permitindo aos cidadãos serem influenciados pelas campanhas publicitárias. Porém, foi no início do século XX que os publicitários conseguiram atingir a psicologia dos leitores, transformando-os em consumidores. Ainda segundo Burke (2004 p.116), estes profissionais utilizam técnicas subliminares de persuasão por associação, onde:

pode-se usar o termo 'subliminar' num sentido mais amplo para referir-se à maneira pela qual a imagem mental de um determinado produto é construída associando vários objetos com sua imagem visual. Este é um processo de manipulação consciente por parte das agências de publicidade, seus fotógrafos e seus 'analistas motivacionais', no entanto é largamente inconsciente para os espectadores.

Publicitários mantinham contrato com Outcault e usavam *Buster Brown* como imagem atrativa e como símbolo das qualidades que se queriam associadas ao produto. A personagem foi uma das primeiras utilizações que a publicidade encontrou para a cultura de massa e consumo no século XX. *Buster Brown* transcendeu a arte de quadrinhos e virou ícone cultural.

Poucos anos mais tarde, Winsor McCay iniciou seu *Little Nemo in Slumberland* em 15 de outubro de 1905, no New York Herald, e deixava a história extremamente simples: todas as noites *Nemo* dormia e sonhava. No último quadrinho, acordava. A importância do quadrinho de McCay consistia nas soluções narrativas encontradas pelo autor para indicar ao leitor o caráter onírico das histórias. Nelas podemos observar diferentes diagramações e cores, uma vez que a tira era editada em página inteira, formato tablóide, todos os domingos.

McCay realizava um trabalho artesanal, diferente dos quadrinhos manufaturados que já existiam na época. Com isso, seus enquadramentos eram diferen-

tes, bem como seus requadros. O autor se valia da perspectiva onírica para romper com praticamente todas as convenções estabelecidas para os quadrinhos até então. Em algumas histórias havia dez quadrinhos, em outras dois, em outras mais de quinze. Tudo girava em torno da história, e não de alguma convenção pré-estabelecida. Estas saídas narrativas são a base, até os dias atuais, para quadrinhos que fogem ao convencional, e inúmeros autores valem-se das experiências realizadas por McCay, como Bill Sienkiewicz ou Dave McKean.

O processo de manufatura também modificou-se no momento em que houve um avanço tecnológico no processo de colorização das páginas dominicais. As prensas coloridas utilizadas por McCay vinham sendo aperfeiçoadas graças à disputa de mercado capitaneada principalmente por Hearst e Pulitzer nos anos anteriores. No lançamento da página dominical o autor pôde utilizar-se de mais gradientes que seus colegas, e esta capacidade só aumentou ao longo do período. Aos poucos, segundo Robinson (1974), *Little Nemo* foi se constituindo como a mais inventiva das séries de quadrinho do período. Além disso, a capacidade do criador do quadrinho de transmitir perspectiva fez dela um primor de escala. E, segundo o crítico de arte do jornal *The New York Times*, John Canaday (*apud* Robinson 1974), as tiras converteram-se rapidamente em pilares da *art nouveau*², além de claros reflexos do *surrealismo*³.

Também o modernismo, segundo Robinson (1974), era visto em suas páginas, com suas propostas e problemas do início do século. Dirigíveis, bombas e trens malucos traziam ao leitor uma visão onírica do mundo moderno. Ao mesmo tempo, circos bizarros e paradas exóticas evidenciavam o surrealismo.

As pranchas de *Little Nemo in Slumberland* então começaram a ser exploradas comercialmente por diversos jornais, através dos *syndicates*. Gordon (2002) explica que os *syndicates* eram distribuidores de material impresso para publicações. A partir de 1883 estes já exploravam a comercialização de textos para diversos jornais em solo norte-americano. Textos de nomes como Jack London, Robert Louis

² *Art Nouveau* foi um estilo artístico de *design* e arquitetura, cuja influência foi muito sentida no final do século XIX e início do XX. Suas principais características são o escapismo para a natureza e a valorização do trabalho artesanal. Entre os principais artistas do movimento estão Munch, Toulouse-Lautre e Mucha.

³ Surrealismo foi um movimento artístico surgido no início dos anos 1920. Suas principais características são a visualização do onírico e a participação do inconsciente na criação artística. Entre os principais artistas estão Magritte, Dalí e Buñuel.

Stevenson ou Arthur Conan Doyle eram comercializados por este modelo, que distribuía a preços módicos essas peças literárias para um grande número de jornais compradores, faturando com base na escala, ou seja, na quantidade de jornais compradores.

Com a ascensão deste modelo de negócios, somado ao barateamento do processo de produção e das máquinas rotativas à cores, a partir de 1903 os maiores jornais de diversas cidades passaram a ter seu suplemento dominical colorido, e os quadrinhos tornaram-se peças atraentes de mídia e vendagem de jornais. Com isso, a partir de 1908 foram estabelecidos os métodos de distribuição de quadrinhos para jornais que se utiliza até os dias de hoje. Ainda segundo Gordon (2002), por volta da primeira década do século XX quase todas as tiras pertenciam a apenas seis empresas. Destas, três (*Hearst*, *Water Color Co.* e *McLure*) detinham cerca de 3/4 do mercado.

Com o processo de colorização já relativamente acessível em solo nacional, no Brasil, segundo Moya (2003), em 11 de outubro de 1905, a editora *O Malbo* lança a revista *O Tico-tico*, primeira publicação dedicada às crianças no Brasil.

A revista *O Tico-tico* já saiu em cores, calcada na revista francesa *La semaine de Suzette*, que apresentava semanalmente histórias curtas, um episódio de um seriado, uma coluna sobre cuidados, jogos, receitas, modelos para costurar para o guarda-roupa da boneca *Bleurette*, competições, palavras cruzadas, boas maneiras e estilo. Em resumo, tudo aquilo que a sociedade julgava indispensável para fazer uma menina virar uma dama na sociedade (VERGUEIRO & SANTOS, 2007). A primeira tiragem de *O Tico-tico*, segundo Moya (1986), foi de 21 mil exemplares. No número 6, 27 mil e no número 11, 30 mil, demonstrando enorme sucesso comercial e inaugurando no Brasil o público infantil enquanto público consumidor. Em seu número 15 passou a publicar publicidade, naturalmente associada às crianças, aumentando as fontes de renda da editora, que recebia dividendos por meio das vendas diretas e das assinaturas.

Como os *syndicates* ainda não operavam no Brasil, personagens norte-americanos não deveriam ter aparecido em suas páginas, porém *Buster Brown* foi traduzido para o Brasil como *Chiquinho*. Isto era feito sem os originais, ou seja, a editora comprava jornais estadunidenses e decalcava as artes, que posteriormente eram refeitas por artistas da casa. Assim, a tira foi durante muitos anos considerada o “típico quadrinho brasileiro”, graças à ignorância acerca de Outcault nos EUA.

A partir da década seguinte, os quadrinhos continuaram a povoar os jornais no planeta, graças aos *syndicates*, que extrapolavam os limites do seu país de origem e vendiam seus produtos ao redor do planeta. Moya (1986) afirma que uma das tiras mais importantes do período foi *Krazy Kat*, de George Herriman. Patati & Braga (2006) explicam que quando a tira foi criada em 1910 seria apenas complemento de outra, *The Dingbat Family*. Sua fórmula envolvia um romance entre uma gata masoquista que espera que o rato lhe faça mal ao mesmo tempo em que um cão tente evitar, e acabou por pulverizar a outra história. Em 1916 iniciou como página dominical. O grande diferencial das histórias de Herriman, de acordo com Patati e Braga (2006), são as variações em cada episódio, com inserções de metalinguagem e surrealismo de uma maneira que ainda não havia sido totalmente explorada. Isto porque o criador das histórias tentava inovar a cada tira, recusando-se a seguir qualquer regra que não a do relacionamento entre suas personagens.

Em 1929 tem início um dos principais quadrinhos europeus, segundo Moya (2003): *Tintim*, de Hergé. O quadrinista publicou vinte e duas histórias, todas em formato álbum, e que foram traduzidos para mais de trinta línguas ao redor do mundo. O formato álbum diferenciava-se do formato tradicional de tiras norte-americanas. Nos EUA não existia demanda nem consumo de álbuns ou revistas originais até esta data. As poucas revistas que existiam eram compêndios de diversas tiras já publicadas em jornais, agrupadas com alguma ordem pré-estabelecida. Nos Estados Unidos os quadrinhos desenvolveram-se como apoio da imprensa diária e dos *syndicates*, o que não ocorreu necessariamente nos demais países.

Para Patati & Braga (2006), *Tintim* teve papel fundamental como formador dos hábitos de leitura dos países de língua francesa e latina. Com *Tintim* e seus álbuns, percebemos a diferença entre o modo de confecção de uma história em quadrinhos européia e norte-americana. Mesmo atualmente, onde o mercado norte-americano foi preenchido com revistas periódicas de personagens recorrentes (como os super-heróis), suas revistas são feitas em geral com 24 páginas mensais. Na Europa, ainda hoje, os álbuns são feitos normalmente com 48 ou 60 páginas em um período compreendido entre oito meses e um ano. Assim, pode-se perceber que o grau de acabamento de um álbum europeu deveria ser maior que o de uma revista em quadrinhos norte-americana.

Os hábitos de consumo do povo europeu, de um modo geral, também diferem do norte-americano no que tange à leitura de quadrinhos. No velho continente, os leitores tratam as histórias em quadrinhos como gênero literário, não como artigo descartável de simples produção em massa. As coleções de quadrinhos são vendidas em livrarias ao lado de livros de arte ou de literatura, inclusive com preços compatíveis com seus companheiros nas prateleiras. As tiragens dos álbuns seguem também o padrão das demais publicações, não tendo a diferenciação comum às revistas norte-americanas, tampouco a tiragem das tiras distribuídas pelos jornais estadunidenses. Patati & Braga (2006) informam ainda que as escolas são grandes divulgadoras dos quadrinhos como forma de alavancar o gosto das crianças pela leitura, e que é comum crianças terem em seus acervos os álbuns de *Tintim*.

No mesmo ano de 1929, mais precisamente no dia 7 de janeiro, segundo Moya (1986) e Jones (2006), houve o lançamento coincidente de duas tiras em quadrinhos norte-americanas muito relevantes para a indústria de quadrinhos que estava caminhando a passos largos para um crescimento exponencial: *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs, e *Buck Rogers*, de Philip Nowlan e Dick Calkins.

Como ambas as tiras eram basicamente de ação ou aventura, o próprio termo *comics*, cunhado para descrever as tiras predominantemente cômicas dos jornais estadunidenses, acabou por adquirir outro significado. A partir de 1929, *comics* seriam qualquer tipo de histórias seriadas com desenhos e texto intercalados, facilitando não só o consumo, mas também o *marketing* e a publicidade, uma vez que tanto compradores quanto vendedores compreendiam *comics* como algo que interessava às crianças e jovens. Ambas as personagens, segundo Patati e Braga (2006) adaptavam para os quadrinhos diários a velha escola dos folhetins populares de aventura, nos Estados Unidos conhecidos pela alcunha de *pulps*, devido ao papel de resto de polpa usado para a impressão das revistas.

As histórias de ação e aventuras ganharam cada vez mais espaço no universo dos leitores e na distribuição dos *syndicates*. Até que, segundo Robinson (1974), a partir de 1950 houve um renascimento das tiras de humor, logo após grande período de supremacia das tiras de aventura. Estas novas tiras necessitavam ser lidas rapidamente, de acordo com o ritmo cada vez mais acelerado da vida cotidiana das pessoas do período. Ainda segundo o autor, a tira moderna de humor foi um refinamento das estruturas já delineadas na origem das tiras de jornal. Estilisti-

camente as tiras tinham grande simplicidade, ao mesmo tempo que compunham sofisticadas iconografias.

A primeira destas tiras, ainda de acordo com Robinson (1974), foi *Beetle Bailey*, que no Brasil atendeu por dois nomes: *Recruta Zero* e *Zé, o Soldado Raso*. Esta tira, de acordo com Walker (2006), foi lançada em 4 de setembro de 1950 criada por Mort Walker, e apareceu em 12 jornais norte-americanos. Satirizando primeiramente a vida acadêmica dos alunos em época de faculdade e posteriormente a guerra e a vida de caserna, a história em quadrinhos conquistou rapidamente seu espaço. A tira com os personagens *Recruta Zero*, *Sargento Tainha*, *Dentinho*, *Platão*, *Roque*, *Cosme*, *Tenente Escovinha*, *General Dureza* entre outros, segundo Moya (1986) foi considerada uma das três melhores da década de 1950. Para Robinson (1974), a grande contribuição desta tira e o motivo pelo qual ela atingiu vendagens muito grandes em pouco tempo era a galeria de personagens, somado ao tipo de humor, plástico, inteligente, por vezes bobo, e uma grande irreverência à autoridade. Com isso, não apenas os jovens identificavam-se, mas também os adultos e as crianças.

Em 2 de outubro de 1950, estréia a tira de maior sucesso comercial e de crítica da década de 1950 e, segundo Moya (1986), talvez, de todos os tempos: *Peanuts*. Seu autor, Charlie Schulz concebeu um microcosmos infantil que, segundo Eco (2006, p. 287) é “uma pequena comédia humana para todos os bolsos”, que consegue entreter e fascinar tanto adultos quanto crianças, e em igual intensidade. O artista consegue, além da poesia da escrita, criar desenhos muito simples, com uma economia de meios que “raia o milagre” (ECO 2006, p.288) . Isso porque o simples desenho consegue explicar o matiz psicológico de cada personagem, em cada momento da tira.

A capacidade de consumo da personagem também é admirável. Não somente a tira está presente em incontáveis jornais até os dias de hoje, mas a marca das personagens está em inúmeros produtos, que vão de chaveiros à tacos de golfe, de shampoos à carteiras e bolsas. Segundo a revista Forbes (2009), o criador da turma de crianças é a segunda personalidade que mais fatura dinheiro depois de morto, sendo superado apenas pelo ícone musical Elvis Presley. Schulz está nesta posição da lista desde que ela começou a ser feita, em 2002.

Um ano mais tarde, em 12 de março de 1951 surge nos jornais a tirinha intitulada *Dennis, o Pimentinha*, de Hank Ketcham. Markstein (2008) destaca que

a tira foi um sucesso, atingindo milhões de pessoas em apenas um ano. O garoto que fazia traquinagens típicas de um garoto de quase seis anos deixando seus pais e vizinhos loucos, ficou tão popular que durante a década de 1950 chegou até mesmo a estrelar episódios na televisão norte-americana, aumentando o consumo de produtos com sua efígie. Atualmente vários filmes, seriados, desenhos animados e jogos de *videogame* levam a personagem a ser grande produtora de dividendos aos detentores de sua marca.

Outras criações dignas de nota por Moya (1986) durante a década de 1950 foram *Hi and Lois*, do criador do *Recruta Zero*, Mort Walker, que apresentava uma típica família de subúrbio nos Estados Unidos.

Na América Latina dois fenômenos acabaram se desenvolvendo no período imediatamente posterior. Primeiramente temos a *Turma da Mônica*, sucesso absoluto de vendas e popularidade no Brasil desde 1959 quando seu criador, Mauricio de Sousa, publicou a primeira tirinha no jornal *Folha de S. Paulo*. Inicialmente calcada no cãozinho *Bidu*, outros personagens vieram nos anos seguintes, como *Cebolinha*, em 1960, *Cascão* em 1961, *Magali* e *Mônica* em 1963. *Mônica* logo se tornou o principal personagem do desenhista, que para a distribuição desse material, criou um serviço de redistribuição que atingiu mais de 200 jornais ao fim de uma década, criando uma espécie de *syndicate* tupiniquim apenas para suas criações. Sousa percebeu que não poderia concorrer comercialmente com as tiras norte-americanas, vendidas de forma muito barata por meio dos já citados *syndicates*. Assim, o artista começou a vender a mesma tira para diversos jornais, passando a lucrar não mais com a criação da história, mas sim com sua distribuição pelo maior número de jornais possível. Com este tipo de estratégia, seus personagens ficaram conhecidos do grande público, sendo populares o suficiente para entrar em outro ramo do mesmo negócio, que no final da década de 1960 parecia mais rentável: as revistas em quadrinhos.

Em 1970, as revistas passam também a ser comercializadas na forma de revistas em quadrinhos, com histórias maiores e mais bem elaboradas, além de uma tiragem inicial de 200 mil cópias. Segundo Gusman (2006) a partir dos anos 1970 várias crianças foram alfabetizadas com ajuda dos “gibis” da *Turma da Mônica*, uma vez que estes eram os mais vendidos no território nacional. Atualmente as marcas de vendagem das revistas chega a atingir 400 mil exemplares para cada edição. Interessante salientar que a tiragem da mais bem vendida revista em qua-

drinhos nos Estados Unidos na década de 2000 foi a nova edição da revista *Wolverine*, que, de acordo com Allen (2007) vendeu 163 mil cópias. No entanto, apenas mais 5 títulos venderam acima de 100 mil cópias nesta década, mostrando que as revistas de Sousa são efetivamente muito populares no Brasil, não sendo sequer ameaçadas em sua liderança de vendas por nenhuma outra revista em quadrinhos brasileira ou estrangeira comercializada no Brasil.

O *merchandising* também não foi esquecido por Mauricio de Sousa. Já em 1968, segundo Gusman (2006), o quadrinista fechou contrato com a empresa de alimentos Cica, onde inseria sua personagem *Jotalhão*, um elefante, para ser o garoto-propaganda do extrato de tomate *Elefante*. A partir daí, tal qual Schultz, Sousa iniciou um império no que tange ao *merchandising*. Atualmente seus personagens da *Turma da Mônica* estão presentes em incontáveis produtos licenciados, que vão desde um tipo específico de maçã até alimentos caninos, passando pelos mais diversos tipos de brinquedo e artigos para bebês, como fraldas e chupetas e artigos de decoração e festas.

Em 1963 nasce a companheira sulamericana de *Mônica*, a argentina *Mafalda*. O criador da personagem, Quino (1999), conta que uma agência publicitária o incumbiu de criar uma família que servisse como publicidade para uma empresa produtora de eletrodomésticos. Com a tira cômica pronta, o cliente da agência desiste do projeto e o autor arquiva sua personagem até que o jornal *Primera Plana*, na época o principal da Argentina, pede ao cartunista uma tira cômica, e este tira a menina e sua família da gaveta. De 1965 até 1967 a tira é publicada pelo jornal *El Mundo*, apesar de existir, a partir de 1966, a agregação de diversas tiras para organização de dez álbuns originais em língua espanhola. Na metade de 1967, Quino assina contrato de exclusividade com o semanário mais lido da Argentina, *Siete Días*. A partir deste momento, a tira começa a ser traduzida e vendida em diversos países, como Brasil, Portugal, Espanha, Itália, França entre outros.

No Brasil, conforme lemos na obra de Quino (1999), a personagem estreou como ilustrações de uma revista de pediatria e pedagogia orientado aos pais. Em julho de 1973 o autor desenha a última tira da personagem.

Para Eco (*in* Quino, 1999), *Mafalda* é um personagem típico dos anos sessenta, com sua postura contestadora, anticonformista e enraivecida, que recusa a aceitar o mundo como ele é. *Mafalda*

vive numa dialética contínua com o mundo adulto, que não ama e nem respeita mas; pelo contrário, ridiculariza e repudia, reivindicando o direito de continuar a ser uma menina que não quer incorporar o universo adulto dos pais (ECO *in* QUINO, 1999, p. XVI).

O universo da personagem é o de uma América Latina desenvolvida e urbana, além de ser um universo claramente mais compreensível e verosímil que o dos super-heróis norte americanos, por exemplo. A personagem reflete:

As tendências de uma juventude inquieta que assumem aqui a forma paradoxal de dissidência infantil, de esquema psicológico de reação aos veículos da comunicação de massa, de urticária moral provocada pela lógica dos blocos, de asma intelectual causada pelo cogumelo atômico (ECO *in* QUINO, 1999, p. XVI).

Muito menos explorado que a criação de Mauricio de Sousa, *Mafalda* também tem seu *merchandising* utilizado na forma de brinquedos, bolsas, roupas e também desenhos animados de curta ou longa duração.

Concluindo, podemos dizer que as histórias em quadrinhos são fruto intrínseco do binômio produção/consumo. Há formas e maneiras de se fazer, analisar ou ler, mas todas estão ligadas com políticas e estratégias de vendas, tanto dos próprios quadrinhos, por meio principalmente dos *syndicates*, quanto pelas estratégias de vendas através dos *merchandisings* das personagens e de todo o universo que circunda determinada história.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. (2008). *A sociedade de consumo*. Portugal: Edições 70.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CAGNIN, Antônio Luiz & AUGUSTO, Wagner. *As histórias em quadrinhos de Angelo Agostini*. in: Phenix nº0. São Paulo: Phenix, 1996.

CAVALCANTI, Carlos Manoel de Holanda. Angelo Agostini e seu “Zé Caipora” entre a Corte e República. in: *História, imagem e narrativas* no3, ano 2, setembro/2006.

- CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: perspectiva, 2006.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.
- GORDON, Ian. **Comic Strips & Consumer Culture**. EUA:Smithsonian, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORKHEIMER, Max, e ADORNO, Theodor., **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JONES, Gerard. **Homens do Amanhã**. São Paulo: Conrad, 2006.
- MATTELART, Armand & MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2007.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – NEUROSE**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MOYA, Álvaro de. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- MOYA, Álvaro de. **Vapt-Vupt**. São Paulo: Clemente & Gramani, 2003.
- NICOLAU, Marcos. **Tirinha**. João Pessoa: Marca de fantasia, 2007.
- PATATI, Carlos & BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**. São Paulo, Ediouro, 2006.
- ROBINSON, Jerry. **The Comics: An Illustrated history of comic strip art**. EUA: Berkley, 1974.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**. São Paulo: Cia das letras, 2001.
- SRBEK, Wellington. **Algumas palavras sobre Angelo Agostini**. Disponível em <[http:// maisquadrinhos.blogspot.com/2009/01/algumas-palavras-sobre-angelo-agostini.html](http://maisquadrinhos.blogspot.com/2009/01/algumas-palavras-sobre-angelo-agostini.html)> acesso em 15 de junho de 2016.
- VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, Roberto Elíseo dos (orgs). **O Tico-tico: 100 anos da primeira revista infantil brasileira**. São Paulo: Opera Graphica, 2007.

Heidegger e Žižek: notas a respeito do conceito de revolução como crítica ao liberalismo

Victor Hugo de Oliveira Marques¹

Resumo: O presente artigo refere-se às poucas reflexões feitas a respeito das influências ou (des)influências entre o pensamento de Heidegger e o pensamento de Žižek. Pretende-se com ele: [1] apresentar uma *leitura não ortodoxa do pensamento filosófico e político de Heidegger* quando confrontados tanto com os comentários de Žižek sobre Heidegger, como pelo enfrentamento que pode ser feito com o pensamento político de Žižek, e, [2] uma vez revisto o pensamento político de Heidegger, reconhecê-lo como uma significativa crítica ao pensamento liberal. Para tanto, faz-se uma revisão de literatura a respeito do assunto, qual seja, sobre o que se produziu sobre a relação Heidegger-Žižek. Nesta, encontra-se, com especial relevância, dois comentadores que desenvolvem esta aproximação entre ambos. Com esta matriz básica teórica, entre outras, chega-se ao seguinte corolário: há uma alternativa de leitura do pensamento *heideggeriano* com respeito à filosofia política.

107

Palavras-chave: Žižek. Heidegger. Pensamento liberal.

¹ Doutorando Universidade Católica Dom Bosco. Coordenador do Curso de Filosofia da mesma Universidade.

Abstract: This article refers to the few reflections on the influences or not between Heidegger's thought and Žižek's thought. It intends: [1] to present an unorthodox reading of Heidegger's philosophical and political thinking when confronted both with Žižek's comments on Heidegger and with the confrontation that can be made with Žižek's political thought; and [2] once reviewed Heidegger's political thinking, to recognize it as significant critique of liberal thought. For that, a literature review is done on the subject, that is, on what was produced on Heidegger- Žižek relation. In this one, it finds two commentators with special relevance, who develop this approximation between both. With this basic theoretical background, among others, we arrive at the following corollary: there is an alternative of reading Heidegger's thought with respect to political philosophy.

108

Keywords: Žižek. Heidegger. Liberal thought.

Introdução

O presente artigo é um primeiro estudo sobre as poucas reflexões feitas a respeito das influências ou (des)influências entre o pensamento de Heidegger e o de Žižek. Neste sentido, ele não é nem um estudo sobre Heidegger nem sobre Žižek propriamente dito. Mas, na verdade, é um olhar sobre os comentários às aproximações que estes dois pensamentos têm. Isto é relevante em certo aspecto quando se percebe que, para os estudos de Žižek, é fundamental reconhecer seu débito para com o filósofo alemão – ainda que isto nem sempre se faça, por outro lado, o lado dos heideggerianos, fazer ver Zizek como um de seus influenciados². Que significado, afinal, tem este estudo?

Com este artigo, com efeito, pretende-se: [1] apresentar uma *leitura não ortodoxa do pensamento filosófico e político de Heidegger* quando confrontados tanto com os comentários de Žižek sobre Heidegger, como pelo enfrentamento que pode ser feito com o pensamento político de Žižek, e, [2] uma vez revisto o pensamento político de Heidegger, reconhecê-lo como uma significativa crítica ao pensamento liberal.

Para tanto, faz-se uma revisão de literatura a respeito do assunto, qual seja, sobre o que se produziu sobre a relação Heidegger-Žižek. Nesta, encontra-se com especial relevância, dois comentadores que desenvolvem esta aproximação entre ambos. O primeiro é o filósofo finlandês Tere Vadén³ (1969) que tem pesquisas nas áreas de ciência cognitiva, inteligência artificial, filosofia da arte e teoria social. Dentre suas obras, este artigo se debruça sobre “*Heidegger, Zizek and Revolution*”⁴. O segundo é Thomas Brockelman, (B.A., Yale University; M.A., Ph.D., *State University of New York at Stony Brook*) que estuda extensivamente psicanálise, estética e filosofia continental. Seu interesse está centrado na forma como a cultura contemporânea foi transformada pela revolução digital e em como

² Comenta Brockelman (2008) que a origem heideggeriana das obras de Zizek tem sido frequentemente notada, embora tanto os discípulos de Zizek quanto os heideggerianos pouco se interessam por isto.

³ Tere Vadén é um filósofo finlandês que trabalha nas universidades de: Tampere, nas áreas de Ciências da Informação e filosofia teórica; e Ciências da Educação de Lapland, na Faculdade de Filosofia. Tem algumas traduções de Heidegger e alguns estudos sobre a aproximação entre Zizek e Heidegger, entre outras coisas.

⁴ Publicada pela primeira vez em 2012 pela editora Gaudeamus. Neste artigo, utilizaremos a tradução inglesa publicada em 2014 pela editora holandesa Sense Publishers.

sua obra “*Zizek and Heidegger. The Question concerning techno-capitalism*” (2008) desenvolve um ensaio sobre o pensamento de Žižek com algum reconhecimento do débito deste para com Heidegger.

Com esta matriz básica teórica, entre outras, chega-se ao seguinte corolário: há uma alternativa de leitura do pensamento heideggeriano com respeito à filosofia política. A partir dos conceitos de “revolução” e “finitude” é possível ler o pensamento de Heidegger nas fileiras do campo de uma filosofia política sem necessariamente cair nos dualismos desta leitura (isto é, ou desprezar a filosofia heideggeriana pela a presença dos traços nazistas ou amenizar estes traços desvinculando seu pensamento da política) e tomá-lo como uma crítica ao pensamento liberal.

Heidegger E Žižek : um pouco de história

Martin Heidegger⁵ nasceu em 26 de setembro de 1889, no vilarejo de Messkirch, no sul da Alemanha. Sua reputação como um pensador incisivo e radical foi selada em 1927 com a publicação de sua *opus magnum*, “*Sein und Zeit*” (Ser e Tempo); já sua reputação como homem, por outro lado, abriu sérias interrogações – aqui discutidas – por seu apoio vivo ao Nazismo durante o início de 1930.

Nos primeiros anos do Reich, Heidegger viu no nazismo o mote necessário para combater o tecnologismo e a globalização – ambos, frutos de uma política capitalista liberal – e, por meio desta proposta política recuperar o “enraizamento” do povo alemão em sua terra natal (HEIDEGGER, 2000). Vadén (2014) comenta que haveria uma a intenção “pedagógica” no projeto de Heidegger, pois, segundo o filósofo alemão, a história das universidades alemãs corresponderia à história do espírito (*Geist*) alemão, que, em certa medida, contém a história da Alemanha propriamente dita (HEIDEGGER, 2000). Nos termos de Vadén (2014, p.10, tradução nossa):

Ao assumir o reitorado da Universidade de Freiburg em 1933, Heidegger pegou o touro pelos chifres e aceitou a ingrata posição de líder da reforma estrutural nacional socialista nas universidades alemãs. Sua tarefa era transformar elevados princípios em práticas diárias, e ele tomou parte não apenas na implementação das reformas

⁵ Esta breve biografia foi retirada de: PALMER, J. A.; COOPER, D. E.; CORCORAN, P. B. (Ed.), *Fifty Key Thinkers on the Environment*, 2001. Para um aprofundamento da biografia de Heidegger Cf. SAFRANSKI, R. *Heidegger. Um mestre da Alemanha entre o bem mal*, 2005.

imaginadas naquele lugar, mas em inovar novos modos de dar corpo educacional aos ossos do nacional socialismo. Heidegger tomou este papel não apenas em sua universidade, mas no sentido mais amplo de todo sistema universitário alemão. [...] Heidegger foi membro do partido Nazi de 1933 até sua dispersão, tomou parte ativa, por anos, na formação da polícia nacional socialista, implementada em modos inovadores em 1933-1934 em Freiburg, e muito depois de deixar o reitorado continuou tomando parte na luta interna pela natureza da alta educação nacional socialista.

Após 1934, Heidegger tornou-se cada vez mais desiludido tanto com o nazismo quanto com seu primeiro projeto filosófico desenvolvido em “Ser e Tempo”. Ele acaba percebendo que seu primeiro trabalho estava muito ligado ao antropocentrismo ou mesmo ao ‘humanismo’ defendido pela tradição filosófica ocidental – tradição esta condenada por ele e colocada na raiz da moderna alienação tecnológica da natureza. Esta percepção, com efeito, encaminhou Heidegger a uma “viragem” (*Kebrre*) a qual a pergunta pelo sentido do ser e reconduzida a outros horizontes de compreensão.

O pensamento de Heidegger, desde então, tem tido repercussões em todos os meios intelectuais tendo influenciado campos diversos como a teoria literária, a teologia, a psicologia, a teoria política e a estética. Interessam, aqui, as apropriações de seu pensamento como chave de leitura para os teóricos contemporâneos, em especial, Žižek.

É importante dizer que as leituras feitas de Heidegger no viés político não são coesas ou unívocas. Vadén (2014, p.27) lembra que há um antagonismo (quase um dualismo) entre os estudiosos de Heidegger: há aqueles que lutam e se esforçam para negar ou mesmo encobrir qualquer envolvimento deste filósofo com o Nazismo – tendo como resultado um “Heidegger Light” que muito mais corresponde aos interesses dos intérpretes; mas há aqueles que fazem questão de manter a conexão Heidegger e o nazismo para justamente “livrarem-se de Heidegger”⁶. Neste artigo, se reconhece que, pelas aproximações feitas por Žižek ao pensamento heideggeriano é possível pensar em uma espécie de “via média”: apesar de não negar o envolvimento de Heidegger com o nazismo, ele necessariamente não vê nela um elemento negativo.

⁶ Há uma vasta literatura a respeito deste tema. Não cabe aqui e nem é nosso propósito fazer uma revisão de literatura a respeito desta temática. O que é importante para a discussão é a consciência que esta discussão não é tão simples e há várias nuances a serem levadas em consideração. (N. do A.)

Slavoj Žižek é natural de Liubliana na antiga Iugoslávia, hoje capital da Eslovênia. Doutorou-se em Filosofia em sua cidade natal e estudou Psicanálise na Universidade de Paris. Em 1990 candidatou-se à presidência da República da Eslovênia. Declara-se um comunista e um esquerdista radical. Nos termos de Daly (2004, p.5, tradução nossa), “... Žižek representa, em termos filosóficos, uma praga virulenta ou, talvez, atualizando a metáfora, um vírus de computador cuja proposta é romper com a confortável aparência do que, talvez, seja chamado a matrix do global-capitalismo-liberal”.

De acordo com Vadén (2014), Žižek exerce dois papéis distintos. O primeiro é no Ocidente, onde ele, como um intelectual público, concede entrevistas, escreve em colunas sociais, toma parte em debates, faz intervenções e conferências e frequentemente apóia movimentos políticos e sociais. A opinião pública o considera um liberal travestido de comunista. Ao contrário, na Eslovênia (seu país), ele é visto pela opinião pública como um simpatizante do comunista stanilista travestido de liberal.

O segundo papel é exercido na Eslovênia, o qual é visto como um intelectual público que começou escrevendo para o Jornal “*Mladina*” e participando de artes cênicas radicais. Sua participação política iniciou em 1988 quando quatro editores do *Mladina* foram acusados de terem uma ligação com documentos militares secretos. Žižek os apoiou e fundou o Conselho de Apoio aos Direitos Humanos no mesmo ano que deixou o partido comunista. Quando a Eslovênia se emancipou, Žižek, de início, apoiou o partido liberal democrático, depois o partido liberal centro-esquerda Zares (em função de sua amizade com o fundador do partido Gregor Golobic) que posteriormente se dividiram dos liberais democratas (VADÉN, 2014)

Do lado dos esquerdistas, Žižek não é bem visto pelo seu apoio aos liberais democratas. Do lado dos liberais democratas, segue-se uma suspeita de que ele seria um Stanilista com um verniz liberal, sendo considerado, por isto, um “cavalo de Troia” (VADÉN, 2014). De modo sintético, percebe-se, com estranheza e até com um pouco de bizarrice, as posições do contraditório e bem humorado Žižek.

As influências do pensamento de Žižek⁷ vão desde a teoria da ideologia às críticas à subjetividade, à ética, à globalização, ao cyber-espço, aos estudos de filmes, ao cognitivismo, à teologia, música e até mesmo às operas (DALY, 2004).

⁷ Para maiores informações sobre o pensamento de Zizek, Cf. MYERS, T. Žižek; PARKER, I. Slavoj Žižek: A Critical Introduction; Butler, R. Slavoj Žižek: Live Theory all start from the question of Žižek’s style.

Após uma breve introdução a ambos, três razões, ao menos, segundo Vadén (2014) conectam Heidegger a Žižek: [1] Heidegger, de alguma forma, tornou-se o *background* comum para quase toda a filosofia contemporânea – o que não é diferente no caso de Žižek. Este *background* está alocado no coração da teorização *heideggeriana* da finitude (BROCKELMAN, 2008); [2] Além de um grande filósofo, dono de uma vasta obra filosófica, Heidegger foi um militante, um ativista, alguém que tomou parte na política – apesar de esta participação política ter sido justamente “a pedra no sapato” deste filósofo, seja para aqueles que procuram separar esta participação como para aqueles que a enfatizam com o objetivo de reforçar suas críticas; [3] a tese sobre a revolução de Žižek é, em certa medida, uma resposta particular a Heidegger, pois: “Heidegger deu o passo certo, mas na direção errada” (ŽIŽEK apud Vadén, 2014, p.27)⁸. Estas razões, em certa medida, justificam a possibilidade de ler o pensamento de Heidegger tanto como uma “filosofia da finitude”, como propõe Brockelman (2008), quanto um “revolucionário”, o que permite identificar no pensamento de Heidegger uma crítica radical ao capitalismo liberal tal como defende a tese de Vadén (2014).

‘Revolução’ e ‘finitude’: categorias de aproximação

Dentre as três razões apresentadas por Vadén (2014) de aproximação entre Heidegger e Žižek, sem dúvida a segunda é fundamental para abrir a discussão. Para este comentador, “as respostas que Slavoj Žižek (1949) e Martin Heidegger (1889-1976) apresentam são similares, em face dos traços catastróficos das revoluções que eles admiram – o socialismo e o nacional socialismo” (VADÉN, 2014, p.01, tradução nossa). Em outras palavras, contrariando a ideia dual entre pensar e agir, ambos compreendem a filosofia como uma ação – a mais decisiva, urgente e histórico-mundial ação que se pode ter. E esta ação, a qual a filosofia torna-se parte, nada mais é do que a ação política.

No caso de Heidegger, que a questão da ação política tornou-se um debate sem fim devido ao seu envolvimento com o nazismo (como já foi mencionado acima), é crucial lembrar que no seu “testamento filosófico” – entrevista publicada postumamente pela Revista alemã *Der Spiegel* na década de 60 – ele dizia que a

⁸ Cf. Žižek, S. (2007a). Why Heidegger made the right step in 1933. *International Journal of Žižek Studies*, Vol.1, No. 4.

grande questão da “era da técnica” era a escolha certa do modelo político. Em seus termos:

Entretanto, de há 30 anos para cá, tem vindo a tornar-se mais claro que o movimento planetário da técnica moderna constitui um poder cuja grandeza historicamente determinada dificilmente pode sobrevalorizar-se. Hoje, *é para mim uma questão decisiva saber em que medida é que um sistema político (e qual) pode realmente ser conforme à era técnica*. Não tenho nenhuma resposta para tal pergunta. Não estou convencido que seja a democracia (HEIDEGGER, 2009, p.26, grifo nosso)

Vadén (2014) comenta que, se na década de 60 a preocupação do filósofo era e escolha certa do modelo político, quanto mais seria esta mesma preocupação na década de 30 em que sua participação política é bem mais explícita. Não obstante que nesta mesma entrevista, quando interrogado que tenha saído de uma postura apolítica para uma política, Heidegger (2009, p.25) corrige informando que apenas “no âmbito da Universidade...”.

No caso de Žižek, o melhor que se sabe é sua busca desenfreada de ser incluso no concílio presidencial da Eslovênia (1990) como parte da passagem para liberal democracia, embora se considere um comunista.

Estes dois exemplos contribuem para ver que o pensamento filosófico, tanto para Heidegger quanto para Žižek, não está em paralelo à ação. Pelo contrário, é por meio dele, sobretudo, que ações políticas são desenvolvidas. Desta compreensão, Vadén (2014) reconhece, a seu ver, a conexão mais crucial entre Heidegger e Žižek, o posicionamento da verdade. O que isto significa? Que a verdade é partidária. A noção de verdade, para ambos, não pode ser tomada como uma categoria que expressa a neutralidade, ela só é acessada desde uma limitada, engajada e parcial posição. Ou seja, se o pensamento filosófico é uma ação política efetiva, a verdade, na medida em que é a mais cara das pretensões deste tipo de pensamento, também não pode estar alheia às experiências inerentes desta ação, qual seja, o seu posicionamento, o seu partido.

A título de exemplo, no caso específico de Heidegger, mesmo não se atendo aos textos políticos da época do reitorado de Freiburg, Vadén (2014) alega que é possível perceber este posicionamento da verdade nas investidas deste filósofo no pensamento poético, em especial, suas interpretações de Hölderlin. Por meio destas Vadén (2014) entende que Heidegger propõe uma compreensão da

verdade que está engajada em uma “experiência vulnerável” – o que radicalmente contraria a tradição filosófica. Por outro lado, esta experiência é reveladora de uma grande propulsão de mudanças, em suas palavras:

Somente desta experiência vulnerável pode a verdade brotar. Para Heidegger, a experiência não significa um acúmulo de recortes estéticos e atmosféricos. Pelo contrário, a experiência contém uma força preponderante que o sujeito da experiência pode muito bem perceber como ameaça [...] (VADÉN, 2014, p.5, tradução nossa)

O que Vadén na verdade quer salientar no pensamento *heideggeriano* é o caráter singular – mas não subjetivo – da verdade concomitante ao seu poder de impacto.

Já no caso de Žižek, a vulnerabilidade e a não-neutralidade da verdade aparecem frequentemente sob diversos termos políticos. Para exemplificar, Vadén (2014) se vale das metáforas de Žižek: a universalidade do Cristianismo está muito mais no engajamento prático e a verdade do Marxismo é bem mais perceptível quando se assume o ponto de partida da experiência do proletário e não em um ponto neutro. Como bem lembra Vadén (2014), embora Žižek não fale de experiência quando discorre sobre a verdade, tal como faz Heidegger, sua crítica à neutralidade da verdade é nítida quando este enfatiza a natureza ideológica de todas as objetividades e autoevidencialidades. Nos termos do comentador, Žižek sustenta que a verdade é parcial também quando o sujeito *a vê* como objetiva, ou seja, a verdade universal é acessível apenas a partir de uma posição subjetiva engajada.

Consequentemente, Vadén (2014) alega que o *acesso à verdade* por meio do tom ameaçador da “experiência vulnerável” ou pela “posição subjetiva engajada” do sujeito confere tanto a Heidegger como a Žižek respectivamente o caráter de “revolucionário”. Ser revolucionário é admitir e agir por meio de uma verdade que é partidária, posicionada e engajada. Isto porque, para ambos, toda pretensão de verdade implica necessariamente uma ação política concreta e radical.

No caso de Heidegger, este caráter remete tanto a sua clara intenção de revolucionar as universidades alemãs na década de 30, quanto em sua crítica radical à era tecnológica na década de 50. Nos termos de Vadén (2014, p.9, tradução nossa), “Heidegger foi um pensador revolucionário que não voltava atrás, no que diz respeito ao trabalho político real, quando ele via uma oportunidade para fazê-lo”. No caso de Žižek, ele mesmo não oferece tais razões

– o que não é de tudo contraditório, haja vista que exigir uma justificativa para ser revolucionário seria supor que esta revolução não é evidente o bastante ou mesmo carece de fundamentos. Em outras palavras, para Žižek não se pergunta quais os fundamentos da revolução, e sim a quem pertence a iniciativa de iniciar a revolução. Portanto, o filósofo vê na própria autoevidência da revolução o ponto de partida de seus atos.

Aqui, ainda, cabe dizer que o juízo moral a respeito do caráter revolucionário de ambos não está em questão. Se Heidegger ou Žižek estavam certos ou não em suas escolhas partidárias – nacional-socialismo e comunismo respectivamente – se ambos os modelos políticos são ou não modelos que suprem as necessidades do discurso da ação, isto deve ser discutido em outro nível. O que está em questão aqui, por enquanto, é a evidência do pensamento engajado politicamente como um pensamento autêntico ou como a única possibilidade da própria verdade.

Por outro lado, ser “revolucionário” na leitura do comentador é sinônimo de anticapitalismo, seja defendendo o nacional socialismo (no caso de Heidegger), seja defendendo o comunismo (no caso de Žižek). Nos termos de Vadén (2014, p.6, tradução nossa),

Eles [Heidegger e Žižek] vêm a tentativa de aliviar os excessos do capitalismo como fútil ou mesmo contra-produtivo, bem como uma tentativa de apenas sustentar o sistema. Nem Heidegger nem Žižek permanecem em uma lenta e progressiva reforma. Este extremismo revolucionário é claro [...]

Para aprofundar esta aproximação entre revolucionário e anticapitalismo – saindo do âmbito meramente formal da questão e aprofundando em julgamentos mais políticos – é necessário ainda introduzir a segunda categoria de aproximação, qual seja, a de finitude. Só é possível acessar a esta equação (ser revolucionário é ser anticapitalista) se se compreender como que ambos descrevem a figura do revolucionário. Em linhas gerais, é adentrar no “sujeito da ação” em seus alicerces antropológicos.

Tanto Heidegger como Žižek, afirma Vadén (2014), defendem uma ideia de ser humano sobre a base de uma incompletude e finitude. A “filosofia da finitude”⁹, pensada desde Heidegger e Žižek, não é simplesmente lidar com

⁹ Termo usado por Brockelman (2008, p.03) para se referir à qualidade distintiva do final do século XIX e início do XX e significa algo como o esforço de pensar a situação humana sem referência ao ponto de vista platônico desde e para o qual a vida humana deve viver.

um tema tipicamente medieval, qual seja, a resignação humana diante de Deus frente ao seu pecado do orgulho. Mas, pelo contrário, é a recolocação da própria possibilidade da epistemologia. Brockelman (2008) explica que a intuição da finitude em Heidegger remonta sua obra “Ser e Tempo” e seus textos que estão em uma fase de seu pensamento denominados de “Metafísica do *Dasein*”¹⁰ (1927-1930). Nestes textos, Heidegger procura discutir a finitude em um nível tal que aquilo que parecia uma mera limitação epistemológica no Medievo é, de fato, uma verdade ontológica. Brockelman explica que

[...] se a finitude primeiro diz-nos que somos mortais, que não podemos ter o tipo de conhecimento da realidade que atribuímos a um observador onisciente; então o Heidegger deste período insiste que concebêssemos isto como uma limitação da própria realidade. O mundo real é uma espécie de coisa que estruturalmente impede qualquer conhecimento (2008, p. XIV, tradução nossa).

Uma filosofia da finitude – prossegue o comentador – não implica necessariamente em um projeto pelo qual se vive individualmente suas vidas, mas também um projeto de que permite viver na relação com outros indivíduos e com a sociedade. Ela é na verdade uma marca intrínseca da rebelião contra o pecado da filosofia moderna e da ciência quando estas aceitam acriticamente a abstração da vida humana; muito embora também vá radicalmente contra qualquer filosofia pré-moderna e cosmológica.

Para Žižek – afirma Brockelman (2008) – o compromisso de Heidegger com a finitude não deve ser visto como uma experiência de determinação ou limitação, mas como um lado positivo: um modo de encarar a existência (o *Dasein* que sou) a partir das possibilidades as quais sou capaz de abrir por minha própria e infundada decisão. A finitude humana está intrinsecamente ligada à necessidade de um modo de existência que não pode ser individualizante. Este modo de existência coletivo, por assim dizer, é assegurado por Heidegger em “Ser e Tempo” com a analítica existencial do *Dasein*.

Este modo de ler a existência humana – o *Dasein* – sobre uma base coletiva, Vadén (2014) lembra, também foi defendido pelo pensamento francês, em especial

¹⁰ Cf. JARAN, F. *La Metaphysique du Dasein*. Heidegger et la possibilite de la metaphysique (1927-1930). Bucarest : Zeta Books, 2010b.

por Marcuse no final da década de 20 e início da década de 30. Para Marcuse (apud Vadén, 2014, p.13) “o Dasein de Heidegger, como uma subjetividade coletiva [...] pode agir historicamente no sentido marxista”. Não obstante, como nota Vadén (2014), a leitura marcusiana de Heidegger mostrou a ambiguidade existente neste pensamento, isto é, ao mesmo tempo que a facticidade da fenomenologia heideggeriana, por um lado, o levou às reflexões transcendentais (como é o caso da obra de “Ser e Tempo”); por outro, o colocou em contato direto com a política ideológica racista.

Há ainda uma leitura que procura aproximar “Ser e Tempo” e “História e consciência de classe” de Lukács. Vadén (2014) nota que os pontos de contato são o tema da “alienação” e o da “reificação”. Tal como em “Ser e Tempo”, a qual Heidegger defende a superação de uma existência inautêntica própria da cotidianidade mergulhada na instrumentalidade por meio de uma existência autêntica que parte da diferenciação do modo de ser do homem enquanto *Dasein*; também Lukács faria o mesmo: superar a cotidiana condição de vida e trabalho alienados pela civilização moderna por meio de uma concreta conscientização de classe da divisão sujeito-objeto, consciência-natureza. Esquemáticamente, enquanto os marxistas (seja Lukács, ou mesmo Marcuse) defendem a tese da existência da classe-histórica, Heidegger, por sua vez, defende a tese do ser-histórico. Apesar das semelhanças, resguardam-se as tensões entre marxismo e heideggerianismo (VADÉN, 2014).

Contrariamente, Brockelman (2008) lembra que este modo de entender “Ser e Tempo”, como uma existência coletiva, não é o pensamento mais amplamente aceito entre os críticos de Heidegger, principalmente Karl Löwith. Segundo esta crítica, explica Brockelman (2008), a defesa da autenticidade existencial do *Dasein* implica e impõe o abandono do modo de ser inautêntico do *das Man*, em outros termos, é um modo existencial que não pode ser determinado por um “eles”, mas sim por uma espécie de “clássica atividade subjetiva *individual* definida contra o superficial mundo social. Este “subjetivismo residual”, continua o comentador, seria ainda o atrativo para o envolvimento com o nazismo, pois compreende-se que as mudanças no pensamento de Heidegger por volta dos anos 30 em direção ao nacional-socialismo seria a saída do subjetivismo existencial para uma espécie de “filosofia da Vontade subjetiva” transposta a um “onto-sujeito” em sentido amplo: do povo (*Volks*). Ou seja, não seria a defesa de uma crítica ao individualismo

propriamente dito que teria feito Heidegger filiar-se a um movimento político, senão justamente os resíduos individualistas do subjetivismo existencial de *Ser e Tempo* e transpostos ao nacionalismo germânico.

Um segundo grupo de críticas a Heidegger, que o desqualificam em termos de possuir um pensamento que defenda uma coletividade frente a uma individualidade, é aquele que o lê desde um desenraizamento de sua filosofia pelo excesso ontológico. Contra esta leitura, Vadén (2014) mostra que todos os críticos de Heidegger não podem deixar de admitir que suas últimas contribuições estejam sintetizadas na ideia de um ser histórico. Pensar uma compreensão ontológica sem temporalidade, de algum modo, trai aquilo que Heidegger mesmo arquitetou desde “*Ser e Tempo*”. Portanto, seres humanos só podem existir se, desde sempre, forem antecidos por uma historicidade: nascimento e morte. Mais uma vez a finitude apareceria como categoria de compreensão que colocaria o pensamento heideggeriano em seu eixo fundamental.

Sobre esta tese nuclear do pensamento heideggeriano – a copertença entre ser e tempo (seja com a temporalidade do *Dasein* em ‘*Ser e Tempo*’, seja a História do Ser após a viragem) –, isto é, sobre a finitude, é que se pode fundamentar a natureza política deste pensador. A inseparabilidade da metafísica com a política, portanto, pode ser sustentada pelo fato de que

Se a compreensão de ser que os humanos possuem muda de acordo com história temporal do ser, eles também mudarão em acordo com história espacial do ser. Em outras palavras, separados espacialmente, espécies de *Dasein* que existe simultaneamente no tempo-relógio físico contém compreensões históricas diferentes do ser, pois precisamente as mesmas razões que separam temporalmente espécies de *Dasein* que existe nas mesmas coordenadas físicas contém diferentes compreensões históricas do ser. Se, por exemplo, a compreensão do ser na clássica Grécia antiga é diferente da compreensão de ser na Europa do século XVIII (incluindo a Grécia), assim também (e pela mesma razão!) a compreensão do ser na Greenland no século XVIII é diferente da compreensão do ser na Alemanha do século XVIII (não que outra Greenland ou Alemanha existam no século XVIII). (VADÉN, 2014, p.17, tradução nossa).

Com esta longa citação, Vadén alega que a ideia nuclear de Heidegger – o ser histórico – é uma compreensão metafísica (ontológica, no caso) que não é alienada do tempo e do espaço, i. é, da concreção da prática e está condicionada

à finitude (BROCKELMAN, 2008). A justificativa para que dois seres humanos vivendo em um mesmo período histórico, mas em localidades diferentes, pensem diferentemente é a mesma para que dois seres humanos vivendo em uma mesma localidade, mas em tempos diferentes, pensem diferentes: qual seja, a compreensão histórica e finita do ser. Em outros termos, as mudanças tanto temporais (tempo-relógio físico) quanto espaciais (geográficas) possuem suas explicações fundamentais e dependem necessariamente das mudanças de compreensão histórica do ser.

Mutatis mutandis, para ficar clara a caracterização do ser revolucionário enquanto postura anti-capitalista como traço essencial da aproximação entre Heidegger e Žižek, é necessário ainda fazer breves comentários sobre a zizekiana “teoria do sujeito”. É óbvio que Heidegger não é a única influência da filosofia da finitude em Žižek, Kierkegaard e Sartre também devem ser considerados (BROCKELMAN, 2008). Embora ciente das críticas pós-modernas à noção de sujeito, a questão de Žižek é pensar minimamente como um sujeito pode ser pensado. Esta teoria, Vadén (2014, p.29), comenta, “podemos chamar de ‘minimalista’. Isto significa que ‘sujeito’, para Zizek, “é o nome para o fato que o traço da experiência humana é sempre e já fraturada, incompleta e finita” (VADÉN, 2014, p.29, tradução nossa).

120

Nos termos de Daly (2004), o sujeito zizekiano nem é uma entidade nem um *locus* específico. O sujeito existe como uma dimensão eterna da “excessiva resistência” frente às formas de subjetivação. Ele é um vazio constitutivo básico que conduz à subjetivação sem poder ser preenchido por nada, é o resíduo de todas as formas de subjetivação, portanto não há uma identidade ontológica (claramente uma influência do existencialismo sartreano). Em termos lacanianos, Žižek define o sujeito como “um espinho na garganta do significante”. Em termos germânico-idealísticos, o sujeito se identifica com a negação: a tensão entre aquilo que sempre tende à subjetivação e, ao mesmo tempo, procura escapar dela. Neste sentido, ele é sempre estruturado, em certa medida, como um “ser-para-a-insanidade” [*being-towards-madness*]. Incide aqui, claramente uma perspectiva derridiana, quando este retoma a máxima de Kierkegaard: “o momento de decisão é o momento de insanidade” (DALY, 2004).

Sujeito, com efeito, não é um conteúdo independente (tal como pensavam Descartes e Kant), pois ele é tanto uma estrutura vazia (um quase uma não-estrutura) quanto um efeito da finitude e da incompletude do ser humano. Em

outras palavras, a “fratura”, o “sujeito fraturado” é condição *sine qua non* para que haja o conhecimento.

Crítica ao liberalismo

Até aqui se compreendeu que o caráter revolucionário que liga Heidegger e Žižek implica um “ser-revolucionário” finito. Mas como compreender, a partir disto, a revolução como uma recusa ao capitalismo? Esta questão deve ser explicada desde o fato de que toda a discussão zizekiana sobre a revolução e sua necessária recusa a um modo de pensar o ser humano à luz do individualismo – e, como foi visto, também extrapolado a Heidegger – é uma afronta a um modelo bem específico de capitalismo: o liberalismo. Ribeiro (1998, p.46), comentando Robert Castel, alega que “a partir do século XIX a liberdade e o individualismo triunfantes comportam uma face humana, a da individualidade negativa dos que são privados de proteção e reconhecimento”.

Neste sentido, tanto Heidegger quanto Žižek resistem ao liberalismo não porque ele é ilusório, mas porque ele é um fenômeno efetivamente existente; e seus temores não estão calcados no mal que ele pode fazer, mas justamente no “bem” que ele propõe. Parafraçando Frederic Jameson apud Vadén (2014), Žižek repetidamente afirma que o fim do mundo é mais plausível do que o fim do liberalismo. Portanto, faz-se necessário uma transformação total na experiência, ou seja, é necessária uma revolução.

A longa carreira de Heidegger remete diretamente a uma extensa campanha contra a noção liberal. Se o Heidegger de 1930 fosse vivo hoje, ele seria considerado um “militante”. Não obstante a queda do Nazismo, segundo a leitura de Vadén (2014) de Heidegger, esta queda, talvez, não tenha sido melhor do que a vitória dos centros de poder contra os quais esta revolução foi motivada. O problema, prossegue o mesmo, é que a palavra Nazismo foi associada ao horror e qualquer coisa que o lembre, e claro, será digna de repúdio, como se pode ler no prefácio da obra de Emmanuel Faye ‘Heidegger: a introdução do nazismo na filosofia’:

Longe de fazer o pensamento progredir, Heidegger contribuiu para ocultar o teor fundamentalmente destrutivo do empreendimento hitlerista, ao exaltar sua ‘grandeza’. Longe de enriquecer a filosofia, ele trabalhou para sua destruição, pondo-a a serviço de um

movimento que, por meio da discriminação assassina que o anima e do empreendimento de aniquilação coletiva ao qual conduz, constitui a negação radical de toda humanidade, bem como de todo pensamento (FAYE, 2015, p.19).

Em contrapartida, Vadén (2014) afirma que – o que não deixa de ser o “óbvio ululante”, parafraseando Nelson Rodrigues – é um truísmo afirmar que há certa distância entre o pensamento de Heidegger e as ideias dos líderes nazistas, haja vista que tal distância é inerente a qualquer seguidor de qualquer ideia (tal como Marx e os marxistas, Cristo e os cristãos). Assim sendo, a distância alegada pelos heideggerianos de Heidegger com respeito ao nazismo em nada prova que este era “apolítico” e nem que ele seja o “destruidor da filosofia” como querem Faye (2015) e outros. Pelo contrário, não obstante, a consciência de Heidegger de sua distância de pensamento com os líderes do partido e ainda sim optar por um trabalho político revolucionário, tudo isto reforça o compromisso do filósofo com a revolução, no sentido que Vadén (2014) oferece na aproximação com Žižek.

Žižek (2007) tem certeza que a entrada de Heidegger na vida política foi o ápice de sua carreira filosófica, aquilo que ele denomina de “o passo certo”, mesmo que na “direção errada”. Este modo de Žižek ler Heidegger é que permite extrapolar o caráter revolucionário a este último e ver nele uma crítica ao liberalismo. Quem oferece esta explicação é Vadén (2014). Em primeiro lugar, não é pela nacionalização da filosofia que Žižek considera Heidegger revolucionário, pois, como lembra bem Vadén (2014), a ideia de revolução de Žižek, quando esta rechaça o individual, deve ser tomada como universal e não como sinônimo do nacional. Neste sentido, o que torna Heidegger um revolucionário são as categorias de liderança, coletividade e liberdade discutidas na década de 30:

[...] para Žižek, também, o momento completo da liberdade atual é o momento da revolução, cujas pessoas funcionassem tal como se uma [delas] unificasse o sujeito coletivo, superando suas preferências individuais patológicas e, com efeito, criando uma nova esfera de liberdade por meio do qual foi previamente pensado como possível (VADÉN, 2014, p.47, tradução nossa)

A citação acima permite que se compreenda aonde Žižek quer chegar com Heidegger, i. é, ele reconhece em Heidegger, além de outras coisas, um traço importante na revolução: a superação de uma antropologia individualista como fundamento para uma filosofia política. Sobre este ponto Vadén (2014) explica que

o ser humano (o ser de ação, o revolucionário) no pensamento heideggeriano nem é individual nem é subjetivo (apesar das críticas de Löwith). Ao usar a expressão *Dasein*, Heidegger convergiria a existência humana para uma existência coletiva, para a geração, para o povo e para a história.

A autenticidade existencial prevista em “Ser e Tempo” é vista, na articulação feita com Žižek por Vadén (2014), como a condição política para missão histórica do povo: torna-se Estado. A autenticidade do histórico é a existência de um povo como um Estado. O modo de ser Estado é estruturado pela obediência, pois só assim é que as pessoas podem tornar-se líderes (*Führer*, Cristo, Hölderlin). Seguir o líder não é marchar atrás de uma bandeira, mas re-experimentar uma criativa e original experiência revelada e tornada possível pelo líder. Isto significa que um Estado revolucionário não precisa de relações representacionais (VADÉN, 2014).

Esta breve descrição, de algum modo, confere a Heidegger o passo certo. Como explica Vadén (2014), Žižek pensa que Heidegger teria dado este passo quando se engajou em uma experiência autêntica de concretização do pensamento filosófico, o que lhe permitiu admitir tanto a histórica finitude humana quanto abandonar o individualismo, substituindo-o por elementos importantes como coletividade, liberdade e liderança. Por outro lado, a “direção errada” tomada por Heidegger, como acusa Žižek (2007), dita aqui de modo sintética¹¹, se deve ao fato de que o dado antropológico heideggeriano, o “sujeito nos termos zizekiano” – ou ainda, o ser revolucionário – embora não seja mais individual, foi subsumido por uma substância particular (o alemão ariano), não conferindo ao sujeito a sua universalidade.

É aqui que o pensamento de Heidegger, lido desde as aproximações com Žižek, o torna um anti-capitalista e um anti-liberal. O comentário de Vadén (2014, p.7-8) ajuda a compreender este corolário:

A visão liberal do ser humano é equivocada simplesmente porque ela vê o ser humano como um auto-suficiente e uma entidade livre-flutuante, referindo-se às coisas, e aos outros humanos, tal como ela os dispõe [...] Um humano é tanto o humano quanto a espécie de ser humano que ele ou ela é, pois a poesia abre um mundo a ele ou a ela (e a espécie de mundo que ela tem aberto). Apenas secundariamente

¹¹ Neste artigo, porém, não discutiremos com propriedade a segunda parte da assertiva de Žižek sobre Heidegger (“... na direção errada”), embora decisiva para a compreensão da primeira, ela implicaria em maiores delongas, o que afastariam por demais do tema pretendido. (N. do A).

pode o ser humano colocar-se fora da poesia e analisá-la como se fosse uma distância [...] A visão e opinião liberal podem ser mudadas, sem qualquer profunda consequência para a humanidade. A visão liberal do ser humano é tão débil quanto lisa e também diluída e distante. Uma visão liberal não se impõe, diferente da poesia que vive como parte do ser humano. O que vale para a poesia, vale para a comunidade; Heidegger vê a comunidade, *Mitsein* e participa da linguagem como traço experiencial fundamental que precede o indivíduo [...] (tradução nossa)

O limite da visão liberal, tal como a longa citação apresenta, é sua filosofia antropológica de fundo. Para que uma visão liberal se sustente, o sujeito liberal deve ser compreendido como um ente auto-suficiente, individualista. Esta compreensão, por sua vez, vai de encontro com o pensamento heideggeriano, em especial, com a tese sobre a verdade encontrada nos escritos tardios, aos quais se alega um modo de ser humano mergulhado na experiência poética, na experiência da finitude. A esta experiência, pois, não se pode sair, diferente da experiência liberal que facilmente pode ser mudada. Ademais, a experiência poética defendida por Heidegger como a própria experiência da verdade, enquanto expressão da linguagem, antecede o indivíduo e reivindica sua coletividade. Tal como a experiência poética, é a experiência revolucionária: uma reivindicação da coletividade humana e uma crítica ao capitalismo liberal (VADÉN, 2014).

124

Com efeito, tanto para Žižek quanto para Heidegger, o erro fundamental do liberalismo é sua compreensão da filosofia do homem e, não menos, sua filosofia política. Por esta razão, é possível dizer que a noção de revolução não é meramente uma mudança nas relações de poder ocorridas efetivamente no meio político. Pelo contrário, revolução quer dizer “transformação daquilo que faz o ser humano ser humano” (VADÉN, 2014, p.08). A política liberal bem como a filosofia liberal torna-se um processo de desumanização do humano quando o condiciona e subordina seu individualismo à livre concorrência. Em termos heideggerianos, a revolução se daria por meio de um “(re)nascimento” de uma nova experiência comunitária a qual incluiria todas as dimensões que, de algum modo, estão inerentes na comunidade humana recriando uma nova subsistência. Já para Žižek, a revolução estaria ligada a ideia de “maioridade” (em sentido lacaniano-hegeliano), isto quer dizer: abandonar as muletas ideológicas para se enraizar em um projeto comunitário (VADÉN, 2014).

Considerações finais

O presente artigo procurou, em linhas gerais, notar previamente que tipo de relação é possível ser reconhecida nos comentários, que recentemente tem emergido, entre Heidegger e Žižek, partindo do pressuposto de que esta relação é relativamente nova e pouco estudada. Neste sentido, o artigo não é um comentário a Žižek nem a Heidegger, mas uma discussão sobre as aproximações feitas entre ambos. Para levar a cabo esta pretensa discussão dois comentadores, de modo mais específico, foram tomados como base. O primeiro foi T. Vadén e o segundo foi T. Brockelman. Ambos compreendem que há muito em comum entre Heidegger e Žižek, assim como há diferenças abissais. Ambos vêem que Žižek pode ser posto na fileira daqueles pensadores que dependem de Heidegger como também daqueles que o criticam. Por outro lado, ambos enveredam caminhos distintos na hora de mostrarem as interseções.

De Vadén, o que fica claro é a filosofia política como ponto de partida, embora suas discussões não se limitem a tal. Especificamente, a teoria da revolução de Žižek é o mote de acesso. O comentador procura deixar bem evidente quão político e concreto é a filosofia de Žižek e Heidegger. Não haveria uma filosofia descolada da ação e que não tivesse alguma implicação política. Em realidade, afirma Vadén, é de Heidegger que Žižek extrai e defende esta ideia; por isto todo o esforço deste comentador em mostrar dentro dos quadros do pensamento heideggeriano a tese da revolução. De Brockelman, por outro lado, o acesso se dá pela filosofia da finitude. Este reconhece que Heidegger é importante para a compreensão da teoria do sujeito de Žižek, ainda que não seja o único. A discussão se encaminha pela pergunta de quanto Heidegger ainda pode ser considerado um pensador moderno e quanto esse resquício o leva para a vida política. Dentro desta discussão é que se encontra a pergunta pelo sujeito e que se reconhece o horizonte da finitude como uma abertura para os contemporâneos como Žižek. Dentro destes dois encaminhamentos – Vadén e Brockelman – que o artigo procurou mostrar as ligações que se podem ser feitas entre Heidegger e Žižek.

Partindo da ideia de que filosofia e ação não podem estar separadas, Žižek e Heidegger se agregam, já que segundo Vadén, ambos devem ser lidos como aqueles que melhor viveram esta experiência, já que suas filosofias expressam o mais radical da ação: a política, ou melhor, a militância. Isto implica reconhecer

que a própria noção de verdade – pretensão última da filosofia – também é condicionada por esta militância. A verdade seria, em última instância, partidária. Este corolário é para este comentador o caráter mais revolucionário de ambos os filósofos em questão e aquilo que melhor os aproxima. Heidegger e Žižek são revolucionários. A bem da verdade, este reconhecimento não implica em grandes questões. É a partir das implicações que a revolução e a finitude possuem que a discussão exige mais cuidados.

Ao admitir que Heidegger e Žižek são revolucionários, Vadén também admite que isto implica uma radical teoria da finitude. Tal como alterca Brockelman, a finitude bem mais que uma condição da existência humana (mortalidade) é uma determinação ontológica e implica uma reconfiguração do ente que discorre sobre a própria ação. A filosofia da finitude propõe que as teorias do sujeito sejam revistas e oferece a Heidegger e a Žižek uma nova forma de compreender a ação política. É por meio dela que Žižek sustenta sua teoria de um sujeito minimalista e que Heidegger discorre sobre a autenticidade do *Dasein*. Com efeito, é nesta discussão da autenticidade do *Dasein* que Heidegger dá o passo certo como sustenta Žižek, pois considerando a finitude da existência, Heidegger não desconsidera a possibilidade de uma existência no coletivo. Esta, por seu turno, permite que Heidegger sustente uma filosofia política nacional-socialista, ou seja, uma postura anti-liberal.

Ora, a lógica é simples, porém suas implicações nem tanto. Em termos lógicos, a revolução ou o caráter revolucionário de ambos (Heidegger e Žižek) encerram uma compreensão prévia do ser do revolucionário, do ser da ação revolucionária. Este, por sua vez, deve ser visto à luz da filosofia da finitude, que o impede de ser absoluto e individualista; ao contrário deve ser um ser que seja mergulhado na experiência da finitude e, em função disto, necessite um do outro. Este modo de ser coletivo constroi politicamente ações em defesa de uma concepção superior de Estado (seja ele comunista no caso de Žižek, seja nacional-socialista no caso de Heidegger). Uma política em favor do Estado vai de encontro à filosofia capitalista, sobretudo, a liberal.

Assim, a tese de Vadén e Brockelman contribuem para ler a seguinte relação entre Heidegger e Žižek: ambos são revolucionários por, primeiramente, refutarem o dualismo entre pensar e agir em favor da política (tese esta também defendida por Harendt em “Condição Humana”); segundo, por favorecerem a

discussão de uma nova compreensão de revolução, i. é, revolução não é apenas mudanças no âmbito da superestrutura (parafrazeando Marx), mas uma revisão na infraestrutura ontológica do modo de ser do revolucionário: um ente coletivo.

Porém, não é bem esta a conclusão que este artigo considera relevante; mas a de, ao mostrar os pontos em comum entre Heidegger e Žižek, abre-se uma alternativa importante no estudo da filosofia política de Heidegger. Como já foi bem discutido, há uma espécie de dualismo a respeito desta questão: ou Heidegger é nazista e isto o invalida enquanto filósofo ou o nazismo de Heidegger é tomado em sentido fraco, reforçando o abismo entre teoria e prática, filosofia e ação. A partir destas reflexões quer se abrir uma perspectiva de “via média” sobre este problema da filosofia heideggeriana.

Por meio das aproximações feitas pelos comentadores citados, é possível notar que o fato de Heidegger ter-se envolvido com o Nazismo tem, de modo dialético, acertos e erros. Heidegger acerta por compreender que a política liberal capitalista fere os princípios e os horizontes originários de compreensão do ser do homem, pois o obriga ou defender um individualismo cego ou um desenraizamento tecnológico. A defesa do nacional-socialismo não pode ser meramente confundida com os resultados do hitlerianismo. Porém, Heidegger se equivoca ao confundir a ideia de originalidade com a ideia de nacionalidade (germânico-ariana), promovendo, em função disto, as críticas a seu pensamento. A crítica ao pensamento liberal em tensão com o projeto nacionalista coloca Heidegger, não em uma alternativa lógica-matemática, mas em uma dialética passível de análise e mui proveitosa quando se observa as grandes questões políticas do cenário brasileiro fruto de influências da política neo-liberal.

Referências

BROCKELMAN, T. **Zizek and Heidegger**. The Question Concerning Techno-Capital. NY: Continuum, 2008.

DALY, G. Introduction: Risking the impossible. In: ZIZEK, S.; DALY, G. **Conversations with Zizek**. Cambridge: Polity Press, 2004.

FAYE, E. **Heidegger: introdução da filosofia no nazismo em torno dos seminários de 1933-1935**. Trad. Luiz P. Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2015.

HEIDEGGER, M. Die Selbstbehauptung der deutschen Universität (27. Mai 1933). In: **Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges**. Frankfurt am Main: Vittorio Klosterman, 2000, Band 16, Abteilung: Veröffentliche Schriften 1910-1976 (Gesamtausgabe).

____. **Já só um Deus nos pode ainda salvar**. Trad. Irene B. Duarte. Covilhã: LusoSofia press, 2009. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/heideggger_ja_so_um_deus_nos_pode_ainda_salvar_der_spiegel.pdf. Acesso em 07/07/2017.

PALMER, Joy A.; COOPER, David E.; CORCORAN, Peter Blaze (Ed.), **Fifty Key Thinkers on the Environment**. London: Routledge, 2001.

RIBEIRO, D. P. Anotações da obra *Les metamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat de Robert Castel*. **Multitemas**. Periódico das Comunidades Departamentais da UCDB. Campo Grande, n.10, outubro, 1998, pp.44-74.

SAFRANSKI, R. **Heidegger**. Um mestre da Alemanha entre o bem mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

VADÉN, T. **Heidegger, Zizek and Revolution**. Rotterdam: Sense Publishers, 2014, v. 1 (Perspectives of critical theory and education).

Žižek, S. (2007a). Why Heidegger made the right step in 1933. **International Journal of Žižek Studies**, Vol.1, No. 4.

Abordagens e métodos para o estudo das mídias sociais na comunicação política

Jean Burgess¹

Axel Bruns²

O papel das mídias sociais na comunicação política

Dado o ambiente de mídia distribuído e de multiplataformas em que os meios de comunicação e os cidadãos compartilham e discutem eventos políticos as mídias sociais se fazem sempre presentes na política contemporânea. Conseqüentemente, o estudo do papel das redes sociais na Comunicação Política está agora bem estabelecido nos estudos de Mídia e Comunicação, na Ciência da Informação, tal qual na Ciência Política – como é evidenciado pela produção de volumes multidisciplinares como o *Routledge Companion to Social Media and Politics* (Brunns et al 2016). À medida que pesquisadores em áreas como a comunicação mediada por computador (*computer-mediated communication* – CMC), análises de redes sociais e estudos de internet figuravam entre os primeiros a estudar o uso de mídias sociais (Boyd e Ellison, 2007), os usos políticos e as implicações das mídias sociais passam a ser cada vez mais interessantes e preocupantes em todo o espectro disciplinar em Ciências Sociais. Este interesse generalizado prosseguiu junto à incorporação contínua de plataformas e práticas de mídia social na maquinaria da política e a quase onipresença do uso de mídias sociais entre as populações de muitas nações.

129

¹ Professora de Digital Media e Diretora do Digital Media Research Center na Queensland University of Technology.

² Professor de Digital Media e Diretora do Digital Media Research Center na Queensland University of Technology.

No entanto, as plataformas específicas de redes sociais não são onipresentes, como por exemplo, o *Facebook* e *Twitter*, que têm muita popularidade em muitas partes do mundo, mas são irrelevantes na China onde a atividade de mídia social gira em torno de aplicativos de mensagens instantâneas como *WeChat* e, em menor grau, a plataforma de microblogging *Weibo*.

Mais familiar para os estudiosos da Comunicação Política, as mídias sociais desempenham um papel importante na política formal (eleitoral e estatal). Por exemplo, houve uma grande quantidade de estudos do uso das mídias sociais na campanha Do ex-presidente Barack Obama. Seguindo uma tradição já muito utilizada, os estudiosos de mídia e da comunicação seguem e avaliam o uso dessas novas formas de comunicação política e mediação por candidatos e políticos eleitos, particularmente durante as campanhas eleitorais (para uma visão geral, ver BALDWIN-PHILIPPI, 2017). Como a campanha presidencial dos EUA em 2017 e os eventos políticos no mesmo ano têm mostrado, os modelos de negócios, as operações algorítmicas e as políticas de plataformas tornaram-se cada vez mais problematicamente emaranhadas em torno da política de Estado e da operação de processos democráticos como no caso das eleições.

À medida em que o papel da internet nas campanhas eleitorais junto à democracia deliberativa e o “governo eletrônico” se estabelecia desde a década de 1990, observava-se que uma das características distintivas das mídias sociais residia, por um lado, na forma como ela produz convergências entre a cultura popular e a vida cotidiana e, por outro, nos espaços mais formais da política no que diz respeito a governos e eleições que são mais tradicionalmente entendidos como objetos da “comunicação política”. Esse entendimento leva a novos campos de estudo sobre a “política cotidiana” nas mídias sociais (HIGHFIELD, 2016), incluindo o papel de formas culturais de manifestação vernácula nas políticas públicas como *memes* e *gifs* animados (por exemplo, ver MILNER, 2016).

O papel das mídias sociais em novos movimentos sociais e no ativismo político como um todo tem se mostrado uma área de pesquisa relativamente nova e dinâmica (para uma visão geral ver Poell & VAN DICKJ, 2017). Tem havido uma intensa atenção ao papel das mídias sociais na ecologia midiática em larga escala nos eventos coletivamente e coloquialmente conhecidos como Primavera árabe (BRUNS, BURGESS & HIGHFIELD, 2013); bem como as novas formas de protesto por direitos civis e cultura ativista associada ao movimento *#occupy*

(GERBAUDO, 2017); os elementos de mídia social do movimento dos direitos civis negros organizados em torno da hashtag *#blacklivesmatter* (FREELON et al., 2016) e uma série de campanhas feministas e ambientais.

O Twitter e o crescimento dos “estudos de hashtags”

O Twitter é especialmente popular como um espaço de estudo para a relação entre as mídias sociais e a política. Com efeito, o Twitter tem sido de particular interesse para os pesquisadores devido à sua relativa abertura em termos de acesso a dados e de sua aceitação em vários idiomas e nações. De fato, foi de interesse para nós quando solicitamos financiamento para o estudo relatado nesta coleção de artigos, pois era popular tanto na Austrália quanto no Brasil, e em ambos os países foi usado ao lado do *Facebook* para comunicação política formal e ativismo organizado bem como para o engajamento político informal ou cotidiano.

A relevância do *Twitter* para os estudos de comunicação política deve-se em parte aos recursos comunicativos da plataforma como *tweets* curtos, estruturas de rede que podem ser efêmeras em vez de baseadas em relacionamentos, e seu aspecto em tempo real que se adequa a discussões e debates informais. O *Twitter* também é extremamente popular tanto com jornalistas, atores políticos como ativistas e políticos profissionais. Em grande parte, devido aos recursos de pesquisa da plataforma, especialmente a relativa abertura e acessibilidade de sua Interface de Programação de Aplicações (*Application Programming Interface* – API) que tem sido tão atraente para pesquisadores em Ciências Sociais equipados com a capacidade de realizar análises baseadas em dados usando métodos digitais. No entanto, é importante notar que há desafios significativos para os pesquisadores na área de acesso a dados, pois o modelo de negócios do *Twitter* e as estruturas técnicas de governança se fortaleceram em torno do acesso aberto aos seus dados e esta situação continua a se agravar (BURGESS & BRUNS, 2015; PUSCHMANN & BURGESS, 2014).

Uma grande proporção de estudos do *Twitter* baseia-se em *hashtags*, palavras-chave ou “pacotes” e combinações destes para *tweets* de origem relevantes para um tópico, problema ou evento. Sobretudo em fases anteriores da pesquisa de *Twitter* orientada a dados nos campos da comunicação e da política, essa foi a única maneira confiável de ter um entendimento da interlocução pública

em torno de um determinado evento ou tópico e muitas destas interlocuções foram mediadas por *hashtags*, criando “*públicos de hashtags*” de diferentes tipos e com diferentes propósitos comunicativos (BRUNS & BURGESS, 2015). Contudo, nem sempre foi possível capturar todas ou mesmo a maior parte das interlocuções em qualquer evento em particular já que as *hashtags* “oficiais” para eventos ou tópicos específicos levaram algum tempo a surgir ou várias alternativas permaneceram operando em paralelo. O papel das *hashtags* e sua utilidade para os pesquisadores evoluiu de forma significativa à medida que a plataforma cresceu e há menos consenso entre as comunidades de usuários sobre as *hashtags* ou palavras-chave mais adequadas para se usar, ou se devem usá-las. Além disso, mesmo se as *hashtags* relevantes foram usadas de forma consistente, sempre foi o caso que os tópicos de conversação pudessem se cruzar de um tópico para outro.

Contrariamente, as *hashtags* também podem se tornar menos úteis à medida que os tópicos se tornam mais difundidos. Isso ocorre porque alguns eventos ou temas são tão globais e de tão grande alcance que o uso de *hashtags* para referir-se a eles parece redundante. Por exemplo, quando David Bowie morreu em 2016, um enorme volume de tuítes que estavam preocupados com sua morte não continham uma *hashtag* ou mesmo o nome “Bowie” – essa morte de uma celebridade em particular foi entendida como uma experiência comum entre os usuários em que eles assumiram claramente que não precisavam se referir explicitamente por uma *hashtag* para transmitir o seu significado – uma característica comum de “eventos de mídia social” muito generalizados (BURGESS, MITCHELL & MÜNSCH, 2018). Por conseguinte, é importante que as abordagens orientadas por dados para a comunicação política no *Twitter* se movam para além dos “estudos de *hashtag*” e considerem também outras abordagens mais sistemáticas e abrangentes.

Abordagens baseadas na população para se estudar política no Twitter

Os estudos baseados em *hashtags* são capazes de investigar apenas um subconjunto autosseleccionável de discussões políticas no *Twitter*: eles capturam apenas aqueles *tweets* cujos autores fizeram a escolha consciente de incluir uma *hashtag* específica em seus *tweets*. Na prática, eles geralmente cobrem apenas as *hashtags* que os próprios pesquisadores tomaram conhecimento antes ou durante o evento político em estudo, ignorando outras *hashtags* menores ou alternativas em suas

análises. Dentro dessas limitações, esses estudos são indubitavelmente úteis; no entanto, é igualmente importante explorar abordagens adicionais e alternativas que possam ampliar ou complementar essas análises baseadas em *hashtags*. Uma dessas abordagens é exposta no presente estudo.

Especialmente no contexto de eventos políticos formais que apresentam um conjunto definido de atores centrais – como eleições, referendos, sessões parlamentares, debates televisivos etc. – uma abordagem baseada na população pode gerar uma perspectiva muito diferente sobre os usos políticos do *Twitter*. Nesses contextos, um conjunto menor ou maior de atores oficialmente reconhecidos podem ser facilmente identificados a partir de fontes oficiais – dos dois candidatos restantes na rodada final de um processo de eleição presidencial aos vários membros de um Legislativo nacional; ou dos jornalistas que moderam um debate televisionado ao corpo da imprensa levado a cobrir o parlamento nacional. Para esses atores é possível determinar suas contas oficiais no *Twitter* (e outras presenças de mídia social), na medida em que existam com base em seus perfis oficiais e/ou funções de pesquisa de redes sociais disponíveis. Este processo é auxiliado também pela tendência de que os atores oficiais busquem a verificação de suas contas no *Twitter* a fim de distinguir essas contas oficiais de potenciais contas paródicas que também podem existir.

Este procedimento resulta em uma lista que associa atores políticos por meio de suas identificações pessoais no *Twitter* e que pode ser usada tanto para rastrear os *tweets* públicos dessas contas quanto para todos os *tweets* públicos dos usuários regulares do *Twitter* que mencionam ou retuítam essas contas. Neste caso, esta abordagem baseia-se em uma prática generalizada entre os usuários do *Twitter* – incluindo usuários comuns, jornalistas profissionais e contas institucionais – para mencionar os políticos não apenas por seus nomes (“Donald Trump”), mas sim pelo identificador oficial do Twitter (“@ *RealDonaldTrump*”). Esta prática não é de modo algum universal (um ponto que retornamos abaixo) e os conjuntos de dados resultantes dessa abordagem baseada na população também são autosseleccionados, pois a experiência mostra que o conjunto de dados dos *tweets* assim capturados é substancialmente diferente da abordagem baseada em *hashtags* descrita acima e, portanto, complementa essa abordagem de forma útil, iluminando uma diversidade de práticas de discussão e engajamento político no *Twitter*.

De fato, em comparação com os estudos de *hashtags* é importante notar que as abordagens baseadas na população oferecem uma compreensão consideravelmente mais ampla sobre práticas discursivas no *Twitter*, pois capturam especificamente o compartilhamento de informações (através do *retweeting*) e o debate tópico (através da @replicação). Os conjuntos de dados baseados na população são especialmente valiosos, principalmente nas avaliações da atenção pública referente aos diferentes atores políticos no *Twitter* e do alcance que as mensagens desses atores recebem através da ampliação dos outros usuários do *Twitter* por *retweeting*. Os métodos de análise de rede também podem ser aplicados a esses conjuntos de dados a fim de determinar as estruturas de interação entre os próprios atores políticos bem como entre eles e seu grupo mais amplo de interactantes e pode apontar para a existência de divisões dentro da rede ao longo de linhas ideológicas distintas.

Essas abordagens foram realizadas com êxito em vários estudos até o momento. Grant et al. (2010), por exemplo, rastrearam *tweets* dos políticos e para os políticos em nível local, estadual e federal na Austrália, ao longo de um período de dez meses entre 2009 e 2010; Nuernbergk et al (2016) estudaram *tweets* dos parlamentares e para todos os membros do parlamento alemão antes e durante a campanha eleitoral federal de 2013; Bruns (2017) rastreou *tweets* dos deputados e para todos os deputados e candidatos na campanha eleitoral federal australiana de 2013. Trabalhando com um conjunto mais limitado de grandes contas, Bruns & Highfield (2016) rastrearam os *tweets* dos candidatos e para as contas dos candidatos a presidente e vice-presidente nas eleições presidenciais dos EUA em 2012, assim como as das principais contas das campanhas, enquanto Recuero et al. (2016) fizeram o mesmo para os principais candidatos nas eleições presidenciais brasileiras de 2014. Cada estudo encontrou diferenças nas estratégias de *tweets* das próprias contas dos políticos, o que poderia ser explicado, ao menos em parte, pelo posicionamento ideológico dos candidatos e dos partidos, sua afinidade pessoal e organizacional com as mídias sociais em geral, e o *Twitter* em particular e suas perspectivas para o próximo concurso eleitoral. Outros estudos, entretanto, se concentraram em diferentes conjuntos de atores: Lee et al. (2015), por exemplo, examinaram os *tweets* por uma seleção de jornalistas sul-coreanos, enquanto Bruns et al. (2014) procuraram estabelecer um conjunto abrangente de dados de todos os *tweets* públicos postados por cerca de quatro milhões de contas australianas do *Twitter*, independentemente da demografia pessoal, da profissão ou

dos papéis políticos. Essa pesquisa também encontra uma variação considerável nos padrões de *tweets* entre diferentes subconjuntos da população que está sendo rastreada, o que pode ser explicado de forma variada por fatores demográficos, interesses, aptidão tecnológica, contextos comunicativos e informativos ou desenvolvimentos externos.

Considerações metodológicas

O presente estudo persegue esta abordagem baseada na população para um contexto brasileiro rastreando os *tweets* de um número substancial de atores políticos e de mídia durante mais de um ano. Isso cria uma série de desafios metodológicos consideráveis que devem ser abordados aqui com algum detalhe. Primeiro, a fonte preferida de informações abrangentes sobre as atividades comunicativas públicas *das e para* as contas selecionadas no *Twitter* é, de fato, a Interface de Programação de Aplicações do Twitter (API), que – dentro de limites conhecidos – retorna dados estruturados e bem ordenados sobre atividades de *tweets* mediante solicitação. Para recuperar as atividades de *tweets* de contas específicas e os *tweets* direcionados para essas contas (incluindo @menções e retuítés), dois comandos de API diferentes devem ser realizados: um que rastreia as atividades de um conjunto de contas do *Twitter* identificadas por sua exclusiva identificação de usuário numérica (ID) e um segundo que rastreia as menções dessas contas tratando os nomes das contas como um conjunto de palavras-chave e capturando quaisquer *tweets* que contenham essas palavras-chave.

Nós estabelecemos primeiramente um conjunto de contas brasileiras no *Twitter* para serem rastreadas para então geramos uma lista de seus nomes de conta no *Twitter*, foram selecionados perfis públicos de usuários que de alguma forma se mostram relevantes tanto na esfera pública, quanto na esfera pública interconectada, que trataram do impeachment e das eleições municipais de São Paulo, e também segundo um critério de pluralidade quanto ao tipo de ação e discurso que possuem, assim, criamos os seguintes grupos temáticos: Mídia; Movimentos sociais; Políticos e partidos; Jornalistas; Celebidades; Humor. Utilizamos a ferramenta de linha de comando *t* (MICHAELS-OBBER, 2014) para consultar sistematicamente todas essas contas para suas informações de perfil público completo, incluindo suas IDs de usuário. O comando *t* usa a solicitação da

API de usuários/pesquisa para gerar uma lista de metadados de perfil separada por vírgulas que contém as IDs de usuário. Na medida em que o presente estudo não utilizou nenhuma informação de perfil além dos próprios IDs, esses metadados poderiam ser explorados mais detalhadamente para determinar vários padrões em toda a população da conta estudada aqui, incluindo datas de criação de conta, taxas de *tweets*, comportamentos etc. Hanusch & Bruns (2017) seguem essa abordagem – sem também rastrear e analisar seus *tweets* – para uma população de quase 4.200 contas de jornalistas australianos visando estabelecer padrões comuns de autoapresentação no *Twitter* dentro desse grupo profissional.

Para o presente estudo utilizamos a ferramenta de captura e análise de código aberto do *Twitter* (*Twitter Capture and Analysis Toolkit* – TCAT), desenvolvida pelo grupo de pesquisa em Iniciativa de Métodos Digitais (*Digital Methods Initiative* – DMI) da Universidade de Amsterdã (BORRA & RIEDER, 2014), para acompanhar os *tweets* e a nossa população de contas. Devido à necessidade de capturar ambos *tweets por* e *para* a nossa lista de contas, isso exigiu a criação de pelo menos duas instâncias TCAT: uma em execução no modo “amostra do usuário” (*user sample*) para rastrear a lista de IDs numerados gerados pelo comando *t* e capturar todos os *tweets* postados por essas contas e uma segunda execução no modo “palavra-chave” (*keyword track*) para rastrear a lista de nomes de conta do *Twitter* e capturar todas as @menções e *retweets* dessas contas postadas por outros usuários. Esse procedimento é necessário pois uma única instância do TCAT não pode operar em ambos os modos ao mesmo tempo. (Evidentemente, estudos interessados apenas em postagens ou *tweets* para uma seleção de contas seriam capazes de operar apenas um sistema TCAT no modo de rastreamento apropriado). Neste contexto, também é importante notar que – devido às limitações atuais da API do *Twitter* – uma única instância de “amostra do usuário” do TCAT pode apenas acompanhar até 5.000 IDs de usuários distintos, enquanto uma única instância por “palavras-chave” só pode rastrear até 400 palavras-chave distintas. Portanto, para rastrear uma maior população de contas é também necessário operar TCATs múltiplos que cubram diferentes subconjuntos da população em geral. Contudo, o presente estudo não excedeu nenhum desses limites.

Mesmo o rastreamento de um número limitado de IDs de usuários e de nomes de contas ainda pode resultar em um conjunto de dados de proporções muito significativas se as contas estiverem altamente ativas ou recebendo uma

quantidade substancial de @menções e *retweets*. Isto é bastante provável se, como no nosso caso atual, a população de contas a serem rastreadas contiver uma série de atores cujos perfis atraíam muita atenção (líderes políticos, celebridades, estrelas esportivas etc.), que frequentemente são alvo de @menções ou cujos os *tweets* geralmente são amplamente replicados por seus seguidores. Essas dinâmicas também são consideravelmente mais propensas a estar presentes para atores globalmente reconhecidos ou para contas que operam em países com uma grande base de usuários domésticos do *Twitter*. Um segundo desafio metodológico significativo está relacionado ao processamento e análise dos conjuntos muito amplos de dados usando o TCAT. Nós abordamos esse desafio exportando nossos conjuntos de dados para a potente solução de processamento e armazenamento de dados baseada em nuvem, o *Google BigQuery*.

Além das capacidades analíticas limitadas incorporadas no próprio TCAT, o conjunto de ferramentas oferece uma série de funções de exportação de dados-chave. A função “exportar todos os *tweets* da seleção” gera um arquivo de valores separados por vírgulas ou tabelas que contém os *tweets* capturados e seus metadados associados (como a identificação do *tweet* numérico exclusivo, a data e hora de publicação e a conta de postagem) e serve como base de dados para qualquer análise posterior. Ademais, duas outras funções de exportação fornecem arquivos de valores separados por vírgulas ou tabulações que geram dados adicionais dos próprios textos no *tweet*: a “tabela de *hashtag* de exportação” (*export hashtag table*) resulta em uma lista das marcações associadas a cada *tweet* no conjunto de dados, enquanto a “tabela de menções de exportação” (*export mentions table*) fornece uma lista das contas mencionadas em cada *tweet* e também identifica se cada menção foi um *retweet* ou uma simples menção @. Essas duas tabelas adicionais podem ser anexadas com a tabela principal de *tweets* usando a identificação do *tweet* numérico (ID) como um identificador exclusivo, uma propriedade que utilizamos no *BigQuery*.

Devido ao tamanho do universo de usuários do *Twitter* no Brasil e à visibilidade pública da população em que nos concentramos, nosso rastreamento de contas brasileiras capturou cerca de 25 milhões de *tweets* e resultou em mais de 25GB de dados brutos – bem mais do que poderia ser efetivamente processado e analisado usando soluções de *desktop* convencionais. Isso não é incomum para grandes projetos de pesquisa de mídia social de longo prazo observando processos

comunicativos em larga escala. Esses conjuntos de dados exigem o uso de soluções avançadas de dados baseadas em computação em nuvem que altera o esforço de processamento do cliente para o lado do servidor. Para os nossos propósitos atuais, selecionamos o *Google BigQuery* de uma série de soluções similares oferecidas por provedores concorrentes. O *Big Query* oferece uma interface útil de envio de dados que converte padronizadas exportações de valores separadas por tabelas ou vírgulas em tabelas de banco de dados que podem ser consultadas usando uma versão de consultas padrão SQL (*Structured Query Language*). Isso permite a análise abrangente de conjuntos de dados de redes sociais muito grandes usando consultas manuais ou ferramentas de visualização e análise de dados do lado do cliente.

Para o presente estudo carregamos os três arquivos exportados do TCAT (exportação completa, exportação de *hashtag* e exportação de menções) em três tabelas de banco de dados criadas no *BigQuery*, seguindo o processo descrito em Bruns (2016). Usando a mesma abordagem também criamos uma tabela adicional que não está disponível diretamente do TCAT: aqui, utilizamos um roteiro disponível de Bruns (2016) para identificar todos as URLs incluídas nos textos de tweets que tínhamos capturado e para determinar aquelas URLs encurtadas (*tc.co*) para seus destinos finais. Isso resultou em um arquivo de dados adicional que listou os IDs de tweets e os URLs contidos neles que carregamos para uma quarta tabela do *BigQuery*.

Os dados contidos nestas tabelas agora podem ser analisados com consultas SQL manuais iniciadas através da interface do *BigQuery*. A lógica estrutural para tais consultas é sempre uma “junção externa à esquerda da cláusula Join” (*left join*)³ do SQL que conecta a tabela principal de “exportação completa” com as três tabelas adicionais onde uma ID de *tweets* na tabela principal também está presente em uma ou mais das tabelas adicionais. Entretanto, o desenvolvimento e a execução de tais consultas são demorados e propensos a erros, além de não intuitivas para pesquisadores que não estão familiarizados com a sintaxe do SQL.

³ [NOTA DO TRADUTOR]. No servidor SQL, a cláusula JOIN permite que os dados de várias tabelas sejam combinados com base na relação existente entre elas. Por meio dessa cláusula, os dados de uma tabela são usados para selecionar os dados pertencentes à outra tabela. A cláusula LEFT JOIN ou LEFT OUTER JOIN permite obter não apenas os dados relacionados de duas tabelas, mas também os dados não relacionados encontrados na tabela à esquerda da cláusula JOIN. Ver em: <https://www.devmedia.com.br/clausulas-inner-join-left-join-e-right-join-no-sql-server/18930>.

O uso de um gráfico “*front-end*”⁴ que se conecta e gera automaticamente consultas para o *BigQuery* é preferível. Um terceiro componente de nossa configuração metodológica é o uso de tal ferramenta, ou seja, uma sofisticada análise de dados e o emprego do software *Tableau* de visualização.

O software *Tableau* (2017) fornece uma interface de dados padrão para o serviço do *BigQuery*. Depois de se conectar ao *BigQuery* e configurar as relações de junção externa à esquerda da cláusula Join entre a tabela de dados principal de “exportação completa” e as três tabelas adicionais carregadas para o *BigQuery*, os campos de dados contidos nas quatro tabelas ficam disponíveis para uso em sua interface gráfica de usuário (o processo completo para fazê-lo também é descrito em Bruns, 2016). Em comparação com uma consulta manual do banco de dados do *BigQuery*, isso permite uma exploração consideravelmente mais rápida dos dados disponíveis gerando análises e representações visuais de padrões de dados que oferecem informações substanciais sobre a dinâmica das atividades de *tweets* da e para a população de contas que está sendo estudada aqui.

No entanto, deve ser fortemente observado que o resultado final de tal exploração não é necessariamente uma mera representação quantitativa de padrões no conjunto de dados geral dos *tweets*. Preferivelmente, essa análise exploratória pode e também deve ser usada especificamente para identificar subconjuntos particulares de dados que possam beneficiar análises qualitativas ou de métodos mistos de forma muito mais aproximada. Esses subconjuntos podem representar períodos de tempo específicos que exibem padrões de atividade incomuns, grupos notáveis de contas (dentro da população inicial, ou entre os usuários comuns que mencionam as contas selecionadas) ou seleções de *tweets* contendo palavras-chave ou *hashtags* particulares. Esses subconjuntos podem, por sua vez, ser exportados do *Tableau* ou diretamente do *BigQuery* como novos arquivos de dados para serem submetidos a leitura detalhada, codificação manual ou outras formas de análise posterior fora desses pacotes analíticos iniciais.

Nossa abordagem para coletar conjuntos de dados baseados em população em grande escala a partir do *Twitter* conecta três conjuntos de ferramentas principais: reúne dados através da API do *Twitter* usando o *Twitter Capture and Analysis Toolkit* (TCAT); armazena esses dados nos bancos de dados de alto

⁴ [NOTA DO TRADUTOR] - Camada de sintaxe ou de apresentação do lado do cliente que interage diretamente com o usuário.

desempenho fornecidos pelo *Google BigQuery*; e acessa esses bancos de dados para processamento e análise na solução de análise gráfica do *Tableau*. Alternativas para cada uma dessas ferramentas também podem estar disponíveis e podem ser preferíveis em diferentes contextos organizacionais e tecnológicos. A estrutura geral de três passos para a configuração de dados, armazenamento e processamento que apresentamos aqui provavelmente será replicada mesmo que ferramentas específicas sejam trocadas por outras alternativas. A maneira como esta configuração pode ser utilizada em busca de questões de pesquisa específicas é descrita em outro lugar nesta coleção de artigos.

Limitações da abordagem baseada na população

Como este e outros estudos demonstraram, a abordagem baseada na população pode gerar uma série de informações valiosas sobre os padrões de atividade do *Twitter* que complementam e avançam bem além dos estudos de *hashtag* existentes. De forma mais concisa, permite uma análise de padrões relevantes de comunicação pública que não usam as principais *hashtags* relacionadas à questão em discussão. Contudo a abordagem baseada na população não está além de suas próprias limitações. Em primeiro lugar, depende de uma seleção significativa da população de contas a serem estudadas: a omissão de contas que são fundamentais para um determinado tópico ou problema poderia distorcer consideravelmente a análise subsequente. Essas contas ainda podem estar presentes nos dados coletados se elas interagissem diretamente com a população cujas atividades estavam sendo rastreadas (se elas estiveram envolvidas em discussões @replicadas, em contas rastreadas *retwittadas*, ou que foram *retwittadas* por elas). Entretanto, essa presença por associação não capturaria a totalidade das atividades dessas contas. As limitações da API do *Twitter* reproduzidas nas ferramentas de captura do *Twitter*, como o TCAT, significam que normalmente é bastante difícil coletar retrospectivamente dados adicionais que faltam no conjunto de dados primários. Isso torna ainda mais importante começar a partir de uma lista de contas abrangente e muito cuidadosamente construída.

Em segundo lugar, à medida que a abordagem baseada na população captura uma gama muito diferente de atividades em comparação com a abordagem baseada em *hashtags*, também é provável que resulte em um conjunto de dados totalmente exaustivo de tweets relevantes. De forma mais objetiva, como

observado acima, a abordagem baseada na população baseia-se na expectativa de que seja uma prática generalizada para os usuários do *Twitter* se referirem a atores-chave (em política e em outras esferas) por seus nomes de conta no *Twitter*, em vez de simplesmente por seus nomes pessoais – mas esta prática pode não ser igualmente comum em diversos contextos. Por um lado, é possível que o nome da conta oficial de um ator político simplesmente não seja amplamente conhecido, que a sua correta ortografia seja difícil de lembrar, ou que os usuários podem frequentemente confundir outra conta (especialmente por uma conta paródica deliberadamente configurada para imitar o político em questão). Nesses casos, os usuários preferem soletrar o nome do político em seus *tweets* ou podem desviar seus *tweets* para outra conta.

Por outro lado, os usuários podem evitar mencionar diretamente um ator específico pelo nome de sua conta – por exemplo, porque eles não desejam dirigir atenção pública adicional para um político contra quem eles se opõem ou porque temem alguma retaliação, especialmente por declarações críticas. Essa relutância em @mencionar os atores políticos pode ser especialmente pronunciada por contas comparativamente extremistas, por duas razões: os usuários do *Twitter* com visões não extremistas podem querer evitar reconhecer a presença on-line de elementos extremistas e podem estar preocupados com o fato de serem alvo de ataques pelos apoiadores dos extremistas se publicarem críticas públicas de tais atores políticos. Ao mesmo tempo, no entanto, os atores políticos marginais também poderiam atrair muita atividade de seus apoiadores se estes vissem o *Twitter* (e outras plataformas de mídia social) como um meio valioso para promover seus pontos de vista políticos na ausência de uma suficiente e simpaticamente cobertura da mídia convencional, enquanto a atividade de mídia social em torno de atores principais que já estão altamente presentes em mídia impressa e televisiva podem permanecer relativamente silenciosa.

Em qualquer caso, a prevalência destas dinâmicas é provável que seja altamente dependente de uma variedade de fatores contextuais locais, incluindo a situação política atual, a demografia da adoção do *Twitter* em um determinado país e na medida em que os próprios atores políticos estão ativos, usando e encorajando seus seguidores a usar a plataforma para o debate político público. Esses fatores provavelmente diferirão amplamente entre países (e até mesmo entre estados e localidades), bem como ao longo do tempo. O ponto final aqui não

é sugerir uma interpretação padrão dos modelos observáveis em conjuntos de dados populacionais, mas enfatizar que os padrões observados nos dados coletados devem sempre ser interpretados no contexto da abordagem de coleta de dados escolhida – isso é tão verdadeiro para os conjuntos de dados baseados na população que introduzimos aqui como tem sido para os conjuntos de dados baseados em *hashtags* que dominaram grande parte da literatura de pesquisa existente.

Por fim, as limitações básicas da interface de programação de aplicativos do *Twitter*, sobre o qual o TCAT e ferramentas similares de coleta de dados constrói, também podem ser repetidas aqui. Para a coleção total de termos de pesquisa rastreados por uma única instância de TCAT, a API padrão apenas retornará até um por cento do volume global total da atividade de *tweets*, podendo resultar em limitações aos dados que estão sendo capturados. Tais limitações são talvez mais imediatamente sentidas em abordagens de coleta de dados baseadas em *hashtags*: se uma grande *hashtag*, precedida de notícias urgentes difundidas na mídia convencional, estiver presente em dez por cento de todos os tuítes atuais, o TCAT ainda capturará até um por cento de todos os atuais *tweets* e, portanto, apenas um décimo de todos os *tweets* possíveis contendo a respectiva *hashtag*.

Na maioria das vezes é comparativamente muito menos provável que o volume total dos *tweets* que mencionem uma população específica de contas represente mais de um por cento do “*feed*” global de *tweets*, sobretudo se essas contas pertencerem a políticos de baixo escalão em nações relativamente menores. No entanto, as abordagens de rastreamento baseadas na população que incluem líderes mundiais importantes, principalmente durante momentos de grande tensão – @realDonaldTrump e @HillaryClinton na noite de eleições, @dilmabr e @MichelTemer durante o processo de impeachment e protestos subsequentes – podem ocasionalmente superar o limite de um por cento e os conjuntos de dados resultantes estarão incompletos. Isso é inevitável a não ser que sejam usadas ferramentas de coleta de dados comerciais em vez do TCAT ou soluções similares e porque a omissão de *tweets* entregues pela API segue uma seleção essencialmente aleatória não distorcendo indevidamente a análise dos conjuntos de dados incompletos, além de resultar em uma subestimação sistemática do volume total de *tweets* durante esses períodos. Nesse sentido, continua a ser crucial que os pesquisadores identifiquem e observem tais limitações que suas análises apresentam.

Referências

Baldwin-Philippi, Jessica. 'Politics 2.0: Social Media Campaigning.' In **The Sage Handbook of Social Media**, eds. Jean Burgess, Alice Marwick and Thomas Poell. London: Sage, 2017. 527-545.

boyd, danah, and Nicole B. Ellison. 'Social network sites: Definition, History, and Scholarship.' **Journal of Computer Mediated Communication** 13, no. 1(2007), 210-230.

Borra, Erik, and Bernhard Rieder. 'Programmed Method: Developing a Toolset for Capturing and Analyzing Tweets'. **Aslib Journal of Information Management** 66, no. 3 (2014): 262–278. doi:10.1108/AJIM-09-2013-0094.

Bruns, Axel, Gunn Enli, Eli Skogerbo, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen (Eds.) **The Routledge Companion to Social Media and Politics**. New York: Routledge, 2016.

Bruns, Axel. 'Tweeting to Save the Furniture: The 2013 Australian Election Campaign on Twitter'. **Media International Australia**, no. 162 (2017): 49–64. doi:10.1177/1329878X16669001.

Bruns, Axel. 'Twitter Analytics Using TCAT and Tableau, via Gawk and BigQuery'. **Mapping Online Publics**, 15 April 2016. <http://mappingonlinepublics.net/2016/04/15/twitter-analytics-using-tcat-and-tableau-via-gawk-and-bigquery/>

Bruns, Axel, and Jean Burgess. 'Twitter hashtags from ad hoc to calculated publics.' In **Hashtag publics: The power and politics of discursive networks**, ed. Nathan Rambukkana. New York: Peter Lang, 2015. 13-28.

Bruns, Axel, Tim Highfield and Jean Burgess. 'The Arab Spring and Social Media Audiences: English and Arabic Twitter Users and their Networks.' **American Behavioral Scientist** 57, no. 7 (2013): 871–898.

Bruns, Axel, and Tim Highfield. 'May the Best Tweeter Win: The Twitter Strategies of Key Campaign Accounts in the 2012 US Election.' In **Die US-Präsidentenschaftswahl 2012: Analysen der Politik- und Kommunikationswissenschaft**, eds. Christoph Bieber and Klaus Kamps. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2016. 425–42.

Bruns, Axel, Burgess, Jean, Banks, John, Tjondronegoro, Dian, Dreiling, Alexander, Hartley, John, Leaver, Tama, Aly, Anne, Highfield, Tim, Wilken, Rowan, Rennie, Ellie, Lusher, Dean, Allen, Matthew, Marshall, David, Demetrious, Kristin, and Sadkowsky, Troy. 'TrISMA: Tracking Infrastructure for Social Media Analysis.' 2016. <http://trisma.org/>.

Burgess, Jean, and Axel Bruns. 'Easy Data, Hard Data: The Politics and Pragmatics of Twitter Research After the Computational Turn.' In **Compromised Data: From Social Media to Big data**, eds. Ganaele Langlois, Joanna Redden and Greg Elmer. London: Bloomsbury, 2015. 93-111.

Burgess, Jean, Peta Mitchell and Felix Münch. 'Social Media Rituals: The Uses of Celebrity Death in Digital Culture.' In **A Networked Self: Birth, Life, Death**, ed. Zizi Papacharissi. New York: Taylor & Francis Group, 2018 (in press).

Freelon, Dean, Charlton D. McIlwain and Meredith D. Clark. 'Beyond the Hashtags: #ferguson, #blacklivesmatter, and the Online Struggle for Offline Justice' **Center for Media & Social Impact, School of Communication, American University** (29 February), 2016. <http://cmsimpact.org/resource/beyond-hashtags-ferguson-blacklivesmatter-online-struggle-offline-justice/>.

Gerbaudo, P. 'Social Media teams as Digital Vanguard: The Question of Leadership in the Management of key Facebook and Twitter Accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut.' **Information, Communication & Society** 20, no. 2 (2017): 185-202.

Grant, Will J., Brenda Moon, and Janie Busby Grant. 'Digital Dialogue? Australian Politicians' Use of the Social Network Tool Twitter'. **Australian Journal of Political Science** 45, no. 4 (2010): 579-604. doi:10.1080/10361146.2010.517176.

144

Hanusch, Folker, and Axel Bruns. 'Journalistic Branding on Twitter: A Representative Study of Australian Journalists' Profile Descriptions'. **Digital Journalism** 5, no. 1 (2017): 26-43. doi:10.1080/21670811.2016.1152161.

Highfield, Tim. **Social Media and Everyday Politics**. Malden, MA: Polity Press, 2016.

Lee, Na Yeon, Yonghwan Kim, and Jiwon Kim. 'Tweeting Public Affairs or Personal Affairs? Journalists' Tweets, Interactivity, and Ideology'. **Journalism** 17, no. 7 (2015): 845-64. doi:10.1177/1464884915585954.

Michaels-Ober, Erik. 't: A Command-Line Power Tool for Twitter.' **GitHub**, 2014. <http://sferik.github.io/t/>.

Milner, Ryan M. **The World Made Meme: Public Conversations and Participatory Media**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2016.

Nuernbergk, Christian, Jennifer Wladarsch, Julia Neubarth, and Christoph Neuberger. 'Social Media Use in the German Election Campaign 2013.' In **The Routledge Companion to Social Media and Politics**, eds. Axel Bruns, Gunn Enli, Eli Skogerbø, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen. New York: Routledge, 2016. 419-433.

Poell, Thomas and José van Dijck. 'Social media and new protest movements.' In **The Sage Handbook of Social Media**, eds. Jean Burgess, Alice Marwick and Thomas Poell. London: Sage, 2017. 546-61.

Puschmann, Cornelius, and Jean Burgess. 'The Politics of Twitter Data.' In **Twitter and Society**, eds. Katrin Weller, Axel Bruns, Jean Burgess, Cornelius Puschmann and Merja Mahrt. New York, Peter Lang, 2014. 43-54.

Recuero, Raquel, Gabriela Zago, and Marco T. Bastos. 'Twitter in Political Campaigns: The Brazilian 2014 Presidential Election.' In **The Routledge Companion to Social Media and Politics**, eds. Axel Bruns, Gunn Enli, Eli Skogerbø, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen. New York: Routledge, 2016. 518–530.

Tableau. 2017. <http://www.tableau.com/>

Approaches and methods for the study of social media in political communication

Jean Burgess¹

Axel Bruns²

The role of social media in political communication

Given the distributed, multi-platform media environment across which news outlets and citizens alike share and discuss political events, social media are ever-present in contemporary politics. Consequently, the study of social media's role in political communication is now well-established across media and communication studies, information studies, as well as political science – as is evidenced by the production of multi-disciplinary volumes such as the *Routledge Companion to Social Media and Politics* (Bruns et al 2016). While researchers in areas like computer-mediated communication (CMC), social network analysis and internet studies were among the first to study social media use (boyd & Ellison, 2007), the political uses and implications of social media are increasingly of interest and concern across the spectrum of social science disciplines. This widespread interest has proceeded alongside the ongoing embedding of social media platforms and practices in the machinery of politics, and the near-ubiquity of social media use among the populations of many nations. However, the specific social media *platforms* are not ubiquitous, with Facebook and Twitter popular in many parts of the world but irrelevant in China, where social media activity revolves around instant messaging apps like WeChat and, to a lesser extent, the microblogging platform Weibo.

146

¹ Professor Digital Media Research Centre. Queensland University of Technology. Brisbane, Australia

² Professor Digital Media Research Centre. Queensland University of Technology. Brisbane, Australia

Most familiarly to scholars of political communication, social media plays a significant role in formal (electoral and state-based) politics. There has been a huge amount of study of the use of social media in the Obama campaign, for example. Following a well-worn tradition, media and communication scholars follow and evaluate the use of these new forms of political communication and mediation by political candidates and office-holders, particularly during election campaigns (for an overview, see Baldwin-Philippi, 2017). As the 2017 US Presidential campaign and political events in 2017 have shown, the business models, algorithmic operations and politics of platforms have become ever-more problematically entangled with the politics of the state and the operation of democratic processes such as elections.

While the role of the internet in electoral campaigns, deliberative democracy and ‘e-government’ has been very well established since the 1990s, one of the distinctive features of social media is the way it produces convergences between popular culture and everyday life on the one hand, and the more formal spaces of politics concerning governments and elections, which are more traditionally understood as the objects of ‘political communication’, on the other. This leads to new fields of study concerning ‘everyday politics’ in social media (Highfield, 2016), including the role of vernacular internet cultural forms like memes and animated gifs in public politics (for examples, see Milner, 2016).

147

The role of social media in new social movements and political activism has been a relatively new and dynamic area of research (for an overview, see Poell & van Dijck, 2017). There has been intensive attention played to the role of social media within the broader media ecology in the events collectively and colloquially known as the Arab Spring (Bruns, Burgess & Highfield, 2013); as well as the new forms of civil rights protest and activist culture associated with the #occupy movement (Gerbaudo, 2017), the social media elements of the black civil rights movement organised around the hashtag #blacklivesmatter (Freelon et al., 2016) and a range of feminist or environmental campaigns.

Twitter and the rise of ‘hashtag studies’

Twitter is especially popular as a site of study for the relationship between social media and politics. Arguably, Twitter has been of particular interest to researchers because of its relative openness in terms of data access, and because of its multi-lingual and multi-national take-up. Indeed, it was of interest to us when we

applied for funding for the study reported in this collection of articles, because it was popular in both Australia and Brazil, and in both countries it was used alongside Facebook for formal political communication and organised activism, as well as for informal or everyday political engagement.

The relevance of Twitter to studies of political communication is partly due to the platform's communicative affordances (like short tweets, network structures that can be ephemeral rather than relationship-based, and its real-time character), which suit 'newsiness', discussion and debate. Twitter is also extremely popular with both journalists and political actors like campaigners, activists and politicians. But it is largely because of the platform's research affordances, especially the relative openness and accessibility of the Twitter API, that it has been so attractive to social science researchers equipped with the capability to undertake data-driven analyses using digital methods. It is important to note however that there are significant challenges posed to researchers in the area of data access as Twitter's business model and technical governance structures have tightened up around open access to its data, and this situation is continuing to worsen (Burgess & Bruns, 2015; Puschmann & Burgess, 2014).

A large proportion of Twitter studies relies on hashtags, keywords, or 'bundles' and combinations of these to source tweets relevant to a topic, issue or event. Especially at earlier phases of data-driven Twitter research in the fields of communication and politics, this was the only reliable way to get a sense of the public conversation around a particular event or topic; and many public conversations were mediated by hashtags, creating 'hashtag publics' of different kinds and with different communicative purposes (Bruns & Burgess, 2015). Even then, though, it wasn't always possible to capture all or even most of the conversation on any particular event, as the 'official' hashtags for specific events or topics took a while to emerge, or a number of alternatives remained operating in parallel. The role of hashtags and their usefulness for researchers has evolved significantly, as the platform has grown and there is less consensus among its user communities on the right hashtag or keyword to use, or whether to use them at all. Additionally, even if relevant hashtags were used consistently, it has always been the case that conversation threads could cross over from one topic to another.

Perversely, hashtags may also become less useful as topics become more widespread. This is because some events or issues are so globally significant

and far-reaching that the use of hashtags to refer to them seems redundant. For example, when David Bowie died in 2016, a huge volume of tweets that were concerned with his death did not contain a hashtag or even the name 'Bowie' – this particular celebrity death was understood to be such a common experience by posters that they clearly assumed they need not refer to it explicitly in order to convey their meaning – a common feature of very widespread 'social media events' (Burgess, Mitchell & Münch, 2018). It is therefore important that data-driven research approaches to political communication on Twitter move beyond 'hashtag studies', and consider other, more systematic and comprehensive, approaches as well.

Population-based approaches to studying politics on Twitter

Hashtag-based studies are able to investigate only a self-selecting subset of political discussion on Twitter: they capture only those tweets whose authors made the conscious choice to include a specific hashtag in their tweets; in practice, they usually also cover only those hashtags that the researchers themselves had become aware of before or during the political event being studied, ignoring minor or alternative other hashtags in their analysis. Within these limitations, such studies are undoubtedly useful; however, it is equally important to explore additional and alternative approaches that can extend or complement such hashtag-based analyses. One such approach is pursued in the present study.

Especially in the context of formal political events that feature a defined set of central actors - such as elections, referenda, parliamentary sessions, televised debates, etc. - a population-based approach can generate a very different perspective on the political uses of Twitter. In such contexts, a smaller or larger set of officially recognised actors - from the two remaining candidates in the final round of a presidential election process to the several hundred members of a national legislature, from the journalists moderating a televised debate to the press corps accredited to cover the national parliament - can be easily identified from official sources. For these actors, it is then possible to determine their official Twitter accounts (and other social media presences), to the extent that they exist, by drawing on their official profiles and/or available social media search functions. This is aided also by the tendency for official actors to seek verification of their

accounts from Twitter, in order to distinguish such accounts from potential parody accounts that may also exist.

This results in a list that associates identified political actors with their Twitter handles, and which can then be used both to track the public tweets from those accounts, and any public tweets from ordinary Twitter users that @ mention or retweet these accounts. Here, this approach draws on a widespread practice amongst Twitter users - including ordinary users as well as professional journalists and institutional accounts - to mention politicians not simply by their name (“Donald Trump”), but instead by their official Twitter handle (“@realDonaldTrump”). This practice is by no means universal, of course (a point that we return to below), and the datasets that result from this population-based approach are therefore also self-selecting, but experience shows that the dataset of tweets thus captured is substantially different from the hashtag-based approach outlined above, and therefore usefully complements that approach, illuminating a different range of political engagement and discussion practices on Twitter.

Indeed, most importantly it is likely that, in comparison explained variously by demographics, interests, technological aptitude, communicative and informational contexts, or external developments.

Methodological considerations

The present study pursues this population-based approach for a Brazilian context by tracking the tweets by and to a substantial number of Brazilian political and media actors, over more than one year. This creates a number of considerable methodological challenges that should be addressed here in some detail. First, the preferred source of comprehensive information on the public communicative activities by and around selected accounts on Twitter is of course the Twitter Application Programming Interface (API), which - within known limits - returns structured and well-ordered data on tweeting activities upon request. To retrieve both the tweeting activities of specific accounts *and* the tweets directed at those accounts (including @mentions and retweets), however, two different API calls must be made: one which tracks the activities of a set of Twitter accounts as identified by their unique numerical user ID, and a second which tracks mentions of those accounts by treating the account names as a set of keywords and capturing any tweets that contain these keywords.

We first established a set of Brazilian Twitter accounts to be tracked, therefore, and generated a list of their Twitter account names. We then utilised the command-line tool *t* (Michaels-Ober, 2014) to systematically query all of these accounts for their full public profile information, including their user IDs. *t* uses the users/lookup API request to generate a comma-separated list of profile metadata which contains the user IDs; while the present study did not utilise any profile information other than the numerical user IDs themselves such metadata could be further explored to determine various patterns across the account population studied here, including account creation dates, tweeting rates, following behaviours, etc. Hanusch & Bruns (2017) pursue this approach - without also tracking and analysing their tweets - for a population of nearly 4,200 Australian journalists' accounts to establish common patterns of self-presentation on Twitter within this professional group.

For the present study, we then employed the open-source *Twitter Capture and Analysis Toolkit (TCAT)*, developed by the Digital Methods Initiative at the University of Amsterdam (Borra & Rieder, 2014), to track the tweets by and to our population of accounts. Because of the need to capture both tweets by and to our list of accounts, this necessitated the creation of at least two *TCAT* instances: one running in 'user sample' mode to track the list of numerical IDs generated by *t* and capture all tweets posted by these accounts, and a second running in 'keyword track' mode to track the list of Twitter account names and capture all @mentions and retweets of these accounts posted by other users. This is because a single instance of *TCAT* cannot operate in both modes at the same time. (Studies interested only in posts by *or* tweets to a selection of accounts would be able to operate only one *TCAT* system in the appropriate tracking mode, of course.) In this context, it is also important to note that - due to the current limitations of the Twitter API - a single *TCAT* 'user sample' instance can only follow up to 5,000 distinct user IDs, while a single *TCAT* 'keyword track' instance can only track up to 400 distinct keywords; to track a larger population of accounts it is therefore also necessary to operate multiple *TCAT*s that cover different subsets of the overall population. The present study did not exceed either of these limits, however.

Even the tracking of a limited number of user IDs and account names may still result in a dataset of very significant proportions, however, if the accounts are highly active or receive a substantial amount of @mentions and retweets.

This is especially likely if - as in our present case - the population of accounts to be tracked contains a number of very high-profile actors (political leaders, celebrities, sporting stars, etc.) who are frequently the target of @mentions or whose tweets are often widely retweeted by their followers; such dynamics are also considerably more likely to be present for globally recognised actors or for accounts operating in nations with a large domestic Twitter userbase. A second significant methodological challenge is therefore related to the processing and analysis of the very large datasets gathered using *TCAT*. We addressed this challenge by exporting our datasets into the powerful cloud-based data storage and processing solution *Google BigQuery*.

Beyond the limited analytical capabilities built into *TCAT* itself, the toolkit offers a number of key data export functions. The 'export all tweets from selection' function generates a comma- or tab-separated values file that contains the captured tweets and their associated metadata (such as the unique numerical tweet ID, the posting date and time, and the posting account) and serves as the base dataset for any further analysis. Additionally, two further export functions provide comma- or tab-separated values files that generate additional data from the tweet texts themselves: 'export hashtag table' results in a list of the hashtag(s) associated with each tweet in the dataset, while 'export mentions table' provides a list of the account(s) mentioned in each tweet and also identifies whether each mention was a retweet or an ordinary @mention. These two additional tables can be joined with the main tweets table by using the numerical tweet ID as a unique identifier, a property which we utilise in *BigQuery*.

Due to the size of the Brazilian Twittersphere and the public visibility of the account population we focussed on, our tracking of Brazilian accounts captured some 25 million tweets and resulted in over 25GB of raw data - well more than could be effectively processed and analysed using conventional desktop solutions. This is not uncommon for major, long-term social media research projects observing large-scale communicative processes. Such datasets, then, require the use of advanced, cloud-based data solutions that shift the processing effort from the client to the server side; for our present purposes, we selected *Google BigQuery* from a range of similar solutions offered by competing providers. *BigQuery* offers a useful data upload interface that converts standard comma- or tab-separated value exports into database tables that can be queried using a

version of standard Structured Query Language (SQL) queries; this enables the comprehensive analysis of very large social media datasets using manual queries or dedicated client-side data analytics and visualisation tools.

For the present study, therefore, we uploaded the three files exported from *TCAT* (full export, hashtag export, and mentions export) into three database tables created in *BigQuery* following the process described in Bruns (2016). Using the same approach, we also created a further table not directly available from *TCAT*: here, we utilised a script available from Bruns (2016) to identify all URLs included in the tweet texts we had captured, and to resolve those shortened (*t.co*) URLs to their final destinations. This resulted in an additional datafile listing tweet IDs and the URLs contained in them, which we uploaded to a fourth *BigQuery* table.

The data contained in these tables could now be analysed with manual SQL queries initiated through the *BigQuery* Web interface; the structural logic for such queries is always an SQL ‘left join’ that connects the main ‘full export’ table with the three additional tables where a tweet ID in the main table is also present in one or more of the additional tables. However, the development and execution of such queries is time-consuming and prone to errors, as well as non-intuitive for researchers unfamiliar with SQL syntax; the use of a graphical front-end that connects to and automatically generates queries for *BigQuery* is preferable. A third component of our methodological setup is the use of such a tool, therefore: the high-end data analytics and visualisation software *Tableau*.

Tableau (2017) provides a standard data interface for the *BigQuery* service; after connecting to *BigQuery* and setting up the ‘left join’ relationships between the main ‘full export’ data table and the three additional tables uploaded to *BigQuery*, the data fields contained in all four tables are available for use in its graphical user interface (the full process for doing so is also described in Bruns, 2016). Compared to a manual querying of the *BigQuery* database, this enables a considerably more rapid exploration of the available data, generating analyses and visual representations of data patterns that offer substantial insights into the dynamics of tweeting activities by and to the account population being studied here.

It should be strongly noted in this context, however, that the end result of such exploration is not necessarily a mere quantitative representation of patterns in the overall, very large dataset of tweets: rather, such exploratory analysis can

and should also be used specifically to identify particular subsets of the data that may benefit from much closer, qualitative or mixed-methods analysis. Such subsets could represent specific time periods exhibiting unusual activity patterns, notable groups of accounts (within the starting population, or amongst the ordinary users @mentioning and retweeting those selected accounts), or selections of tweets containing particular keywords or hashtags. Such subsets may in turn be exported from *Tableau* or directly from *BigQuery* as new datafiles to be subjected to close reading, manual coding, or other forms of further analysis outside of these initial analytics packages.

Our approach to gathering population-based datasets at large scale from Twitter connects three key toolsets, therefore: it gathers data through the Twitter API by using the *Twitter Capture and Analysis Toolkit (TCAT)*; stores these data in the high-performance databases provided by *Google BigQuery*; and accesses these databases for processing and analysis in the graphical analytics solution *Tableau*. Alternatives for each of these tools may also be available, and could be preferable in different organisational and technological contexts; the overall three-step framework for the data gathering, storage, and processing setup that we have introduced here is likely to be replicated even if specific tools are exchanged for other alternatives, however. How this setup can be utilised in pursuit of specific research questions is outlined elsewhere in this collection.

Limitations of the population-based approach

As this and other studies have shown, the population-based approach can generate a range of valuable insights into patterns of Twitter activity that complement and advance well beyond existing hashtag studies; most centrally, of course, it enables an analysis of relevant public communication patterns that do not use the key hashtags related to the issue being discussed. However, the population-based approach is not without its own limitations, of course. In the first place, it depends on a meaningful selection of the population of accounts to be studied: the omission of accounts that are key to a particular topic or issue could considerably skew the subsequent analysis. Such accounts may still be present in the data gathered if they interacted directly with the population whose activities were being tracked (if they were involved in @reply discussions with or retweeted

the tracked accounts, or were retweeted by them); however, this presence by association would not capture the entirety of such accounts' activities, of course. The limitations of the Twitter API, reproduced in Twitter capture tools such as *TCAT*, mean that it is usually prohibitively difficult to retrospectively gather additional data missing from the primary dataset; this makes it all the more important to begin from a very carefully constructed, comprehensive list of accounts to be tracked.

Second, while the population-based approach captures a very different range of activities compared to the hashtag-based approach, neither is likely to result in an entirely exhaustive dataset of relevant tweets. Most centrally, as noted above, the population-based approach builds on the expectation that it is a widespread practice for Twitter users to refer to key actors (in politics and elsewhere) by their Twitter account names, rather than simply by their personal names - but this practice may not be equally common across diverse contexts. On the one hand, it is possible that the official account name of a political actor may simply not be widely known, that its correct spelling is difficult to remember, or that users may frequently mistake another account (especially perhaps a parody account deliberately set up to mimic the politician) for the actor's official Twitter presence. In such cases, users may prefer to spell out the politician's name in their tweets instead, or may misdirect their tweets to another account.

On the other hand, users may actively refrain from directly @mentioning a specific actor by their account name - for instance because they do not wish to direct additional public attention to a politician whom they oppose, or because they fear retribution, especially for critical statements. Such reluctance to @mention political actors could be especially pronounced for comparatively extremist accounts, for both those reasons: Twitter users with non-extremist views might want to avoid acknowledging the online presence of extremist elements, and may be worried about becoming targets for attacks by the extremists' supporters if they post public criticism of such political actors. At the same time, however, fringe political actors could also attract especially much activity from their supporters if those supporters see Twitter (and other social media platforms) as a valuable means for promoting their political views in the absence of sufficient - or sufficiently sympathetic - media coverage, while social media activity around mainstream actors who are already highly present in print and broadcast media

might remain comparatively muted.

Which of these dynamics prevail in any given case is likely to be highly contingent on a variety of local contextual factors, including the current political situation, the demographics of Twitter adoption in a given country, and the extent to which political actors themselves are active using - and encouraging their followers to use - the platform for public political debate. These factors are likely to differ widely between countries (and even between states and localities) as well as over time. Our point here is not to suggest a particular, standard interpretation of the observable patterns in population-based datasets, therefore, but rather to emphasise that the patterns observed in the data gathered must always be interpreted against the background of the data gathering approach chosen - this is as true for the population-based datasets we have introduced here as it has been for the hashtag-based datasets which have dominated much of the existing Twitter research literature.

Finally, the underlying limitations of the Twitter Application Programming Interface upon which *TCAT* and similar data gathering tools build also bear repeating here. For the total collection of search terms being tracked by a single *TCAT* instance, the standard API will only ever return up to one per cent of the total current global volume of tweeting activity, and this can result in limitations to the data being captured. Such limitations are perhaps more immediately felt in hashtag-based data gathering approaches: if a major hashtag at a time of important breaking news is present in ten per cent of all current tweets, *TCAT* would still only capture up to one per cent of all current tweets, and therefore only one tenth of all the possible tweets containing the hashtag.

In most circumstances, it is comparatively far less likely that the total volume of all current tweets mentioning a specific population of accounts would represent more than one per cent of the global feed of tweets, especially if these accounts belong to rank-and-file politicians in relatively minor nations. However, population-based tracking approaches that include major world leaders, especially during moments of heightened tension - @realDonaldTrump and @HillaryClinton on election night, @dilmabr and @MichelTemer during the impeachment process and subsequent protests - may occasionally surpass the one per cent limit, and their resultant datasets will therefore be incomplete. This is unavoidable unless commercial data gathering tools are used instead of *TCAT*

or similar solutions, and - because the omission of tweets delivered by the API follows an essentially random selection - does not unduly skew the analysis of the incomplete datasets, other than resulting in a systematic underestimation of total tweet volumes during such times; however, it remains crucial that researchers identify and note such limitations as they present their analyses.

References

Baldwin-Philippi, Jessica. 'Politics 2.0: Social Media Campaigning.' In *The Sage Handbook of Social Media*, eds. Jean Burgess, Alice Marwick and Thomas Poell. London: Sage, 2017. 527-545.

boyd, danah, and Nicole B. Ellison. 'Social network sites: Definition, History, and Scholarship.' *Journal of Computer Mediated Communication* 13, no. 1(2007), 210-230.

Borra, Erik, and Bernhard Rieder. 'Programmed Method: Developing a Toolset for Capturing and Analyzing Tweets'. *Aslib Journal of Information Management* 66, no. 3 (2014): 262-278. doi:10.1108/AJIM-09-2013-0094.

Bruns, Axel, Gunn Enli, Eli Skogerbo, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen (Eds.) *The Routledge Companion to Social Media and Politics*. New York: Routledge, 2016.

157

Bruns, Axel. 'Tweeting to Save the Furniture: The 2013 Australian Election Campaign on Twitter'. *Media International Australia*, no. 162 (2017): 49-64. doi:10.1177/1329878X16669001.

Bruns, Axel. 'Twitter Analytics Using TCAT and Tableau, via Gawk and BigQuery'. *Mapping Online Publics*, 15 April 2016. <http://mappingonlinepublics.net/2016/04/15/twitter-analytics-using-tcat-and-tableau-via-gawk-and-bigquery/>

Bruns, Axel, and Jean Burgess. 'Twitter hashtags from ad hoc to calculated publics.' In *Hashtag publics: The power and politics of discursive networks*, ed. Nathan Rambukkana. New York: Peter Lang, 2015. 13-28.

Bruns, Axel, Tim Highfield and Jean Burgess. 'The Arab Spring and Social Media Audiences: English and Arabic Twitter Users and their Networks.' *American Behavioral Scientist* 57, no. 7 (2013): 871-898.

Bruns, Axel, and Tim Highfield. 'May the Best Tweeter Win: The Twitter Strategies of Key Campaign Accounts in the 2012 US Election.' In *Die US-Präsidentenschaftswahl 2012: Analysen der Politik- und*

Kommunikationswissenschaft, eds. Christoph Bieber and Klaus Kamps. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 2016. 425–42.

Bruns, Axel, Burgess, Jean, Banks, John, Tjondronegoro, Dian, Dreiling, Alexander, Hartley, John, Leaver, Tama, Aly, Anne, Highfield, Tim, Wilken, Rowan, Rennie, Ellie, Lusher, Dean, Allen, Matthew, Marshall, David, Demetrious, Kristin, and Sadkowsky, Troy. ‘**TrISMA: Tracking Infrastructure for Social Media Analysis.**’ 2016. <http://trisma.org/>.

Burgess, Jean, and Axel Bruns. ‘Easy Data, Hard Data: The Politics and Pragmatics of Twitter Research After the Computational Turn.’ In **Compromised Data: From Social Media to Big data**, eds. Ganaele Langlois, Joanna Redden and Greg Elmer. London: Bloomsbury, 2015. 93-111.

Burgess, Jean, Peta Mitchell and Felix Münch. ‘Social Media Rituals: The Uses of Celebrity Death in Digital Culture.’ In **A Networked Self: Birth, Life, Death**, ed. Zizi Papacharissi. New York: Taylor & Francis Group, 2018 (in press).

Freelon, Dean, Charlton D. McIlwain and Meredith D. Clark. ‘Beyond the Hashtags: #ferguson, #blacklivesmatter, and the Online Struggle for Offline Justice’ **Center for Media & Social Impact, School of Communication, American University** (29 February), 2016. <http://cmsimpact.org/resource/beyond-hashtags-ferguson-blacklivesmatter-online-struggle-offline-justice/>.

Gerbaudo, P. ‘Social Media teams as Digital Vanguard: The Question of Leadership in the Management of key Facebook and Twitter Accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut.’ **Information, Communication & Society** 20, no. 2 (2017): 185-202.

Grant, Will J., Brenda Moon, and Janie Busby Grant. ‘Digital Dialogue? Australian Politicians’ Use of the Social Network Tool Twitter’. **Australian Journal of Political Science** 45, no. 4 (2010): 579–604. doi:10.1080/10361146.2010.517176.

Hanusch, Folker, and Axel Bruns. ‘Journalistic Branding on Twitter: A Representative Study of Australian Journalists’ Profile Descriptions’. **Digital Journalism** 5, no. 1 (2017): 26–43. doi:10.1080/21670811.2016.1152161.

Highfield, Tim. **Social Media and Everyday Politics**. Malden, MA: Polity Press, 2016.

Lee, Na Yeon, Yonghwan Kim, and Jiwon Kim. ‘Tweeting Public Affairs or Personal Affairs? Journalists’ Tweets, Interactivity, and Ideology’. **Journalism** 17, no. 7 (2015): 845–64. doi:10.1177/1464884915585954.

Michaels-Ober, Erik. ‘t: A Command-Line Power Tool for Twitter.’ **Github**, 2014. <http://sferik.github.io/t/>.

Milner, Ryan M. **The World Made Meme: Public Conversations and Participatory Media**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2016.

Nuernbergk, Christian, Jennifer Wladarsch, Julia Neubarth, and Christoph Neuberger. 'Social Media Use in the German Election Campaign 2013.' In **The Routledge Companion to Social Media and Politics**, eds. Axel Bruns, Gunn Enli, Eli Skogerbø, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen. New York: Routledge, 2016. 419–433.

Poell, Thomas and José van Dijck. 'Social media and new protest movements.' In **The Sage Handbook of Social Media**, eds. Jean Burgess, Alice Marwick and Thomas Poell. London: Sage, 2017. 546-61.

Puschmann, Cornelius, and Jean Burgess. 'The Politics of Twitter Data.' In **Twitter and Society**, eds. Katrin Weller, Axel Bruns, Jean Burgess, Cornelius Puschmann and Merja Mahrt. New York, Peter Lang, 2014. 43-54.

Recuero, Raquel, Gabriela Zago, and Marco T. Bastos. 'Twitter in Political Campaigns: The Brazilian 2014 Presidential Election.' In **The Routledge Companion to Social Media and Politics**, eds. Axel Bruns, Gunn Enli, Eli Skogerbø, Anders Olof Larsson, and Christian Christensen. New York: Routledge, 2016. 518–530.

Tableau. 2017. <http://www.tableau.com/>

Uma eleição de 'piados' autocentrados: análise do uso do Twitter nas ciber campanhas paulistanas em 2016

Claudio Luis de Camargo Penteado¹

Natasha Bachini²

Tathiana Senne Chicarino³

Pedro Malina⁴

Denis Carneiro Lobo⁵

Resumo: Com o objetivo de observar os usos do *Twitter* nas eleições municipais de São Paulo de 2016 pelos principais candidatos/as à prefeito, esse artigo apresenta uma análise predominantemente quantitativa das ciber campanhas realizadas por Celso Russomano (PRB), Fernando Haddad (PT), João Dória (PSDB), Luiza Erundina (PSOL), Marta Suplicy (PMDB), Major Olímpio (Solidariedade) e Ricardo Young (Rede) nessa mídia social. A partir dos dados coletados pelas equipes do NEAMP (PUC/SP – Brasil) e DMCR (QUT – Austrália) e de técnicas de análise para Big Data, verificamos as continuidades e mudanças nas estratégias das ciber campanhas em comparação com pleitos anteriores, bem como as interações entre os candidatos/as e os seus seguidores. Nossa principal constatação fora que enquanto o debate político se amplia nas mídias sociais de modo geral, as ciber campanhas no *Twitter* se tornam cada vez menos dialógicas e cada vez mais propagandísticas.

Palavras-chave: Eleições municipais 2016. Twitter. Ciber campanhas. Big Data.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP

² Doutoranda em Sociologia no IESP-UERJ

³ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁴ Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁵ Mestrando em Ciências Sociais pela PUC/SP

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os usos do *Twitter* nas eleições municipais de São Paulo de 2016 pelos/as principais candidatos/as à prefeito/a. Tendo em vista a conjuntura na qual se realizaram essas eleições e inseridos no campo do marketing político digital, verificamos as continuidades e inovações das estratégias das cibercampanhas em comparação com pleitos anteriores.

As eleições municipais de 2016 ocorreram sob condições *sui generis*. Foram fortemente influenciadas pela desaceleração da economia e pela grave crise política no Brasil. O mal desempenho da economia ainda no final do primeiro governo de Dilma Rousseff (PT) e no começo de seu segundo e tumultuado mandato, levou ao aumento do desemprego, à redução do orçamento para os programas sociais e à estagnação do Produto Interno Bruto (PIB). Associada aos problemas da economia, emergiu uma crise política de grandes proporções nas quais os primeiros indícios podem ser encontrados nas manifestações de Junho de 2013, nas quais milhões de brasileiros foram às ruas para protestarem por diversas demandas, enunciando uma crise da representação política tradicional, na qual a web teve um papel central no surgimento de novas formas de mobilização. (Ruediguer et al, 2014)

Outro fenômeno que aprofundou o cenário de crise política foi o avanço das investigações da Polícia Federal e do Ministério Público sobre as denúncias de corrupção na Petrobrás envolvendo políticos, principalmente do Partido dos Trabalhadores (PT), na Operação Lava Jato.

Nas eleições presidenciais de 2014, na qual a presidente Dilma Rousseff foi reeleita por uma pequena margem de votos - apenas 3%⁶ de votos a mais do que seu adversário, Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) - a população do país encontrava-se (e provavelmente ainda se encontra) dividida, e pode-se presenciar a radicalização ideológica da direita, sobretudo nas mídias sociais, conforme apontam os estudos de Vera Chaia e Fabrício Brugnago (2014).

Esses fatores conformaram o cenário no qual o Brasil vivenciou o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff⁷ em 2016, após uma onda de protestos

⁶ Dados do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-candidaturas-2014/estatisticas-eleitorais-2014-resultados>. Data de acesso: 2 de fevereiro de 2017.

⁷ O impeachment foi baseado na acusação que a presidente teria cometido irregularidades fiscais em sua gestão, que ficaram conhecidas por “pedaladas fiscais”. As “pedaladas” seriam supostas

em várias cidades do Brasil, nos anos de 2015 e 2016, que mobilizaram milhões de pessoas. Acerca desses protestos, Cláudio Penteado e João Guerbali (2016) identificaram as mídias sociais, e mais especificamente o *Twitter*, como um espaço de disputa política e convocação importantes entre os grupos pró e contra o *impeachment* da presidenta.

Ao longo desse período, as mídias sociais foram de fundamental importância para a compreensão da participação e da reação da sociedade a esse processo. O debate sobre todos esses acontecimentos se desenrolou de maneira inflamada na internet, tanto no que concerne a promoção e defesa dos políticos e partidos, quanto à contraposição de projetos e posicionamentos políticos. Os cidadãos, dispensados da civilidade necessária ao convívio presencial e encorajados por suas bolhas algorítmicas (BAUMAN, 2005), promoveram uma verdadeira guerra virtual no desejo de publicizarem suas posições, o que resultou, entre outras coisas, na propagação de discursos de ódio na rede. (DOS SANTOS, 2015) Inserida nesse contexto de confronto político, a eleição municipal de São Paulo em 2016 contou com a participação do então prefeito Fernando Haddad (PT), que almejava sua reeleição; do empresário e comunicador João Dória (PSDB); do deputado federal e jornalista Celso Russomano (Partido da República Brasileira –PRB); das ex-prefeitas Marta Suplicy (Partido do Movimento Democrático Brasileiro- PMDB), que saíra do PT recentemente, e Luiza Erundina (Partido da Socialismo e Liberdade –PSOL), que foi prefeita da cidade nos anos 1980 também pelo PT; do empresário e ex-vereador Ricardo Young (Rede Sustentabilidade); e do deputado federal e oficial aposentado da Polícia Militar de São Paulo, Major Olímpio (Solidariedade).

As pesquisas de opinião apontavam inicialmente Celso Russomano (PRB) na liderança da disputa, com 33% das intenções de voto⁸. No entanto, assim como no pleito anterior, sua candidatura foi desidratando e outros candidatos de partidos maiores começaram a subir nas pesquisas, como João Dória (PSDB), Marta Suplicy (PMDB) e Fernando Haddad (PT). Ao final da campanha, João

operações orçamentárias realizadas pelo Tesouro Nacional que teriam atrasado o repasse de verba à bancos públicos e privados, com a intenção de mascarar os indicadores fiscais do governo ao mercado financeiro e a população.

⁸ Pesquisa Ibope de 23 de agosto de 2016; Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2016/noticia/2016/08/russomano-tem-33-e-marta-17-na-disputa-prefeitura-de-sp-diz-ibope.html>. Data de acesso: 02 de fevereiro de 2017.

Dória, que começou a disputa com baixos índices de intenção de votos, foi eleito no primeiro turno com 3.085.187 de votos (53,29% do eleitorado paulistano), seguido pelo prefeito Fernando Haddad, em segundo lugar, com 16,7% dos votos⁹.

Com o objetivo de estudar os usos do *Twitter* como um espaço de disputas políticas, mobilização e difusão de mensagens eleitorais, o artigo apresenta uma análise das cibercampanhas realizadas nessa mídia social pelos/as principais candidatos/as à prefeito/a da cidade de São Paulo em 2016. Para realizar essa pesquisa foram coletados e analisados, com o auxílio dos *softwares* Tableau e Gephi, os tuítes dos perfis oficiais dos/as candidatos/as referidos no período de 6 de setembro a 13 de outubro.

O artigo está estruturado em quatro partes, além dessa introdução. Realizamos (1) uma breve revisão bibliográfica dos estudos sobre marketing político digital; posteriormente (2) descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa; em seguida apresentamos (3) os resultados alcançados, e, por fim, tecemos nossas (4) considerações finais.

Marketing político digital

A rápida expansão da internet e a popularização das mídias sociais têm chamado a atenção dos pesquisadores na área de Comunicação Política para as transformações nas campanhas eleitorais. Patrícia Rossini (2015) aponta que os estudos acadêmicos sobre campanhas eleitorais digitais já têm três décadas, sendo que no Brasil esse campo ganhou fôlego a partir dos anos 2000, com a ampliação do acesso à internet.

Jennifer Stromer-Galley (2014) observa que inicialmente as campanhas digitais eram menos interativas e funcionavam como um repositório das propagandas produzidas para a circulação na mídia de massa. A partir da experiência de Howard Dean, candidato que concorreu às prévias democratas estadunidenses nas eleições de 2004, o uso intensivo e interativo das mídias sociais nas campanhas ganhou maior relevância e importância, principalmente em relação à arrecadação de recursos nos EUA. (HINDMAN, 2005; STROMER-GALLEY, 2014)

⁹ Dados do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2016/eleicoes-2016>. Data de acesso: 02 de fevereiro de 2017.

Contudo, a vitoriosa campanha de Barack Obama em 2008 e o eficiente uso que essa fez dos recursos da internet é considerado o “ponto de virada” das campanhas digitais (GOMES et al., 2009), inaugurando uma nova fase em que a internet e seus dispositivos ganham maior espaço e orçamento dentro das campanhas.

O uso da internet em campanhas eleitorais está associado ao avanço das tecnologias de comunicação e informação (TICs), assim como sua apropriação pelos usuários da rede mundial de computadores. No desenvolvimento da atividade do marketing político, especificamente do Brasil, é possível identificar três fases: pré-moderna (1945-1984), moderna (1985-2002) e pós-moderna (2003 até os dias de hoje). (PENTEADO, 2011)

A fase pré-moderna é caracterizada pelo marketing político intuitivo, no qual as ações de campanha estavam associadas à interação corpo-a-corpo entre o candidato e o eleitor e na mobilização de grupos sociais. Nessa fase os principais meios de comunicação eram o jornal do partido e os panfletos políticos.

Na segunda fase, moderna, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o marketing político passou por um processo de profissionalização com a formação de equipes de especialistas em campanha. O foco tornou-se a persuasão dos eleitores por meio de comerciais para televisão e rádio.

Já na fase pós-moderna tivemos inicialmente um período no qual o marketing político começou a utilizar de forma instrumental os recursos da internet nas campanhas. Este possibilitou a difusão de mensagens segmentadas para os diferentes públicos. Nesse momento, foram desenvolvidos os primeiros websites de campanhas e os e-mails foram usados como mala direta. Em um segundo momento da era pós-moderna, começaram a se desenvolver novos modelos de comunicação de campanha estruturados por práticas colaborativas fundamentalmente associadas ao uso de mídias sociais (blogs, repositório de vídeos e redes sociais de internet) e à arrecadação de recursos. (GOMES et al., 2009; HINDMAN, 2005)

Atualmente podemos identificar um terceiro momento da fase pós-moderna, associada ao que W. Lance Bennett e Alexandra Segerberg (2012) chamaram de personalização da política. O aprimoramento das mídias sociais possibilitou que os usuários participassem de modo mais ativo do processo de

comunicação, seja pela produção de conteúdo ou pela distribuição de informações em suas redes. Essa nova ecologia informacional permitiu uma forma de interação política personalizada, assim como a ampliação do fluxo de informação política, que pode influenciar resultados eleitorais. Desse modo, com o intuito de estudar as conversações nas mídias sociais para pensar campanhas mais eficientes, as equipes de marketing político começaram a trabalhar com técnicas para *Big Data* no monitoramento dos perfis dos usuários a partir de suas próprias publicações. (NICKERSON & ROGERS, 2014)

Debruçado sobre esse fenômeno, Bruce Bimber (2014), ao analisar as campanhas digitais de Obama (2008 e 2012), verificou que as campanhas do candidato democrata se mostraram mais criativas e inovadoras no uso dos recursos da internet, principalmente em relação ao uso das mídias sociais (nas eleições de 2008) e da *analytics data*¹⁰ (na disputa de 2012), se comparado aos seus opositores do Partido Republicano. A *analytics data* inovou ao desenvolver estratégias de campanha baseadas na análise e testes de dados coletados na e pela internet e na criação de mensagens e conteúdos direcionados e personalizados ao perfil dos usuários.

The innovations introduced by the Obama organizations in 2008 and 2012 represent adaptation to the digital media environment in the context of the unusual electoral arrangements of the U.S., in which communication is both candidate-centric and citizen-centric at the same time. Campaign organizations can now facilitate citizens becoming engaged on their own terms and in ways that activate their personal networks; at the same time, they can direct highly personalized political communication to individuals on the basis of extraordinarily fine-grained models of their behavior (BIMBER, 2014, p. 145-146).

As campanhas digitais começaram a adotar estratégias baseadas em comunicação personalizada atuando de acordo com as características de interação padronizadas pelos ambientes de mídia digital em que o cidadão pode interagir com os candidatos e com outros cidadãos. Nas campanhas digitais, as estratégias de comunicação funcionam de duas maneiras: mantêm a informação controlada pelos funcionários dos candidatos e, por outro lado, os apoiantes têm autonomia para criar e compartilhar mensagens de seus candidatos favoritos em suas redes pessoais.

¹⁰ *Analytic data*: análise de dados coletados na internet pelo monitoramento e rastreamento de mídias sociais (BIMBER, 2014).

Bimber(2014) comenta que essa estratégia comunicacional foi rapidamente assimilada pelos candidatos a cargos legislativos nas eleições seguintes nos EUA, que passaram a investir pesadamente na análise de *Big Data* como mecanismo de orientação de campanha. A ênfase em campanhas personalizadas, segundo o autor, levou já em 2012 a um aumento da polarização entre os eleitores, contrariando as visões otimistas de 2008 sobre o aumento da participação dos eleitores pelas mídias sociais.

Em 2016, as melhorias no uso de Big Data em campanhas políticas foram evidenciadas pelo sucesso da campanha LeaveEU¹¹ para o Brexit e pela campanha presidencial de Donald Trump. Ambos usaram métodos inovadores que combinavam mineração de dados e análise de dados eleitorais com pesquisa científica multidisciplinar, especialmente em psicologia comportamental. Líder dessa inovação foi a *Cambridge Analytica*, uma filial de *Strategic Communication Laboratories* (SCL) que reivindica duas décadas de extensa experiência em campanhas políticas em todo o mundo¹². O ponto de avanço foi o desenvolvimento de padrões de medição de traços psicológicos dos usuários - principalmente focados em usuários do *Facebook* -, desenvolvidos ao longo dos últimos anos pelo Centro de Psicometria da Universidade de Cambridge¹³.

O papel supostamente decisivo desempenhado pela *Cambridge Analytica* na vitória de Donald Trump, através da rede digital e a entrega de mensagens específicas, de acordo com os dados, foi amplamente coberto (DOWARD & GIBBS, 2017; GRASSEGER & KROGERUS, 2017; PERSILY, 2017; TETT, 2017). Esse fato levou a empresa a abrir novos escritórios em vários países, incluindo o Brasil.

¹¹ <http://leave.eu/>

¹² <https://sclgroup.cc/elections/projects>

¹³ O modelo psicométrico conhecido como BIG5 ou OCEAN foi desenvolvido na década de 1980 através de um conjunto de perguntas e respostas capazes de identificar cinco traços de personalidade humana. Em 2007, o pesquisador da Universidade de Cambridge, David Stillwell, criou o myPersonality Project, um aplicativo do Facebook que usa o BIG5 realizando questionários com os usuários para avaliar seus perfis psicológicos. Após alguns anos, houve milhões de resultados acumulados, o que permitiu várias correlações com outras fontes de big data. Michal Kosinski, membro da equipe do projeto, inverteu as correlações e descobriu que é possível desenhar perfis psicológicos a partir dos *likes* do Facebook. O método mostrou-se eficaz, e Kosinski provou que com base em uma média de 68 *likes*, foi possível descobrir a cor da pele, orientação sexual, preferência política, religião, hábitos alimentares e consumo de álcool e drogas, entre outras coisas. A história pode ser lida em: <http://outraspalavras.net/posts/big-data-toda-democracia-sera-manipulada/>.

Acerca das primeiras cibercampanhas brasileiras, os dados da pesquisa de Natasha Bachini (2013) sobre o uso do *Twitter* nas eleições presidenciais de 2010 no Brasil - o primeiro pleito brasileiro sob a influência do chamado “efeito Obama” - evidenciam o potencial ainda limitado dessa mídia social, porém, com relativo peso nas campanhas, principalmente nas dos candidatos dos partidos menores, como Marina Silva, que nessa disputa se apresentava como uma alternativa a polarização PT x PSDB, que vem dominando a disputa ao governo federal desde 1994. Os resultados encontrados por Bachini permitiram inferir que houve significativa ampliação do debate político na rede e da interação entre os candidatos (ou suas equipes) e os eleitores, que questionavam os candidatos sobre suas propostas e, em alguns casos, procuravam colaborar com elas. No entanto, esse debate e essa interação foram pautados, segundo a autora, em grande medida, pela agenda dos partidos em campanha e pela cobertura do *mass media*.

A partir da observação das publicações dos perfis oficiais dessas cibercampanhas a autora visualizou uma construção dual das imagens dos candidatos, que apostaram principalmente em seus tuítes na divulgação de “notícias da campanha”, de “preferências pessoais” e do apoio de celebridades, revelando uma estratégia que reforçava o elo entre as esferas político/pública e pessoal/privada. Assim, os resultados dessa pesquisa levaram-na a constatar que o *Twitter*, se de um lado possibilitou a aproximação dos candidatos com o universo do eleitor, por outro lado não propiciou a horizontalização do debate nem uma discussão ampla de temas e propostas políticas. Um estudo posterior da autora apontou que o candidato que mais se abeirou de tal feito nessas eleições fora Plínio de Arruda Sampaio (PSOL). (BACHINI, 2013b)

No pleito seguinte, outro estudo, dessa vez dedicado a análise do uso do *Facebook* nas eleições municipais de São Paulo em 2012, verificou que as campanhas utilizaram estratégias diferenciadas nesta mídia social que era no momento (e ainda é), a mais popular do Brasil. Contudo, em nenhum dos perfis analisados foi identificado um modelo interativo e colaborativo entre as equipes de campanhas e os usuários. Nos perfis dos quatro principais candidatos prevaleceu a lógica *top-down* de comunicação, na qual os eleitores tinham pouca ou nenhuma possibilidade de propor ou debater diferentes assuntos políticos. (BACHINI et al, 2015)

Por fim, durante as eleições presidenciais de 2014 no Brasil, o *Facebook* foi uma importante ferramenta de marketing político, gerando um número expressivo de postagens curtidas. Ao analisar os perfis dos candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) no *Facebook* no mês de outubro de 2014, e especialmente do segundo turno da disputa presidencial, Penteado et al (2016) aferiram, mais uma vez, que cada campanha apostou em uma estratégia diferente. Enquanto o perfil de Dilma Rousseff apostou em uma maior frequência, dinâmica e diversidade de comunicação, o de Aécio Neves focou mais no uso do espaço para a divulgação de sua campanha eleitoral. Contudo, a leitura dos dados permitiu aos autores inferir também que não houve correlação entre número de publicações e engajamento (representado pelo somatório de curtidas, comentários e compartilhamentos), e tampouco que essa segunda variável foi preditora de sucesso eleitoral.

Métodos

Para a realização do estudo das campanhas digitais dos/as principais candidatos/as à Prefeitura de São Paulo em 2016, monitoramos e analisamos os perfis no *Twitter* de João Dória (PSDB), Celso Russomano (PRB), Fernando Haddad (PT), Marta Suplicy (PMDB), Luiza Erundina (PSOL), Ricardo Young (Rede) e Major Olímpio (Solidariedade).

O crescimento do uso de mídias sociais, do armazenamento de dados em nuvem e da capacidade rápida de processamento de dados por meio de técnicas computacionais avançadas, possibilitam o desenvolvimento de novas abordagens sobre a difusão de informações no ambiente online (Weller et al., 2014). Desta forma, as plataformas de comunicação online (*Facebook*, *Twitter* etc) têm se tornado um importante espaço para diferentes tipos de estudos.

Neste artigo, exploramos, pela primeira vez, a partir de algumas dessas técnicas, as cibercampanhas de forma a compreender a sua dinâmica hodierna. Até então a maioria dos nossos esforços interpretativos sobre esse fenômeno vinham se baseando em técnicas de coleta manual e numa análise predominantemente qualitativa, que não nos permitiam monitoramentos amplos em pouco tempo tampouco inferências mais abrangentes acerca da interatividade entre os candidatos e os eleitores e suas estratégias de campanha no ambiente online.

Apesar de nossa revisão bibliográfica indicar que o *Twitter* atualmente ter um número de usuários bem inferior ao *Facebook* no Brasil, a coleta e manipulação de dados no microblog nos permitiu o exercício dessa nova metodologia e viabilizou nossos propósitos de pesquisa no que concerne a observação das estratégias das campanhas digitais e o rastreamento das interações entre os candidatos e os seus seguidores. Tal fato no momento em que iniciamos a pesquisa não era possível de ser feito pelo *Facebook* de forma autônoma.

Para este estudo, uma versão estendida do *Twitter Capture and Analysis Toolkit*¹⁴ foi usada para capturar dados usando a interface de programação de aplicativos do Twitter. Financiado pela Fundação de Pesquisa de São Paulo (FAPESP) e pela *Australian Technology Network of Universities* (ATN), e objetivando o desenvolvimento de metodologias compartilhadas para a análise de práticas políticas em rede, este conjunto de ferramentas foi empregado em conjunto por pesquisadores brasileiros do Núcleo de Pesquisa em Arte Mídia e Política (NEAMP), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de pesquisadores australianos do Centro de Pesquisa em Mídia Digital (DMRC) da *Queensland University of Technology* (QUT).

169

Coletamos as publicações dos perfis oficiais dos principais candidatos, listados acima, no período de 6 de setembro a 13 de outubro de 2016, visando o acompanhamento da discussão política antes do 1º turno das eleições (ocorrido em 2 de outubro) e na semana posterior aos resultados do pleito.

Após a coleta dos tuítes, os dados foram sistematizados pelos *softwares* de tratamento Tableau e Gephi. O primeiro software, Tableau, é uma ferramenta que permite a análise visual/ gráfica dos dados coletados e o cruzamento de variáveis, conforme veremos nos gráficos abaixo. O Gephi é um software livre que possibilita a representação gráfica (grafos) das relações entre os nós das redes relacionais digitais, e o que possibilita a observação do comportamento em rede dos perfis dos candidatos.

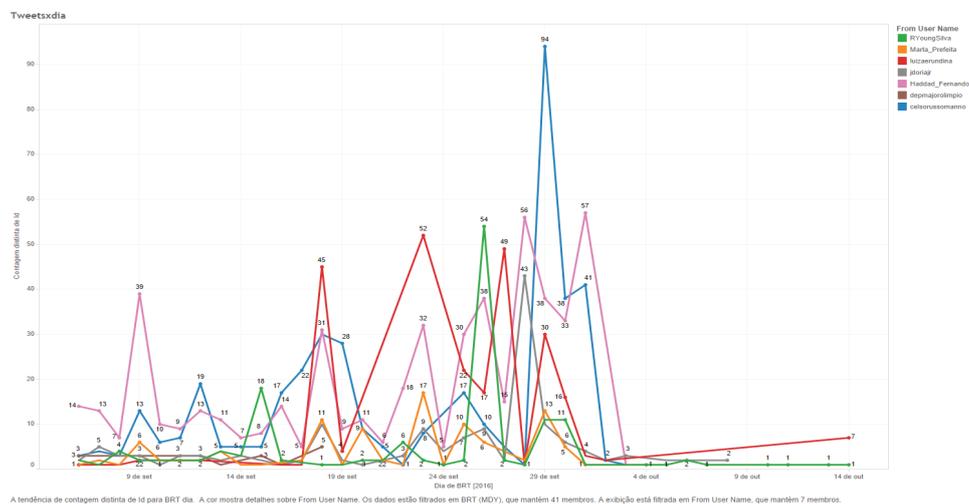
Abaixo apresentamos os principais resultados da pesquisa.

¹⁴<https://github.com/digitalmethodsinitiative/dmi-tcat/wiki>

Resultados¹⁵

Iniciaremos a exploração dos resultados do monitoramento pelo gráfico abaixo, que se baseia numa contagem distinta dos tuítes de cada candidato, ou seja, sem considerar suas possíveis duplicações ou sua repercussão em forma de menções e compartilhamentos. Observamos que os candidatos Celso Russomano, Fernando Haddad (PT), Luiza Erundina (PSOL) e Ricardo Young (Rede) foram os mais atuantes no aplicativo, respondendo pelo maior volume e pelos picos de tuítes por dia. O desempenho mais forte do Russomano no *Twitter* é excepcionalmente digno de nota.

Gráfico 1: Tuítes dos candidatos por dia



Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

De maneira geral, os candidatos usaram o *Twitter* para divulgarem suas propostas para a cidade e eventos de campanha e para mobilizarem seus seguidores via *hashtags* e avatares; porém, pouco responderam a esses últimos. Acerca dos eventos de campanhas, os candidatos enfatizaram especialmente em seus tuítes quando concediam entrevistas à grande imprensa e participavam dos debates.

Nos casos específicos de Haddad e Marta, o *Twitter* foi usado para lembrar o que enquanto prefeito e prefeita já fizeram pela cidade. De um modo semelhante, Russomano busco enfatizar também em seus tuítes suas realizações ao longo

¹⁵ Nós gostaríamos de agradecer a fundamental colaboração dos pesquisadores do NEAMP, Tathiana Chicarino, Pedro Malina e Denis Carneiro, na elaboração dos gráficos aqui apresentados. Sem sua ajuda, esse trabalho teria outro caráter. Fica aqui o nosso muito obrigado/a.

de 30 anos na luta pelos direitos do consumidor. Por outro lado, Russomano e Erundina usaram seus perfis para atacar seus adversários/as Dória e Marta, e o mesmo Russomano e Haddad usaram o aplicativo para desmentir boatos sobre suas propostas. Outra proximidade encontrada entre os candidatos, dessa vez entre Haddad e Dória, foi a de usar o *Twitter* para publicizar o apoio que recebiam de figuras públicas, o que gerou muitas menções e retuítes para esses perfis, como veremos a seguir. Por fim, Dória destacou-se entre os demais por investir na extimidade¹⁶.

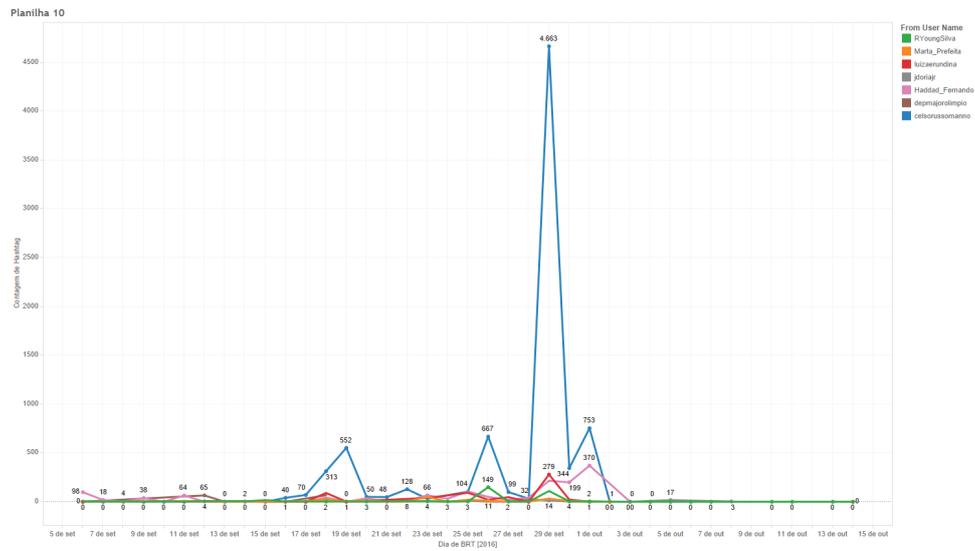
No segundo gráfico temos a contagem do uso de *hashtags* pelos/as candidatos/as por dia. A *hashtag* é um importante recurso dentro do *Twitter* para agrupar e rastrear mensagens sobre o mesmo tema. Verificamos que ao longo do período, os/as candidatos/as se utilizaram desse recurso em datas específicas. Cruzando os dados desse gráfico com os do primeiro, notamos que os/as candidatos/as que mais tuítaram são aqueles que mais empregaram *hashtags* em suas mensagens.

Chama a atenção o pico isolado de Celso Russomano no dia 29 de setembro, último dia oficial de campanha, e dia do debate entre os/as candidatos/as na principal rede de televisão do país. Nessa data foi publicada também a última pesquisa Ibope sobre as intenções de voto dos paulistanos no primeiro turno. Essa indicava que Celso Russomano e João Dória estavam tecnicamente empatados em primeiro lugar e que o Russomano venceria Marta em um hipotético segundo turno.

Nesse contexto, a campanha de Russomano disparou uma série de tuítes na rede, por meio do seu perfil e dos perfis de sua equipe, que divulgavam os resultados da pesquisa, depreciavam o candidato João Dória e convocavam os eleitores a assistir ao debate na TV. Na execução dessa estratégia, as principais *hashtags* usadas foram #Eleicoes2016, #SP, #DebateNaGlobo, #RussomanoNoDebate e #aGenteResolve. É importante observar que a #Eleições2016 foi usada pela maioria dos/as candidatos/as.

¹⁶ O trabalho de Paula Sibília é uma referência no Brasil sobre o estudo de como a tecnologia força as pessoas a repensar a distinção público / privado através da exposição à intimidade nas mídias sociais. Ver SIBÍLA (2008).

Gráfico 2: *Hashtags* usadas pelos candidatos por dia

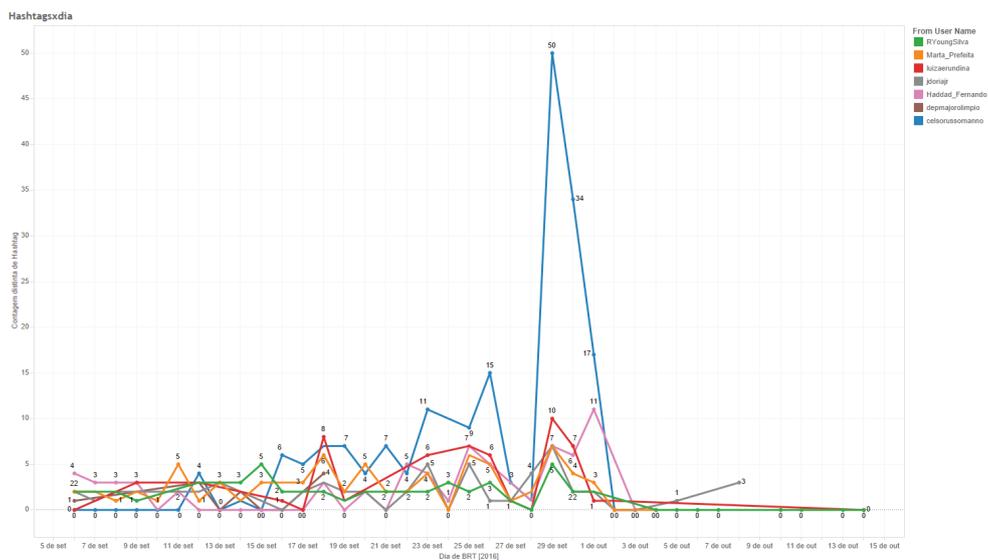


Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

Contudo, quando lemos o gráfico 3, que apresenta a contagem distinta de *hashtags*, observamos que elas originalmente foram poucas, repetidas e agrupadas nos tuítes, muito provavelmente com o intuito de viralizar as mensagens dos/as candidatos/as. Como identificado no gráfico anterior, a maior ocorrência foi no dia do debate da Globo.

A maior diversidade de *hashtags* também foi produzida por Russomano (50), seguido por Haddad (11), Erundina (10), João Dória e Marta Suplicy (ambos com pico de 7 *hashtags* diferentes em um dia).

Gráfico 3: Contagem de *hashtags* distintas por candidato por dia



A tendência de contagem distinta de Hashtag para BRT dia. A cor mostra detalhes sobre From User Name. Os dados estão filtrados em BRT (MDY), que mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

Na tabela 1 nós temos as principais *hashtags* veiculadas pelos/as candidatos/as e por todos/as os que interagiram com eles/as no *Twitter*. Analisando a nuvem, vemos que predominaram entre os tuítes, além da #eleicoes2016, as *hashtags* que faziam campanha para João Dória (#acelerasp) e Fernando Haddad (#viradahaddad13), e aquelas que faziam referência aos debates televisivos (#gazetaestadao e #debateglobosp).

Embora existisse uma expectativa em relação a ampliação do debate político sobre as redes sociais, por causa de seus supostos benefícios interativos e participativos, na prática, a maioria dos candidatos, na maioria dos casos, realizou auto-promoção e transmitiram conteúdo divulgado pela mídia convencional (BACHINI et al., 2015).

Tabela 1: Hashtags

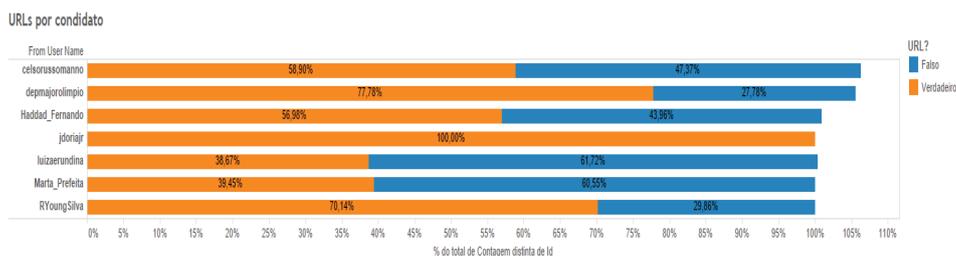
Hashtag	Contagem de Id
#eleição	8303
#viradahaddad13	6700
#gazetaestadao	6638
#acelerasp	6250
#eleicoes2016	5468
#debateglobosp	3880
#haddad13	3557
#vote45	3095
#voudehaddad	2401
#foratemer	2359
#vemcomhaddad	1835
#foracunha	1744
#lavajatoeuapoio	1694
#debatesbtfolhauol	1592
#vajandira	1399
#forapt	1305
#ovotonarecord	1287
#prefeitosp	1252
#datache	1182
#vote13	1156
#melhorcomhaddad13	1128
#debatenarecord	1123
#debateglobo	1082
#haddadfica	1063
#russomannoprefeito	1047
#aovivo	1022

Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

O gráfico 5 abaixo examina o uso de links para conteúdo adicional - de imagens e vídeos para artigos em sites externos - nos tuítes dos candidatos. Esse recurso foi comumente empregado pelas cibercampanhas dentro do *Twitter*, visto

que um tuíte pode conter, no máximo, 140 caracteres. A barra de laranja indica a porcentagem de mensagens desse candidato que continha uma URL e a barra azul mostra a porcentagem das mensagens que não. O gráfico mostra que João Dória (PSDB) incluiu uma URL em cada uma de suas postagens; Major Olímpio (SD) e Ricardo Young (REDE) também incluíram URLs em cerca de três quartos de todos os posts.

Gráfico 5: Percentual de URL's no total de tuítes

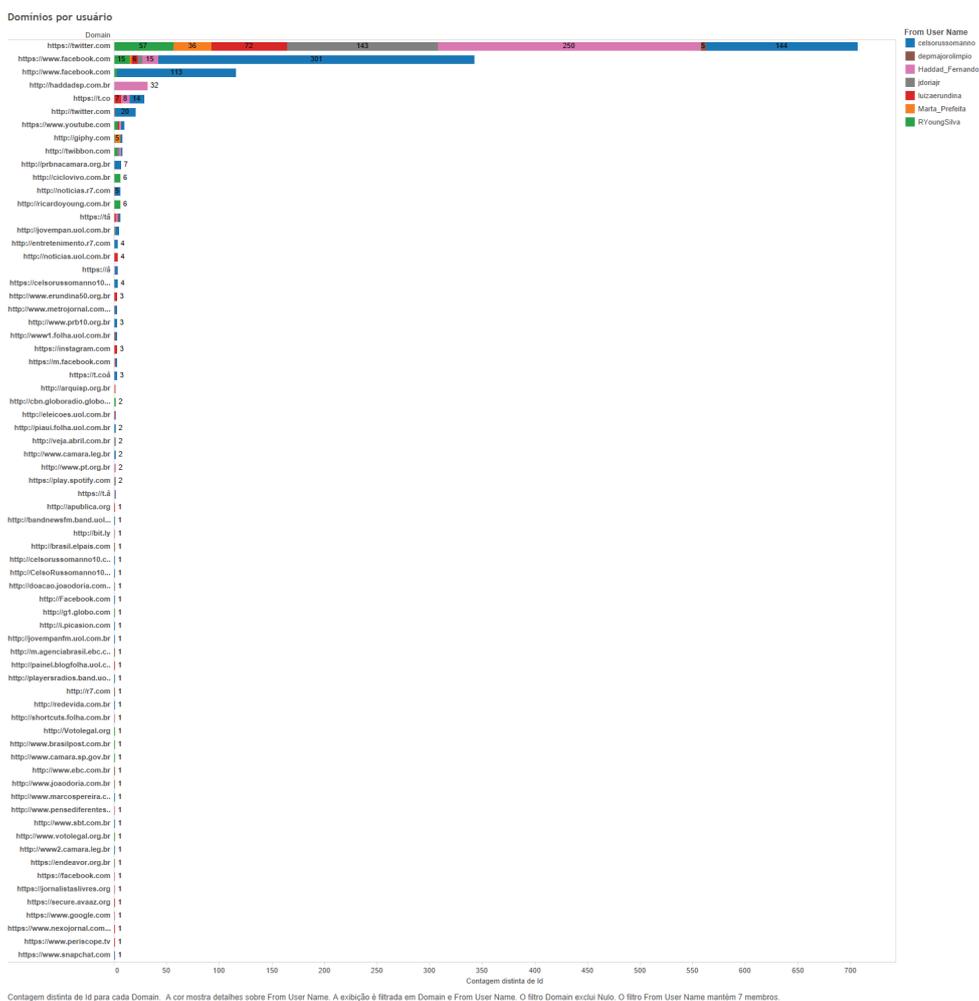


% do total de Contagem distinta de Id para cada From User Name. A cor mostra detalhes sobre URL?. Os dados estão filtrados em BRT (MDY), que mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

Embora a maioria dos/as candidatos/as tenha usado esse recurso, o gráfico 6 indica que ele funcionou de maneira circular, visto que a maioria dos domínios referenciados nos tuítes direcionavam para endereços dentro do próprio aplicativo (compartilhando imagens ou vídeos hospedados no *Twitter* ou vinculando outros usuários). Isso nos parece uma inovação de estratégia. O único candidato que teve um comportamento diferente foi Fernando Haddad, visto que 32 dos seus tuítes redirecionavam para sua página oficial de campanha. Além da presença de links para o próprio *Twitter* e para as páginas de campanha dos candidatos, observamos também o direcionamento para outras mídias sociais, como o *Facebook*, para páginas da grande imprensa e para canais de comunicação de grande popularidade na internet.

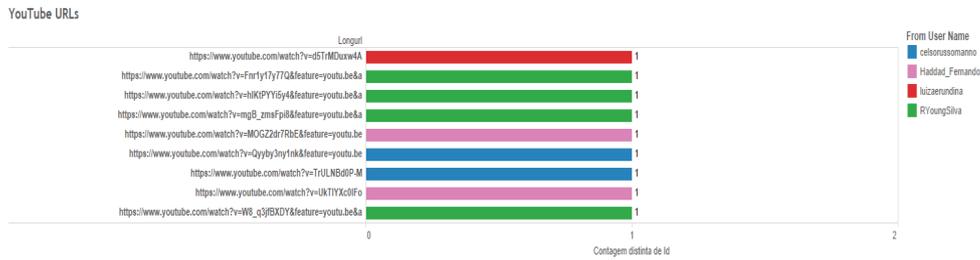
Gráfico 6: Domínios referenciados no volume total de tuítes



Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

Outra inovação observada entre as cibercampanhas foi o pouco uso de links de redirecionamento para vídeos no *YouTube*. Em disputas passadas, os candidatos com muita frequência divulgavam links para os vídeos do *YouTube* que continham seus programas no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Contudo, esse recuo provavelmente se deve a uma adaptação dos candidatos ao novo recurso disponibilizado pelo *Twitter* de visualizar os vídeos dentro do próprio aplicativo.

Gráfico 7: Candidatos/as que usaram links que direcionavam para o Youtube

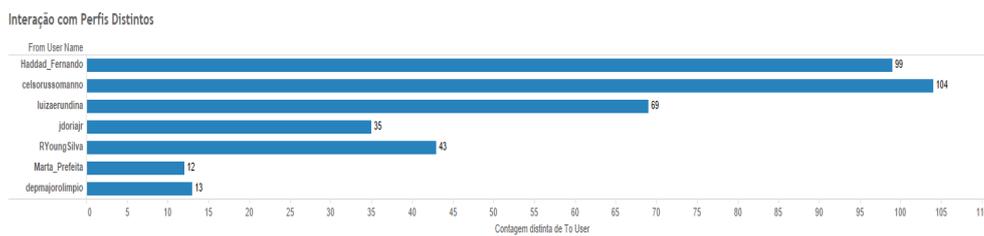


Contagem distinta de Id para cada Longurl. A cor mostra detalhes sobre From User Name. Os dados são filtrados em Domain, YouTube URLs e BRT (MDY). O filtro Domain mantém http://www.youtube.com, http://youtube.com, https://m.youtube.com, https://www.youtube.com e https://youtu.be. O filtro YouTube URLs mantém 5 membros. O filtro BRT (MDY) mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

No gráfico abaixo (8) nós temos o número de contas diferentes com as quais os candidatos interagiram no *Twitter*. Observamos que Celso Russomano, Fernando Haddad e Luiza Erundina foram os/as que candidatos/as que mais interagiram com seus seguidores. Contudo, levando em consideração o número de eleitores/as da capital paulista, (8.886.324)¹⁷, esses números representam apenas uma fração mínima de todos os eleitores.

Gráfico 8: Número de contas envolvidas nas interações dos candidatos



Contagem distinta de To User para cada From User Name. Os dados estão filtrados em BRT (MDY), que mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Fonte: NEAMP e DMRC, 2017.

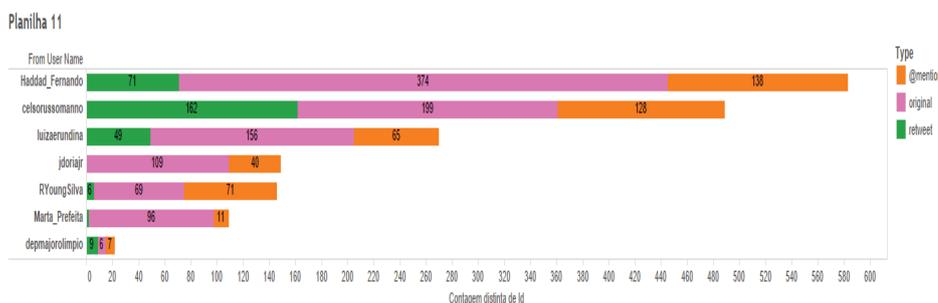
O gráfico 9 mostra os três tipos diferentes de tuítes produzidos pelos candidatos: (1) aqueles que fazem declarações originais sem @ mencionar ou *retweeting* outra conta; (2) aqueles em que os candidatos @ mencionam outra conta, (3) e aqueles em que os candidatos retuítam outra conta.

Este gráfico aponta para estratégias divergentes de campanha digital usadas pelos candidatos no *Twitter*. É evidente que o perfil de Haddad foi o que produziu mais tuítes originais, e também foi o que mais mencionou outras contas. Em contrapartida, Russomano, embora também muito ativo na produção de tuítes e menções originais, foi, de longe, quem mais compartilhou tuítes de outras contas. Isso nos leva a acreditar que Haddad procurou realizar uma campanha digital dialógica, sugerindo aos seus seguidores que era ele próprio quem lhes

¹⁷ Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

respondia. Russomano, prosseguiu uma campanha similar, mas também optou por compartilhar os tuítes de outras contas, provavelmente investindo na viralização de conteúdos que lhe favoreciam.

Gráfico 9: Quantidade de tweets originais, @menções e retweets postados por cada candidato



Contagem distinta de id para cada From User Name. A cor mostra detalhes sobre Type. Os dados estão filtrados em BRT (MDV), que mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Considerações finais

Os perfis dos/as principais candidatos/as nas eleições para prefeito na cidade de São Paulo em 2016 no *Twitter* mostraram diferentes comportamentos. Celso Russomano se mostrou mais atuante, contudo o uso mais expressivo dessa mídia social não teve efeito direto no resultado das eleições, que foi vencida pelo candidato João Dória do PSDB.

Todavia, a eleição de 2016 não mostrou inovações significativas nas cibercampanhas dos candidatos analisados, que proporcionalmente pouco interagiram com seus seguidores pelo *Twitter* e apresentaram baixo potencial de mobilização online. Os resultados encontrados sugerem que houve circularidade na comunicação via o aplicativo, e que provavelmente os candidatos interagiram com a própria equipe e militância perdendo a oportunidade de ampliar o alcance de suas propostas e de fomentar o debate político.

Em suma, as cibercampanhas no *Twitter*, ao adotarem um viés majoritariamente propagandístico, se apresentaram na contramão do alargamento da discussão política observada nas redes. É possível que o comportamento dos/as candidatos/as tenha sido diferente em outras mídias sociais, adequando-se aos perfis e volumes de seus públicos. Portanto, estudos futuros que se proponham a compará-las utilizando-se de métricas semelhantes podem contribuir de modo interessante para o preenchimento dessa lacuna nos estudos de marketing político digital no Brasil.

Referências

BACHINI, Natasha. As cibercampanhas no Brasil: uma análise dos Twitters de Dilma, Serra e Marina em 2010. **Ponto-e-Vírgula**. Revista de Ciências Sociais, v. 12, 2013.

_____. **Sob o piado do Twitter: o novo tom das campanhas eleitorais com a difusão da internet no Brasil**. Mestrado em Ciências Sociais defendido na PUC-SP. Maio, 2013b.

BACHINI, Natasha; PENTEADO, Claudio; MARTINHO, Silvana; AVANZI, Clarice. Curtiu? O uso do Facebook nas eleições municipais de São Paulo em 2012. In ALDÉ, A; MARQUES, J. **Internet e Poder Local** (orgs.). Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Compólitica, 2015.

BAUMAN, Zygmund. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. **Information, Communication & Society**, 2012, 15.5: 739-768.

BIMBER, Bruce. Digital media in the Obama campaigns of 2008 and 2012: Adaptation to the personalized political communication environment. **Journal of Information Technology & Politics**, 2014, 11.2: 130-150.

BURGESS, J., MAHRT, M., BRUNS, A., & WELLER, K. **Twitter and Society**. Peter Lang Publishing Group, 2013.

CHAIA, Vera Lucia Michalany; BRUGNAGO, Fabricio. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**. Revista de Arte, Mídia e Política, 2014, 7.21: 99-129.

DOS SANTOS, Marcelo Alves. Cartografia das Redes da Revolta: fluxos políticos de oposição no Facebook. **Contemporânea**, 2015, 12.2.

DOWARD, Jamie; GIBBS, Alice. “Did Cambridge Analytica influence the Brexit vote and the US election?”. **The Guardian**, 4, march, 2017. Available in: <https://www.theguardian.com/politics/2017/mar/04/nigel-oakes-cambridge-analytica-what-role-brexit-trump>.

GOMES, W., FERNANDES, B., REIS, L., & SILVA, T. “ Politics 2.0”: Barack Obama’s on-line 2008 campaign. **Revista de Sociologia e Política**, 2009, 17(34), 29-43.

GRASSEGGGER, Hannes; KROGERUS, Mikael. “The Data That Turned the

World Upside Down”. **Motherboard**, jan 28, 2017. Available in: https://motherboard.vice.com/en_us/article/big-data-cambridge-analytica-brexit-trump.

HINDMAN, Matthew. The real lessons of Howard Dean: Reflections on the first digital campaign. **Perspectives on Politics**, 2005, 3.01: 121-128.

NICKERSON, David W.; ROGERS, Todd. Political campaigns and big data. **The Journal of Economic Perspectives**, 2014, 28.2: 51-73.

PENTEADO, Claudio. Marketing político na era digital: perspectivas e possibilidades. **Revista USP**, 2011, 90: 6-23.

PENTEADO, Claudio; BACHINI, Natasha ; FIACADORI, Giuliana. O PLANALTO EM DISPUTA NO FACEBOOK: Um estudo dos perfis de Dilma Rousseff e Aécio Neves nas eleições de 2014. In: Cervi, Emerson U; Massuchin, Michele G; Carvalho, Fernanda C de. (Org.). **Internet e Eleições no Brasil**. 1ed. Curitiba: CPOP (grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016, v. 1, p. 275-298.

PENTEADO, Claudio & GUERBALI, João. As manifestações do impeachment no Twitter: uma análise sobre as manifestações de 2015. **Ponto-e-Vírgula**. Revista de Ciências Sociais. 2016, (19).

PERSILY, Nathaniel. “Can Democracy Survive the Internet?”. **Journal of Democracy**, 2017, Abril, Volume 28, nº2, pgs.63-76.

ROSSINI, Patricia Gonçalves. Campanhas eleitorais digitais: descobertas, desafios e transformações em mais de duas décadas de pesquisa e prática (Entrevista com Jennifer Stromer-Galley). **Compólitica**, 2016, 5.2: 173-186.

RUEDIGER, M. A., MARTINS, R., da LUZ, M., & GRASSI, A. Ação coletiva e polarização na sociedade em rede para uma teoria do conflito no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, 2014, 2(4).

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STROMER-GALLEY, Jennifer. **Presidential campaigning in the Internet age**. Oxford University Press, 2014.

TETT, Gillian. “Donald Trump’s campaign shifted odds by making big data personal”. **Financial Times**, 26, jan, 2017. Available in: <https://www.ft.com/content/bee3298c-e304-11e6-9645-c9357a75844a>.

WELLER, Katrin, Bruns, Axel, Burgess, Jean, Mahrt, Merja, and Puschmann, Cornelius. **Twitter and Society**. New York: Peter Lang, 2014.

An Election of Self-Centered Tweets: Analysis of Twitter Usage in the 2016 São Paulo Mayoral Election

Claudio Luis de Camargo Penteado¹

Natasha Bachini²

Tathiana Senne Chicarino³

Pedro Malina⁴

Denis Carneiro Lobo⁵

Abstract: In order to observe the uses of Twitter in the 2016 São Paulo mayoral election, this article presents a predominantly quantitative analysis of the digital campaigns carried out by the main candidates Celso Russomano (PRB); Fernando Haddad (PT); João Dória (PSDB); Luiza Erundina (PSOL); Marta Suplicy (PMDB); Major Olímpio (SD) and Ricardo Young (REDE). Researchers from NEAMP (PUC/SP - Brazil) and DMRC (QUT - Australia) combined Big Data analysis techniques to verify the continuities and innovations in two main variables: (1) the current digital campaign strategies compared to previous ones and (2) the candidates/followers interactions. The results pointed to a correlation between the broadening of political issue debate on social media and the increase of personalistic contents along with the reduction of the candidate/follower interactive dialogues.

Keywords: Twitter; Big data; 2016 São Paulo Mayoral Election; Digital Campaigns; Social Media Political Campaigns.

¹ Phd in Social Science PUC/SP

² Doctorate in Sociology IESP-UERJ

³ Doctorate in Social Science PUC/SP

⁴ Doctorate in Social Science PUC/SP

⁵ Master in Social Science PUC/SP

Introduction

This article aims to analyze the uses of Twitter in the 2016 São Paulo mayoral election. Considering the digital political marketing field of study and the conjuncture in which this election took place, we verified the digital campaign strategies' continuities and innovations in comparison to previous elections.

The 2016 São Paulo mayoral election occurred under *sui generis* conditions. It was strongly influenced by an economic slowdown and a serious political crisis at federal level. The economy's poor performance at the end of President Rousseff's first term and in the beginning of her tumultuous second term led to increased unemployment, reduced social programs budgets, and lower GDP per capita growth rates. As the economic crisis worsened, a major political crisis sprouted. The 2013 June Journeys, when millions took to the streets to protest for assorted demands, stating a crisis of traditional political representation, can be considered as an aftermath of this systemic deadlock. Undoubtedly, social media played a central role in the emergence of new forms of mass mobilization (Ruediguer et al., 2014).

Another phenomenon that deepened the political crisis scenario was the advance of a Federal Police (PF) investigation, named Operation Car Wash, into reports of corruption surrounding the state-run firm Petrobras, involving several politicians, mainly from the Workers' Party (PT).

Since the results of the 2014 presidential runoff, when Dilma Rousseff (PT) was re-elected by a small margin of votes – only 3%⁶ more than her opponent, Aécio Neves (Brazilian Social Democracy Party, PSDB) – the people was (and probably still is) politically divided, precisely by right-wing ideological radicalization on social media platforms, as pointed out Vera Chaia and Fabrício Brugnago (2014).

These elements shaped the context in which Brazil experienced Rousseff's impeachment⁷, following a wave of protests in several cities over the subsequent

⁶ Superior Electoral Court database. Available at: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-candidaturas-2014/estatisticas-eleitorais-2014-results>. Access date: February 2, 2017.

⁷ The impeachment was based on the accusation that the federal government borrowed money from public banks – which is forbidden by the Fiscal Responsibility Law – to pay for social programs. The Federal Court of Accounts (TCU) announced in 2015 that it had rejected Rousseff's accounts administration for the year 2014, arguing she allegedly committed an administrative crime.

years. In these outcries, Penteado and Guerbali (2016) identified social media platforms, specifically Twitter, as new-media spaces for political dispute and meaningful recruitment between the pro and anti-president groups.

Throughout this period of time, social media platforms were crucial for understanding society's attention and reaction to this process. The contest on all these events unfolded in an inflamed way on the Web, both with regards to politicians' advocacy, and the showdown between political positions. Exempt from the necessary face-to-face civil contact and encouraged by their "algorithmic bubbles" (Bauman, 2005), citizens promoted a virtual warfare with the aim of publicizing their political positions, which resulted, among other things, in the propagation of hate speech (Dos Santos, 2015).

The main candidates for the 2016 São Paulo mayoral election were as follows: (1) the incumbent Fernando Haddad (Workers' Party - PT); (2) businessman and adman João Dória (Brazilian Social Democracy Party - PSDB); (3) federal representative and journalist Celso Russomano (Party of the Republic - PRB); (4) former São Paulo mayor from 2001 to 2005, Marta Suplicy (Brazilian Democratic Movement Party - PMDB); (5) former São Paulo mayor from 1989 to 1993, Luiza Erundina (Socialism and Liberty Party - PSOL); (6) businessman and former city councillor Ricardo Young (Sustainability Network - REDE); and (7) the federal representative and retired military police officer, Major Olímpio (Solidarity - SD).

Election polls first placed Celso Russomano (PRB) in the lead, taking 33% of mayoral voting intention⁸. Nevertheless, just as in the previous race, his candidacy was losing approval and other candidates from larger parties began to climb in the polls, such as João Dória (PSDB), Marta Suplicy (PMDB), and Fernando Haddad (PT). At the end of the campaign, João Dória (PSDB), who started with lower voting intention, was elected in the first round with 3,085,187 votes (53.29%), followed by incumbent mayor Fernando Haddad (PT), with 16.7% of the votes⁹.

⁸ Ibope Research (August 23, 2016); Available at: <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2016/noticia/2016/08/russomano-tem-33-e-marta-17-na-disputa-prefeitura-de-sp-diz-ibope.html>. Access date: February 2, 2017.

⁹ São Paulo Regional Electoral Court Database. Available at: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-2016/eleicoes-2016>. Access date: February 2, 2017.

In order to study Twitter usage as a new-media space for political rivalries, social mobilization and party platform advertisement, the article presents an analysis of the digital campaigns conducted by the main São Paulo mayoral candidates. Tableau and Gephi software assisted the collection and analysis of the tweets on the candidates' official accounts from September 6 to October 13. The election occurred on October 2, 2016.

Besides this introduction, the article is structured into the following four sections: (1) a brief bibliographic review of digital political marketing studies; (2) an overview of our methods; (3) the presentation of the results; (4) and conclusions and recommendations.

Digital political marketing

The rapid expansion of Internet use and the popularization of social media platforms have drawn political communication researchers' attention to management shifts in electoral campaigns. Patrícia Rossini (2015) points out that the academic studies on digital electoral campaigns have been in existence for three decades already. In Brazil, this field of study has gained momentum since the 2000s, with the growth in Internet access.

Jennifer Stromer-Galley (2014) notes that digital campaigns were initially less interactive and actually functioned as a repository for advertisements produced for mass media circulation. From the experience of Howard Dean, a primary Democratic contender for the 2004 presidential race, the intensive and interactive use of social media in political campaigns has gained more relevance, especially in relation to US electoral fundraising (Hindman, 2005; Stromer-Galley, 2014).

However, Barack Obama's first winning campaign revealed the efficient use of Internet resources, and that fact can be considered the turning point of digital marketing for political campaigns (Gomes et al., 2009), inaugurating a new phase in which the Internet and its devices received greater space and budget within campaign management.

The use of the Internet in electoral campaigns is correlated with the advancement of information and communication technologies (ICT), as well as its appropriation by World Wide Web users. In the development of political

marketing activity, particularly in Brazil, it is possible to identify three phases: (1) premodern (1945-1984); (2) modern (1985-2002) and (3) postmodern (2003 to present day) (Penteado, 2011).

Intuitive political marketing characterizes the premodern phase. At this stage, one-to-one interaction between candidates and voters and the mobilization of social groups shaped the campaigns. The main collective communication outlets were the party newspapers, leaflets and pamphlets.

The political marketing professionalization process characterizes the modern phase. With the development of the mass media, a team of specialists came up with the means to accurately focus on voter persuasion through TV and radio commercials.

The postmodern phase portrays a period of time in which political marketing begins to use Internet resources for campaigns in an instrumental way, allowing message diffusion by targeted strategies for different audiences. The earliest campaign websites were developed and e-mails were used as direct marketing. In a second moment of the postmodern stage, new campaign communication arrangements began to be structured by collaborative practices fundamentally associated with social media (blogs, video repositories, and online social networks) for fundraising purposes.

It is also possible to identify a third moment in the postmodern phase, associated with what W. Lance Bennett and Alexandra Segerberg (2012) called the “personalization of politics”. The enhancement of social media enabled users to participate more actively in the communication process, either by producing content or distributing information on their networks. This new informational ecology allowed a personalized political interaction, as well as the expansion of the political information flow, which can leverage electoral results. Thus, in studying social media conversations to design more efficient and effective campaigns, political marketing specialists began to work with Big Data techniques, monitoring users’ responses to their own posts (Nickerson & Rogers, 2014).

Looking at this phenomenon and analyzing Obama’s digital campaigns for 2008 and 2012 presidential election, Bruce Bimber (2014) found that Democrat campaigns were more creative and innovative in the use of Internet resources, notably in relation to social media usage (in the 2008 presidential election) and data analytics management (in the 2012 presidential election), compared to their

Republican opponents. Data analytics¹⁰ has innovated by developing campaign strategies based on the analysis and testing of datasets collected on and through the Internet, and the creation of targeted messages and content tailored to users' profiles.

The innovations introduced by the Obama organizations in 2008 and 2012 represent adaptation to the digital media environment in the context of the unusual electoral arrangements of the U.S., in which communication is both candidate-centric and citizen-centric at the same time. Campaign organizations can now facilitate citizens becoming engaged on their own terms and in ways that activate their personal networks; at the same time, they can direct highly personalized political communication to individuals on the basis of extraordinarily fine-grained models of their behavior (Bimber, 2014: 145-146).

Digital campaigns began to adopt strategies based on personalized communication, acting according to the interaction characteristics standardized by digital media environments in which the citizen can interact with candidates and other citizens. In digital campaigns, the communication strategies work in two ways, one keeps the information controlled by the staff of the candidates, and in the other hand the supporters have autonomy to create and share messages from their favorite candidates in their personal networks.

Bimber (2014) comments that this communication strategy was quickly appropriated by candidates for legislative roles in the USA following elections. Candidates and their parties began to invest heavily in Big Data analysis as a campaign-oriented mechanism. The emphasis on personalized campaigns, according to the author, led in 2012 to an increase in polarization among voters, contrary to optimistic views on the 2008 election campaign, when engagement on social media was expected to enhance cohesion.

In 2016, the improvements in Big Data's use in political campaigns were evidenced by the successful Leave.EU¹¹ campaign for Brexit, and by Donald Trump's presidential campaign. Both used innovative methods that combined data mining and voter data analysis with multidisciplinary scientific research, especially in behavioral psychology. One leader of such innovation was

¹⁰ Analytic data: data analysis collected on the internet by monitoring and tracking social media (Bimber, 2014).

¹¹ <http://leave.eu/>

Cambridge Analytica, a Strategic Communication Laboratories (SCL) subsidiary which claims two decades of extensive expertise in political campaigns around the world¹². The breakthrough point was the development of users' psychological traits measurement patterns – mainly focusing on Facebook users –, developed over the past few years by the Psychometrics Centre within the University of Cambridge¹³.

The supposedly decisive role played by Cambridge Analytica in Donald Trump's victory, through digital network psychographic mapping and the delivery of specific messages as directed by data, has been extensively covered (DOWARD & GIBBS, 2017; GRASSEGER & KROGERUS, 2017; PERSILY, 2017; TETT, 2017). This fact has led the company to open new offices in various countries, including Brazil.

Natasha Bachini's work (2013) on the use of Twitter in the 2010 Brazil presidential election – the first Brazilian election under the influence of the so-called “Obama effect” – highlights the limited potential of this digital platform, but with significant weight in the campaigns of candidates from smaller parties, such as Marina Silva (Brazilian Socialist Party - PSB), who presented herself as a viable alternative to the ideological polarization between PT and PSDB, which has dominated the electoral contest since 1994. The results found by Bachini's work allowed the inference that there was a significant increase in political debate on digital media and in the interaction between candidates (or their staff) and voters, who questioned candidates about their proposals and, in some cases, sought to collaborate with them. However, this debate and this interactive mode were, according to the author, based to a great extent on the agenda of the parties in the campaign, and on mass media coverage.

¹² <https://sclgroup.cc/elections/projects>

¹³ The psychometric model known as BIG5 or OCEAN was developed in the 1980s through a set of questions and answers capable of identifying five human personality traits. In 2007, Cambridge University researcher David Stillwell created the myPersonality Project, a Facebook application that uses the BIG5 by conducting quizzes with users to assess their psychological profiles. After a few years, there were millions of results accumulated, which allowed several correlations with other Big Data sources. Michal Kosinski, a member of the project team, reversed the correlations and discovered that it is possible to draw psychological profiles from Facebook “likes”. The method proved to be effective, and Kosinski proved that based on an average of 68 “likes”, it was possible to discover skin color, sexual orientation, political preference, religion, eating habits, and alcohol and drug use, among other things. The story can be read at: <http://outraspalavras.net/posts/big-data-toda-democracia-sera-manipulada/>.

Through the observation of official accounts, the author visualized multiple layers of candidates' image management, which guided their tweets for campaign news, personal preferences and celebrity support, revealing an image marketing strategy that reinforces the attachment between public and private spheres. Therefore, on the one hand, the research results led to a finding that Twitter made it possible to bring the candidates closer to the voters' universe; on the other hand, it did not provide a broad discussion of political issues and proposals as well as a close candidate/voter narrative. A later study by the author pointed out that the presidential candidate who provided a warmer candidate/voter narrative, creating such broad political discussion, was Plínio de Arruda Sampaio (Socialism and Liberty Party - PSOL) (Bachini, 2013b).

In another study by Bachini, this time dedicated to an analysis of the use of Facebook in the 2012 São Paulo mayoral election, it emerged that the campaigns staff implemented different strategies. However, none of the analyzed profiles identified an interactive and collaborative pattern between campaign staff members and Facebook users. In the four main candidates' profiles, the top-down communication logic prevailed, in which voters had little or no possibility at all to propose or discuss distinct political issues (Bachini et al., 2015).

Finally, during the 2014 presidential election, Facebook was a valuable political marketing tool, generating a significant number of posts. Analyzing the profiles of Dilma Rousseff (PT) and Aécio Neves (PSDB) on Facebook in October 2014, and especially during the second round of voting, Penteado et al. (2016) once again pointed out that each campaign staff chose different strategies. While Rousseff's profile focused on a greater frequency, dynamics and diversity of communication, Neves's profile focused more on the use of media space to publicize his election campaign. Reading the data allowed the authors to infer that there was no correlation between the number of posts and self-engagement (represented by the sum of "likes", "comments", and "shares"), and also that this second variable could predict any electoral success.

Method

For the digital campaigns study of the main candidates for the post of mayor in São Paulo, we checked and analyzed the João Dória (PSDB), Celso Russomano

(PRB), Fernando Haddad (PT), Marta Suplicy (PMDB), Luiza Erundina (PSOL), Ricardo Young (REDE), and Major Olímpio (SD) Twitter accounts.

The growth of social media usage and of cloud data storage, in sync with increasing data processing capacity, are enabling the development of new approaches to the dissemination of online information (Weller et al., 2014). In this way, online communication platforms such as Facebook and Twitter have become an important media space for different types of studies.

Using some of these techniques, in this article we explore for the first time the digital campaigns in order to understand its ongoing dynamics. A short time ago, most of our interpretive efforts on this phenomenon were based on manual collection techniques and a predominantly qualitative analysis that did not allow us to undertake extensive short-term monitoring or draw more comprehensive inferences about the candidates/voters interactivity and their online campaign strategies.

Although our bibliographic review indicates that Twitter currently has significantly fewer users compared to Facebook in Brazil, data collection and manipulation allowed us to utilise this new methodology, and enabled our research purposes with regard to the observation of digital campaign strategies, besides the possibility of better tracking the candidate/follower interaction. At the time we started the research, this would not have been possible for Facebook, in an autonomous way.

For this study, an extended version of the Twitter Capture and Analysis Toolkit (<https://github.com/digitalmethodsinitiative/dmi-tcat/wiki>) was used to capture data using Twitter's Application Programming interface¹⁴. Funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP) and the Australian Technology Network of Universities (ATN), oriented to the development of shared methodologies for the analysis of networked political practices, this toolset was deployed jointly by Brazilian researchers from the Research Nucleus on Art, Media and Politics (NEAMP), linked to the Program of Postgraduate Studies in Social Sciences at Pontifical Catholic University of São Paulo, and by Australian researchers from the Digital Media Research Centre (DMRC) at Queensland University of Technology (QUT).

¹⁴ Twitter API information available at: <https://dev.twitter.com/overview/api>. Accessed on 2/13/2017.

We collected the main candidates' official accounts tweets from September 6 to October 13, 2016, as well as any tweets that @mentioned or retweeted any of these accounts during this time, in order to follow the political discussion some weeks before and the week after the first round results (October 2).

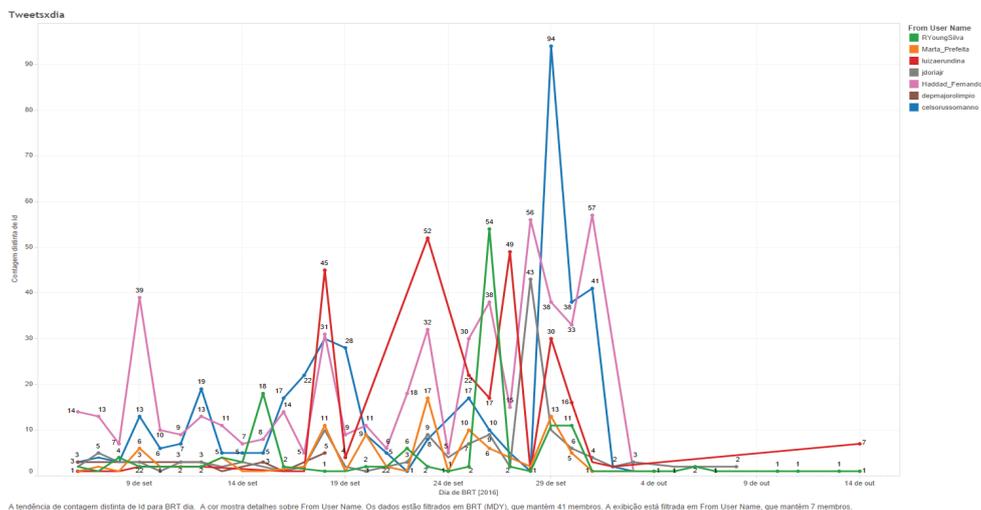
After the collection of tweets, the data were analysed using Tableau and Gephi software. Tableau allows data visualization and cross-referencing. Gephi is an open-source network analysis software, making it possible to observe the candidate accounts' behaviors.

We present below the major results from this work.

Results¹⁵

The graph below is based on a count of the distinct tweet posted by each candidate. We observed that Celso Russomano (PRB), Fernando Haddad (PT), Luiza Erundina (PSOL), and Ricardo Young (REDE) were the most active Twitter users, with a higher overall volume and more pronounced peaks of tweets on single days. Russomano's strong performance on Twitter is exceptionally noteworthy.

Graph 1: Candidates' tweets per day



Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Overall, the candidates used Twitter to publicize their proposals to the city, to notify followers of campaign events, and to mobilize their followers via

¹⁵ We would like to thank the NEAMP researchers Tathiana Chicarino, Pedro Malina, and Denis Carneiro for their fundamental assistance, in developing the graphs presented here. Without their help this work would not have been possible.

hashtags and avatars, but without significant feedback from their followers. Concerning the campaign events, the candidates emphasized their major press interviews and debates appearances.

In the specific cases of Fernando Haddad (PT) and Marta Suplicy (PMDB), the candidates used Twitter to remind voters of what they had already done for the city when they were mayors in earlier times. In a similar vein, Celso Russomano (PRB) also sought to emphasize his achievements over 30 years in the field of consumer rights. On the other hand, Celso Russomano (PRB) and Luiza Erundina (PSOL) sought to attack their direct opponents João Dória (PSDB) and Marta Suplicy (PMDB). Celso Russomano (PRB) and Fernando Haddad (PT) also sought to deny rumors about their proposals. Another similarly identified, this time involving Fernando Haddad (PT) and João Dória (PSDB), was the use of Twitter to publicize the support they received from public figures, generating many quotes and retweets, as shown below. Finally, João Dória (PSDB) stood out among the others for also investing in personal marketing.¹⁶

The second graph presents the use of hashtags per day. The hashtag is an important feature on Twitter, used to group and track messages on the same topic. It was verified that candidates have used this feature on specific dates. Crossing the data from the first and second graphs, it is noted that the candidates who tweeted the most are also the ones who hashtagged the most.

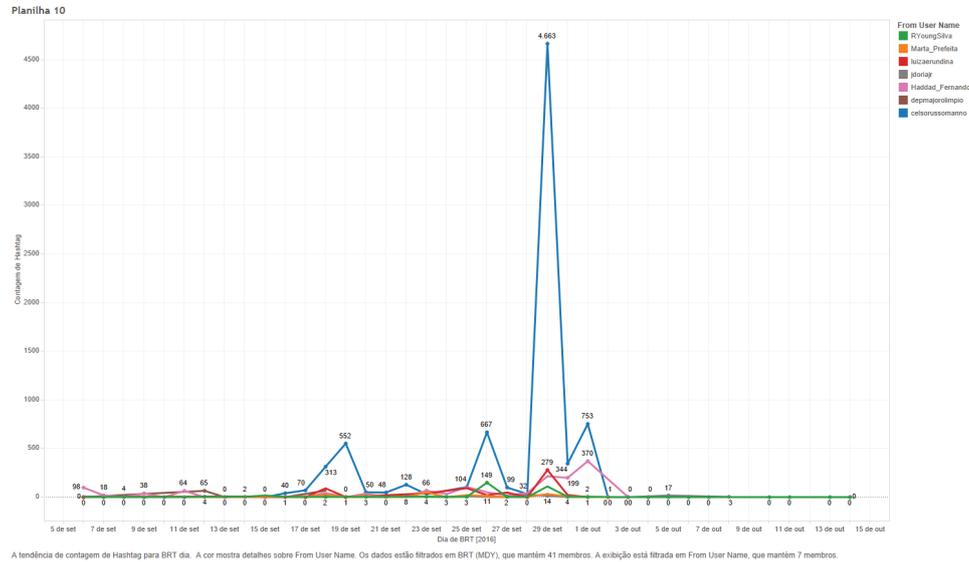
It is important to highlight the isolated peak on Celso Russomano's account on September 29, the last official day of the campaign, and day of the final debate on the main free-to-air television network (Rede Globo). On that date, the last poll on voter intentions in the first round was also published (IBOPE inteligência). This poll indicated that Celso Russomano (PRB) and João Dória (PSDB) were tied for first place and also that Russomano (PRB) would beat Suplicy (PMDB) in a hypothetical second round.

In this context, Russomano's campaign triggered a series of tweets through his account and his staff's accounts. The main goal was to disseminate the poll results, attacking João Dória (PSDB) and calling out voters to watch the debate on television. In executing this strategy, the main hashtags used were

¹⁶ Paula Sibília's work is a reference in Brazil regarding the study of how technology forces people to rethink the public/private distinction through intimacy exposure on social media. See SIBÍLIA (2008).

#Eleicoes2016, #SP, #DebateNaGlobo, #RussomanoNoDebate e #aGenteResolve.
 (It is important to note that #Eleicoes2016 was hashtagged by most candidates).

Graph 2: Candidates' use of hashtags per day

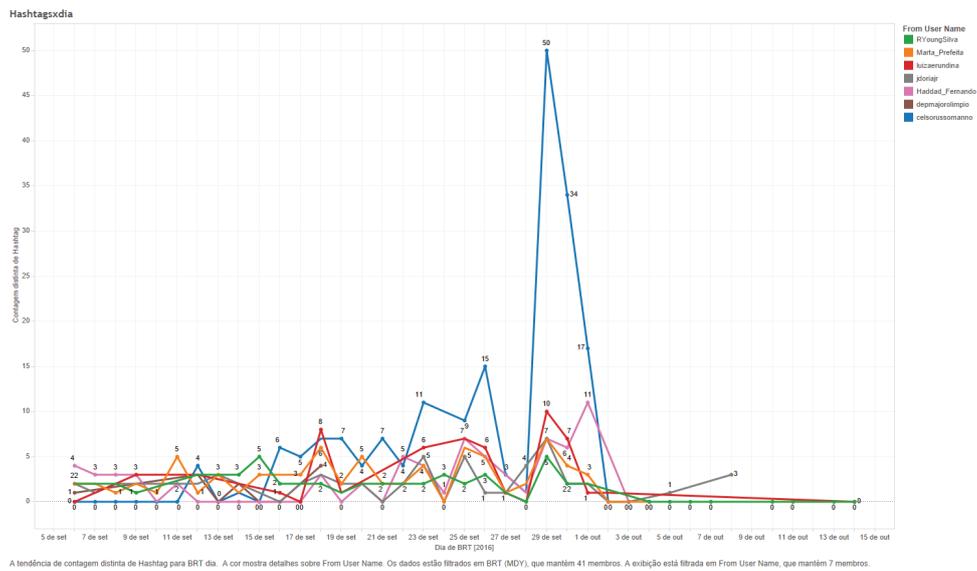


Source: NEAMP and DMRC, 2017.

However, from graph 3, which shows the number of *distinct* hashtags used by each candidate per day, it is evident that originally there were few, repeated and consistent hashtags, most likely in order to ensure the viral transmission of the candidates' messages. In line with the previous chart, the highest variety in the hashtags used by the candidates occurred on the day of the televised debate.

The greatest diversity in the hashtags used on any one day was observed for Russomano (50), followed by Haddad (11), Erundina (10), Dória and Suplicy (both with a peak of 7 different hashtags in a single day).

Graph 3: Count of distinct hashtags per candidate per day



Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Figure 1 shows the main hashtags used by the candidates as well as by all the ordinary Twitter users who interacted with the candidate accounts. In addition to the hashtag #eleicoes2016, the analysis shows the prominence of hashtags campaigning in favor of João Dória (#acelerasp) and Fernando Haddad (#viradahaddad13), as well as of hashtags referring to television debates (#gazetaestadao and #debateglobosp).

Although there was initially an expectation regarding the broadening of the political debate on social media, because of their supposed interactive and participative affordances, in practice, most candidates, and in most cases, only carried out self-promotion and passed on content released by the mainstream media (BACHINI et al., 2015).

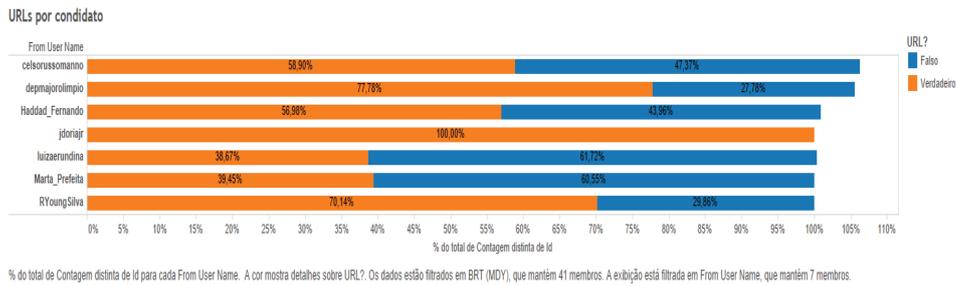
Figure 1: Most prominent hashtags

Hashtag	Contagem de Id
#eleição	8303
#viradahaddad13	6700
#gazetaestadao	6638
#acelerasp	6250
#eleicoes2016	5468
#debateglobosp	3880
#haddad13	3557
#vote45	3095
#voudehaddad	2401
#foratemer	2359
#vemcomhaddad	1835
#foracunha	1744
#lavajatoeuapoio	1694
#debatesbtfolhauol	1592
#vaijandira	1399
#forapt	1305
#ovotonarecord	1287
#prefeitosp	1252
#datache	1182
#vote13	1156
#melhorcomhaddad13	1128
#debatenarecord	1123
#debateglobo	1082
#haddadfica	1063
#russomannoprefeito	1047
#aovivo	1022

Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Graph 5 below examines the use of links to additional content – ranging from embedded images and videos to links to articles on external sites – in the candidates' tweets. This feature was commonly adopted by digital voting campaigns within Twitter, since a single tweet can contain only a maximum of 140 characters. The orange bar indicates the percentage of messages from each candidate that contained a URL, and the blue bar shows the percentage of the messages that did not. The graph shows that João Dória (PSDB) included an URL in each of his posts; Major Olímpio (SD) and Ricardo Young (REDE) likewise included URLs in around three quarters of all posts.

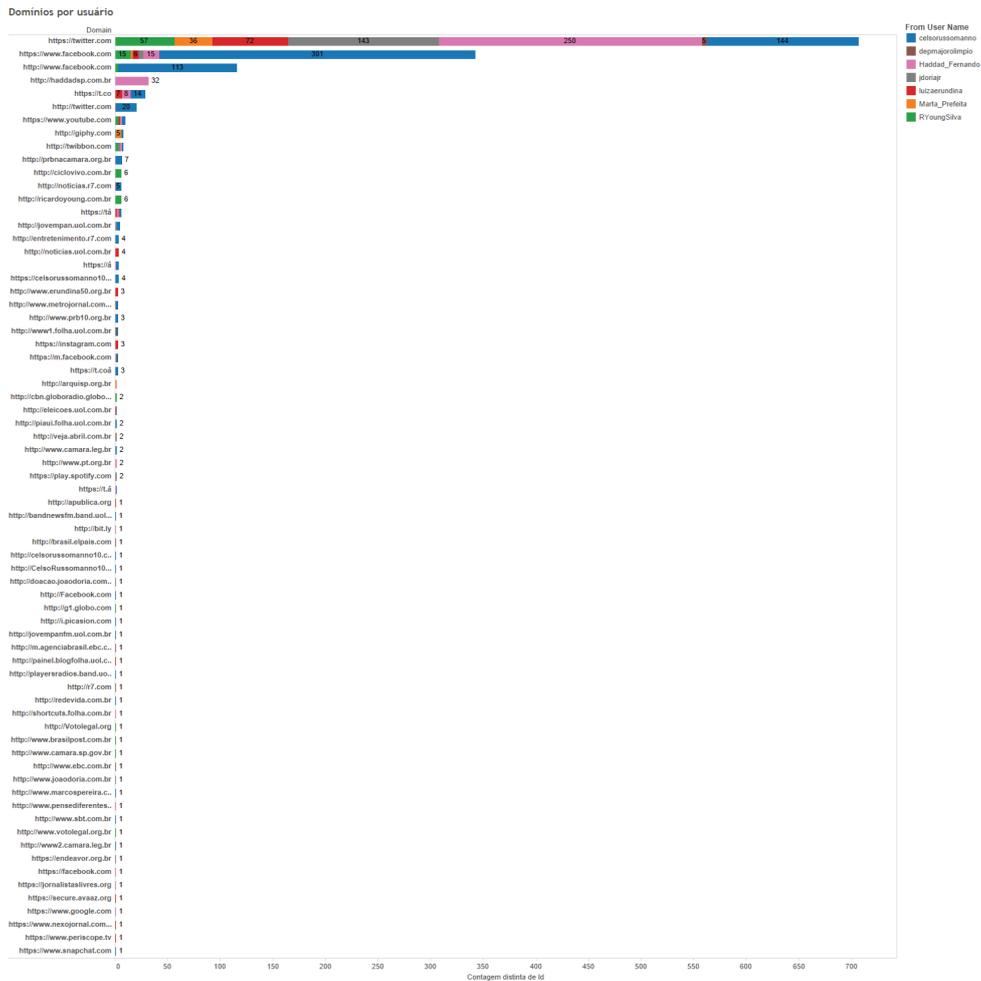
Graph 5: Total Tweets URLs Percentage



Source: NEAMP and DMRC, 2017.

But while most candidates included URLs in a substantial number of their tweets, graph 6 indicates that this worked in a circular fashion, since most of these URLs pointed back to Twitter itself (sharing embedded images or videos hosted on Twitter, or linking to other users’ tweets). This constitutes an innovation in campaigning strategy. The only candidate who behaved abnormally in this respect was Fernando Haddad (PT), since 32 of his tweets have linked to his official campaign webpage. In addition to links within Twitter and links directed to the candidates’ campaign webpages, URLs also targeted other social media platforms such as Facebook, mainstream media webpages, and well-known web communication channels.

Graph 6: Domains referenced in tweets



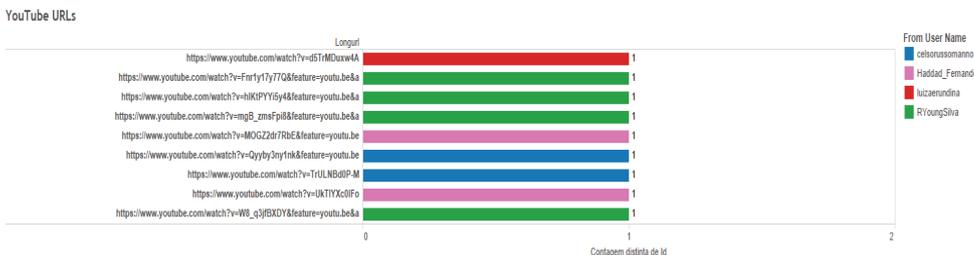
Contagem distinta de id para cada Domain. A cor mostra detalhes sobre From User Name. A exibição é filtrada em Domain e From User Name. O filtro Domain exclui Nulo. O filtro From User Name mantém 7 membros.

Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Another innovation observed was the low use of links to videos on YouTube. In previous elections, candidates very often posted links to YouTube videos containing their own party broadcasts (HGPE)¹⁷. This decrease in links to YouTube is probably due to the greater use of the new video embedding features provided by Twitter.

¹⁷ In Brazil, the party broadcast (Horário Gratuito Político Eleitoral- HGPE) is a space reserved by law, within television and radio programs, for electoral propaganda.

Graph 7: Links to YouTube videos

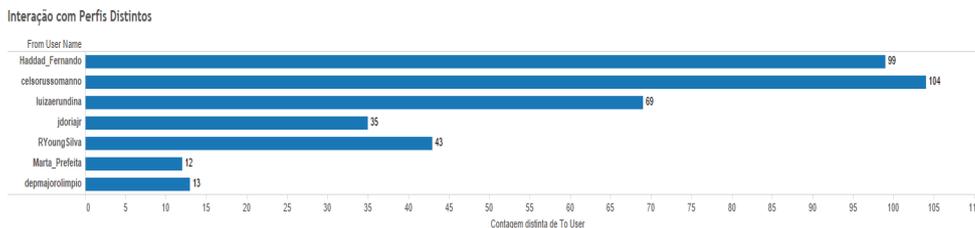


Contagem distinta de Id para cada Longurl. A cor mostra detalhes sobre From User Name. Os dados são filtrados em Domain, YouTube URLs e BRT (MDY). O filtro Domain mantém http://www.youtube.com, http://youtube.com, https://m.youtube.com, https://www.youtube.com e https://youtu.be. O filtro YouTube URLs mantém 5 membros. O filtro BRT (MDY) mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Graph 8 below shows the number of different accounts with which candidates interacted on Twitter. Celso Russomano (PRB), Fernando Haddad (PT), and Luiza Erundina (PSOL) were the candidates who most interacted with their followers. However, if we take into account the total turnout of São Paulo city voters in the election (8,886,324)¹⁸, these numbers still represent only a minute fraction of all voters.

Graph 8: Number of accounts involved in candidate interactions



Contagem distinta de To User para cada From User Name. Os dados estão filtrados em BRT (MDY), que mantém 41 membros. A exibição está filtrada em From User Name, que mantém 7 membros.

Source: NEAMP and DMRC, 2017.

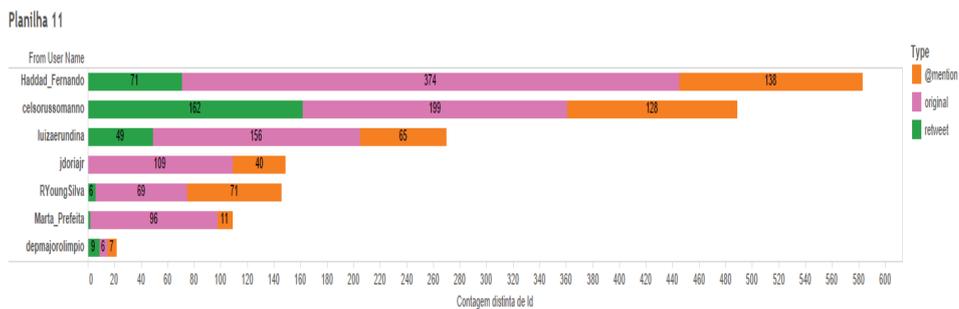
Graph 09 shows the three different types of tweets produced by the candidates: (1) those that make *original* statements without @mentioning or retweeting another account; (2) those in which the candidates @mention another account, (3) and those in which the candidates *retweet* another account.

This graph points to the diverging digital campaign strategies employed by the candidates on Twitter. It is evident that Haddad’s account was the one that produced the most original tweets, and was also most active at @mentioning other accounts. In contrast, Russomano’s account, while also very active in producing original tweets and @mentions, was by far most active at retweeting other accounts. This leads us to believe that Haddad sought to conduct a more

¹⁸ Source: Superior Electoral Court (TSE).

dialogical digital campaign, suggesting to his followers that it was usually himself who answered them. Russomano, pursued a similar campaign, but also opted to share the tweets of other accounts more actively.

Graph 09: Amount of original tweets, @mentions, and retweets posted by each candidate



Source: NEAMP and DMRC, 2017.

Conclusions and recommendations

The main candidates' Twitter accounts revealed different behaviors. Celso Russomano (PRB) was highly active, but his more expressive use of this social medium had no explicit effect on the results of the election, which was won by João Dória (PSDB).

Therefore, the 2016 mayoral election did not show significant innovations for the digital campaigns analysed here. The candidates for the post of mayor did not interact extensively with their Twitter followers, losing potential opportunities for online political mobilization. The results suggest a circularity of communication. The candidates most likely interacted mainly with their communication staff and party members, missing an opportunity to broaden the reach of their proposals and to foster political debate.

In summary, these electoral campaigns on Twitter adopted a mainly propagandistic approach, and stood against the broadening of political discussion on social media. Although the candidates' campaigns may be still aimed at their own audiences in future elections, it is important to note that the candidates' behavior can change according to the media platform in use. Future studies proposing to compare them, using similar metrics across multiple platforms, may contribute to filling this gap in digital political marketing studies in Brazil.

References

BACHINI, Natasha. “As cibercampanhas no Brasil: uma análise dos Twitters de Dilma, Serra e Marina em 2010”. *Ponto-e-Vírgula*. Revista de Ciências Sociais, v. 12, 2013.

_____. *Sob o piado do Twitter: o novo tom das campanhas eleitorais com a difusão da internet no Brasil*. Mestrado em Ciências Sociais defendido na PUC-SP. Maio, 2013b.

BACHINI, Natasha; PENTEADO, Claudio; MARTINHO, Silvana; AVANZI, Clarice. Curtiu? O uso do Facebook nas eleições municipais de São Paulo em 2012. In ALDÉ, A; MARQUES, J. *Internet e Poder Local* (orgs.). Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Compólítica, 2015.

BAUMAN, Zygmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. “The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. *Information & Communication & Society*, 2012, 15.5: 739-768.

BIMBER, Bruce. “Digital media in the Obama campaigns of 2008 and 2012: Adaptation to the personalized political communication environment”. *Journal of Information Technology & Politics*, 2014, 11.2: 130-150.

CHAIA, Vera Lucia Michalany; BRUGNAGO, Fabricio. “A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook”. *Aurora*. Revista de Arte, Mídia e Política, 2014, 7.21: 99-129.

DOS SANTOS, Marcelo Alves. “Cartografia das Redes da Revolta: fluxos políticos de oposição no Facebook”. *Contemporânea*, 2015, 12.2.

DOWARD, Jamie; GIBBS, Alice. “Did Cambridge Analytica influence the Brexit vote and the US election?”. *The Guardian*, 4, march, 2017. Available in: <https://www.theguardian.com/politics/2017/mar/04/nigel-oakes-cambridge-analytica-what-role-brexit-trump>.

GOMES, W., FERNANDES, B., REIS, L., & SILVA, T. “Politics 2.0: Barack Obama’s on-line 2008 campaign”. *Revista de Sociologia e Política*, 2009, 17(34), 29-43.

GRASSEGGGER, Hannes; KROGERUS, Mikael. “The Data That Turned the World Upside Down”. *Motherboard*, jan 28, 2017. Available in: https://motherboard.vice.com/en_us/article/big-data-cambridge-analytica-brexit-trump.

HINDMAN, Matthew. "The real lessons of Howard Dean: Reflections on the first digital campaign". *Perspectives on Politics*, 2005, 3.01: 121-128.

NICKERSON, David W.; ROGERS, Todd. "Political campaigns and big data". *The Journal of Economic Perspectives*, 2014, 28.2: 51-73.

PENTEADO, Claudio. "Marketing político na era digital: perspectivas e possibilidades". *Revista USP*, 2011, 90: 6-23.

PENTEADO, Claudio; BACHINI, Natasha ; FIACADORI, Giuliana. "O PLANALTO EM DISPUTA NO FACEBOOK: Um estudo dos perfis de Dilma Rousseff e Aécio Neves nas eleições de 2014". In: Cervi, Emerson U; Massuchin, Michele G; Carvalho, Fernanda C de. (Org.). *Internet e Eleições no Brasil*. 1ed. Curitiba: CPOP (grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016, v. 1, p. 275-298.

PENTEADO, Claudio & GUERBALI, João. "As manifestações do impeachment no Twitter: uma análise sobre as manifestações de 2015". *Ponto-e-Vírgula*. Revista de Ciências Sociais. 2016, (19).

PERSILY, Nathaniel. "Can Democracy Survive the Internet?". *Journal of Democracy*, 2017, Abril, Volume 28, nº2, pgs.63-76.

ROSSINI, Patricia Gonçalves. "Campanhas eleitorais digitais: descobertas, desafios e transformações em mais de duas décadas de pesquisa e prática (Entrevista com Jennifer Stromer-Galley)". *Compólitica*, 2016, 5.2: 173-186.

199

RUEDIGER, M. A., MARTINS, R., da LUZ, M., & GRASSI, A. "Ação coletiva e polarização na sociedade em rede para uma teoria do conflito no Brasil contemporâneo". *Revista Brasileira de Sociologia-RBS*, 2014, 2(4).

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STROMER-GALLEY, Jennifer. *Presidential campaigning in the Internet age*. Oxford University Press, 2014.

TETT, Gillian. "Donald Trump's campaign shifted odds by making big data personal". *Financial Times*, 26, jan, 2017. Available in: <https://www.ft.com/content/bee3298c-e304-11e6-9645-c9357a75844a>.

Weller, Katrin, Bruns, Axel, Burgess, Jean, Mahrt, Merja, and Puschmann, Cornelius. *Twitter and Society*. New York: Peter Lang, 2014.

Impeachment de Dilma Roussef e o debate no Twitter

Rosemary Segurado¹

Luis Eduardo Tavares²

Rafael de Paula Aguiar Araújo³

Tathiana Senne Chicarino⁴

Pedro Malina⁵

Denis Carneiro Lobo⁶

Resumo: O presente artigo traz uma análise dos principais acontecimentos no ano de 2016 relacionados ao processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef (PT) tendo como subsídio empírico a movimentação na rede social Twitter por perfis relativos à cidade de São Paulo. Adotamos a metodologia denominada Issue Mapping, que busca mapear nas narrativas cotidianas fatos e/ou eventos relevantes na esfera pública interconectada e a partir dos dados coletados entre os dias 05 de março e 16 de outubro de 2016 estruturamos o texto em dois eixos organicamente articulados, uma detalhada explanação da conjuntura, juntamente com a análise do fluxo informacional do Twitter que foi pautada pelas manifestações de rua (pró e contra o impeachment), pelos ritos do impeachment e pelas Olimpíadas.

200

Palavras-chave: Impeachment; Olimpíadas; Manifestações; Twitter

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP

³ Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁴ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁵ Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁶ Mestrando em Ciências Sociais pela PUC/SP

Introdução

Este artigo analisa alguns dos principais acontecimentos no ano de 2016 relacionados ao processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef (PT) considerando sua repercussão no Twitter por perfis relativos à cidade de São Paulo, um dos epicentros da crise política ora vivenciada, e que teve como critério de seleção a metodologia denominada Issue Mapping, que busca mapear nas narrativas cotidianas fatos e/ou eventos relevantes na esfera pública interconectada. Antes de adentrar-mos na metodologia e nos dados levantados, vamos rever o encadeamento dos acontecimentos que compreendem este momento político analisado.

Breve retrospecto do cenário político recente no Brasil

O ano de 2016 foi um momento intenso de acontecimentos políticos na história brasileira marcado pelo controverso processo de impeachment da presidenta da República, eleita em 2014. O contexto era de grandes mobilizações sociais e forte polarização ideológica que pronunciaram significativas articulações de forças do país. Tais acontecimentos foram resultado da confluência de diferentes fatores internos da história recente do país, assim como se associaram a eventos de caráter latino americano e mesmo global.

O embate de forças entre os partidários e os contrários ao impeachment de Dilma Roussef (PT), por meio das redes sociais e de grandes manifestações públicas, figurou como desdobramento do legado de junho de 2013 que, por sua vez, parece marcar o esgotamento de um ciclo histórico maior da chamada Nova República.⁷ O processo de impeachment em si, no plano da política institucional, marca o êxito da articulação das forças conservadoras em meio a uma crise econômica, escândalos de corrupção e a Operação Lava Jato, que corroeu ainda mais a legitimidade da representação dos políticos profissionais que há tempos já vinha mergulhada numa crise de âmbito mundial. A forma com que se deu a destituição de uma presidenta eleita pelo voto popular possui antecedentes

⁷ Período da História brasileira que segue até os dias atuais, tendo início em 1985 com a eleição presidencial indireta, via Colégio Eleitoral, do candidato oposicionista ao regime militar Tancredo Neves marcado, assim, a transição política para o regime democrático. Dizemos desde período hoje que ele “parece” ter-se esgotado, uma vez que se encontra numa crise conjuntural e estrutural sem precedentes, com significativas tentativas de deformação da Constituição Federal de 1988 que se consagrou neste ciclo histórico.

recentes na América Latina, tendo ocorrido de forma similar em Honduras, em 2008, e no Paraguai, em 2012.

As características e rumos tomados pelo governo empossado de Michel Temer (PMDB), refletem o que vem sendo chamado de restauração conservadora na América Latina, vivenciada em diversos outros países e que se traduz em um aprofundamento de políticas neoliberais que reforçam as antigas e desiguais estruturas sociais.

Soma-se ainda a essa conjunção de acontecimentos em 2016, a realização das Olimpíadas do Rio de Janeiro, megaevento simbólico das conquistas do positivo momento econômico e político que o Brasil vivia durante o segundo mandato do presidente Lula (2007-2010) e que foi bastante contestado durante sua organização, assim como foi a Copa do Mundo de 2014. Ambos os eventos inflaram as críticas ao governo de Dilma Roussef que, além de acusado de incompetência na organização geral, era identificado com as inúmeras evidências de superfaturamentos de obras e desvio de recursos⁸. Nesta situação, movimentos sociais ligados ao direito à cidade também se mobilizaram em decorrência das remoções de moradores de baixa renda que as obras dos Jogos Olímpicos ocasionaram.

Para melhor compreender os acontecimentos ocorridos em 2016 no Brasil vamos recapitular alguns momentos fundamentais do cenário político recente, considerando alguns fatos e atores envolvidos que vieram a culminar nos principais acontecimentos do ano em questão.

A realidade de um país como o Brasil, historicamente na periferia do capitalismo mundial e que conserva extremas desigualdades sociais, é o de uma permanente crise (POCHMANN, 2015). Contudo, estamos experimentando neste momento um acentuado desarranjo da ordem política constituída pós regime militar, no qual entram em conflito os poderes executivo, legislativo, judiciário e a polícia federal. Mergulhados neste conturbado cenário atual, percebemos o contraste com a situação em que nos encontrávamos até recentemente, particularmente em fins de 2010 quando o país se projetava no plano internacional como uma nova potência.

⁸ Vale ressaltar que até mesmo a escolha do Brasil como país sede das Olimpíadas de 2016, embora tenha sido associada à um bom momento político e econômico que o país vivia em 2009, fora resultado da compra de votos dos jurados do COI, pelo presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, preso em 05 de outubro de 2017, pela operação “Unfair Play” da Lava Jato.

As políticas sociais e de combate à pobreza como o Bolsa Família⁹ a prosperidade da economia brasileira e a expectativa promissora com a descoberta do Pré-sal foram responsáveis pelo prestígio com que o presidente Lula encerrava seu segundo mandato, com 80% de aprovação popular, elegendo como sucessora Dilma Rousseff. A imagem positiva do Brasil, tal como era destacada pela cobertura midiática internacional, também decorria do protagonismo que o país desempenhava no âmbito das relações internacionais, como um dos principais articuladores do BRICS¹⁰ e participando de negociações de conflitos internacionais como país neutro, interessado na paz mundial.

Entre 2011 e 2014, a gestão de Dilma Rousseff apresentou um declínio de popularidade em relação aos anos anteriores praticamente em todos os setores, favorecendo a ascensão das forças de oposição. Além do recuo nas políticas sociais e a ampliação das alianças com as forças conservadoras em nome da chamada “governabilidade”, podemos destacar as tensões em torno da Petrobrás com as disputas dos benefícios gerados pela exploração do pré-sal e a intenção do governo federal em destinar boa parte à educação e saúde¹¹. Além também do problema diplomático com os EUA após a denúncia de espionagem¹², das manifestações

⁹ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência de renda do Governo Federal, sob condicionalidades, instituído durante o governo do ex-presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, pela Medida Provisória 132, de 20 de outubro de 2003, convertida em lei em 9 de janeiro de 2004, pela Lei Federal n. 10.836, que unificou e ampliou e os seguintes programas anteriores de transferência de renda. Trata-se de uma ajuda financeira às famílias pobres (definidas como aquelas que possuem renda per capita de R\$ 85,00 a R\$ 170,00) que em sua composição tenham: gestantes e crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos. Como contrapartida as famílias beneficiárias devem manter as crianças e os adolescentes entre 6 e 17 anos com frequência na escola e as gestantes devem fazer o acompanhamento da sua saúde e a vacinação das crianças deve estar atualizada. Veja mais em: REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

¹⁰ Bloco econômico formado por importantes e emergentes economias mundiais, fazendo frente ao eixo dos EUA, Europa e Japão. BRICS é a sigla para Brazil, Russia, India, China and South Africa.

¹¹ A Câmara dos Deputados aprovou no dia 26/06/2013 o PL 5.500/13 que destina 75% dos royalties para educação e 25% para a saúde, sancionado por Dilma em 09/09/13 como a Lei Nº 12.858/13. A lei entra em conflito com os interesses nos lucros do pré-sal de conglomerados internacionais que mantém pesados lobbies no Congresso Nacional. No dia 05/10/2016, a Câmara dos Deputados aprovou o PL 4567/16 de autoria do senador José Serra (PSDB) que retira a obrigatoriedade da participação da Petrobrás na exploração do pré-sal como determinava a Lei 12.351/10, comprometendo o montante de repasses dos royalties para a educação e saúde. No dia 13/12/2016 o Senado aprovou a PEC 55 que congela os gastos com educação e saúde por 20 anos.

¹² Documentos da Agência Nacional de Segurança dos EUA (NSA), vazados em 2013 pelo ex analista de inteligência da entidade, Edward Snowden, mostram que o o governo brasileiro, sobretudo o Ministério de Minas e Energias, foram espionados tanto pela NSA quanto pela Agência Canadense de Segurança em comunicação (CSEC) com o fito da obtenção de vantagens

populares de 2013 e do início da Operação Lava Jato.

Foi assim que em 2014 tivemos a eleição presidencial mais acirrada da Nova República com a vitória apertada de Dilma com 51,64% (54.501.118) dos votos, contra Aécio Neves (PSDB) que obteve 48,36% (51.041.155) dos votos. A disputa repercutiu em uma agressiva polarização na sociedade que não se encerrou ali, mas se estendeu depois fazendo crescer um movimento pró-impeachment na sociedade civil, cujos primeiros ecos vinham de 2013 e que foram inflados por partidos e lideranças políticas da oposição até a consumação do seu afastamento em 2016.

Entre os eventos acima citados vale destacar as manifestações populares de 2013, quando o Brasil entrou no cenário das grandes manifestações multitudinárias (HARDT; NEGRI, 2005) que desde 2011 eclodiram em diferentes países. A despeito da consonância global com movimentos como Primavera Árabe, 15M (Espanha), Occupy (EUA) e Taksin (Turquia) e no Brasil, as Jornadas de Junho de 2013¹³, considerada uma das as maiores manifestações de rua desde a Passeata dos Cem Mil contra o regime militar ocorrida no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968 e da Campanha para eleições diretas para presidente em 1984.

As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil foram deflagradas contra o aumento das tarifas do transporte público em várias cidades (POMAR, 2013). As manifestações tiveram início em maio com passeatas convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) na cidade de São Paulo¹⁴ e tiveram a adesão de alguns sindicatos, organizações estudantis e partidos de esquerda com pautas ligadas ao direito à cidade. A eclosão destas manifestações, contudo, desencadearam diferentes tipos de indignação em diversos grupos sociais, transformando os protestos em uma proliferação diversificada de movimentos e causas, em alguns casos completamente opostos entre si, forjando diferentes desdobramentos. Além de estudantes e trabalhadores alinhados com a estratégia do MPL, começou a ganhar expressão

competitivas nos leilões de campos de exploração do pré-sal. Em reação a este fato, Dilma fez um famoso discurso na 68ª Assembleia da ONU no dia 24/09/2013 (<http://bit.ly/2pV770N>) em que atacou a espionagem estadunidense. O governo brasileiro também promoveu a Arena Net Mundial em São Paulo nos dias 22 a 24/04/2014, evento para discutir a governança mundial da Internet, fortalecendo o Marco Civil da Internet (Lei Nº 12.965/14).

¹³ O nome faz alusão as revoltas dos trabalhadores franceses entre os dias 24 e 26 de junho de 1848, conhecidas como Jornadas de Junho.

¹⁴ É um movimento social brasileiro criado em 2005 no Fórum Social Mundial e tem como principal bandeira a adoção da tarifa zero no transporte coletivo).

nas ruas organizações e partidos de direita, por outro lado, a presença dos Black Blocs¹⁵ tornou seu foco ainda mais vago e difuso.

A hashtag *#vemprarua* reunia todo tipo de indignação e anseio, além de muitos que sequer sabiam porque se manifestavam. A crise de legitimidade da representação política, traduzida em aversão à classe política, agrupou grande parte dos manifestantes em torno do tema vago e simplista “contra a corrupção”. Um signifiante passível de negociação e disputa (LACLAU, 2013) e que pôde ser usado oportunisticamente pelos grupos contrários ao governo, incluindo aí partidos de oposição e a grande mídia, que buscaram direcionar as manifestações contra o governo de Dilma Rousseff com vistas às eleições de 2014.

As manifestações de 2013 foram, portanto, um caldeirão de diferenças, que a partir dali seguiram seus devires. São múltiplas as heranças das Jornadas de Junho e ainda hoje é possível especular sobre seus sentidos. Os movimentos e coletivos pelo direito à cidade que dirigiram suas críticas ao modelo de democracia representativa, propondo novas formas de ação política e aumento da participação cidadã, seguiram produzindo diversas ações, seja nos protestos e debates públicos contra as violações à cidadania e aos direitos humanos advindos da realização da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016 ou em diversas experiências de ocupações de praças públicas e outros espaços enquanto afirmação de projetos alternativos de cidade.

Já as ações do grupo Black Blocs se estenderam quase ininterruptamente por mais um ano até a realização da Copa do Mundo e se destacaram em muitas manifestações, arrefecendo logo depois. A proeminência dos Black Blocs e suas ações de quebra-quebra nas manifestações roubavam os holofotes das coberturas midiáticas interessadas em desqualificar e criminalizar os protestos. Desde que insurgiram não demorou para a proposta de uma lei antiterrorismo tramitar no Congresso¹⁶.

¹⁵ Eles não se autodefinem com o movimento, mas como uma tática de ação direta, de caráter anarquista. Se reúnem mascarados, vestidos de preto para protestar em manifestações de rua. Possuem organização efêmera, não hierárquica e descentralizada. Nas manifestações do Brasil costumam depredar bancos e lojas de produtos importados, como forma de enfrentamento ao sistema capitalista.

¹⁶ O PL Nº 2016/2015, de autoria do poder executivo foi votada em regime de urgência na Câmara dos Deputados em 18/06/2015 e sancionada pela Presidenta Dilma em 16/03/2016 como a Lei Nº 13.260/16. Ela serviu de embasamento para diversas prisões durante os Jogos Olímpicos e no dia 20/04/2017 para a condenação, por 11 anos de prisão, de Rafael Braga, encarcerado desde os protestos de 2013.

Nesse sentido, vislumbrou-se um novo movimento de direita no Brasil, tendo amplo desenvolvimento nas redes sociais, sobretudo Facebook e Twitter, construindo conexões com as ruas. Estes movimentos de asa direita constituíram-se durante as Jornadas de Junho com grupos de classe média e alta classe média urbanas, grupos empresariais, igrejas evangélicas e partidos da oposição, inicialmente em torno da hashtag *#ogiganteacordonou*. Eles se auto enunciavam revoltados com a corrupção, mas direcionavam quase exclusivamente ao governo de Dilma e ao Partido dos Trabalhadores (PT) os problemas de uma corrupção histórica e sistêmica no Brasil, ignorando que a corrupção é muito anterior à criação do PT.

Durante a Copa do Mundo da FIFA, foram contrários ao sucesso do Brasil na realização do evento, acusando o governo de corrupção e incompetência. Mas sua consolidação ocorreu durante as eleições de 2014, quando diferentes grupos organizados ganharam evidência, como Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Pra Rua e Revoltados Online. Em geral, apresentavam-se como um movimento conservador e ultraliberal, contrário às políticas sociais do Estado, em defesa de privatizações e flexibilização de leis trabalhistas. Ao contrário dos movimentos pelo direito à cidade e dos Black Blocs, suas manifestações tinham apoio e colaboração da grande mídia e da Polícia Militar, razão pela qual foram apelidados de “coxinhas”¹⁷.

206

A oposição à presidenta Dilma já dava sinais de que não se conformaria com sua eventual vitória nas urnas e foi o que de fato ocorreu. Logo após o fim das eleições, no dia 15 de novembro de 2014, foi convocada a primeira manifestação pró impeachment que reuniu 10.000 pessoas na Avenida Paulista, área central da cidade de São Paulo.

No ano de 2015, estas manifestações cresceram organizadas principalmente pelo MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online, com apoio dos partidos da oposição como PSDB e DEM. Foram realizadas outras manifestações nacionais nos dias 15 de março, 12 de abril e 16 de agosto, período em que a Operação Lava Jato prendia importantes membros do PT¹⁸. O governo de Dilma Rousseff se enfraquecia com baixa popularidade em virtude da crise econômica que se acentuava e operava sem sucesso nas articulações políticas para garantir uma base de apoio capaz de deixa-

¹⁷ O apelido “coxinha” era atribuído originalmente aos policiais por comerem coxinhas de graça em bares e padarias. A seguir foi usado para se referir a pessoas defensoras da ordem e *status quo*, os chamados “cidadãos de bem”, sendo por isso aplicado aos manifestantes da direita.

¹⁸ João Vaccari Neto foi preso no dia 15/04/15 e José Dirceu no dia 03/08/15.

la governar. Na Câmara dos Deputados chegavam vários pedidos de impeachment até que no dia 02 de dezembro de 2015, o então presidente Eduardo Cunha (PMDB) autorizou a abertura do processo a partir de uma peça montada pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal, denunciando Dilma por “pedaladas fiscais”¹⁹. É com este cenário político que se iniciou o ano de 2016.

Metodologia

Seguindo a metodologia Issue Maps, definimos algumas categorias-chave presentes no debate sobre o impeachment no Twitter e selecionamos alguns perfis de destaque, bastante ativos, sejam eles contrários ou favoráveis ao processo de impeachment (todos dispostos na tabela 1), os dados do monitoramento analisados compreendem o período entre os dias 05 de março e 16 de outubro de 2016²⁰.

Tabela 1 – categorias-chaves e perfis relacionados

Categoria	Perfis
Mídia	Revista Veja, Folha de S.Paulo, Estadão
Movimentos sociais	MST Oficial, MTST, CUT Nacional, MPL - São Paulo, Anonymous Brasil, Partido Pirata, Occupy Brazil, Gay Brasil (LGBT), MBL – São Paulo, Marcha da Maconha, Marcha das Mulheres, UNE, AfroReggae
Políticos e Partidos	Sen. José Serra, Gov. Geraldo Alckmin, Michel Temer, Gilberto Kassab, Pref. Fernando Haddad, Eduardo Suplicy, Sen. Cristovam Buarque, Marta Suplicy, Rede Sustentabilidade, PT, PSDB, Dep. Marcos Feliciano, Sen. Romário, Celso Russomano, Gabriel Chalita.
Jornalistas	Reinaldo Azevedo, Rachel Sheherazade, Renata Loprete, Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Monica Bergamo, José Luiz Datena, Josias de Souza, Renato Rovai, Rodrigo Constantino, Rodrigo Vianna.
Celebridades	Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Laerte
Humor	Sensacionalista, José Simão

¹⁹ Termo utilizado para definir as operações orçamentárias realizadas pelo Tesouro Nacional e que não estão previstas na legislação. A operação consiste em atrasar o repasse de verba a bancos públicos e privados com a intenção de diminuir o impacto na situação fiscal do governo em um determinado mês ou ano.

²⁰ Os dados foram aplicados nos softwares Tableau para fins de tabulação e cruzamento de variáveis, e no Gephi para gerar os grafos em rede.

Para análise dos dados, coletados ao longo de 224 dias desses perfis, foi necessário proceder com alguns critérios e filtros para eliminar o excesso de informações irrelevantes e/ou enganosas e fazer emergir novos conhecimentos sobre esse período através da evidenciação de certos elementos. Para tanto, o primeiro passo adotado foi construir uma cronologia dos eventos relacionados ao impeachment, durante o período de coleta, incorporando as agendas das manifestações populares pró e contra tal processo, também a agenda do Planalto, do Congresso, do Supremo Tribunal Federal (STF), da Operação Lava Jato²¹ e também dos jogos olímpicos (ocorridos no presente intervalo temporal).

Com base nessa cronologia, identificamos as correspondências no gráfico total dos dados levantados e selecionamos apenas os eventos que representavam picos mais significativos. Dessa forma, chegamos a onze eventos que possuíam uma movimentação mais relevante no Twitter e os agrupamos em três blocos: 1) Manifestações de Rua (pró e contra impeachment), com cinco gráficos; 2) Ritos do Impeachment no Congresso, formado pelos eventos mais significativos da votação do processo do impeachment na Câmara dos Deputados e no Senado, apresentando mais cinco gráficos; 3) Olimpíadas, a partir do cruzamento entre hashtags de olimpíadas e impeachment, resultando num único gráfico referente à cerimônia de abertura e primeira semana dos jogos.

A partir do gráfico geral realizado com os eventos mais relevantes selecionados, pudemos depurar as hashtags a serem utilizadas na análise. Capturamos as vinte e cinco hashtags com maior incidência, sendo a maior delas #impeachmentday que aparece 58.172 vezes e a menor #dilma que aparece 6.203 vezes. Agrupamos as hastags em três tendências: 1) Pró impeachment; 2) Contra impeachment; 3) Generalistas, que são as hashtags utilizadas por todos independentemente do posicionamento em relação ao processo do impeachment. As hashtags podem ser verificadas na Tabela 2²²:

²¹ Operação da Polícia Federal deflagrada em 17 de março de 2014, que investiga esquemas de corrupção na Petrobrás e já se tornou a maior, e não menos polêmica, operação de combate à corrupção no Brasil, indiciando e condenando dezenas de empresários e políticos, sendo comparada à Operação Mãos Limpas na Itália da década de 1990.

²² Cabe uma nota explicativa acerca das hashtags apresentadas na Tabela 2: procuramos fundir as hashtags muito parecidas, uma vez que a leve diferença entre elas muitas vezes se deve a erros de digitação ou mesmo na distração do usuário em não usar o padrão corretamente. Esse é o caso #vemprarua, #impeachmentja, #vemprademocracia, #golpeaquinao e #diretasja.

Tabela 2 – Hashtags selecionadas por categorias

PRÓ IMPEACHMENT	Nº
#brazilnocorrupt	26520
#quedadoplalalto	23414
#tchauqueridaday	18382
#foradilma	13208
#tchauquerida	11498
#forapt	9886
#vemprarua (& #vempraruaâ)	9428
#lulanacadeia	7943
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	7490
#mortadeladay	7279
#vempraruabrazil	6504
TOTAL	141552

CONTRA IMPEACHMENT	Nº
#foratemer	51557
#vemprademocracia (& #vemparademocracia)	25664
#dilmanovamente	14515
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	12487
#respeiteasurnas	8753
#pelademocracia	8238
#golpistasday	8071
#lutopelademocracia	6963
#naovaitergolpe	6460
TOTAL	142708

GENERALISTA	Nº
#impeachmentday	58172
#impeachment	26595
#micheltemer	6648
#dilma	6203
TOTAL	97618

Análise do fluxo informacional do Twitter

Após o mapeamento dos principais fatos ocorridos ao longo do desenvolvimento do processo de impeachment, realizamos o monitoramento dos perfis e hashtags selecionados a fim de identificar e analisar tal movimentação na rede.

Bloco - manifestações de rua

Março de 2016 foi um mês bastante agitado politicamente. Logo no dia 4, a condução coercitiva do ex-presidente Lula a depor na Operação Aletheia²⁴ da Lava Jato, dominou os noticiários e reverberou os ânimos tanto dos grupos apoiadores do impeachment quanto os contrários. No dia 13, foram realizadas as primeiras grandes manifestações pró-impeachment do ano, destacando-se a ocorrida na avenida Paulista como uma das maiores manifestações de rua já realizadas no Brasil, 3,6 milhões de pessoas, segundo a política, 6,9 milhões, segundo os organizadores, e 500 mil, de acordo com o Data Folha, superando as manifestações pelas Diretas Já.

No dia 16, o mais intenso do mês, diversos eventos tiveram destaque. O STF definiu as regras para a formação da Comissão Especial da Câmara dos Deputados dar seguimento ao processo do Impeachment; Dilma nomeia Lula como ministro chefe da Casa Civil provocando a reação imediata dos opositores que o acusam de buscar foro privilegiado. No mesmo dia, o juiz Sérgio Moro²⁵ divulgou os grampos das conversas telefônicas entre Lula e Dilma, e nos dias seguintes diversos outros áudios envolvendo integrantes do governo e do PT. Sérgio Moro acabou acusado de tendencioso, tendo reforçada sua imagem como juiz imparcial. No dia 18, em meio a inflamada polarização política, os grupos contrários ao impeachment realizam manifestações em 55 cidades mais o DF que reuniram 1,3 milhão pessoas, segundo organizadores, e 275 mil, segundo a polícia. Lula compareceu à avenida Paulista e fez um discurso de trinta minutos, no momento em que Gilmar Mendes, do STF, suspendeu sua nomeação como ministro. No dia 31, em recordação ao dia do golpe militar de 1964²⁶, novas manifestações contra o impeachment, entendido neste momento também como golpe contra a democracia, foram organizadas pela Frente Brasil Popular e pela Frente Povo Sem Medo (ambas organizadas por políticos e ativistas de orientação

²⁴ As operações de investigação da Polícia Federal são batizadas, geralmente pelos delegados responsáveis. A Aletheia, palavra de origem grega, significa desvelamento e estava realizada a investigação de crimes de corrupção e lavagem de dinheiro relacionado à Petrobrás.

²⁵ Sergio Moro, juiz da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba- PR, ganhou notoriedade nacional e internacional por comandar a Operação Lava Jato. Trata-se de um dos magistrados que mais aparecem nos meios de comunicação desde o início das investigações em 2014.

²⁶ Em 1964 os militares depuseram o presidente João Goulart tendo como justificativas o combate à corrupção e a eliminação da ameaça comunista, sendo que estas foram amplamente amparadas e legitimadas pelas classes médias urbanas, pelos setores industriais e pela imprensa nacional.

de esquerda) em 33 cidades brasileiras, reunindo 159 mil pessoas, segundo a polícia, e 824 mil, segundo os organizadores.

Tabela 2 - Manifestações Pró Impeachment (13/03)

Hashtag	Incidência
#vemprarua (& #vempraruaa)	7330
#vempraruabrazil	6299
#foradilma	4031
#forapt	3752
#lulanacadeia	2176
#brazilnocorrupt	1925
#impeachmentja (& #impeachmentjá)	319
#impeachment	254
#naovaitergolpe	167
#micheltemer	19
#foratemer	1

A primeira grande manifestação de rua de 2016 organizada por pelos grupos MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online e amplamente reportada como a maior na história do Brasil pelos veículos da grande mídia que também afirmavam seu apoio à tendência pró-impeachment²⁷, não apresentou o mesmo desempenho no Twitter. Como pode ser observado no gráfico 1, que compreende todo o período da coleta dos dados entre 05/03 e 16/10 de 2016, esse evento não figura entre os maiores picos. Se isto não representa uma menor capacidade de uso das redes sociais pelos grupos pró-impeachment, pode representar uma opção maior para a manifestação nas ruas por parte desse grupo.

O que chamou a atenção nesse evento foi uma tendência a rejeição geral à classe política brasileira, visível nas vaias e xingamentos a políticos opositores a Dilma Rousseff e que incentivavam as manifestações de rua como Aécio Neves (PSDB) e Geraldo Alckmin (PSDB) na avenida Paulista, também com seus nomes envolvidos em casos de corrupção²⁸. Entre as hashtags pró-impeachment

²⁷ Ver “Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma”, O Globo, Política, 13/03/2016 (<https://goo.gl/OR6FoS>); “Protesto na av. Paulista é o maior ato político já registrado em São Paulo”, Folha de São Paulo, Poder, 13/03/2016 (<https://goo.gl/VbtJrq>); “Maior manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma”, Estadão, Política, 13/03/2016 (<https://goo.gl/jTEp5N>). E em contraposição: “O papel da mídia nas manifestações do 13 de março”, Carta Capital, Interzozes, 14/03/2016 (<https://goo.gl/RsZ1Yi>).

²⁸ O grafo denominado “QUE SE VAYAN TODOS ?????” de Fábio Malini do Twitter respalda

dominantes vemos que #vemprarua, #vempraruabrazil e #brazilnocorrupt espelham essa questão ao expressarem principalmente uma indignação contra a corrupção, embora favorável ao impeachment de Dilma. As principais hashtags desse dia apontam para o antipetismo²⁹ e a convocação para as manifestações de rua. Já aparece o pedido de prisão do ex-presidente Lula com significativo destaque entre as manifestações no Twitter.

A hashtag #foratemer que acabou se tornando a maior de todas no período aparecia neste momento uma única vez.

Tabela 3 - Manifestações Contra o Impeachment (18/03)

Hashtag	Incidência
#vemprademocracia (& #vemparademocracia)	23167
#mortadeladay	6933
#foradilma	2038
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	1868
#forapt	703
#lulanacadeia	641
#naovaitergolpe	404
#vemprarua (& #vempraruâ)	369
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	319
#impeachment	138
#tchauquerida	14
#foratemer	13
#vempraruabrazil	12
#micheltemer	1

213

As manifestações contra o impeachment, em resposta aquelas ocorridas no dia 13, vieram inflamadas com os eventos anteriores, desde a condução coercitiva de Lula, passando por sua nomeação a ministro e impedimento pela justiça. Tais manifestações representam um pico bem maior que as manifestações do dia 13 no gráfico 1, porém nas ruas o número foi menor. Observando as hashtags de maior incidência acima, constatamos uma maioria de pró-impeachment, 9 entre as 14. Este dia também registrou manifestações pró-impeachment em menor escala em

essa questão. Blog do Fábio Malini, 13/03/2016 (<http://bit.ly/2uneePJ>).

²⁹ Pessoas, partidos ou movimentos contrários às ideias e práticas políticas do Partido dos Trabalhadores.

11 estados e o DF³⁰. Assim, embora seja possível identificar a ascensão da hashtag #vemprademocracia com uma incidência de 23.167, a grande movimentação no Twitter nesse dia ocorreu devido à presença de grupos contra e pró-impeachment.

Na disputa entre organizadores e veículos da grande mídia, os primeiros se colocavam sobretudo como defensores da democracia e da soberania do voto, enquanto os segundos os pintavam como defensores da presidenta Dilma Rousseff ou do ex-presidente Lula, fazendo com que a polarização entre os participantes das diferentes manifestações aumentasse³¹.

Assim, podemos ver que as hashtags contra o impeachment que tiveram maior incidência, #vemprademocracia e #naovaitergolpe, refletem essa tendência não partidária. E aquelas que fazem menção direta à Dilma Rousseff ou à Lula são pró-impeachment.

Tabela 4 - Manifestações Pró Impeachment e Fora Temer (31/07)

Hashtags	Incidência
#foratemer	6544
#vemprarua (& #vempraruaâ)	468
#foradilma	185
#forapt	70
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	53
#lulanacadeia	50
#micheltemer	33
#impeachment	27
#brazilnocorrupt	16
#tchauquerida	12
#vempraruabrazil	8
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	7
#vemprademocracia (& #vempademocracia)	3

Uma vez que o processo de impeachment já fora aprovado na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril e no Senado no dia 23 de maio, ainda que não consumado, e que o presidente em exercício era Michel Temer, alguns termos dos protestos mudaram. Perderam força as hashtags que antes despontavam em maior

³⁰ Ver “Manifestantes fazem protestos contra o governo Dilma pelo país”, O Globo, Política, 18/03 (<https://glo.bo/2tOaJ86>).

³¹ Ver “Os atos pró-democracia e a narrativa do golpe na grande mídia”, Carta Capital, Blog Intervozes, 21/03/2016 (<http://bit.ly/2tGBHOD>) e “COM QUE ROUPA EU VOU? O #VEMPRADEMOCRACIA NO TWITTER”, Blog do Fábio Malini, 19/03/2016 (<http://bit.ly/2tOuQmH>).

número como #vemprademocracia e #naovaitergolpe sendo suplantadas pela #foratemer que unifica diversas categorias de indignados, mas principalmente os que sempre foram contrários ao impeachment.

Nas manifestações do dia 31/07 correram às ruas tanto os defensores do impeachment, que a essa altura já era praticamente certo, e os contrários, já resignados, direcionando o protesto contra o governo interino de Michel Temer.

Nas ruas, predominaram as manifestações pró-impeachment que aconteceram em 20 estados e no Distrito Federal (Brasília), reunindo 44 mil pessoas de acordo com a polícia e 151 mil de acordo com os organizadores. As manifestações contra Michel Temer aconteceram em 15 estados e no Distrito Federal, reunindo 3 mil pessoas de acordo com a polícia e 85 mil de acordo com os organizadores³². Mas, nas redes sociais, especificamente no Twitter, a hashtag #foratemer foi a mais propagada, sete vezes e meio mais que a soma de todas as hashtags contra e pró-impeachment como consta na tabela 4.

Tabela 5 – Manifestações Fora Temer (04/09)

Hashtags	Incidência
#foratemer	12355
#micheltemer	147
#impeachment	100
#forapt	83
#foradilma	50
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	50
#pelademocracia	45
#lulanacadeia	42
#tchauquerida	7
#dilmanovamente	6
#vemprarua (& #vempraruaâ)	5
#mortadeladay	2

Já consumado o impeachment de Dilma Roussef no dia 31 de agosto, a primeira manifestação multitudinária contrária à Michel Temer foi realizada no dia 04 de setembro na avenida Paulista. A polícia não chegou a divulgar números, mas os organizadores afirmaram ter a presença de pelo menos 100 mil manifestantes, entre eles famílias com crianças de colo, jovens e manifestantes ligados a movimentos sociais que marcharam da Paulista ao Largo da Batata³³. Houve violência policial ao final da manifestação.

³² Ver Mapa das Manifestações, O Globo, Política, 31/07/2016 (<http://bit.ly/2aTWceD>).

³³ Refere-se ao trajeto seguido pelos manifestantes na região central da cidade de São Paulo.

Essa grande manifestação também foi uma resposta à declaração do próprio Michel Temer dias antes, que classificou os manifestantes como um grupo de 40 pessoas. Além de protestar contra o governo de Michel Temer, esta manifestação também marcou a emergência da bandeira pelas eleições diretas³⁴.

No Twitter, a hashtag #foratemer foi a mais usada, seguida pelas generalistas #micheltemer e #impeachment. Das 12 hashtags com mais incidência, 7 eram pró-impeachment, o que não se viu nas ruas neste dia.

Bloco ritos do impeachment no congresso

Tabela 6 – Votação Impeachment na Câmara (17/04)

Hashtags	Incidência
#impeachmentday (&#iimpeachmentday)	58183
#foratemer	51557
#impeachment	26520
#brazilnocorrupt	25664
#vemprademocracia (& #vemparademocracia)	23414
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	18384
#tchauqueridaday	14515
#dilmanovamente	13208
#foradilma	12487
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	11498
#tchauquerida	9886
#forapt	9428
#vempraruã & #vempraruã	8753
#respeiteasurnas	8238
#pelademocracia	8071
#golpistasday	7943
#lulanacadeia	7490
#impeachmentja (& #impeachmentjá)	7279
#mortadeladay	6963
#lutopelademocracia	6648
#micheltemer	6579
#vempraruabrasil	6460
#naovaitergolpe	6203

216

No dia 17 de Abril, quando ocorreu a votação na Câmara mais baixa acerca

³⁴ Ver “Milhares vão às ruas contra Temer em SP e PM reprime ato com justificativa controversa”, El País, Brasil, 05/04/2016 (<http://bit.ly/2snH9BY>); e “Domingo é marcado por protestos contra Temer e por diretas já”, UOL Notícias, Política, 04/09/2016 (<http://bit.ly/2tK4eCf>).

pedido de impeachment aceito pelo presidente da casa Eduardo Cunha, houve uma intensa movimentação no Twitter. A votação foi marcada pelo espetáculo e oportunismo dos parlamentares, que ocuparam seu tempo ao microfone para dedicar seu voto. A forma vexatória como ocorreu a votação, contendo descabros como o deputado Jair Bolsonaro dedicando seu voto ao coronel Ustra³⁵, algo de Dilma Rousseff durante o período em que ficou presa, na ditadura militar brasileira foi notável. As hashtags que se destacaram nesse dia foram #impeachmentday e #foratemer. O destaque para a hashtag #foratemer indica que, apesar de favoráveis ao término no governo de Dilma Rousseff, os manifestantes não eram favoráveis a permanência de Michel Temer no cargo, indicando que seria o próximo a sofrer impeachment. As demais hashtags indicam apoio ao rito de afastamento e o associam ao combate à corrupção no país e ao final do governo do Partido dos Trabalhadores. No entanto, é possível identificar alguma reação dos favoráveis a manutenção do governo de Dilma expresso em hashtags como #dilmanovamente, #respeiteasurnas, #pelademocracia e #golpistasday.

Tabela 7 – Votação do Impeachment no Senado (23/05)

Hashtags	Incidência
#foratemer	3511
#micheltemer	635
#lulanacadeia	246
#vemprarua (& #vempraruaâ)	124
#tchauquerida	79
#foradilma	73
#impeachment	67
#forapt	54
#naovaitergolpe	22
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	5
#lutopelademocracia	5
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	4
#golpistasday	4
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	4
#dilmanovamente	2
#pelademocracia	1
#respeiteasurnas	1
#tchauqueridaday	1

³⁵ O Coronel Carlos Ustra foi chefe do Destacamento de Operações Internas, conhecido como DOI-Codi de São Paulo, entre 1970 a 1974. Foi responsável por 502 casos de tortura e mais de 2.000 prisões políticas.

A votação do impeachment no Senado não representou um pico de manifestação no Twitter. As contagens prévias de votos já indicavam pela aceitação do processo e nas redes não houve nenhuma movimentação significativa com o intuito de influenciar o posicionamento dos senadores. O destaque ocorreu pelo foco dado ao novo presidente Michel Temer, que assumiu o cargo com rejeição significativa. Isso fica expresso pela presença das hashtags #foratemer e #micheltemer, que se destacam no Gráfico 7. Vale notar a presença da menção ao ex-presidente Lula com a hashtag #lulanacadeia, indicando que o foco de muitos manifestantes pró impeachment era a anulação do Partido dos Trabalhadores³⁶ e protesto contra sua principal liderança.

Tabela 8 – Defesa de Dilma no Senado (29/08)

Hashtags	Incidência
#pelademocracia	7190
#foratemer	1880
#tchauquerida	904
#impeachment	881
#dilmanovamente	854
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	449
#foradilma	358
#forapt	184
#naovaitergolpe	80
#micheltemer	71
#lulanacadeia	32
#tchauqueridaday	10
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	7
#vemprarua (& #vempraruaâ)	1

No dia 29 de agosto, quando Dilma Rousseff foi ao Senado se defender, houve uma pequena elevação do fluxo informacional no Twitter, com a predominância de hashtags favoráveis à manutenção do mandato da presidenta. O destaque foi as hashtags #pelademocracia, seguido pela #foratemer e #dilmanovamente, fazendo menção à defesa e preservação do resultado eleitoral e associando-o à manutenção da democracia. Houve, contudo, a presença das hashtags #tchauquerida, #foradilma e #forapt que indicam a manifestação de pessoas favoráveis ao afastamento.

³⁶ Trata-se de pedido de cancelamento do registro de partido político.

Tabela 9 – Afastamento definitivo de Dilma (31/08)

Hashtags	Incidência
#foratemer	8560
#impeachmentday (&#iimpeachmentday)	6428
#impeachment	1905
#micheltemer	1080
#dilmanovamente	864
#pelademocracia	691
#tchauquerida	624
#forapt	231
#foradilma	147
#lulanacadeia	67
#lutopelademocracia	42
#tchauqueridaday	40
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	23
#vemprarua (& #vempraruaâ)	4
#naovaitergolpe	3
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	2
#golpistasday	2

No dia 31/08, dia do afastamento definitivo da presidenta da República, ocorreu o último pico de manifestações no Twitter. A principal hashtag foi a #foratemer, indicando já a resistência da população ao novo governo. As hashtags #impeachmentday, #impeachment, #tchauquerida, #forapt e #foradilma confirmam o apoio ao impeachment e à rejeição ao Partido dos Trabalhadores, que também se confirma pela hashtag #lulanacadeia. Apesar do resultado, ocorreram algumas manifestações contrárias ao processo de impedimento destacadas pelas hashtags #dilmanovamente e #pelademocracia.

Bloco olímpíadas

Tabela 10 – Jogos Olímpicos (05, 06, 07, 08/08)

Hashtags	Incidência
#foratemer	13375
#micheltemer	534
#forapt	323
#foradilma	268
#lulanacadeia	256
#tchauquerida	81
#dilmanovamente	78
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	61
#impeachment	58
#lutopelademocracia	27
#naovaitergolpe	18
#vemprarua (& #vempraruaâ)	7
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	6
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	4
#golpistasday	1

As Olimpíadas do Rio de Janeiro têm início no dia 05 de agosto com a tradicional cerimônia de abertura realizada no Maracanã, ocasião em que Michel Temer foi vaiado.³⁷ A partir do dia 6 de agosto, a expressão “Fora Temer” foi censurada nos espaços de realização dos jogos e torcedores com cartazes e camisetas com essa mensagem foram tirados à força dos estádios.³⁸ No dia 7 de agosto, repercutiu a notícia de um voluntário que abandonou as Olimpíadas em protesto à censura.³⁹ No dia 8 de agosto, em meio aos efeitos negativos do veto exposto internacionalmente, o “Fora Temer” foi autorizado, passando a ser visualizado em diferentes competições pela transmissão televisiva.⁴⁰

³⁷ “Temer é vaiado durante abertura da Olimpíada no Rio”: <https://glo.bo/2apkJv3>. Acesso em 23/12/2017.

³⁸ “Censura na Olimpíada: Torcedores gritam ‘Fora, Temer’ e são expulsos no Rio e em BH”: <http://huff.to/2r0bWHG>. Acesso em 23/12/2017. “Organização da Olimpíada censura o “Fora Temer” durante as competições”: <http://bit.ly/2r83WBs>. Acesso em 23/12/2017.

³⁹ “Voluntário abandona Olimpíada em protesto por veto a ‘fora, Temer’”: <http://bit.ly/2r6elNq>. Acesso em 23/12/2017.

⁴⁰ “Liminar veta repressão a protestos e expulsão de manifestante na Rio 2016”: <https://glo.bo/2aHXvyV>. Acesso em 23/12/2017.

Verificamos que nas mídias digitais as olimpíadas não foram amplamente discutidas nas redes. Na verdade, o fluxo de informações em torno das hashtags pesquisadas foi irrelevante e o governo se restringiu a divulgar informações gerais do evento, tais como horários e locais de competições. O cruzamento das duas hashtags (ForaTemer e Rio2016) gerou 4.948 tuítes, o que é irrisório considerando nossa amostra total. Os textos dos tuítes também não variaram muito, possivelmente por serem disseminados por ações específicas de “social mídia”, ou seja, quando as equipes de comunicação das campanhas ou candidatos e partidos utilizam-se dos perfis nas redes para ações de engajamento e alcance dos usuários que seguem a página, fazendo-se usos de ferramentas (softwares e aplicações na web) para publicação em massa dos textos. Sendo assim, considerando uma contagem distinta, ou seja, não a soma total, mas cada texto sendo contado uma única vez, totalizou 600 tuítes originais.

Identificamos 6 nodos principais: Temer, Dilma, PT Brasil, Dilma Bolada, Rafaela Silva e Rodrigo Pilha. A presença de Temer e Dilma entre os principais nós de autoridade de rede é significativa e se explica pelo fato de que justamente durante o período das olimpíadas a presidenta foi afastada do cargo pelo processo de impeachment, tendo sido substituída por seu vice, Michel Temer. Nesse sentido, verifica-se que ambos ainda polarizavam as redes sociais, mesmo que em pequena medida, quando se tratava do evento.

Dilma Bolada, perfil criado em dezembro de 2014, é de um personagem fictício criado por um humorista para, de forma lúdica, entreter os apoiadores da ex-presidenta, não tendo, portanto, nenhuma relação direta com a mesma.

Rafaela Silva, judoca brasileira, campeã olímpica e mundial ficou bastante em evidência por conquistar o primeiro ouro olímpico da delegação brasileira e, também, por representar e ser noticiada como “exemplo de superação”, tanto por usuários da rede considerados de esquerda quanto de direita. A atleta negra e de origem popular sofreu e venceu o racismo. Beneficiária de apoio estatal que atesta o poder dos programas sociais. Gravou um vídeo no período explicando porque votou em Dilma Rousseff, graças ao imenso apoio do governo petista ao desenvolvimento do esporte no país, com programas como o “bolsa atleta” e construção de espaços destinados a práticas de esportes.

Rodrigo Pilha é blogueiro e militante petista com grande presença nas mídias digitais, polêmico por suas postagens, crítico da cobertura política

realizada pelas mídias convencionais, é ativista de esquerda, militante do Partido dos Trabalhadores, embora não tenha relação orgânica com o partido.

O principal fluxo de interação entre perfis a partir das hashtags #ForaTemer e #Rio2016 é do PTBrasil para o Temer, mostrando uma intensa apropriação relacional das hashtags no período. Michel Temer só é citado a partir do cruzamento relacional das hashtags, a partir de menções ou retuítes, fazendo nenhum uso próprio da hashtag #ForaTemer.

Conclusões

O monitoramento realizado indicou uma reação das redes sociais correspondentes aos fatos que se desenrolaram durante o processo de impedimento da presidenta Dilma Rousseff, tanto no parlamento, quanto nas ruas. As reações foram coincidentes ao crescente apoio popular ao impeachment, já antecipado pelo resultado eleitoral apertado na eleição de 2014 e pelos movimentos anteriores à eleição e que se iniciaram em 2013 com as manifestações populares. O apoio ao impeachment pôde ser verificado no Twitter, mas não foi possível concluir que a movimentação de rede esteve diretamente atrelada ao sucesso das manifestações de ruas. É possível, no entanto, afirmar que os humores nas redes sociais são um indício da polarização que ficou clara cada vez mais entre apoiadores do mandato de Dilma Rousseff e os contrários à sua permanência na presidência da República.

O apoio ao impedimento da presidenta, contudo, não significou o apoio ao novo governo de Michel Temer. A hashtag #foratemer foi um dos principais destaques dos gráficos produzidos durante o acompanhamento de rede. A hashtag praticamente não foi usada até o dia 11/05. A primeira vez que ela foi mencionada no Twitter, considerando os perfis monitorados, foi no dia 12/03. Do dia 11/05 até o dia 23/05 nota-se uma elevação do uso da hashtag, coincidindo com uma rápida elevação do uso da palavra golpe. Seguiu praticamente inexpressiva até o dia 31/07, quando a hashtag #foratemer teve um pico de 7.439 ocorrências e no dia 5/8 11.610. No dia 31/08, dia do afastamento definitivo de Dilma Rousseff, a hashtag teve um pico de 12.037 ocorrências e no dia 1/9 13.530. No dia 4/9, quando ocorreram novas manifestações contra o governo de Michel Temer, foram 18.248 ocorrências e em 7/9 12.624, dia em que o presidente Michel Temer fez sua primeira aparição oficial no desfile militar.

A hashtag #foradilma teve um fluxo significativo no início do período analisado, mas em nenhum momento se equiparou aos outros termos monitorados. São os menores picos. Os picos identificados da hashtag são em 6/3, 13.795 ocorrências; em 8/3, dia da mulher, 10.603 ocorrências; no dia 9/3, 9.774; em 12/3, 12.513. Nesses últimos dias não houve nenhum fato concreto capaz de impulsionar o uso das hashtags. No dia 13/03, quando ocorreu a maior manifestação de rua em favor do impeachment de Dilma Rousseff, ocorreram 13.734 manifestações, nada além do que já havia ocorrido. No dia 26/03, quando ocorreram novas manifestações, foram 11.205 ocorrências. Não há uma relação causal entre as manifestações populares de rua e a movimentação de rede nesse período, contrariando a tese de que ocorreu um protagonismo das redes na organização das manifestações. O sucesso das manifestações, portanto, ocorreram a partir de outras estratégias e meios, que não necessariamente passaram pelo protagonismo das redes.

No período que vai do dia 27/03 ao dia 3/6, o uso da hashtag #foradilma ficou inexpressivo, com uma rápida elevação no dia 17/04, dia da votação no congresso, quando foram verificadas 2.945 ocorrências. No dia 4/6 teve um pico de 8.094 id e, em seguida, a hashtag praticamente não foi mais usada até o final do período monitorado. Após a votação do impeachment as manifestações no Twitter foram concentradas em Michel Temer, mas com outra ênfase. Gradativamente as manifestações contra Temer iriam se enfraquecer até coincidirem com a total inércia da população, que não apontou para nenhum exercício de pressão para sua saída. Nem mesmo o escândalo ocorrido em 2017 envolvendo o presidente foi suficiente para mobilizar a população em prol de seu impedimento.

O mapeamento de rede reflete o antipetismo e a rejeição ao governo de Dilma Rousseff, bem como um princípio de rejeição ao ex-presidente Lula, que irá adquirir outros contornos com o desenvolvimento da operação Lava Jato. Não foi possível verificar, no entanto, uma relação direta entre a organização das manifestações de rua, que ganharam protagonismo da agenda da mídia tradicional, e a movimentação de rede no Twitter. Há que se encontrar, portanto, outros protagonistas nas estratégias de organização políticas que culminaram no impedimento da presidenta da República.

Referências

BRUNS, Axel & BURGUESS, Jean. **(R)evolutionizing Political Communication through Social Media**. 2012

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidões: guerra e democracia na era do Império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David *et al.* **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo, Boi Tempo/Carta Maior, 2012

MCAULEY, J. e LESKOVEC J. **Learning to Discover Social Circles in Ego Networks**. Stanford, USA, 2013.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

POCHMANN, Marcio. **Para entender as crises do capitalismo**. In: Cidades Rebeldes. São Paulo: Boitempo, 2015.

POMAR, Marcelo, ORTELLADO, Pablo, JUDESNAIDER, Elena, LIMA, Luciana. **Vinte Centavos. A luta contra o aumento**. Ed. Veneta, 2013.

224

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Editora Sulina.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina.

ROGERS, E. M. **Diffusion of Innovations**. 5 ed. New York: Free Press, 2003.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Esfera Pública Interconectada, blogosfera e redes sociais**. In: Esfera Pública, Redes de Jornalismo. Rio de Janeiro: e-papers, 2009.

The Impeachment of Dilma Rousseff and the debate on Twitter

Rosemary Segurado¹

Luis Eduardo Tavares²

Rafael de Paula Aguiar Araújo³

Tathiana Senne Chicarino⁴

Pedro Malina⁵

Denis Carneiro Lobo⁶

Abstract: Empirically supported by Twitter activity, especially with regard to the profiles related to the city of São Paulo, this article presents an analysis of the main events in the year 2016 related to Dilma Rousseff's impeachment proceedings. Based on data collected between March 5 and October 16, we adopted the Issue Mapping methodology, which seeks to map everyday narratives, relevant facts or events in the networked public sphere. Two organically articulated axes composes the textual structure. In addition, we offer a detailed explanation of the current political scenario along with the analysis of the Twitter information flow based on street demonstrations (pro and against), impeachment trial, and the 2016 Summer Olympics.

Keywords: Rousseff's Impeachment; 2016 Summer Olympics; Street Manifestations; Twitter.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP

³ Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁴ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁵ Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP

⁶ Mestrando em Ciências Sociais pela PUC/SP

Introduction

Based on Issue Mapping methodology, which seeks to map everyday narratives, relevant facts or events in the networked public sphere, this article evaluates some of the main events in the year 2016 related to Dilma Rousseff's impeachment proceedings considering its chain reaction on Twitter, notably by profiles related to the city of São Paulo, one of the epicenters of the political crisis experienced. Before focusing on the methodology and data collected, we will review the chain of events related to the analyzed political stage.

A brief retrospective of the recent political scenario in Brazil

Explicit by Rousseff's controversial impeachment trial, the year 2016 deeply marked the Brazilian political history. Large social mobilizations and strong ideological polarization pronounced the context of substantial connections among country's political forces. These events were the result of the confluence of different internal factors related to the recent history of the country as well as to the Latin American and globalized context.

The clash of forces on social media platforms and large street demonstrations, figured as an unfolding of the legacy of the mass protests that emerged in Brazil in June 2013, which seems to mark the exhaustion of a greater historical cycle of the so-called New Republic⁷. In terms of institutional politics, the impeachment proceedings itself marks the triumph of the conservative forces in the midst of an economic crisis, corruption scandals and the Operation Car Wash⁸, which further corroded the legitimacy of the representatives, echoing a worldwide crisis of representativeness. The removal of a popularly elected president has a recent history in Latin America, as may be seen in the cases of Honduras in 2008 and Paraguay in 2012.

⁷ Brazilian political history period that last until the present day, beginning in 1985 with the indirect presidential election of the military regime opposition candidate Tancredo Neves characterizing the political transition to the democratic regime. This period "seems" to be exhausted since it is in an unprecedented conjunctural and structural crisis with significant attempts to deform the Federal Constitution (1988), which was consecrated in this historical cycle.

⁸ A Federal Police operation that was launched on March 17, 2014, which investigates corruption schemes in Petrobras and has already become the largest, not least controversial, anti-corruption operation in Brazil, condemning dozens of businessmen and politicians. Usually compared to Mani Pulite anti-corruption operation in Italy held in the 1990s.

The directions taken by the government of the Vice President Michel Temer (PMDB) reflects what has been called the “conservative restoration in Latin America”, experienced in several other countries, which translates into a deepening of neoliberal policies, strengthening the old and unequal social structures.

In addition, a major event that symbolized the economic achievements during President Lula’s second term (2007-2010) – the Rio de Janeiro Summer Olympics –, were also highly contested during its management as was the case with the 2014 FIFA World Cup. Both events inflated the criticism of Dilma Rousseff’s government for supposed incompetence in the general arrangement, and numerous evidences of institutional overbilling⁹. These events also provided social mobilization related to the right to the city as a result of low-income housing residents retaining and relocation.

To better understand the events that occurred in 2016, we will summarize some key moments of the recent political scenario, considering some facts and actors involved.

The reality of a country like Brazil, historically on the periphery of world capitalism, and retaining extreme social inequalities, is that of a permanent crisis (POCHMANN, 2015). However, we are currently experiencing a sharp disarray of the political order constituted after the military regime in which the Executive, Legislative, Judiciary and Federal Police come into real conflict. Plunged into this current troubled landscape, we see the contrast with the situation we were in until recently, particularly in late 2010, when the country projected itself internationally as a new global player.

Some social welfare programs such as *Bolsa Família*¹⁰, allied with the prosperity of the Brazilian economy, and the promising expectation about the

⁹ Although associated with a good political and economic moment experienced in 2009, it is worth mentioning that even Brazil’s choice as host country for the 2016 Summer Olympics was a result of electoral fraud by the International Olympic Committee (CIO) members in collusion with the Brazilian Olympic Committee (BOC) president, Carlos Arthur Nuzman, arrested in October 5, 2017, by the “Unfair Play” case, a ramification of Operation Car Wash.

¹⁰ The Bolsa Família Program (Family Allowance) is a Federal Government income transfer program established during the government of president Lula by Provisional Measure nº132, dated October 20, 2003, converted into a law on January 9, 2004, by Federal Law nº 10,836, which unified and expanded the following previous income transfer programs. It is a financial aid to poor families (defined as those who have a per capita income from R\$ 85 to R\$ 170 per month) that includes: pregnant women and children from 0 to 17 years old. In return, the families should keep children at school, pregnant women should follow up on their health, and the vaccination schedule of children should be up to date. See more in: REGO, Walquiria Leão; Pinzani, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família*. São Paulo: Unesp Publishing House, 2013.

discovery of oil production in the pre-salt layer, were responsible for the prestige with which President Lula ended his second term with 80% of popular approval, electing Dilma Rousseff as his successor. Brazil's positive image, as highlighted by international media coverage at that time, also stemmed from the country's leading role in international affairs as one of the main players for the BRICS¹¹, reaching great relevance in negotiations on international conflicts.

Between 2011 and 2014, Rousseff's government declined in popularity over previous years, favoring the rise of opposition forces. In addition to the decline in social policies, and the broadening of alliances with the conservative political forces, we can note the tensions around Brazil's state-run oil Petrobras regarding the exploration of the pre-salt layer, and Rousseff's statements on the intent to keep a great part of these resources to the education and health¹² - apart from the diplomatic issue with the USA after the accusation of espionage¹³, the street demonstrations of 2013, and the beginning of Operation Car Wash.

This was how in 2014 we had the fiercest presidential election of the New Republic with Rousseff's tight victory with 51.64% (54,501,118) of the votes against Aécio Neves (PSDB), who kept 48.36% (51,041,155). The contention has spilled over into an aggressive ideological antagonism, and has since spread to a pro-impeachment movement in civil society, whose first echoes came from 2013 June Journeys, inflated by opposition parties and political leaders until the completion of her deposition in 31 August 2016.

¹¹ BRICS is the acronym for Brazil, Russia, India, China and South Africa; it is an economic bloc formed by important and emerging world economies, facing the axis of the USA, Europe and Japan.

¹² The Chamber of Representatives approved on 26/06/2013 by a bill of law n° 5.500/13, which allocates 75% of royalties for education and 25% for health, sanctioned by Dilma Rousseff on 09/09/2013 as Act of Law n° 12.858/13. The law conflicts with the interests in the profits of the pre-salt layer by international conglomerates that maintains heavy lobbies in the National Congress. On 10/05/2016, the Chamber approved bill No. 4567/16, authored by Senator José Serra (PSDB), which withdraws the mandatory participation of Petrobras in the exploration of the pre-salt layers as determined by Law 12.351/10, jeopardizing the amount of royalties for education and health. On 13/12/2016 the Senate approved the constitutional amendment n°55 that freezes spending on education and health for 20 years.

¹³ Documents from the US National Security Agency (NSA), leaked in 2013 by former intelligence analyst of the entity, Edward Snowden, shows that the Brazilian government, especially the Ministry of Mines and Energy, was spied on by both the NSA and the Canadian Communication Security (CSEC) with the aim of obtaining competitive advantages in the auctions of pre-salt exploration fields. In response to this fact, Dilma Rousseff made a famous speech at the 68th UN Assembly on September 24, 2013 (<http://bit.ly/2pV770N>) in which she attacked US espionage. The Brazilian government also promoted the World Net Arena in São Paulo from April 22 to 24, 2014, an event to discuss the world's Internet governance, strengthening the Civil Internet Framework (Law No. 12.965 / 14).

Among the events mentioned above, it is worth remarking the 2013 mass demonstrations, when Brazil entered the scene of the multitudinarian events that since 2011 have erupted in different countries (HARDT; NEGRI, 2005). Despite the global consonance with movements such as Arab Spring, 15M (Spain), Occupy (USA), and Taksin (Turkey), the 2013 June Journeys in Brazil¹⁴ can be considered one of the largest street demonstrations since the “March of the One Hundred Thousand” against the military regime held in Rio de Janeiro on June 26, 1968, and the Campaign for Direct Election for President in 1984.

The 2013 June Journeys in Brazil were triggered against the increase of public transport fares in several cities (POMAR, 2013). The demonstrations began in May, called by the Free Fare Movement (*Movimento Passe Livre - MPL*)¹⁵ in the city of São Paulo and had the consent of some unions, student organizations, and leftist parties with guidelines related to the right to the city platform. However, the outbreak of these demonstrations provoked different types of displeasure in various social groups, transforming the protests into a diverse proliferation of movements and causes – in some cases, completely opposite to each other –, leading to diversified developments. In addition to students and workers aligned with the *MPL* strategy, some organizations and right-wing parties started to gain ground on the streets, and the presence of the Black Blocs¹⁶ made its focus even more vague and diffuse.

The hashtag #vemprarua (come to the street), met all sorts of indignation and aspiration as well as some displaced and estranged people going with the flow. Translated into aversion to the political class as a whole, the crisis of political representation brought together a large part of the protesters around the vague and simplistic “against corruption” topic. The anti-corruption theme can be considered a negotiable and disputable signifier (LACLAU, 2013), which could

¹⁴ The name alludes to the revolts of the French workers between the days 24 and 26 of June of 1848, known like June Days.

¹⁵ Free Fare Movement (*Movimento Passe Livre - MPL*), is a Brazilian social movement created in 2005 at the World Social Forum, and has as main flag the adoption of zero fare in collective transportation.

¹⁶ The Black Clocks do not define themselves as a movement, but as a tactic of direct action of anarchist character. They meet masked and dressed in black to protest in street demonstrations. They have an ephemeral, non-hierarchical and decentralized leadership. In the 2013 June Journeys they usually trashed banks and imported products store windows as a way of confronting the capitalist system.

be used opportunistically by anti-government groups, including opposition parties and the mainstream media.

Therefore, those demonstrations turned into a cauldron of differences. There are many June Journeys legacies and it is still possible to speculate about its meanings. The movements and collectives for the right to the city that directed their efforts to democratic representation – proposing new forms of political action and citizen participation –, remained active against citizens' rights violations arising from the 2014 World Cup and the 2016 Summer Olympics as well as several experiences of public space occupations as an affirmation of alternative city projects.

The Black Blocs activity has been extended almost uninterruptedly until the 2014 FIFA World Cup, cooling down soon afterwards. The prominence of the Black Blocs and their interventions drew the attention of media coverage interested in criminalizing the protests. Since their insurgency it has not been long before the proposed antiterrorism bill has come to Congress¹⁷.

In this sense, building connections with the streets, a new right-wing movement was seen in Brazil, having a large development in social networks, especially Facebook and Twitter. This right-wing movement was formed during the June Journeys by middle-class and upper-middle-class urban groups, business groups, evangelical churches, and opposition parties, initially around the hashtag #ogiganteacordou (the giant awoke). They called themselves totally disgusted with corruption, but directed their discontent almost exclusively to the government of Dilma Rousseff and the Workers' Party (PT), ignoring the historical and systemic corruption issues in Brazil, very much alive in its political culture before the creation of the Workers' Party (PT).

During the FIFA World Cup, they were against Brazil's success in hosting the event, accusing the government of corruption and incompetence, but its consolidation occurred a few months later, during the 2014 election, when different organized groups gained influence, such as *Movimento Brasil Livre* (MBL), *Movimento Vem Pra Rua*, and *Revoltados Online*. In general, they appeared as

¹⁷ The Bill n° 2016/2015, authored by the government was voted on urgently in the Chamber of Representatives on 18/06/2015 and sanctioned by President Dilma Rousseff on 16/03/2016 as Law n° 13.260/16. The Bill served as a base for several prisons during the Olympic Games and on 20/04/2017 for the 11-year prison sentence of Rafael Braga, imprisoned since the protests of 2013.

a conservative and ultraliberal movement contrary to the social welfare programs, defending privatization and relaxation of labor laws. Unlike the movements for the right to the city and the Black Blocs, their actions had support of the mainstream media and the Military Police, reason why they were nicknamed “*coxinbas*”¹⁸.

Rousseff’s opponents then indicated that they would not be satisfied with her eventual victory and that was what actually happened. Soon after the end of the election, on November 15, the first pro-impeachment demonstration was convened and brought together 10.000 people on Paulista Avenue, central region of São Paulo City.

These demonstrations grew organized mainly by *Movimento Brasil Livre* (MBL), *Movimento Vem Pra Rua*, and *Revoltados Online*, supported by right-wing parties such as Brazilian Social Democracy Party (PSDB) and Democrats (DEM). Other national demonstrations were held on March 15, April 12, and August 16, 2015. During this time the Operation Car Wash arrested important Workers’ Party (PT) members¹⁹. Rousseff’s government weakened with low popularity as the economic crisis deepened, and operated unsuccessfully in political linkages to secure a support base capable of enabling an effective government. In the Chamber of Representatives, several requests for impeachment arrived until December 2. The speaker Eduardo Cunha (PMDB) sanctioned the opening of the impeachment proceedings from a complaint wrote by the lawyers Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior, and Janaina Paschoal, denouncing Dilma Rousseff for “fiscal pedaling”²⁰, and it is with this political scenario that the year 2016 began.

231

Methodology

Following the Issue Mapping methodology, we defined some key categories contained in the impeachment debate on Twitter. We also selected some

¹⁸ The nickname “coxinha” (little [chicken] thigh) was originally attributed to the policemen by eating coxinhas in bars and bakeries; then it was used to refer to people who defend the order and status quo, the so-called “the good citizens”, and is therefore applied to the right-wing protesters.

¹⁹ Former Secretary of Finance and Planning of the Workers Party (PT) João Vaccari Neto was arrested on 04/15/15 and the former Chief of Staff of the Presidency (2003-2005) José Dirceu on 03/08/15.

²⁰ Term used to define the budget operations carried out by the National Treasury without legal provision. The operation consists of delaying the funds transfer public and private banks with the intention of reducing the impact on the fiscal situation of the government in a given month or year.

prominent and quite active profiles, whether they were pro or against the impeachment process (all arranged in table 1). The monitoring data includes the period between March 5 and October 16, 2016²¹.

Table 1 - Key Categories and Related Profiles

Categories	Profiles
Media	Revista Veja, Folha de S.Paulo, Estadão
Social Movements	MST Oficial, MTST, CUT Nacional, MPL - São Paulo, Anonymous Brasil, Partido Pirata, Occupy Brazil, Gay Brasil (LGBT), MBL – São Paulo, Marcha da Maconha, Marcha das Mulheres, UNE, AfroReggae
Parties and Politicians	José Serra, Geraldo Alckmin, Michel Temer, Gilberto Kassab, Fernando Haddad, Eduardo Suplicy, Cristovam Buarque, Marta Suplicy, Rede Sustentabilidade, PT, PSDB, Marcos Feliciano, Romário, Celso Russomano, Gabriel Chalita.
Journalists	Reinaldo Azevedo, Rachel Sheherazade, Renata Loprete, Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Monica Bergamo, José Luiz Datena, Josias de Souza, Renato Rovai, Rodrigo Constantino, Rodrigo Vianna.
Celebrities	Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Laerte
Humor/Parody	Sensacionalista, José Simão

Due to data collection over 224 days, we proceeded with some criteria for the removal of irrelevant or misleading information in order to bring new knowledge about this period. Therefore, the first step was to construct a chronology of events related to Rousseff's impeachment – incorporating the agendas of popular demonstrations for and against such process –, as well as the agenda of the Executive, Legislative and Judicial branches, the Operation Car Wash (Lava Jato) and the 2016 Summer Olympics.

Based on this chronology, we identified the matches in the total plot from the collected data, selecting only the events that represented the most significant peaks. Consequently, we got eleven events that had a more relevant activity on

²¹ The data were applied in Tableau software for data visualization and cross-referencing. Gephi is an open-source network analysis software, making it possible to observe the candidate accounts' behaviors..

Twitter, grouping them into three blocks: 1) Street Protests (pro and against Rousseff's impeachment), with five graphs; 2) The impeachment proceeding in Congress, formed by the most significant events in the lower and upper houses of the National Congress in Brazil, presenting five more graphs; 3) 2016 Summer Olympics, from the intersection between hashtags about the Olympics and the impeachment trial, resulting in a single chart referring to the opening ceremony and the first week of the games.

From the general graph performed with the most relevant events selected we were able to debug the hashtags to be used. We captured the twenty-five hashtags with the highest frequency, the largest of which is #impeachmentday, which appears 58,172 times, and the lowest is #Dilma, appearing 6,203 times. We grouped the hashtags in three trends: 1) Pro-impeachment; 2) Against impeachment; and 3) Generalists, which are the hashtags used by everyone, regardless of their behavior in relation to the impeachment. The hashtags can be checked in Table 2²²:

Table 2 - Hashtags selected by categories

PRO IMPEACHMENT	Nº
#brazilnocorrupt	26520
#quedadoplanalto	23414
#tchauqueridaday	18382
#foradilma	13208
#tchauquerida	11498
#forapt	9886
#vempraru (& #vempraruâ)	9428
#lulanacadeia	7943
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	7490
#mortadeladay	7279
#vempraruabrazil	6504
TOTAL	141552

²² Here is an explanatory note about the hashtags presented in Table 2: we try to merge very similar hashtags since the slight difference between them is often due to typing errors or even the user's distraction in not using the pattern correctly. Examples: #pempraru, #impeachmentja, #principademocracy, #golpeaquinao and #diretasja.

AGAINST IMPEACHMENT	Nº
#foratemer	51557
#vemprademocracia (& #vemparedemocracia)	25664
#dilmanovamente	14515
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	12487
#respeiteasurnas	8753
#pelademocracia	8238
#golpistasday	8071
#lutopelademocracia	6963
#naovaitergolpe	6460
TOTAL	142708

GENERALISTS	Nº
#impeachmentday	58172
#impeachment	26595
#micheltemer	6648
#dilma	6203
TOTAL	97618

Twitter information flow analysis

234

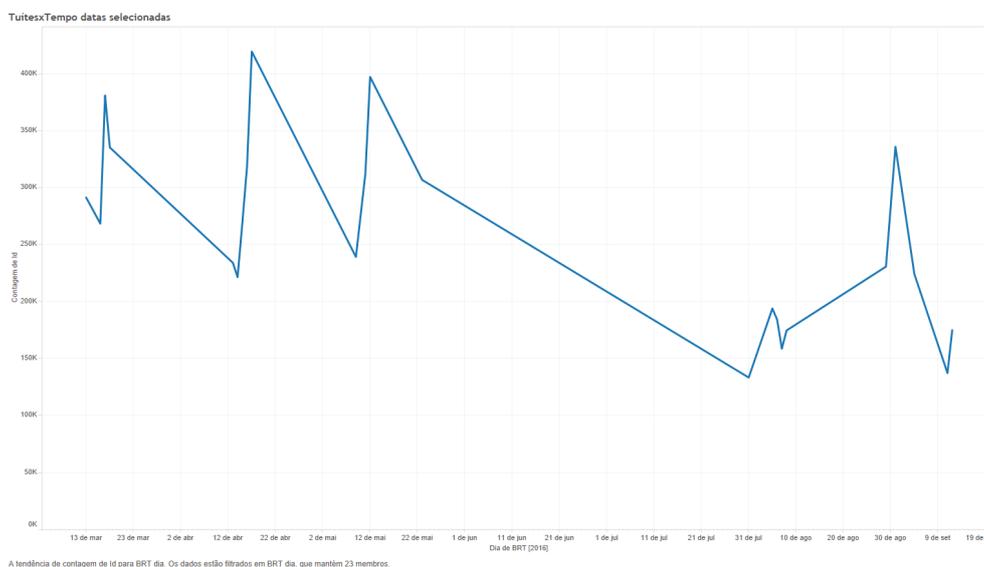
After mapping the main events during the impeachment proceedings, we monitored the selected profiles and hashtags in order to identify and analyze such activity on Twitter.

In the general information flow accounting on Twitter it is possible to identify four great peaks. The first one, occurred on March 18, and corresponds to the great street demonstrations in defense of Dilma Rousseff. On the other hand, the great street demonstration that took place on March 13 – this time pro-impeachment – did not have a great prominence on Twitter. The second peak, was on April 17, when the voting section in the lower house took place²³.

²³ The impeachment proceedings is defined as follows: according to Law 1079/50, in the lower house, any citizen can accuse the president of committing political-administrative infractions. The current House Speaker, Eduardo Cunha, accepted the request and then a committee of representatives was created with the attendance of 66 representatives from all parties to give an opinion on the opening of the impeachment proceedings. After that, the period of 10 sessions for the defense began, before voting. In order to accept the accusing request, 342 votes were required and 367 votes were obtained in favor of the impeachment and the withdrawal of the presidency took place for 180 days. After this period, in a Senate voting section with 61 senators Dilma Rousseff was dismissed.

The third peak was on May 12, the day the president was provisionally removed for a 180 day period; thus, also the Vice President Michel Temer's provisionally inauguration. Finally, on August 31, the definitive departure of Dilma Rousseff takes place. In Graph 1, it is possible to verify this activity.

Graph 1 - General flow on Twitter



First grouping - street demonstrations

March 2016 was a politically hectic month. On the fourth day, former President Lula's bench warrant to testify in Operation Aletheia²⁴ prevailed in the news and echoed the moods of both the supporters and the opposing groups. On the thirteenth day, the first major pro-impeachment demonstrations of the year were held, underlining the one that happened on Paulista Avenue as one of the largest street demonstrations ever held in Brazil. However, the numbers are divergent; 3.6 million people, according to police data, 6.9 million, according to the organizers; and 500 thousand, according to Datafolha (Grupo Folha's polling institute), overcoming demonstrations for direct election in 1984 (*Diretas Já*).

On the sixteenth day, the most intense day of the month, several events were highlighted. The Supreme Federal Court (STF) defined the rules for the establishment of the House of Representatives Special Commission to follow up

²⁴ The Federal Police's investigative operations are usually named by the responsible commissioners. Aletheia, word of Greek origin, means unveiling and was the name given to an operation launched on March 4, 2016, representing the 24th phase of Operation Car Wash (Lava Jato), to maintain investigations on crimes of corruption and money laundering in the criminal scheme related to Petrobras.

on the impeachment trial, and Dilma Rousseff appointed Lula as Chief of Staff. That appointment led to an immediate reaction by the opponents, who accused him of seeking legal immunity. On the same day, Judge Sérgio Moro released telephone conversations between Lula and Dilma Rousseff; and in the following days, several other audios involving members of the government and the Workers' Party (PT) were disclosed. Judge Sérgio Moro was accused of biased behavior, reinforcing his image as a one-sided judge²⁵. On the eighteenth day, amid fierce political polarization, groups opposed to impeachment held demonstrations in 55 cities plus the Federal District (Brasília), which brought together 1.3 million people, according to organizers; 275.000 according to police. Lula attended Paulista Avenue and gave a thirty-minute speech, at which time Gilmar Mendes, Chief Justice of the Supreme Federal Court, suspended Lula's appointment as Chief of Staff. On the thirty-first day, in memory of the 1964 Brazilian coup d'état²⁶, new demonstrations against impeachment – understood at this time also as a coup against democracy –, were organized by the activist movements *Frente Brasil Popular* and *Frente Povo Sem Medo* (both organized by left-wing politicians and activists) in 33 Brazilian cities, bringing together 159.000 people, according to police, 824.000 according to organizers.

Table 3 – Pro-Impeachment Activity (13/03/16)

Hashtag	Frequency
#vemprarua (& #vempraruaâ)	7330
#vempraruabrazil	6299
#foradilma	4031
#forapt	3752
#lulanacadeia	2176
#brazilnocorrupt	1925
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	319
#impeachment	254
#naovaitergolpe	167
#micheltemer	19
#foratemer	1

²⁵ Sergio Moro, judge of the 13th Federal Criminal Court of Curitiba- PR, gained national and international notoriety by commanding the Operation Car Wash (Lava Jato). He is one of the judiciary member who appear most in the media since the beginning of the investigations in 2014.

²⁶ In 1964, the armed forces overthrew President João Goulart on the grounds of the fight against corruption, and the elimination of the communist threat, which were widely supported by the urban middle classes, the industrial sectors and the national press.

The first major street demonstration in 2016 organized by activist movements such as *Movimento Brasil Livre*, *Vem Pra Rua* and *Revoltados Online* – widely reported as the largest one in Brazilian history by the media – which also affirmed its support for the pro-impeachment trend²⁷, did not presented the same performance on Twitter. The Graph 1, covers the entire data collection period between March 5 and October 6; this specific event is not among the highest peaks. However, if this fact does not represent a lesser use capacity of social media platforms by pro-impeachment groups, it may denote a greater option for public actions.

What called the attention was a tendency to a general rejection of the political class, perceptible in booing and cursing of politicians opposed to Dilma Rousseff, and who encouraged street demonstrations like Aécio Neves (PSDB) and Geraldo Alckmin (PSDB) on Paulista avenue, also with their names involved in corruption cases²⁸. Among the dominant pro-impeachment hashtags, we see that #vemprarua, #vempraruabrasil, and #brazilnocorrupt, reveals this issue by expressing primarily an outrage against corruption, although favorable to Rousseff's impeachment. Besides the call for street demonstrations, the main hashtags of that day pointed to a general bias against the Workers' Party (PT), usually called "*antipetismo*"²⁹. Remarkably, with significant prominence on Twitter's activity, also emerged the request for provisional arrest of former President Lula.

The hashtag #foratemer, that eventually became the largest of all in the period, appeared at this time only once.

²⁷ See "Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma", O Globo, Política, 13/03/2016 (<https://goo.gl/OR6FoS>); "Protesto na av. Paulista é o maior ato político já registrado em São Paulo", Folha de São Paulo, Poder, 13/03/2016 (<https://goo.gl/VbtJrq>); "Maior manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma", Estadão, Política, 13/03/2016 (<https://goo.gl/jTEp5N>). And in contrast: "O papel da mídia nas manifestações do 13 de março", Carta Capital, Interzozes, 14/03/2016 (<https://goo.gl/RsZ1Yi>).

²⁸ The graph of Fabio Malini on Twitter supports this question: "QUE SE VAYAN TODOS ?????", Fábio Malini's blog, 03/13/2016 (<http://bit.ly/2uneePJ>).

²⁹ People, parties or movements contrary to the ideas and political practices of the Workers' Party (PT).

Table 4: Activity Against Impeachment (18/03/16)

Hashtag	Frequency
#vemprademocracia (& #vemparademocracia)	23167
#mortadeladay	6933
#foradilma	2038
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	1868
#forapt	703
#lulanacadeia	641
#naovaitergolpe	404
#vempraruua (& #vempraruuaâ)	369
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	319
#impeachment	138
#tchauquerida	14
#foratemer	13
#vempraruabrasil	12
#micheltemer	1

Demonstrations against impeachment, in response to those that occurred on the thirteenth day, were inflamed by previous events; from Lula's bench warrant through his appointment as Chief of Staff to the unfavorable judicial decision. Such protests represented a much larger peak than the one that happened on the thirteenth day (in graph 1); but with less attendance on the streets. Observing the hashtags of higher incidence above we found a majority of pro-impeachment (9 out of 14). This day also registered pro-impeachment demonstrations on a smaller scale in 11 states, plus the Federal District (Brasília)³⁰. In this manner, although it is possible to identify the rise of the hashtag #vemprademocracia (come to democracy) with an incidence of 23.167, the big move on Twitter that day occurred due to the presence of groups against and pro-impeachment.

Regarding the rivalries between street organizers and the mainstream media, the former were mainly defenders of democracy and voting sovereignty, while the latter usually portrayed them as partisan supporters of President Dilma Rousseff, or former President Lula. On this subject, it is appropriate to assume that the conventional media performance intensified the polarization between the protesters pro and against³¹.

³⁰ See: "Manifestantes fazem protestos contra o governo Dilma pelo país", O Globo, Política, 18/03 (<https://glo.bo/2tOaJ86>).

³¹ See: "Os atos pró-democracia e a narrativa do golpe na grande mídia", Carta Capital, Blog Entrevistas, 21/03/2016 (<http://bit.ly/2tGBHOD>), and "COM QUE ROUPA EU VOU? O #VEM-

Accordingly, we can see that the hashtags against the impeachment that had higher frequency (#vemprademocracia e #naovaitergolpe) reflects this nonpartisan trend, and those who make direct mention of Dilma Rousseff or Lula are therefore pro-impeachment.

Table 5: Pro-Impeachment activity and “Temer Out” (31/07/16)

Hashtags	Frequency
#foratemer	6544
#vempraru (& #vempraruâ)	468
#foradilma	185
#forapt	70
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	53
#lulanacadeia	50
#micheltemer	33
#impeachment	27
#brazilnocorrupt	16
#tchauquerida	12
#vempraruabrazil	8
#impeachmentday (& #impeachmentday)	7
#vemprademocracia (& #vemparademocracia)	3

Since the impeachment proceedings had already been approved in the lower house on April 17, and in the Senate on May 23 – although it was not entirely consummated, and that the current president was actually Michel Temer –, some terms of the protests changed. The hashtags that had previously emerged in greater numbers such as #vemprademocracia and #naovaitergolpe (there will be no coup), decreased in frequency, being supplanted by #foratemer, which unifies several categories of outraged people, but mainly those who have always been against him.

On July 31, supporters and adversaries took the streets to protest against the government of Vice President Michel Temer. Pro-impeachment events took place on the streets in 20 states, plus the Federal District (Brasília), bringing together 44,000 people according to police, and 151,000 according to organizers³². The demonstrations against Michel Temer took place in 15 states,

PRADEMOCRACIA NO TWITTER”, Blog do Fábio Malini, 19/03/2016 (<http://bit.ly/2tOu-QmH>).

³² See Map of the street demonstrations, O Globo, Política, 31/07/2016 (<http://bit.ly/2aTWceD>).

plus the Federal District, bringing together 3,000 people according to police, and 85,000 according to organizers. But on social media platforms, specifically on Twitter, the hashtag #foratemer was the most propagated; seven and a half times more than the sum of all hashtags against and pro-impeachment as shown in table 6.

Table 6: Activity Against Michel Temer (04/09/16)

Hashtags	Frequency
#foratemer	12355
#micheltemer	147
#impeachment	100
#forapt	83
#foradilma	50
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	50
#pelademocracia	45
#lulanacadeia	42
#tchauquerida	7
#dilmanovamente	6
#vemprarua (& #vempraruaâ)	5
#mortadeladay	2

Rousseff's impeachment ended on August 31, and the first multitudinous demonstration against Michel Temer was held on September 4 on Paulista Avenue. The Police did not reveal any data, but organizers said they had at least 100.000 protesters, including families with children, young people and those linked to social movements that marched from Paulista Avenue to *Largo da Batata*³³. There was police violence at the end of the act.

This great street protest was also a reply to Michel Temer's statement days earlier, which classified the protesters as a group of 40 people. This demonstration also marked the emergence of a demand for direct election³⁴.

On Twitter, the hashtag #foratemer was the most used, followed by generalists #micheltemer and #impeachment. Important to notice that of the 12

³³ Largo da Batata is a public place located in the district of Pinheiros, in the city of São Paulo. The route from Avenida Paulista to Largo da Batata has 4 kilometers.

³⁴ See "Milhares vão às ruas contra Temer em SP e PM reprime ato com justificativa controversa", *El País*, Brasil, 05/04/2016 (<http://bit.ly/2snH9BY>); and "Domingo é marcado por protestos contra Temer e por diretas já", *UOL Notícias*, Política, 04/09/2016 (<http://bit.ly/2tK4eCf>).

hashtags with the most frequency, 7 were pro-impeachment, a majority not seen on the streets.

Second grouping – impeachment proceedings at the congress

Table 7: Impeachment Vote in the House of Representatives (17/04/16)

Hashtags	Frequency
#impeachmentday (&#iimpeachmentday)	58183
#foratemer	51557
#impeachment	26520
#brazilnocorrupt	25664
#vemprademocracia (& #vempardemocracia)	23414
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	18384
#tchauqueridaday	14515
#dilmanovamente	13208
#foradilma	12487
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	11498
#tchauquerida	9886
#forapt	9428
#vempraruã & #vempraruã	8753
#respeiteasurnas	8238
#pelademocracia	8071
#golpistasday	7943
#lulanacadeia	7490
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	7279
#mortadeladay	6963
#lutopelademocracia	6648
#micheltemer	6579
#vempraruabrasil	6460
#naovaitergolpe	6203

On April 17, there was an intense activity on Twitter, when the impeachment voting section in the lower house took place after being accepted by the speaker Eduardo Cunha. The voting section was marked by the spectacle and opportunism of the representatives, who took their time in the microphone to express their votes. The voting section was vexatious and full of utterly inadequate speeches, such as that of Deputy Jair Bolsonaro, who dedicated his vote

to Colonel Ustra³⁵, Rousseff's torturer during the military dictatorship regime. The hashtags that stood out that day were #impeachmentday and #foratemer.

Although pro-Rousseff's impeachment, the hashtag #foratemer announced that protestors were not enthusiastic about Michel Temer's term of office, indicating that he would be the next one to suffer an impeachment. The other hashtags implies support for the impeachment proceedings, and associates it with the fight against corruption and the clash of the government of the Workers' Party. However, it is possible to identify some reaction of those favoring the maintenance of Dilma Rousseff's government, expressed in hashtags as #dilmanovamente, #respeiteasurnas, #pelademocracia and #golpistasday.

Table 8: Senate Impeachment Voting Section (23/05/16)

Hashtags	Frequency
#foratemer	3511
#micheltemer	635
#lulanacadeia	246
#vempraru (& #vempraruâ)	124
#tchauquerida	79
#foradilma	73
#impeachment	67
#forapt	54
#naovaitergolpe	22
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	5
#lutopelademocracia	5
#golpeaquinao (& #golpeaquinã)	4
#golpistasday	4
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	4
#dilmanovamente	2
#pelademocracia	1
#respeiteasurnas	1
#tchauqueridaday	1

The Senate impeachment voting section did not represent a posting peak on Twitter. The previous counts implied the acceptance of the process, and there was no significant movement to impact the senators' decision on social media

³⁵ Colonel Carlos Alberto Brillhante Ustra was head of the Department of Information Operations - Center for Internal Defense Operations, known as DOI-CODI, between 1970 and 1974. He was responsible for 502 cases of torture and more than 2,000 political prisons.

platforms. The highlight was the focus given to the new president Michel Temer, who took office with significant rejection. This is expressed by the presence of hashtags #foratemer and #micheltemer, which are pointed out in Table 8. It is worth noting the presence of the mention of former President Lula with the hashtag #lulanacadeia, pointing out that the focus of many pro-impeachment protesters was the annulment³⁶ of the Workers' Party, and disapproval of its main leadership.

Table 9: Rousseff's defense in the Senate (29/08/16)

Hashtags	Frequency
#pelademocracia	7190
#foratemer	1880
#tchauquerida	904
#impeachment	881
#dilmanovamente	854
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	449
#foradilma	358
#forapt	184
#naovaitergolpe	80
#micheltemer	71
#lulanacadeia	32
#tchauqueridaday	10
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	7
#vemprarua (& #vempraruaâ)	1

On August 29, when Dilma Rousseff went to the Senate to defend herself, there was a small rise on Twitter information flow, prevailing hashtags in her favor. The emphasis was on the hashtags #pelademocracia; followed by #foratemer and #dilmanovamente; making mention for defense and preservation of the electoral result, and associating it with the maintenance of democracy. However, it is worth noting the presence of hashtags such as #tchauquerida (bye bye darling), #foradilma (Dilma out) and #forapt (PT out), which reveals also the attitude of those favorable to impeachment.

³⁶ The annulment is a request for cancellation of political party registration.

Table 10: Rousseff's definitive removal (31/08/16)

Hashtags	Frequency
#foratemer	8560
#impeachmentday (&#iimpeachmentday)	6428
#impeachment	1905
#micheltemer	1080
#dilmanovamente	864
#pelademocracia	691
#tchauquerida	624
#forapt	231
#foradilma	147
#lulanacadeia	67
#lutopelademocracia	42
#tchauqueridaday	40
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	23
#vemprarua (& #vempraruaâ)	4
#naovaitergolpe	3
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	2
#golpistasday	2

The last peak activity on Twitter occurred on August 31, the day of Rousseff's definitive departure. The main hashtag was #foratemer, representing the people's resistance to the new government. The hashtags #impeachmentday, #impeachment, #tchauquerida, #forapt, and #foradilma, settle support for impeachment and rejection of the Workers' Party, which is also confirmed by the hashtag #lulanacadeia (Lula in jail). Despite the result, there were some expressions contrary to the process emphasized by the hashtags #dilmanovamente and #pelademocracia.

Third grouping - the 2016 summer olympics

Table 11: Olympics (05; 06; 07; 08/08/16)

Hashtags	Frequency
#foratemer	13375
#micheltemer	534
#forapt	323
#foradilma	268
#lulanacadeia	256
#tchauquerida	81
#dilmanovamente	78
#impeachmentja (& #impeachmentjã)	61
#impeachment	58
#lutopelademocracia	27
#naovaitergolpe	18
#vempraru (& #vempraruâ)	7
#quedadoplanalto (& #aquedadoplanalto)	6
#impeachmentday (& #iimpeachmentday)	4
#golpistasday	1

245

Michel Temer was booed during the traditional Summer Olympics opening ceremony, held at the Maracanã stadium on August 5³⁷. From August 6, the expression “*Fora Temer*” (Temer Out!) was censored and people with posters or wearing T-shirts with this message were forcibly taken from the stadiums³⁸. On August 7, a volunteer decided to leave the Olympics in protest against the ban on political demonstrations in sports arenas³⁹. On August 8, amidst the negative effects of the internationally exposed veto, the “*Fora Temer*” chant was authorized, being seen in different competitions by the television broadcast⁴⁰.

We found that the Olympics were not widely discussed on social networks. In fact, the information flow around the hashtags surveyed was irrelevant, and

³⁷ See: “Temer é vaiado durante abertura da Olimpíada no Rio” (<https://glo.bo/2apkJv3>).

³⁸ See: “Censura na Olimpíada: Torcedores gritam ‘Fora, Temer’ e são expulsos no Rio e em BH”: (<http://huff.to/2r0bWHG>), and “Organização da Olimpíada censura o ‘Fora Temer’ durante as competições”: (<http://bit.ly/2r83WBs>).

³⁹ See: “Voluntário abandona Olimpíada em protesto por veto a ‘fora, Temer’”: (<http://bit.ly/2r6elNq>).

⁴⁰ See: “Liminar veta repressão a protestos e expulsão de manifestante na Rio 2016”: (<https://glo.bo/2aHXvyV>).

the government started to disclose general information about the event, such as timetables and competition venues, restricting its communication procedures on the subject. The crossing of the two hashtags (#ForaTemer and #Rio2016) generated 4,948 tweets, which is negligible considering our total sample. The tweets content also did not altered much, possibly because they were disseminated by specific actions of “social media”; that is, when the campaigns communication teams use profiles in social networks for engaging actions to reach users making use of tools (software and web applications) for mass publication. In this sense, considering a different count; not the total sum, but each text being counted only once; totaled 600 original tweets.

We identified six main nodes: Temer; Dilma; PT Brazil; Dilma Bolada; Rafaela Silva and Rodrigo Pilha. Temer and Rousseff presence among the main nodes is significant, explained by the fact that the impeachment proceedings was taking place during the Olympics. In this regard, although to a small extent, both still driven apart on social networks in the course of the event.

“Dilma Bolada”, is a fictional character created by a comedian in December 2014 to playfully entertain the supporters of the former president and, therefore, having no direct relationship to her.

The Olympic and world champion Rafaela Silva, a Brazilian judo practitioner, was very much in the spotlight for winning the first Olympic gold, and also for representing and being reported as an “example of perseverance”, both by left and right-wing users. The athlete – a black woman of humble origins –, suffered and won the battle against racism. A former social welfare security dependent, Rafaela is the real evidence of social welfare programs’ effectiveness. She recorded a video explaining why she voted for Dilma Rousseff recognizing the immense support of the Worker’s Party government for the development of the sport in the country, accompanying policies such as “Bolsa Atleta” (athlete allowance), and building structures for sport and leisure spaces.

Rodrigo Pilha is a blogger, left-wing activist and militant of the Workers’ Party with great presence in social networks, but with no institutional relation with the party. Notorious for his combative posts, he is critical of the political coverage carried out by mainstream media.

The main flow of interaction between the profiles from the hashtags #ForaTemer and #Rio2016 is from PTBrasil to Temer, showing an intense

relational appropriation of the hashtags in the period. Michel Temer is only quoted from the relational crossing of hashtags, from mentions or retweets, making no use of the hashtag #ForaTemer.

Conclusions

The monitoring carried out revealed a reaction from social networks users corresponding to the events that took place during Rousseff's impeachment proceedings, both in legislature and on the streets. The reactions coincided with growing popular support for impeachment, already anticipated by the tight election result in 2014, and by the pre-election enterprise that began in 2013. Support for impeachment could be verified on Twitter, but it was not possible to conclude that the network activity was directly linked to the success of street demonstrations. Nonetheless, it is possible to affirm that the social networks mood is a sign of the antagonism that became increasingly clear between Dilma Rousseff supporters and those opposed to her.

However, support for impeachment did not mean support for Michel Temer's new cabinet. The hashtag #foratemer was one of the main highlights of the graphics produced during network monitoring. The hashtag was hardly used until May 11. Considering the profiles monitored, the first time it was mentioned on Twitter was on March 12. From May 11 to May 23, there was an increase in the use of the hashtag, coinciding with a rapid growth in the use of the word "*golpe*" (coup); its use remained practically unexpressive until July 31, when the hashtag #foratemer had a peak of 7,439 occurrences, and on August 5, when it reached a total of 11,610 occurrences. On August 31, the day of Dilma Rousseff's definitive removal, the hashtag had a peak of 12,037 occurrences, and on September 1, it reached a total of 13,530. On September 4, when there were new demonstrations against Michel Temer's term of office, there were 18,248 occurrences, and on September 7, day that Michel Temer made his first official appearance in the military parade (independence day), a total of 12,624 occurrences.

The hashtag #foradilma had a significant flow at the beginning, but at no point did it match the other terms monitored. The identified hashtag peaks are on March 6, with 13,795 occurrences; on March 8 – the international woman's day – with 10,603 occurrences; on March 9, with 9,774; and on March 12,

with 12,513 occurrences. On these last days, there has been no concrete fact capable of boosting the use of those hashtags. On March 13, when the largest street demonstration took place in favor of Rousseff's impeachment, there were 13,734 posts, nothing more than what had already occurred. On March 26, when new demonstrations befallen, there were 11,205 occurrences. There is no causal relation between the street demonstrations and the social network activity during this period of time, contrary to the thesis that a social network active support took place in the demonstrations' management. Therefore, its triumph occurred from other strategies and means, not necessarily connected to social network active support.

From March 27 to June 3, the use of the hashtag #foradilma was inexpressive, with a quick rise on April 17 – the voting day in Congress –, when 2,945 occurrences were verified. On June 4, it had a peak of 8,094 occurrences, and then the hashtag was practically no longer used until the end of the monitored period of time. Following the voting section, the activity on Twitter were concentrated on Michel Temer, but with another emphasis. Gradually, the activities against Temer weakened, coinciding with a total social inertia. Not even the secretly recording tape scandal in 2017 was enough to mobilize the people against his government⁴¹.

The mapping reflects the widespread state of mind against the Workers' Party (*antipetismo*), and the denial of Rousseff's government as well as a refusal of former President Lula. This discontented behavior grows as the Operation Car Wash develops. However, it was not possible to verify a close relation between the street demonstrations arrangement, which gained prominence on mainstream media agenda, and the network activity on Twitter. Undoubtedly, it is necessary to ascertain the presence of other protagonists and other organizational strategies that led to Rousseff's impeachment.

⁴¹ See <https://www.theguardian.com/world/2017/may/18/brazil-explosive-recordings-implicate-president-michel-temer-in-bribery>

References

BRUNS, Axel & BURGUESS, Jean. **(R)evolutionizing Political Communication through Social Media**. 2012

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidões: guerra e democracia na era do Império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David *et al.* **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo, Boi Tempo/Carta Maior, 2012

MCAULEY, J. e LESKOVEC J. **Learning to Discover Social Circles in Ego Networks**. Stanford, USA, 2013.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

POCHMANN, Marcio. **Para entender as crises do capitalismo**. In: Cidades Rebeldes. São Paulo: Boitempo, 2015.

POMAR, Marcelo, ORTELLADO, Pablo, JUDESNAIDER, Elena, LIMA, Luciana. **Vinte Centavos. A luta contra o aumento**. Ed. Veneta, 2013.

249

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Editora Sulina.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina.

ROGERS, E. M. **Diffusion of Innovations**. 5 ed. New York: Free Press, 2003.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Esfera Pública Interconectada, blogosfera e redes sociais**. In: Esfera Pública, Redes de Jornalismo. Rio de Janeiro: e-papers, 2009.

**SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. Trad. Pedro Sússekind
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.**SILVEIRA, José Renato Ferraz¹

A inovadora e pioneira obra *Ensaio sobre o trágico*, do húngaro Peter Szondi (1929-1971), é um marco teórico essencial para a compreensão da filosofia, teatro e literatura de modo geral. O autor traça a distinção entre a poética da tragédia e a filosofia do trágico.

Bem estruturada (duas partes), com clareza lapidar e riqueza de aspectos que clarificam o histórico da estética antiga² e moderna, Szondi sofisticava ao discutir o conceito do trágico.

O autor parte da clássica obra aristotélica – Poética – que inaugura uma longa tradição da poética dos gêneros (épico, lírico e dramático) “aos filósofos idealistas, sobretudo Hegel, considerado o ‘ponto mais alto do pensamento histórico e dialético’” (SÜSSEKIND apud SZONDI, 2004, p. 10-11).

O livro dividido em duas partes inicia com a problematização do próprio conceito de trágico e há comentários em textos filosóficos e estéticos sobre doze filósofos e poetas (Schelling, Hördelin, Hegel, Solger, Goethe, Schopenhauer, Vischer, Kierkegaard, Hebbel, Nietzsche, Simmel, Scheler). Desse modo o autor procura elucidar o conceito geral do trágico a partir do pensamento desses filósofos.

¹ José Renato Ferraz da Silveira é coordenador e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. jreferraz@hotmail.com

² Estética antiga refere-se ao campo filosófico em que a lógica e a ética estão presentes, no qual o belo, o bom e o verdadeiro formavam uma unidade com a obra. Platão se esforçou para desvendar a fonte original de todas as belezas sensíveis, reflexo do inteligível na matéria. Aristóteles dará um passo importante para a ruptura do belo associado à ideia da perfeição, trará o belo para a esfera humana, ou seja, a criação artística não separada do homem.

Além disso, os comentários precisam tornar evidentes as diversas concepções do trágico com referência a um fator estrutural mais ou menos oculto, que é comum a todas elas, e que só passa a fazer sentido se as definições dos diversos pensadores forem lidas tendo em vista não a sua filosofia, mas a possibilidade de analisar tragédias com o auxílio delas – portanto na esperança de estabelecer um conceito universal de trágico (SZONDI, 2004, p. 25).

Ao mergulhar nas importantes contribuições teóricas e específicas dos doze autores, Szondi concebe diferentes entendimentos ao conceito do trágico, aproximando/ distanciando um autor do outro. Encontramos uma acurada análise de Szondi ao utilizarmos de termos/vocábulos recorrentes ao campo da Filosofia, tais como: liberdade, necessidade, paradoxo, ideia, existência, sofrimento, acaso, vontade, angústia, catarse e humor.

Trata-se de teorias filosóficas, portanto de textos conceituais abstratos, que tematizam conteúdos gerais (...) o método de Szondi é justamente o de escrever a partir de seus temas, colado a eles. Por isso os comentários são concisos e gerais, apenas para esclarecer o contexto e indicar a estrutura dialética, sem a pretensão de uma reflexão filosófica extensa sobre cada autor. Como Szondi anuncia na introdução, eles “não podem se aprofundar criticamente nos sistemas que as determinações do trágico foram retiradas”, como faria uma tese monográfica. Nesse caso, os comentários “têm que se contentar em perguntar pelo valor que o trágico assume na respectiva estrutura de pensamento, e assim reparar parcialmente a injustiça que esse pensamento sofreu quando dele se extraiu o texto citado (SÜSSEKIND APUD SZONDI, 2004, p. 13).

A segunda parte analisa oito tragédias impactantes e devastadoras da poesia trágica – Édipo Rei, A vida é sonho, Otelo, Leo Armanius, Fedra, Demétrio, A família Schroffenstein e A morte de Danton. De forma elegante, Szondi faz análises concretas e detalhadas, “baseadas na especificidade de personagens e enredos das tragédias” (SÜSSEKIND apud SZONDI, 2004, p. 13). Destaca-se a análise de duas tragédias – Édipo Rei e Otelo.

Em Édipo Rei chama atenção o papel crucial dos oráculos que preveem o destino fatal de Laio e Édipo. A presença da(o) incerteza/imponderável realça a qualidade analítica dada por Szondi à peça. As escolhas “conscientes” dos personagens levam à ruína dos mesmos. A inconsequência e o aniquilamento são pontos fundamentais nessa tragédia.

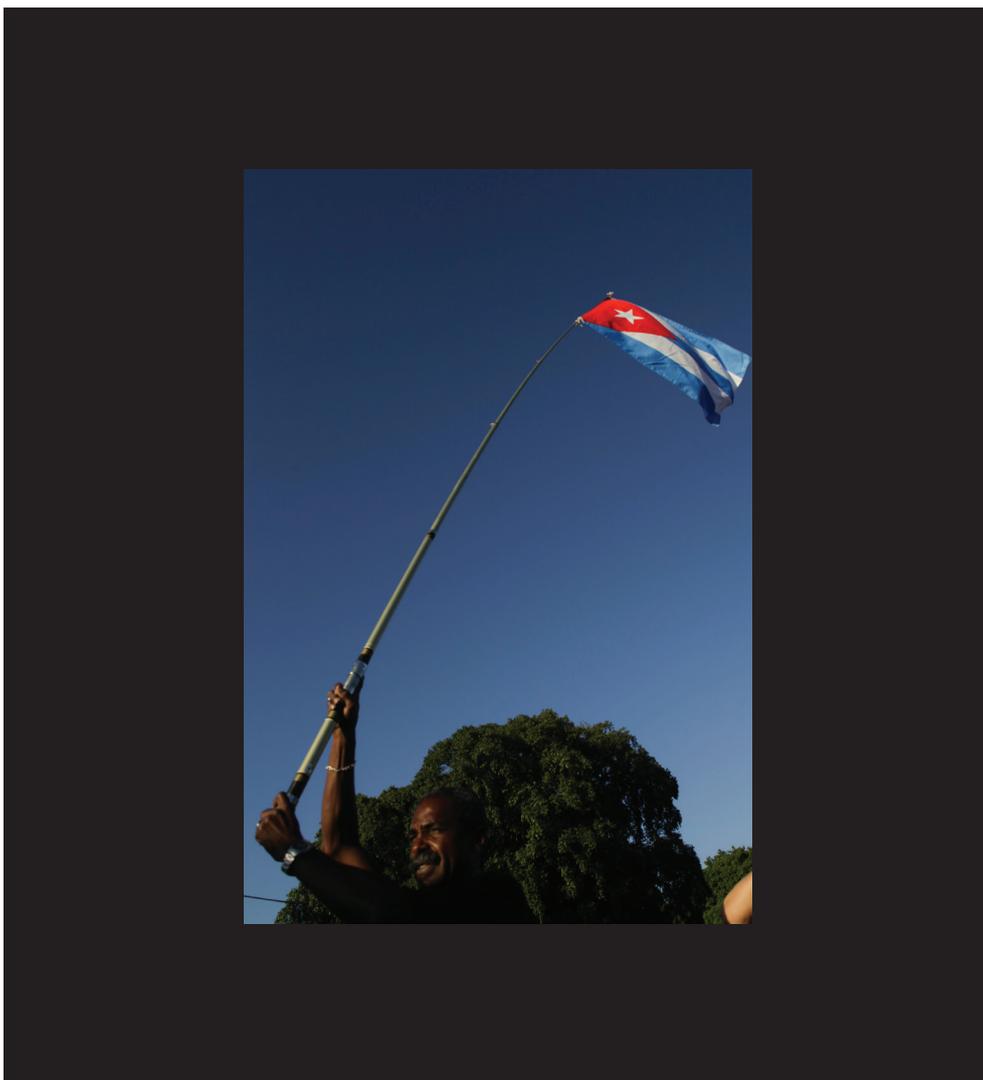
Em *Otelo*, Szondi desenvolve um texto em que a personalidade insegura de Otelo e a “força” – ironia de Iago – conduzem ao final trágico dos protagonistas da peça shakespeariana.

Por fim, como afirma Ian Balfour: o livro é um instrumento de enorme clareza sobre assuntos complexos. Szondi é um verdadeiro intérprete teórico da literatura comparada. Faz isso com maestria. Por isso, o livro é precioso ao reunir num espaço pequeno, diferentes e portentosas contribuições teóricas ao entendimento do trágico.

Paulo Rodrigo Iannone

Havana, Cuba, 2017

Jornalista, fotógrafo e estudante de filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Seu trabalho fotográfico já foi publicado em diversos meios de comunicação como Folha de São Paulo, Estadão, Revista Carta Capital, El País entre outros.







Errata à edição 27

Quid vitae? Uma política dos movimentos aberrantes

Na Revista Aurora vol. 9, n. 27 (2016) na resenha do livro de LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. (Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015. 319 pp) cometi um equívoco ao afirmar ter sido esse filósofo genro de Gilles Deleuze. Na verdade, Lapoujade nunca fora genro de Deleuze, mas, sim, seu aluno e, posteriormente, seu amigo. Agradeço a Revista Aurora por conceder-me esse espaço para o registro dessa errata. Silvana Tótora.

